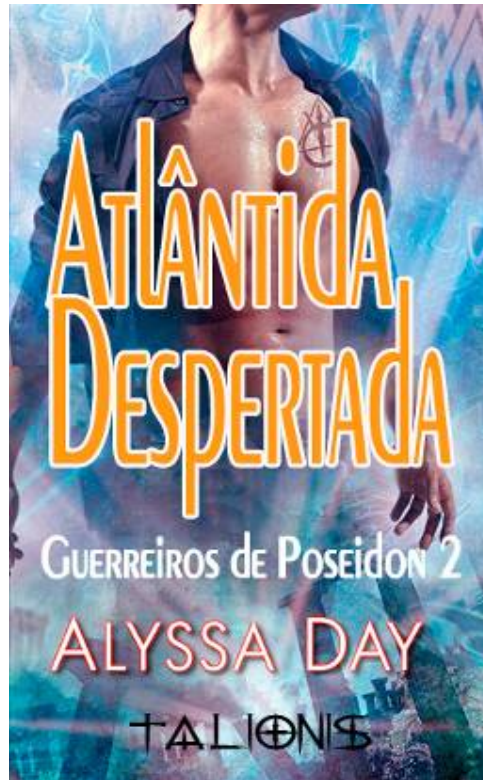




Alyssa Day
Guerreiros de
Poseidon 2
Atlântida



Atlântida Despertada

ALYSSA DAY

Guerreiros de Poseidon 02

Para resgatar o mundo de um mal demoníaco, os Guerreiros de Poseidon retornaram de Atlântida. O líder de todos eles, Ven, é conhecido como o Rei da Vingança, não só por direito de nascimento, mas também porque o ganhou na batalha. Ninguém pode conquistá-lo... exceto uma mulher humana.

O guerreiro...

A cabeça de Ven está cheia de responsabilidades. Deve servir como enlace atlante com os humanos na guerra contra os vampiros. A espada é sua arma, não a diplomacia. Mas quando o incubem da missão de recuperar o Coração de Nereida — um rubi de imenso poder — terá que usar toda sua força de vontade para resistir à atração sexual que sente pela bruxa que escolheram para trabalhar com ele.

...e a bruxa...

O coração de Erin está cheio de vingança e vive só para castigar a aqueles que assassinaram sua família. E agora deve unir forças com um legendário guerreiro atlante cujo escuro desejo ameaça destruir as barreiras que ergueu em torno de suas emoções, e coração. Apanhados em uma armadilha de alianças em constante mudança, durante quanto tempo resistirão Ven e Erin a paixão que está nascendo entre eles?

As Forças da Escuridão devem tomar cuidado, já que a Atlântida está despertando.





Alyssa Day
Guerreiros de
Poseidon 2
Atlântida

Traduzido e Revisado do Inglês

Envio do arquivo: Δίκη

Revisão Inicial: Nívea

Revisão Final: Kimie

Formatação: Nívea

Imagem: Elica

Talionis

Comentário da Revisora Nívea Hannah: O que dizer? Ri e chorei em proporções iguais (o que significa muito). Acho que é uma ótima continuação desta série, divertida e emocionante, que já me encantou! Um mocinho maravilhoso que faz de um tudo pela mocinha, e uma mocinha que é uma bruxinha! Fora as histórias paralelas, que estão acontecendo e que são muito legais. Não contarei porque ri, não contarei porque chorei! Só lendo para se emocionar! Amei muito fazer esta revisão, porque gosto de livros que me façam fantasiar, e essa série tem pano p'ra manga! Já me empolguei para os próximos! Publicamente quero agradecer a Gisa pela paciência que teve comigo! Isso, não tem preço.

Comentário da Revisora Kimie: Continuação de uma série que promete muita ação, emoção e reviravoltas. Mocinho destemido, com algumas novidades do mundo moderno a assimilar e uma lista enorme de coisas a discutir e decidir com a amada. A mocinha é decidida e corajosa, determinada a fazer justiça, pena que ainda tenha muito que aprender sobre o poder de sua magia. Algumas surpresas que mudarão um pouco os rumos de algumas personagens...

Crença do guerreiro

*Vamos esperar. E assistir. E proteger.
E servir ao primeiro alerta na véspera da
destruição da humanidade.
Então, e só então, Atlântida vai se erguer.
pois somos os guerreiros de Poseidon, e a
marca do tridente que carregamos servirá como testemunha
do nosso sagrado dever de proteger a humanidade.*



Capítulo 01



— Estes são o meu tipo de probabilidade. — Ven disse, puxando a espada com a mão direita e um dos sete punhais que estavam amarrados em várias partes de seu corpo com a esquerda. — Nem mesmo vou me preocupar com a minha Glock e suas novas balas de prata estilosas para este grupo sarnento.

O líder vampiro da *quadrilha, bando? Rebanho? Como infernos se chamava um grupo de vampiros tão grande?* Que foi encurralado no beco, chiava, certificando-se de mostrar a boca cheia de presas.

— Prepare-se para morrer, humano. Está vassstamente em desvantagem. — Ameaçou, com aquele balbuciar peculiar tão característico dos recém-mortos-vivos. Ainda não pegou o jeito de falar com a boca cheia de dentes.

O beco era tudo o que um beco sempre era: pedra cinza e tijolo quebrado, lixo desmoronado no chão, e o cheiro de urina velha e desespero fresco se combinavam de forma a tornar Ven seriamente inquieto.

Inquieto e divertido. Ele riu na cara pastosa do vampiro.

— Você tem algumas coisas erradas, menino morto. Primeiro, nós não somos humanos. Nós somos três dos melhores de Poseidon. Segundo, você é o único que vai morrer, então pode beijaaaaa minha bundaaa. — Ele zombou.

Os olhos do vampiro brilharam em um tom mais vermelho, mas uma espécie de um pequeno círculo em vez de completamente tomado pela cor. Ven percebeu que ele não estava preparado para enfrentar um guerreiro atlante de quase dois metros de carregando uma espada de, pelo menos, metade desse tamanho. Mas a criatura atingia o seu nervo, especialmente com seus amigos sanguessuga incitando-o.



— Balas de prata não são particularmente úteis contra vampiros, como você sabe Lorde Vingador. — Brennan respondeu em seu habitual e calmo tom, enquanto puxava para fora das dobras de seu longo casaco de couro um punhado de jogo de estrelas, sem dúvida com algum tipo de feitiço mágico de merda sobre todos eles. — Estou inseguro quanto a saber se um recém-transformado, como este, seria até mesmo um pouco prejudicado pela prata. É uma pergunta interessante, embora talvez para outro momento, uma vez que estamos encontrando tais números cada vez mais elevados de recém-transformados aqui no noroeste do Pacífico.

— Sim, eu estou pensando em outra ocasião. — Ven disse, tentando não rir da confiança de Brennan em querer começar a filosofar, quando confrontado com a iminente morte do sanguessuga. Uma horda, sim era uma horda, uma boa *horda* de vampiros que recuou um pouco.

Eles estavam chiando e gritando algumas ameaças verdadeiramente vis, com certeza, mas eles recuaram. Além de Ven, Alexios, e Brennan passaram uma semana inteira nesta parte chuvosa do mundo, e alguma palavra escapou sobre quão mortal Brennan era com seus belos brinquedinhos. Pena que ele provavelmente teve que brincar de flertar com alguma bruxa para obter as armas envoltas em magia. Exceto por sanguessugas e metamorfos, não havia nada que Ven odiasse mais do que bruxas e sua espécie. Especialmente as bruxas que se envolviam com a escuridão.

— Cale a boca, já. Estou contando. — Alexios rosnou para eles. — Dezesete, dezoito... oh, sim, não posso esquecer o grande, mau, e seriamente horroroso escondido atrás da lixeira. A cota é de dezenove, meninas. — Ele balançou a cabeça. — Sem dividir por três. Conclamo o direito à sobra.

— A experiência antes da beleza, Cachinhos Dourados. — Ven disse, mostrando os dentes no que poderia passar por um sorriso. Então ele se virou, o braço na espada já em movimento, para capturar o vampiro que tentou deslocar-se sobre eles a fim de escalar sua bunda assustadora pelo lado do prédio atrás deles.

Ven gritou em triunfo quando o chefe dos vampiros bateu no chão. Seu corpo seguiu alguns segundos mais tarde.

— Ok, estamos todos iguais. Seis para cada, rapazes?

— Por Poseidon! — Alexios gritou em resposta, sorrindo como um idiota. A meia cicatriz de seu rosto repuxou e torceu para o lado de sua boca, então provavelmente parecia uma aparição insana ou um sonho perversamente mau para os vampiros novatos. Ven viu quando três deles na parte de trás da multidão fizeram algum tipo de sinalização entre si e viraram para fugir.



Mais rápido do que um relâmpago cavalcando as ondas de uma tempestade no mar, a mão de Brennan brilhou uma vez, duas, três vezes, e os três caíram, gritando, nuvens de fumaça saindo de suas costas.

— Eu nunca iria esfaquear um adversário honroso por trás. — Disse Brennan. — Felizmente, estes mortos-vivos não têm honra.

Brennan lançou um olhar a Alexios que Ven quase jurou ser de presunção, se Brennan pudesse mesmo se fazer de presunçoso.

— Eu acredito que é cinquenta por cento do meu total?

Os vampiros devem ter tomado isso como um sinal, porque atacaram em um enxame de chiados e gritos, mostrando suas presas e garras. Alexios gritou uma risada selvagem e se atirou para o meio deles, flamejando a espada e mergulhando o punhal. Ven saltou no ar, brilhando em uma névoa quando saiu do chão e rematerializou-se atrás da linha de frente de seus atacantes.

— Surpresa, seus reles aspirantes a Drácula! Apenas me chamem de *Ven Helsing*! Entendido?

Ninguém riu. Acharam que o senso de humor não ia muito além do túmulo. Com um só golpe, Ven cortou as cabeças de três dos vampiros, que estavam muito solicitamente alinhados, ombro a ombro, para atacá-lo.

— Isso é o máximo, pessoal, Brennan! Três por um! Você viu isso?

— Adorável, Sua Alteza. — Brennan respondeu, puxando a adaga do peito de um dos vampiros com uma mão e lançando simultaneamente outra estrela cadente com a outra. — Seu irmão há de ficar muito orgulhoso.

Ven rasgou em dois mais, usando a adaga e a espada, em seguida, gemeu quando um vampiro atrás dele começou a cair sobre ele com tempo suficiente para enfiar as garras sujas, sem higiene no lado de seu pescoço.

— Maldito seja!— Ele acabou com aqueles a sua frente e virou a cabeça para o lado, mas não conseguiu se soltar do vampiro selvagem, que agora tinha uma mão enrolada no cabelo de Ven e estava tentando chegar perto o suficiente para mordê-lo. — Coloque suas presas nojentas longe de mim! E onde colocou suas mãos? Eu vou ter que me desinfetar depois disso.

O vampiro levantou a cabeça para trás e bateu, mas Ven jogou um cotovelo em seu peito para bloquear. Ainda assim, a coisa morta-viva estava tão perto que Ven podia sentir seu hálito rançoso. Estava muito, muito perto.

— Ok, mas não diga que eu não avisei. — Disse, em seguida, estendeu a mão que não segurava o vampiro e fez um corte limpo por seu braço com o punhal. O vampiro caiu para trás e para longe dele, gritando, mas sua mão ainda pendia por suas garras no pescoço de Ven. — Eu



estou necessitado de um pouco de iodo, merda. — Ven rosnou, rasgando a mão, agora solta de seu pescoço, puxando o que parecia ser metade de sua pele com ele. Ele colocou a mão em seu pescoço que sangrava muito e virou-se para avaliar a ameaça remanescente.

Apenas para ver que a ameaça estava totalmente desaparecida. Dezenove vampiros estavam todos ao seu redor em vários estados de decomposição em um lodo ácido. Alexios inclinou-se contra a parede, as botas cuidadosamente afastadas de qualquer uma das merdas, e Brennan agachou-se na beira da lixeira de metal, a cinco metros do chão.

— Então. Bom trabalho, rapazes. — Ven disse, esquadrinhando a área por sinais de qualquer um dos amigos dos agora “vampiros permanentemente mortos”.

— Sim, bom que você perceba. Peguei meus seis, a propósito. — Alexios disse, sorrindo. — Sua *Alteza*.

— Chame-me assim de novo, e vou chutar o seu traseiro para você, meu amigo. — Ven disse, inclinando-se para limpar as lâminas em um pedaço de pano limpo que voara para o chão da camisa de alguém.

— Em minha própria contagem tinha seis também, Lorde Vingador. — Disse Brennan, saltando da lixeira para um lugar vazio na calçada do beco. — Você mesmo contabilizou os sete restantes, eu acredito.

— Você deve estar escorregando um pouco, Ven. — Alexios disse, balançando a cabeça tristemente. — Teria matado pelo menos dez deles nos velhos tempos. Está envelhecendo, chegando aos quinhentos, oh oh!

Ven olhou para ele.

— Sim, sim, riam agora, senhoras. Você não achavam *Ven Helsing* engraçado, mas riem de mim agora. Perdedores.

Ele sombriamente embainhou a espada, mas então um pensamento alegre lhe ocorreu.

— Ah! Basta esperar até que o Conselho os *tenha* em sua mira para a loteria da donzela-em-êxtase. Como filhos de alto escalão de suas respectivas casas, vocês sabem que irão pelo mesmo caminho da desgraça que eu. Mas por agora, estamos livres para encontrar algumas mulheres que possuam os meus dois principais requisitos: têm que ser...

Uma nova voz o interrompeu.

— Sim, sim, nós sabemos. Desmioladas e esquecíveis.

Ven ergueu sua espada para cima para bloquear o rosto antes do segundo *sim*, mas agora ele abaixou a arma e riu.



— É isso aí, Christophe. Desmiolada e esquecível. Pendurou seu traseiro enquanto lutávamos contra os vampiros, não foi?

Alexios riu e enfiou as adagas de volta nas bainhas em suas coxas.

— Sua pedicure provavelmente levou mais tempo do que o planejado.

Christophe flutuou até a entrada do beco, seu corpo brilhando fracamente com a essência do poder Elemental ligado a ele. Ven sabia que Alaric, o sumo sacerdote de Poseidon, tinha certas preocupações sobre a canalização destreinada do poder de Christophe.

Sim. E Alaric não é o único com... preocupações.

Ele observou o guerreiro mais jovem até que as botas de Christophe descansaram solidamente na calçada.

— Eu pensei que você ainda estava em Atlântida! Há notícia? Será que Riley...

Christophe levantou uma mão.

— Não, não. Tanto quanto eu sei, Riley está bem. Ou pelo menos não pior do que estava antes. É sobre você, na verdade. Conlan quer que você vá a uma reunião com um representante do principal clã da região. Luz de Seattle ou algo assim.

— O Círculo da Luz de Seattle. — Disse Brennan com um toque de censura em sua voz. — Talvez, Christophe, se você estivesse tão honrado em transportar mensagens do Príncipe Supremo de Atlântida para seu irmão, o Lorde Vingador, poderia se dar ao trabalho de lembrar a frase correta.

O rosto de Christophe escureceu. O guerreiro nunca recebera bem críticas de qualquer tipo. Ven estudou-o e fez uma nota mental. Christophe poderia estar em uma séria necessidade de chutar alguns traseiros.

Mas esse era um pensamento para um momento posterior.

— Que reunião? Onde e quando? — Perguntou Ven, resignado. Conlan deu um pontapé inicial na formação de uma, ultimamente, especialmente desde que a irmã de sua nova e rapidamente esposa passou a ser uma das líderes das forças humanas se rebelando contra o controle vampiro e metamorfo. — Eu preciso me limpar, talvez conseguir alguns pontos no meu pescoço, e obter uma bebida forte para limpar o paladar do ar vampírico da minha boca. — Ele estremeceu. — Nojento.

— Vai ter que esperar. — Christophe disse, com um tom mais comedido. — O encontro deve acontecer agora.

Ven soltou uma sequência de palavras que puseram em dúvida a paternidade de cada bruxa, mago e feiticeiro do Noroeste do Pacífico, e em seguida abaixou a cabeça, resignado.



— Tudo bem, traga-o. Mas, em primeiro lugar, alguém tem algum iodo?

Capítulo 02



Pub Pink Pig, Seattle

Ven queria quebrar alguma coisa. Terrivelmente. De preferência, o rosto do idiota com quem deveria ter se encontrado há quarenta e cinco minutos atrás. Ruim o suficiente que foi obrigado a adiar as planejadas festividades da noite para atender a um bruxo, mas seu pescoço estava doendo e ele tinha a sensação de que o curativo que Brennan fez nele não estava realmente fazendo efeito.

Seus lábios se curvaram enquanto examinava o local, tentando evitar compulsivamente verificar a hora novamente. Sujeira e tampas de garrafa guerreavam por espaço em todos os cantos. Cerveja choca e o miasma de fumaça de cigarro antigo pairavam no ar em uma nuvem suja. Mesmo depois de todos esses anos das leis de “não fumar em locais públicos” entrarem em vigor, os agrupamentos como este ainda cheiravam a cigarros cancerígenos.

Ele examinou os perdedores vadios nas banquetas de vinil vermelho rachado, onde o representante do clã insistiu que eles se encontrassem. Bebedores profissionais, todos. Perdedores profissionais. Embora quem mais iria a um lugar como este na meia-noite de uma terça-feira?

Bem, perdedores, com exceção de um guerreiro atlante muito chateado. Ele voltou a pensar em Alexios chamando-o de “Sua Alteza” e fez uma careta. Não gostava do título, mesmo em tom de brincadeira. Príncipe Ven, sim, certo. Por mais que não gostasse da ideia, estava atado por ser o segundo na linha de sucessão ao trono, pelo menos até que Conlan e Riley comesçassem a ter bebês. Melhor que fosse em breve, porque de jeito nenhum Ven ia querer *essa* obrigação. Rei das Sete Ilhas de Atlântida.



Estremeceu e bebeu sua cerveja com esse pensamento. Não. Era muito melhor como chefe da academia de treinamento dos guerreiros. Vingador do Rei, cujo dever juramentado era proteger o rei. Dominando todos e chutando a bunda de qualquer vampiro ou metamorfo que decidisse lanchar seres humanos.

Ele olhou para a face rachada do relógio Budweiser¹ na parede. Talvez devesse acabar por chutar alguns traseiros mágicos. Especificamente, o do idiota com quem ele deveria se reunir para discutir uma aliança Mágica-Atlante. O imbecil que estava agora com cinquenta e dois minutos de atraso.

O guincho das dobradiças da porta o alertou, e ele olhou para o espelho atrás do bar, seu olhar treinado na pessoa que entrara.

Seus olhos se arregalaram, e então se estreitaram em apreço. Se tivesse que perder tempo esperando o babaca que Quinn enviara, pelo menos agora tinha algo que valesse a pena olhar. Virou-se em seu banco a fim de ficar de frente para ela. Com todas as curvas e atitude em um pacote pequeno, a loira veio caminhando pelo lugar, como se pertencesse a ela.

Botas de couro de salto alto gasto com jeans justos, quadris arredondados nos quais adoraria colocar as mãos, e uma jaqueta de couro preta apertada. Oh, sim. Ela era exatamente o seu tipo de mulher.

E deveria estar sonhando, porque ela passou diretamente pela escória canalha que estava babando com a visão dela e parou na frente dele.

Ven estava acostumado às reações de mulheres humanas por ele. Inferno, depois de vários séculos, sabia que o consideravam atraente. Não uma montanha de guerreiro do tipo musculoso com 1,80m de altura, e vinte centímetros de pênis, correndo com DNA *humano* nos dias de hoje.

Ela desviou seu olhar azul-gelo para baixo, depois para cima dele, e fechou seus lábios, pequenos lábios para trás. Ele olhava para pilhas de merda de pavão sobre os jardins do palácio com mais entusiasmo.

— Então... — Ela resmungou, desgosto escorrendo em sua voz. — *Você é o orgulho de Atlântida?*

Ela caminhou ao redor dele e recostou-se na banquetta vaga à sua esquerda, e deu uma olhada para ele novamente. Em seguida, revirou os malditos olhos.

Ven viu e ouviu muito mais do que o suficiente. Ele se levantou em toda sua altura, o que lhe dava uma vantagem de mais do que trinta centímetros sobre ela, e olhou sob seu nariz.

¹ Marca de cerveja



— Você está atrasada.

Ok, isso era estúpido. Infelizmente, foi tudo o que conseguiu pensar, considerando-se que suas células cerebrais foram ao sul com a visão do colo cremoso situado entre as lapelas da jaqueta e alguma coisa rendada que ela usava por baixo.

Por alguma razão, ele queria lamber lá.

E ela.

— Oh, menino, você está com um problema maiúsculo...

— Com um B maiúsculo, guerreiro. — Disse ela. — E você pode sentar agora e deixar as suas 101 Táticas de Intimidação para alguém que se impressione com elas.

Sentou-se, sentindo-se como um idiota, boquiaberto.

— B maiúsculo? Como você...

Ela sorriu lentamente, os lábios sensuais curvaram-se ao longo de um lindo conjunto de dentes. Deus, até mesmo *os dentes* o excitavam. De repente, estava com um maldito tesão de dentista.

Ele se mexeu no banco, esperando que ela não notasse a tensão repentina em seus jeans.

— B maiúsculo é para *bruxa*, guerreiro. — Disse ela. — Bem-vindo à revolução.



Erin Connors lançou um ligeiro olhar de lado, e os bêbados na sala acharam o conteúdo de seus copos mais interessante do que as duas pessoas sentadas nas banquetas. Ela soltou um suspiro longo e lento, tentando encher os pulmões repentinamente vazios. Quinn nunca disse a ela que os guerreiros de Atlântida pareciam deuses gregos que ganharam vida e tinham a capacidade de sugar o oxigênio diretamente de um ambiente. Com exceção que os deuses gregos pareciam predadores que comiam bruxas no almoço? Este com certeza parecia. Ele era puro guerreiro macho alfa, e cada instinto feminino em seu corpo estava pedindo-lhe para fugir ou para subir em seu colo.

Alertada pelo súbito calor que rodeou os dedos e pelas melodias sussurrando em sua mente, olhou para os três anéis de poder que usava em cada mão e os viu começar a brilhar e pulsar com calor e luz.

Não agora, não agora.

Pensou e direcionou toda a sua concentração em trancar a magia. Ela estava com problemas suficientes com o clã, sem permitir que a magia Wilding escapasse durante seu primeiro encontro com o homem. E ela precisava de ambos, o clã e os atlantes. Precisava deles *todos*.



Após as pedras preciosas em seus anéis voltarem a ser caroços inertes de minerais e seu canto desaparecer, ela finalmente se atreveu a encará-lo, puxando o manto de dureza de volta em torno de si mesma como um escudo.

Decidiu que a única maneira de ganhar o respeito de um guerreiro era tornar-se uma guerreira, ela própria. Difícil de fazer desde que estava sozinha, 26 anos de idade, e a única pessoa mágica em uma área de três estados que acreditava em sua busca. Ela respirou fundo e se preparou para encarar alguém incrível.

— Então, como devo chamá-lo Ven? Lorde Vingador? Sua Alteza?

Ele levantou uma sobrancelha, estremecendo um pouco pelo eco inesperado de seus pensamentos anteriores.

— Sua Alteza? Quinn esteve brincando com você. Sou Ven. Ou você pode começar a me chamar *de doce coração* agora e poupar tempo para mais tarde.

Sua brincadeira era de dois gumes, e ela sentiu aço no limite afiado. Mas o humor tocou uma Erin que outrora fora conhecida por rir. Tudo que *esta* Erin poderia fazer era um aceno de cabeça.

— Não se iluda, atlante. Seus encantos não são tão impressionantes como você pode ter sido levado a acreditar. Ou estão as mulheres atlantes bastante desesperadas? Você tem o tipo de coisa que acontece no Alaska lá? As chances são boas, mas as mercadorias são estranhas²?

Era pura bravata. Não havia nada de estranho nesse homem, ele era puro, poderoso macho. Os cabelos pretos ondulados, muito longos emolduravam as maçãs do rosto esculpidas. Olhos tão escuros como uma promessa de vingança. Uma parede de músculos no peito fragilizava a camiseta preta que usava sob o casaco de couro. Sem mencionar os jeans desbotados que cobriam grandes coxas musculosas. Sua boca de repente ficou um pouco seca.

Sim, nada de estranho ali.

Ele estreitou os olhos, mas parecia mais especulativo do que irritado.

— Você acha que minha mercadoria é estranha, bruxa? Eu ficaria feliz...

— Aqui não! — Ela rapidamente esquadrinhou o ambiente, mas nenhum dos bêbados parecia estar prestando sequer um pouquinho de atenção. O bar barato era de classe muito baixa para os vampiros ou seus espiões, ou assim ela esperava. As pessoas morriam por cometer erros menores.

— Essa palavra ainda reúne memórias genéticas de fogueiras e estacas de longe para não mágicos. — Ela murmurou.

² Essa frase, no original é "The odds are good, but the goods are odd", isto não é dito a respeito de uma pessoa, mas sim de uma situação. As chances são boas (há uma alta probabilidade) de uma mulher que encontra um homem quando há muitos mais homens que mulheres. No entanto, os homens disponíveis ("mercadorias") são "estranhos", isto é, não são particularmente atrativos <http://forum.wordreference.com/showthread.php?t=836047>



Ele levantou-se da banquetta, um movimento fluído que a fez pensar em uma pantera enjaulada e foi para muito perto dela. As grandes opalas que enfeitavam seus dois dedos anelares começaram a cantar, uma chamada baixa e urgente. Agradecia a Deusa por ele não poder ouvi-las.

— Vamos sair daqui, então. — Disse ele.

Ven estendeu a mão, como se para ajudá-la, em seguida, fez uma pausa e inclinou a cabeça.

— Você ouviu isso? Onde está a música?

Erin sentiu o sangue literalmente escorrer de seu rosto. Talvez ela tivesse agradecido a Deusa muito cedo.



Templo de Poseidon, Atlântida

Alaric, sumo sacerdote de Poseidon, encostou-se uma coluna de mármore fino e cruzou os braços sobre o peito, estudando o guerreiro que andava para trás e para frente no templo circular diante dele.

— Com o que exatamente você está preocupado, Conlan?

O Príncipe Supremo de Atlântida atirou um olhar irritado a Alaric.

— Eu não estou preocupado, Alaric. Príncipes não se preocupam. Reis também não se preocupam, e você continua me lembrando de que devemos continuar com o Rito de ascensão e coroação dentro dos próximos 30 dias, ou haverá o risco de quebrar alguma tradição sagrada ou outra coisa. — Conlan bufou e voltou a andar.

— Então com o que é que você *não* está preocupado enquanto anda por todo o Templo de Poseidon como um rato correndo para escapar de um de um navio naufragando, meu príncipe, que é quase rei? — Alaric rebateu, a voz suave. — E tradições sagradas são sagradas por uma razão, mas é claro que sabe disso.

Conlan parou de novo, virou-se para Alaric, e enfiou a mão pelo cabelo. Alaric pegou um vislumbre de seu amigo de infância no gesto, e reuniu sua paciência.

Um príncipe conturbado preocupava muito o sumo sacerdote. Um amigo problemático preocupava muito o homem.

— Diga-me.

— É Riley. — Conlan disse, sua angústia nítida nas profundas linhas ao redor da boca e dos olhos. — As parteiras dizem que a gravidez não está indo bem. Ela esteve muito doente, todos os



dias, durante todo o dia. Em vez de ficar grande e saudável com a criança, está definhando diante dos meus olhos.

Alaric se endireitou.

— E o médico humano?

Conlan balançou a cabeça, o rosto sombrio.

— Nada. Eles dizem que o bebê está bem e que Riley vai superar isso. É uma “fase”. A doença da manhã, como eles chamam, o que é um maldito nome estúpido, a acometeu durante todo o dia. Mas Riley é *aknasha* e como empata emocional, ela pode ler a verdade por trás das palavras apaziguadoras. O bebê está em perigo. — Ele tomou uma respiração profunda. — Nós precisamos de você, Alaric. Você é mais poderoso do que qualquer curandeiro.

Alaric invocou seus poderes e sentiu os elementos responderem instantaneamente, e soube pelo calor em seus olhos, que estavam cintilando um verde brilhante, devido à força de sua canalização. Enviou um apelo mental para Poseidon. Recebeu a mesma resposta que obteve todas as outras vezes que pediu, mesmo implorou, pelo poder para ajudar Riley.

Silêncio.

— Poseidon nunca concedeu a seus sacerdotes o poder de cura em qualquer fase da gravidez ou parto, Conlan. Você sabe disso. As parteiras do Templo das Nereidas são as únicas que podem interceder nesses assuntos.

— Para os nove infernos com isso! Elas não podem fazer nada. Você é mais poderoso do que qualquer sumo sacerdote que Atlântida já conheceu, até mesmo o Conselho sabe disso. Quebre as regras, Alaric. — Conlan parou ao perceber que a sua voz subiu até ser quase um grito, em seguida, continuou, mais calmo. Desolado. — Faça isso por mim.

Alaric cerrou os punhos, tirou o poder do ar em torno deles, e arremessou uma bola de energia azul-esverdeada no outro lado da sala. Ela chocou-se contra a parede, deixando um buraco carbonizado com fumaça no mármore que era exatamente da forma do buraco cuja angústia e frustração queimavam em seu intestino.

— Você não acha que eu faria se pudesse, Conlan? Por você, meu amigo? Por sua mulher e pela criança por nascer? Pelo futuro rei, rainha e herdeiro do trono? Não dou a mínima para as malditas regras. Eu simplesmente não tenho o poder.

O corpo inteiro de Conlan desabou, e seu desespero açoitou Alaric em ondas turbulentas de força quase palpáveis.

— Então, não temos opções. Não há nada que possamos fazer.

Alaric empurrou as palavras apertadas pelos lábios repentinamente dormentes.



— Você... teve algum contato... — Ele não poderia dizer o nome dela. Repreendeu a si mesmo pelo covarde que era.

Resolveu-se pelo pronome.

— Ela?

Conlan assentiu.

— Sim, pensamos que temos uma mensagem de Quinn. Pelo menos enviamos uma mensagem por aquele colega tigre *were* dela, Jack, que Riley precisava de sua irmã. Quem sabe quando ela vai buscá-la? A última vez que ouvi, a aliança rebelde estava de olho em uma nova ameaça de vampiros na Costa Oeste, e Quinn sempre tem que estar no meio de qualquer... — O príncipe parou no meio da frase, fechou os olhos e gemeu. — Sinto muito, Alaric. Não estava pensando. Tenho certeza que ela está bem. Você conhece Quinn, ela é uma lutadora.

Alaric o interrompeu, orgulhoso além da razão de como controlou o tremor em suas mãos quase tão rapidamente quanto começou.

— Não, meu príncipe, eu não conheço Quinn. E nunca vou. Que é como deve ser, decretado pelas leis de Poseidon e pela realidade. — A dureza em sua voz não podia ser ajudada. — Nós dois sabemos que ela merece algo muito melhor do que eu.

Com isso, ele deu dois passos de corrida e saltou no ar, dissolvendo-se em névoa quando pulou, e escapou para fora pela janela alta do Templo. Escapou da dor e do medo de Conlan por sua mulher e filho. Escapou de sua própria escuridão, da fome destruidora de alma por uma mulher que nunca poderia ter.

Mas, mesmo na forma de névoa cintilante, não poderia escapar das palavras finais de Conlan, embora fossem murmuradas.

— Não existe tal pessoa, velho amigo.



Seattle

Erin entrou na garagem da antiga casa vitoriana, que servia como sede do Círculo de Luz de Seattle e olhou para o espelho retrovisor. O elegante Jaguar preto de Ven ronronou e dirigiu seu caminho para trás do carro dela, bloqueando qualquer chance de fuga. Suas mãos apertaram o volante por um instante. *Presas.*



— Não que eu queira fugir. — Ela sussurrou para o carro vazio. — Esta é a minha chance de construir uma aliança com alguém com o poder de me ajudar. *Ajudar-nos*.

A porta do carro se abriu enquanto soltava o cinto de segurança, e ela piscou para ele, assustada.

— Como você... oh certo! Super poderes atlantes, presumo.

— Esse sou eu. Super Ven, ao seu dispor. — Ele recuou quase o suficiente para dar-lhe espaço para sair do carro. Ela tomou isso como um desafio à sua coragem e saiu, o rosto tão perto que quase tocava o peito dele. Ela sentiu seu perfume, uma combinação irresistível de água, sal e especiarias e de macho. Forçou-se a resistir a uma súbita vontade de enterrar o nariz em sua camisa e inspirar profundamente. A envolver-se em seu calor e desafiar a umidade gelada de uma noite de inverno de Seattle.

As opalas nos dedos brandiram uma chamada repentinamente, surpreendente que se expandiu através de seus sentidos. Solitário, assombroso. Cantando sobre desejo, fome, e os lados mais sombrios da necessidade. Os joelhos de Erin quase dobraram pelo poder, e as mãos do guerreiro se agitaram para agarrar seus braços.

— Não me toque. — Ela engasgou, mas já era tarde demais, tarde demais, *tarde demais*. A canção das opalas aumentou e cresceu dentro de sua mente, atravessando sua alma, até os espaços secos dentro de seu coração. E nos lugares em que a música quebrou as fronteiras de seu controle, a Wilding correu para aproveitar-se. Queimou suas terminações nervosas e provocou uma descarga elétrica brilhante ao longo de sua pele.

Os olhos de Ven escureceram, e ele xingou uma maldição quando se afastou dela, retirando seus braços. Ela caiu de joelhos diante dele, segurando a cabeça com as mãos, reprimindo a magia proibida. Murmurou palavras de poder sob sua respiração.

— *Restrictos, terminos, immediamentos!*

Ofegante, ela forçou a magia a diminuir. Venceu-a. Perguntou-se quanto tempo levaria até que já não pudesse controlar a fome da magia Wilding em exhibir o seu poder através dela. Sobre ela.

Ela piscou os olhos abertos quando uma sombra cruzou as pálpebras fechadas e viu o atlante agachando-se para olhar para o rosto dela. Os traços de diversão foram embora, e ela instintivamente recuou diante da dureza em seus olhos. Uma camada muito fina de sofisticação pairava sobre a selvageria primitiva deste guerreiro, ela percebeu.

— O que nos nove infernos foi isso? — Perguntou asperamente, olhando para o rosto dela, como se pudesse ler os seus segredos nas linhas de sua carne.



— Foi... — Ela tropeçou nas mentiras que ensaiou tantas vezes em sua mente contra essa mesma possibilidade, tentando desesperadamente pensar em uma. Outra melodia soou em sua mente. Mais doce, mais rica. Letras mudas de música de desejo. As esmeraldas em seus anéis queimavam a pele de seus dedos indicadores.

O choque a fez cambalear. As *esmeraldas!* Mas... Oh. Os olhos dele. Os *olhos dele*.

— O que é *isso?* — Ela perguntou em vez disso, olhando para a chama azul-esmeralda brilhando em seus olhos. Pensamentos de Atlântida e magia Wilding, água e eletricidade batalhando pela supremacia, deslizaram por sua mente.

Desastres. Eletrocussão. Dor. Morte.

Antes que ele pudesse responder, ela se levantou e encostou-se no carro, sem tirar os olhos de cima dele.

— O que significa essa luz azul-esverdeada queimando em seus olhos? Atlantes podem invocar a Wilding?

Ele disparou em seus pés.

— O que você está falando? Que chama azul-esverdeada? O que é a Wilding? — Ele levantou a mão como se fosse tocar seu rosto, depois a baixou, fechou e abriu as mãos e respirou fundo. — Você vai me desculpar Erin.

Disse ele, mordendo as palavras enquanto caminhava ao redor de seu carro para o lado do passageiro e abria a porta. Ele deslizou no assento e olhou no espelho sob a penumbra da luz do teto do carro.

Quando Erin deu um passo vacilante para longe do carro, decidida a esconder a verdade de quão mal seu toque quebrou as defesas dela, ouviu a porta do passageiro bater atrás dela. O carro balançou tão fortemente que ela quase caiu novamente.

Ela virou-se para encará-lo, e a visão que confrontou foi totalmente inesperada. O guerreiro, com os olhos fechados e cabeça baixa, bateu com os punhos no topo de seu carro uma vez, duas vezes, e depois uma terceira vez, murmurando em uma língua fluída que não se parecia com nenhuma outra que conhecesse. Então ele pareceu perceber e olhou para ela por cima do teto de seu carro, os olhos flamejantes com grande choque e algo que se parecia muito com desespero.

— Perdoe-me, por favor, mas eu tenho que ir. Agora. Preciso, Oh droga! Alaric! Droga. Eu só... oh, inferno, vou dar o fora daqui. — Com isso, ele se virou e saltou no ar, brilhando na névoa cintilante enquanto subia para o céu crepuscular que escurecia.



Ela prendeu a respiração. Foi lindo. Foi aterrorizante. Era exatamente como ela sonhava ser em Atlântida. Sacudindo a cabeça para tentar limpá-la de magia e fantasias, ela avistou o carro que bloqueava o dela.

— Presa. Oh, Deusa, o que você fez para mim?

Uma voz rouca respondeu a sua pergunta murmurando.

— É melhor você se perguntar o que *estamos* prestes a fazer com você, Erin Connors.

Antes que ela pudesse pensar ou se mover ou reagir, o âmbar em seus dedos cantou um tom de advertência claro e nítido. Uma luz vermelha pulsante encheu o campo de visão e cortou seus poderes e seus escudos pessoais, impedindo seu acesso à magia. Pela primeira vez desde que tinha dezesseis anos, Erin estava tão impotente quanto um não mágico enquanto ficava de pé, sozinha, e enfrentava o escuro.

Capítulo 03



Ven disparou sobre as copas das árvores, sentindo uma torção doente em seu intestino. Chamando-se de alguma coisa que se outra pessoa o chamasse, ele o desafiaria para uma batalha: covarde.

Fugir de uma mulher, fugir de uma emoção, não era seu estilo. Infernos, *ter* emoções em relação às mulheres não era seu estilo. Não havia nada, nem uma maldita coisa, que fosse de alguma forma normal sobre sua reação a Erin Connors.

VEN! AJUDE-ME!

A chamada cortante esmagou seu crânio, quebrando a concentração tão completamente que ele quase caiu do ar. Era Erin, e de alguma forma, magicamente, ela conseguiu alcançá-lo telepaticamente.



E estava em apuros.

Ele mudou de direção em pleno voo e se apressou de volta pelo céu escuro, raiva atravessando-o. Problema era algo com o qual podia lidar.

Problema era sua *especialidade*.

Enquanto cintilava de volta sobre as copas das árvores que faziam fronteira com o edifício-sede, ele viu o pulsar de um brilho vermelho-alaranjado doente em torno de Erin e as duas figuras sombrias que apontavam varas para ela. Bruxas, então, ou magos. Vampiros não usavam varinhas ou gostavam muito de estar perto de qualquer coisa de madeira ou pontuda.

Ele invocou os elementos, difundido a névoa que formava seu corpo ainda mais, para não atrair suspeitas, e flutuou para baixo por trás deles. As duas figuras, definitivamente humanas, um macho e uma fêmea num olhar mais atento, não se contorceram. Erin estava em pé, aparentemente ilesa, mas congelada, no centro de uma esfera da luz estranha. Estava movendo os lábios, mas ou ela tinha perdido a voz ou então nenhum som poderia penetrar na bolha. Mas ele podia ouvir os bastardos segurando sua prisioneira muito bem, e decidiu ouvir por um minuto ou dois antes de matá-los por tocá-la.

Reunir informações. Agir como um parvo embaixador. Então rasgaria seus pulmões para fora através das costelas.

A mulher falou, com a voz baixa.

— Isto foi mal pensado. Deveríamos ter esperado. Se alguém do clã sai aqui e nos vê?

O homem respondeu.

— Ei, eu vi uma oportunidade e a agarrei. Ele nos recompensará bem por isso. Só temos que tirá-la daqui, rápido. O carro está a caminho.

— Você espera que eu mantenha este escudo por todo o caminho até as montanhas? Já estou cansada, seu idiota. Ela é muito poderosa. — Ela sussurrou.

O homem tirou algo do bolso que tinha um brilho metálico diante da pulsante luz vermelha.

— Não se preocupe. Ela vai ficar fora por horas depois de eu furá-la com isso.

Ele começou a andar em direção a Erin, e todos os pensamentos de diplomacia desapareceram.

Uma onda de fúria primitiva rugiu através de Ven, e ele imediatamente se transformou novamente em seu corpo e saltou para frente. Puxou um punhal, mas mudou de ideia no último segundo, virou-o, manuseando-o, e o esmagou na parte de trás da cabeça da mulher. Não foi duro o suficiente para matá-la, mas ela teria uma baita dor de cabeça.



A brilhante luz avermelhada apagou imediatamente e Erin caiu no chão, talvez inconsciente, batendo com a cabeça na terra, com força.

O homem virou-se, viu Ven e suspirou, erguendo o que Ven agora via ser uma agulha hipodérmica no ar com uma mão e segurando uma arma com a outra.

— Aproxime-se e eu vou matá-la. — Disse o bandido rosnando, apontando a arma para Erin.

— Você não vai tocá-la. — Ven disse, caminhando em direção a ele e desembainhando a espada no caminho. — Na verdade, você já é um homem morto por sequer pensar em machucá-la.

O tempo parecia diminuir a velocidade de um único grão de areia caindo de uma ampulheta quando o dedo do homem apertou a arma e a imagem de Erin com uma hemorragia até a morte no chão quase cegou Ven de raiva. Armas eram rápidas. As balas eram rápidas.

A magia de Poseidon era mais rápida.

Antes que o dedo do homem pudesse apertar o suficiente para puxar o gatilho, Ven cintilou entre ele e Erin e bateu a arma na mão, o que fez a pistola disparar para o ar. Então, arrancando a arma, ele quebrou a cara do bastardo com o punho e sorriu quando o homem caiu no chão. Ele se ajoelhou para verificar o pulso de Erin, que estava forte e estável, e ficou aliviado ao ver suas pálpebras já piscando. O homem gemeu, e Ven agarrou-o pelo pescoço e empurrou-o no chão.

— Agradável silêncio. Agora me diga quem você é e por que está aqui.

O homem batia na mão de Ven, os pés chutando o ar e as mãos lutando para tirar os dedos de Ven de sua garganta. Ele fez ruídos asfixiantes enquanto o rosto escurecia.

— Oh, erro meu. Acho que você tem que respirar para ser capaz de falar. — Ven disse, afrouxando o aperto uma fração. — Agora cuspa antes que eu mate você apenas por diversão.

Os olhos do homem destilaram ódio para ele. Isso e algo mais. Terror, talvez.

— Se eu disser alguma coisa, eles vão me matar.

— Sim, bem, odeio soar como um filme B, mas se você não falar, *eu vou* matar você.

— Você não entende. — O homem praticamente cuspiu as palavras para ele. — Há morte e há morte. Faça o seu pior.

E então ele riu na cara de Ven, e quase antes de ouvir o relatório cortante de um tiro, um buraco floresceu no meio da testa do homem.

Ven o derrubou e virou-se para enfrentar a nova ameaça, apenas para ver outro vulto escuro pelas árvores piscando uma espada no ar e cortando a cabeça da figura ajoelhada que segurava uma arma com as duas mãos. O atirador imediatamente começou a dissolver-se em lodo.



Lembrando-se da bruxa, Ven lançou um olhar para onde ela caiu, só para ver que tinha desaparecido. Ele atirou-se para o ar e esquadrinhou a área, mas voltou sem nada. Pulando para o chão, moveu-se para se colocar entre Erin, que ainda estava deitada em silêncio no chão, e a nova ameaça. O lodo quase que totalmente derretido no chão.

— Vampiro.

— Sim, ele era. Como eu. — O último com a espada gritou. — Mas é melhor um vampiro que você conhece, do que um que não, não é que diz o velho ditado?

Ven reconheceu a voz e se sentiu um pouco melhor. Mas apenas um pouco.

— Daniel. Ou Drakos. Ou seja qual for seu nome, eu acho que é “o diabo que você conhece”. E não me interpretem mal, estou feliz de ter sua ajuda, mas o que exatamente você está fazendo aqui?

Daniel deu um passo adiante. Ele parecia o mesmo da noite em que traiu seu antigo mestre Barrabás para os atlantes, por qualquer razão retorcida que poderia ter tido.

— Diabos, vampiros, existe realmente alguma diferença, metaforicamente falando? — Daniel fez uma pausa e inclinou a cabeça. — Lorde Vingador. É... interessante... vê-lo aqui.

— Eu pensei que Anubisa te matou em Washington pelo que você fez.

A boca de Daniel torceu.

— Eu me removi da batalha, quando ela apareceu. Felizmente ela estava de costas para mim no momento, apesar de que alguém pode dizer como a visão de uma deusa da noite pode funcionar? Talvez eu tenha uma dívida com você pela morte dela naquele dia.

— Sim, bem, considere-nos quites, então. De onde foi que o sanguessuga — uh, sem ofensa — veio? E você viu uma bruxa fêmea passar por você?

Daniel apontou para a calçada.

— Ele dirigia um carro e estacionou logo atrás da linha das árvores, então veio aqui dar suporte com aquela ali, eu presumo. Não vi nenhuma mulher, nem senti quaisquer outros corações batendo além de vocês três, agora dois.

Ven olhou para Erin, que finalmente estava se mexendo, agradecendo a Poseidon. Ele queria desesperadamente pegá-la do chão, mas não estava disposto a confiar em um vampiro, mesmo aquele que talvez tivesse acabado de salvar sua vida, mais longe do que poderia alcançá-lo. Talvez nem mesmo tão longe.

— O que está acontecendo, Daniel? Por que vieram atrás de Erin? Por que você está aqui?

— Os olhos do vampiro se estreitaram, e ele olhou para Erin com um olhar que era muito interessado para o gosto de Ven. Um instinto protetor primitivo enrolou o intestino de Ven e se



arrastou através de seu corpo, de seus músculos apertando-o em seu rastro. — Eu acho que você me diria melhor agora. Estou aqui para fazer uma aliança com Erin e seu clã, e não estou prestes a aceitar qualquer interferência quanto a isso.

Ele deu um passo para mais perto de Daniel, olhando-o bem nos olhos.

— Só para você saber.

— Só para você saber. — O vampiro repetiu, zombando dele, claramente não estando nem um pouco malditamente intimidado. — Estou tentando proteger Erin também. Ele a quer, e não vai parar até tê-la. — A cabeça de Daniel chicoteou para o lado, como se estivesse ouvindo um som além do alcance da audição do Ven. — Tenho que ir. As bruxas estão voltando para casa. Vou limpar o seu lixo para você. — Ele inclinou-se e pegou o corpo morto deitado a seus pés. — Cuide dela, entendeu? Não deixe sua proteção baixa por um instante. Ele é muito poderoso.

Com a velocidade sobrenatural tão característica dos mortos-vivos, Daniel atravessou o chão em direção às árvores, levantou o corpo morto e subiu para o ar ao fazer isso.

— De quem nos nove infernos você está falando, droga? — Ven gritou atrás dele, farto de vampiros e suas meias-verdades e ameaças sombreadas.

Daniel virou-se e olhou para o Ven.

— Oh, ele possivelmente pode estar em certo nível décimo primeiro do inferno, atlante. Estou falando de Calígula.

Quando o vampiro desapareceu, Erin sentou-se, piscando e segurando a cabeça. Ven ajoelhou-se para levantá-la do chão, murmurando sons suaves contra seu cabelo sedoso, prometendo com uma determinação feroz protegê-la. Era seu trabalho. Não tinha nada a ver com a maneira como seu corpo se apertava quando estava perto dela.

Sim. Certo.

Enquanto ele observava, uma limusine elegante parou na calçada e três mulheres, todas vestindo longas túnicas de seda, se empilharam para sair e empurrar o motorista do sexo masculino para correr em direção a Ven. Ele ficou tenso, mas uma delas, com longos cabelos ruivos, começou a cantar e ele sentiu o impulso de sua magia, duro, contra a sua pele antes de ela proferir mais de três palavras. Porém, Erin sorriu para as recém-chegadas, então ele relaxou um pouco.

— Ei, amiga. Não me transforme em um sapo. Sou Ven de Atlântida, e nós precisamos conversar.

Erin levantou a cabeça do ombro dele e respirou trêmula.

— É verdade, Gennae. — Ela olhou para ele com aqueles enormes olhos azuis. — Ele pode ter salvado minha vida.



Todas as três mulheres começaram a falar ao mesmo tempo.

— O quê?

— Quem...

— Você...

E a ruiva interrompeu.

— Entremos. Discutiremos isso lá dentro.

As bruxas se dirigiram para a porta e Ven as seguiu.

— Você está bem? — Ele perguntou a Erin, seus braços apertados ao redor dela. — Realmente está bem? Como está sua cabeça? O que aquela luz horrorosa fez a você?

Sua cabeça caiu para trás contra o ombro dele, como se fosse muito pesada para o pescoço apoiar.

— Acho que estou bem. Ven, foi magia negra. Meu âmbar cantou para mim. E bloqueou meu próprio poder, de modo que a bruxa tinha que ser mais poderosa do que qualquer outra que eu já conheci exceto essas três. — Ela indicou as bruxas que entravam no prédio em frente.

— Sim, bem, nós temos problemas ainda maiores. — Disse ele, baixando a voz para um sussurro, para que só ela pudesse ouvi-lo. — Você conhece o nome Calígula?

Ela engasgou e seus dedos convulsivamente agarraram os ombros dele. Lentamente, ela voltou os olhos para estudar o rosto dele, e ele nunca viu pele tão pálida em um ser vivo. Mas tudo o que ela falou foram três palavras curtas.

— De novo, não.



Céu sobre Puget Sound

Ven se transformou novamente em sua forma física, segundos antes de seu corpo entrar como uma flecha, de cabeça, na água gelada. Um poder remotamente mais antigo de quando Atlântida projetou a magia do portal que o levaria para casa, para encontrar Alaric. Para encontrar algumas respostas.

Poseidon, se sabia as respostas era curto no fornecimento, Ven pensava. Erin pedira-lhe para manter o nome Calígula para si mesmo até que ela pudesse preenchê-lo com algum sentido. A julgar pelo olhar em seus olhos, no entanto, teve a sensação de que era uma séria e má história. As líderes das bruxas ou o que quer que elas fossem haviam jurado a ele que o prédio estava protegido



com uma valiosa magia centenária e que Erin estaria segura para descansar ali durante a noite. Ele quase exigiu uma demonstração antes de concordar, mas tinha a nítida impressão de que Erin estava prestes a cair onde estava. Ou isso, ou aquela assustadora, Berenice ou algo assim, ia atirar alguma magia repugnante nele de sua aterradora varinha, no canto.

No final, convencido de que ela estava segura o suficiente lá, pediu e recebeu a promessa de que ela não iria pisar fora da porta até que pudesse falar com ela, e saiu. Agora, ele precisava chegar a casa e relatar. Talvez descobrir em que tipo de enredo complicado os vampiros estavam neste momento. Reunir os meninos e chutar alguns traseiros sanguessugas.

Ele mergulhou mais longe, mais fundo, franzindo o cenho pela inconveniência de ter que entrar em sua terra natal através de um corpo de água natural, mas ninguém, exceto Alaric, poderia invocar a entrada de terra seca. Despencou para baixo na escuridão das águas geladas, desejando que as ondas que quebravam em torno dele o ajudassem a escapar do terror residual que sentiu quando Erin bateu no chão. Não poderia ser emoção. Não tinha emoção. A linda bruxinha deveria tê-lo prendido com algum estranho feitiço musical.

Sim, tinha que ser isso.

Ele mergulhou ainda mais longe, invocando o poder com a sua mente e sentidos. Oferecendo-se como um príncipe de Atlântida. Caindo no ritual de todos os tempos, chamando para ser aceito pela vontade do portal. Mergulhou mais longe, mais fundo. Era memória leve, mas ainda assim as melodias de sua magia tocavam sua cabeça. Ressoavam nas fibras do seu ser.

Mais profundo, ainda. Ainda assim, o portal não apareceu. Ven não se preocupou. Príncipes nunca se preocupam, ou assim Conlan lhe disse muitas vezes. A imagem de Erin caindo brilhou em sua cabeça. Ok, *quase* nunca se preocupavam.

Mas o primeiro tentáculo de preocupação serpenteou através de sua mente, quando a privação de oxigênio uniu as garras de ferro em torno de seus pulmões.

Príncipes não podiam se preocupar, mas príncipes podiam se afogar.

O medidor de profundidade programado em cada cérebro atlante avisou que estava passando da zona de segurança. Mergulhava por quase cinco minutos. Mais um minuto ou algo assim e passaria do ponto no qual seus pulmões tinham oxigênio suficiente para retornar à superfície. Mesmo com a capacidade pulmonar superior atlante.

A ironia de um príncipe atlante morrer no mar deveria tê-lo divertido, mas estava apenas irritando-o. Com toda a força que possuía, enviou outra chamada, assumindo a maneira formal de falar do ritual com o qual nunca se preocupou com exceção dos tempos de alta cerimônia ou estresse extremo.



Portal! O Vingador do Rei exige entrada! Sirvo Atlântida e meu irmão o príncipe supremo — falhar comigo é falhar com todos nós.

Por outro longo momento, nada. Teimosia ou a memória do azul dos olhos claros o impeliu sempre mais para baixo, em busca do conhecimento que precisava tão desesperadamente. Profundamente, e cada vez mais profundamente. Lampejos de escuridão dançavam na beira de sua consciência, antes dos, finalmente, familiares brilhos iridescentes azul-prateados aparecer e comporem uma forma oval debaixo dele enquanto despencava para baixo através da água gelada. Enquadrando-se através do cintilante portal, teve um instante para se perguntar por que a única imagem que passava pela sua mente era o rosto dela. E então seu cérebro faminto de oxigênio desistiu da luta, e as cintilações escureceram.

Capítulo 04



Uma caverna profunda abaixo do Monte Rainier

Montanhas Cascade, Washington

A luz fraca de tochas e velas iluminava o ambiente o suficiente apenas para ver o orador, mas seu rosto estava mais adequado no escuro, em qualquer caso.

— Pense nisso como uma festa de aniversário, se você quiser. Simplesmente que o aniversário em questão marcará dois mil anos. — A voz do vampiro vibrava com um poder antigo que se expandia através do enorme espaço vazio da caverna, estremecia com a umidade e mofo que cobriam as paredes pretas, e sussurrava aos tímpanos do ouvinte. Era uma voz projetada para fazer valer a atração de seu dono nos fracos, nos servís, e nos covardes.

O ouvinte não era nenhum dos três. Mas estava curioso.



— E você pretende aproveitar a ocasião para fazer o quê? Recuperar a autoridade que perdeu há todos esses longos anos atrás?

— Eu não *perdi* nada. Fui brutalmente assassinado no auge da minha vida. — O vampiro atentou, com os brilhantes olhos de um vermelho feroz que atravessava a escuridão. Mas, então, o seu riso soou, rouco e um pouco enferrujado. Os ossos do seu rosto se destacavam em relevo forte, emoldurando seu proeminente nariz estilo romano. Os cabelos pretos com as extremidades retas eram moldados em um antigo corte militar. — Além disso, o Império Romano está muito longe e era muito menor do que o que eu pretendo alcançar atualmente. — Ele deslizou para o centro da caverna e flutuou sobre uma plataforma coberta de veludo vermelho. — O mundo deve conhecer o nome de Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus³ novamente.

O ouvinte manteve seu rosto inexpressivo, o que era uma pequena façanha, dadas as circunstâncias.

Certo. Talvez Hollywood fosse um objetivo melhor, considerando o seu talento para o drama.

— Mas será que o mundo já conhece esse nome? Ou seria o nome que os soldados lhe deram quando criança que você quer ouvir de novo? Berrando em inúmeras telas de televisão, tocando nas ruas? — Ele fez uma pausa, as mandíbulas se apertando, apesar de seu desejo de permanecer impassível, antes de continuar. — *Calígula* não é o nome que você quer tornar famoso novamente?

O imperador mais temido e desprezado da história romana sorriu, suas longas presas cintilando.

— E se for? Não é menos do que o meu direito de primogenitura. — Voltou seu olhar para o ouvinte, que ainda estava de pé, sombrio, próximo à parede da caverna. — Você sabe, é claro, que eu não confio em você, Drakos.

Finalmente, o mais recente general de Calígula encontrou o olhar de seu novo... mestre.

— Também não deveria. As minhas primeiras palavras de conselho para você seriam estas: nunca confie em ninguém.



Palácio do Príncipe Supremo Conlan, Atlântida

³ Nome completo de Calígula.



— Eu não gosto disso. — Disse Justice, andando no chão de mármore da câmara de guerra de Conlan. Ven observou o guerreiro, a espada embainhada em suas costas como sempre, media o comprimento da sala com passos largos. Justice andara, sem parar, por dúzia de minutos, desde que a assembleia se iniciou.

Após o encontro em privado com Ven, Conlan convocou uma assembleia com seus guerreiros a fim de discutir a ameaça de Calígula, o aumento da atividade vampírica na região de Seattle, e tudo o que, nos nove infernos, Erin Connors fez a Ven.

Ven soltou um suspiro. Dizer que estava frustrado não era, sequer, o começo. Não se moveu, entretanto, de sua posição encostada na parede em frente à porta principal da câmara. Entre qualquer possível ameaça e seu irmão, como era seu dever e direito como Vingador do Rei. Não que Conlan não pudesse cuidar de si mesmo. Ven olhou para seu irmão mais velho, o herdeiro do trono. Conlan se parecia muito com ele, talvez trinta centímetros mais baixo. O príncipe sentou-se em seu lugar habitual na grande mesa de madeira redonda, inclinando-se para trás na cadeira, observando o ambiente, mas sem dizer nada.

Ven finalmente respondeu ao comentário retórico de Justice, aliviando a tensão no limite da sala.

— Você não gosta de coisa alguma, Justice. Importa-se de explicar melhor?

Justice parou de andar e virou-se para enfrentar Ven, sua trança azul na altura da cintura voou quando se virou.

— Não zombe de minhas preocupações, Lorde Vingador. Você sabe muito bem que os meus instintos salvaram sua bunda real em mais de uma ocasião.

Era a verdade simples, então Ven não poderia entender o que o incomodava.

— Aonde você quer chegar? Não é como se toda a economia de bunda ao longo dos séculos não fosse correspondida. — Ele olhou ao redor da câmara para os outros da guarda de elite de Conlan, o Sete, que compartilharam mais batalhas com ele do que poderia contar.

Brennan, sem emoção, como sempre, incapaz de sentir desde a maldição. Ele e Alexios retornaram à Atlântida apenas num curto período de tempo antes de Ven. Alexios, desagradável, sem sorrir. Alguma coisa morrera dentro do guerreiro quando Anubisa o manteve cativo. Por esses dias, ele só sorria quando estava matando alguma coisa. Ven ainda não sabia o quão longe Alexios se recobrou do estado selvagem em que fora encontrado, a deusa vampira tinha um toque de mestre quando se tratava de tortura.

Caramba, mas era ótimo que ela estivesse morta.



Christophe, os olhos brilhantes com um poder mal controlado. O mais instável de todos eles, talvez. Em pé ao lado dele, Denal, o mais jovem em idade, mas um guerreiro que morreu e voltou à vida, devido ao sacrifício mortal de Riley. Seus duzentos e vinte e tantos anos pesavam mais no filhote do que em qualquer um anteriormente.

E seu colega ausente, Bastien, ainda na Flórida formando uma aliança com os metamorfos. Formou sua própria aliança por meio de uma fusão de almas com uma *were* pantera pela qual ele se apaixonou, se as histórias de Denal poderiam ser levadas a sério. Ven estava no modo “ver para crer” quanto a isso.

Alexios falou, sacudindo Ven de seu devaneio.

— Nós realmente queremos perder nosso tempo comparando entalhes em nossas espadas, Lorde Justice? — Estava perto da janela, o lado de seu rosto com cicatrizes estava voltado para a parede e longe de sua vista.

Conlan levantou a mão e Justice parou antes de responder com qualquer coisa que causasse uma tensão em seus músculos. O guerreiro estava tão ruim quanto Christophe. Justice tinha um rancor tão grande que alguém seria obrigado a querer derrubá-lo um dia destes. Provavelmente mais cedo ou mais tarde. Ven tinha a esperança de estar por perto para ver isso.

Se ele não fosse o único a fazer a batida. Talvez fossem em dois-para-um com Justice e Christophe, apenas para queimar um pouco de tensão.

— Eu não gosto disso. — Conlan disse, a mesma voz. — Ven é meu irmão, e, por alguma estranha razão, a minha futura rainha parece ter desenvolvido certo carinho fraternal por ele.

Denal riu.

— Ela é tão doce que gosta de todos, meu senhor. Ela até gosta de Christophe.

Christophe rosnou falsamente para o jovem guerreiro e estendeu a mão para bater na parte de trás da cabeça dele, mas Denal se abaixou, sorrindo.

Os lábios de Conlan se curvaram em um arremedo de sorriso, mas seu rosto ficou sombrio.

— Independentemente das razões, Riley preferiria que Ven permanecesse em Atlântida para ficar perto... enquanto ela enfrenta essas dificuldades. No entanto, ela é uma guerreira no coração e percebe que devemos continuar a nossa missão de proteger a humanidade. Nós, que somos os guerreiros de Poseidon não podemos fazer menos.

Um calafrio atravessou a sala, e a maioria dos guerreiros de pé ao redor da mesa involuntariamente recuou um passo. Depois de quase três séculos, como sumo sacerdote, a assinatura da entrada de Alaric era inconfundível para todos eles. Ele carregava o poder de Poseidon com ele, mesmo quando estava sem forma como ar, invisível como um sopro. Brennan, que estava



encostado na cadeira ao lado de Conlan, inclinou-se ligeiramente e afastou-se dele em direção ao seu próprio assento.

Alaric tremeluziu sua forma no espaço entre batimentos cardíacos: num momento um calafrio frio ameaçou um sussurro de mortalidade na espinha de Ven, no próximo, Alaric estava diante deles, com as mãos empunhando o cabo incrustado de esmeralda de suas adagas. Ele estava vestido todo de preto, como sempre, como uma espécie de anjo da morte de Atlântida.

O sumo sacerdote examinou a sala, enquanto pesava e media o calibre dos homens dentro dela em poucos segundos. Seu olhar descansou por último e mais longamente em Ven.

— Sua bruxa é uma cantora de pedras preciosas. — Ele declarou, antes de graciosamente cair em seu assento.

Claro, ele era o símbolo de Poseidon da magia que se fez carne, ou assim era a tradição, Ven pensou com sombria diversão.

Se ele quisesse arrancar meu coração do meu peito, enquanto ainda estivesse batendo, provavelmente faria isso graciosamente, também.

A imagem da morte do Supremo Senhor Vampiro Barrabás dessa mesma maneira pela mão delicada de Anubisa surgiu em sua memória por um rápido segundo, mas ele expulsou isso de sua mente.

De repente, as palavras de Alaric afundaram nas últimas reminiscências de Ven.

— O quê? Pensei que cantoras de pedras preciosas fosse um mito. E o que quer que seja que nos nove infernos ela for, não é *minha* bruxa.

— Um mito? Como um *aknasha'an*? — Alaric perguntou, a voz seca.

— Whoa, rato de templo, você acabou de fazer uma piada? — As sobrancelhas de Ven se levantaram. Ele nunca ouviu uma sugestão, sequer, de marca de humor do sacerdote, seco como o Mar Morto, desde que Alaric conheceu a irmã de Riley, Quinn.

— Não acho humor no fato de que mitos antigos estão andando fora das páginas dos nossos pergaminhos. — Alaric se voltou, os olhos verde esmeralda brilhando e advertindo sua irritação. — Primeiro Riley e Quinn são descobertas. Ambas *aknasha'an*. Empatas emocionais diretamente das lendas perdidas nas águas do tempo. Agora Ven descreve uma bruxa humana que ressoa com o poder de uma cantora de pedras preciosas. Quem sabe o que pode ser o próximo?

— Meu voto é para a Fada do Dente. — Ven falou arrastadamente. — Talvez montando um unicórnio.

— O que é uma fada do dente? — Perguntou Denal, as sobrancelhas unidas, muito parecido com o menino que tantas vezes deixou Ven distraído com suas perguntas intermináveis.



Ven bufou, mas antes que pudesse explicar, com certo *zombar*, Brennan finalmente falou.

— Se a mulher...

— Erin. — Ven interrompeu, inexplicavelmente irritado. — O nome dela é Erin Connors. Não “a mulher”, não “a bruxa”, mas Erin. É linda, e é corajosa o suficiente para se voluntariar para aliar-se conosco para ir atrás de Calígula, de modo que pelo menos merece o uso de seu nome. — Ele chutou o chão com a ponta da bota. — De qualquer forma, não sabemos com certeza se ela é uma cantora de pedras preciosas. Inferno, provavelmente eu ouvi seu iPod. — Ele virou-se para Conlan e Alaric. — Eu estou fazendo isso, Conlan. Se alguém formará qualquer tipo de aliança com Erin e seu clã, muito bem vai ser eu.

Brennan continuou como se nunca tivesse sido interrompido.

— Se Erin Connors é verdadeiramente uma cantora e sua música atinge a harmonia de Ven, talvez eu devesse ser o único a se aliar com o contingente mágico de Seattle. Tenho um pouco de um conhecimento dos mitos e profecias antigas. Eles afirmam que a ressonância de uma pedra preciosa soa na emoção da cantora. — Ele olhou ao redor da sala e depois fechou seu foco em Ven. — E, aparentemente, em alguém com a capacidade de fusão de almas com a cantora de pedras preciosas.

— Não! — Ven afastou-se da parede. — Não! — Continuou, obrigando-se a se acalmar. — Conlan me deu esse trabalho, e quero continuar. Sim, é verdade que você não tem emoções superficiais, Brennan. Desde aquela maldita maldição, quero dizer. Mas lembre-se que Quinn encontrou algo enterrado lá no fundo dentro de você. Se Erin é realmente uma cantora de pedras preciosas, e essa porcaria de ressonância é mesmo real, então é lógico que iria rachar essa barreira entre vocês. — Virou-se para Conlan e Alaric. — Vou fazer isso, Conlan. Se alguém estará dando forma a qualquer tipo de aliança com Erin e seu clã, malditamente bem vou ser eu.

— Parece que o Vingador do Rei tomou sua decisão. — Disse Conlan, um traço de sarcasmo sublinhando suas palavras. — Em qualquer caso, eu preciso de Brennan para lidar com um relatório de um incubos⁴ emocional que está matando pessoas em Nova York.

— Mais mitos que andam fora das páginas. — Disse Alaric.

— Possivelmente nem sempre verdade. — Disse Conlan. — Mas se for, Brennan está em uma posição única para lutar contra tal criatura.

— Tudo bem, que seja. Podemos voltar a Erin e o que nos infere uma cantora de pedras preciosas é? Como lidar com ela? — Ven disse, virando as costas para Conlan e Alaric e olhando

⁴ é um demônio que estupra as mulheres em seu sono.



para os seus braços cruzados. Talvez Justice não fosse uma boa ideia de estimulação. Nem tinha de queimar algum estresse ou bater em alguém. Não era o melhor momento para seu parceiro de treinamento Bastien estar amigado com uma *were* pantera. Alaric concordou.

— A cantora de pedras preciosas é aquela cuja alma ressoa com o espírito das pedras da terra. Alguns registros indicam que era principalmente um talento dos elvenfolk dentre os Fae.

— Ótimo. Agora, Erin está *relacionada* com a Fada do Dente. — Ven rosnou, olhando para cima.

— Vamos discutir Calígula. — Disse Alaric. — Talvez ele busque consolidar o poder de Barrabás para si mesmo. Sabíamos que algum movimento político aconteceria na hierarquia do vampiro, porém menos estruturado do que poderia.

— Já existe mais uma hierarquia? — Christophe respondeu. — Agora que a deusa se foi, por sua vez, não faz de todos eles renegados? Podemos não ter feito nenhum favor a ninguém por matá-la. Será que ela, pelo menos, os mantinha na linha?

Alexios avançou, abrindo e fechando as mãos.

— Não duvido que Conlan e Riley fizeram um *favor* ao mundo, como você colocou, matando Anubisa, aquele demônio da obscenidade. — Disse ele, o esforço para manter a calma evidente em sua voz áspera. — No mínimo, me fizeram um favor que nunca poderei retribuir.

Conlan levantou-se e curvou-se para o seu guerreiro.

— Alexios, se houvesse qualquer dívida, era minha por você por colocar a sua vida nas mãos dela, a fim de procurar por mim. Nunca duvide que não eu me lembre disso todos os dias da minha vida.

Silêncio reverberou na sala, esticado tensamente entre os dois: ambos conheceram a tortura além de qualquer descrição nas mãos de Anubisa.

Finalmente, Brennan quebrou o silêncio.

— Eu não acredito em coincidências. Se Calígula está operando nessa área, é quase certo que esteja por trás do aumento drástico de vampiros recém-transformados.

— Por quê? Por que ele faria isso? Você não pode controlar novos vampiros durante o primeiro ano ou dois, então isso o serve de quê? — Perguntou Justice. — Apesar de que estamos assumindo que um vampiro precisa de um motivo para causar problemas, o que provavelmente é idiotice, para começar.

Ven assentiu.

— Eu concordo com tudo isso. Não há coincidência, vampiros causam problemas por nenhuma razão, e Justice é estúpido. — Ele sorriu para Justice quando disse isso.



Denal e Christophe riram, quebrando a tensão, mas Justice não parecia estar se divertindo. Ele olhou para Ven.

— Pode rir, *Ven Helsing*. Soa como se sua pequena cantora de pedras preciosas chegasse a você. — Ele riu. — Ei, se isso é um problema, eu ficarei feliz em assumir. Parece que ela é completamente uma mulher.

Ven brincava com Justice sobre as mulheres durante mais de dois séculos, mas, de repente, com essa frase, algo mudou. Alguém mudou.

Ven mudou.

— Nem pense nisso. — Ele rosnou, todos os vestígios de diversão desapareceram de sua voz. — Fique longe de Erin.

O suspiro afiado de Denal soou como um aviso, fazendo com que Ven desembainhasse suas adagas em um movimento suave e girasse ao redor para enfrentar a ameaça. Mas a porta da câmara permanecia firmemente fechada, e as únicas coisas que ameaçavam remotamente a sala eram as expressões chocadas nos rostos de Denal, Alexios e Christophe. Ven observou os olhos arregalados quando os seus próprios se estreitaram.

— O quê? Por que vocês estão me olhando desse jeito?

Quando Conlan e Alaric atiraram-se para fora de suas cadeiras em uníssono, Denal caminhou ao redor da mesa até que enfrentou Ven novamente.

— Seus olhos. Eles... eles estão brilhando. — Disse ele, a admiração infundida em suas palavras. — Há uma chama azul-esverdeada estranha no meio. Parece...

— É a chama do Poseidon. — Disse Brennan. — Uma vez que só se pode supor que você não tentou alcançar a fusão de almas com um de nós, parece que a cantora de pedras preciosas o afetou ainda mais do que você sabe.

Ven cerrou os olhos fechados para bloquear sua visão. Extinguir a chama.

Esperava que isso servisse. De alguma forma, sabia que não o faria.

— Ven? — A voz de Conlan o tocou, ainda calmamente, mas ressoando com o comando real. — Há algo mais que você queira me contar sobre Erin Connors?

Ven murmurou algumas de suas maldições favoritas na antiga língua de Atlântida, então decidiu tentar ser casual.

— Bem, agora que você mencionou...





Sede do Círculo de Luz de Seattle

Erin estava no centro do círculo, tentando controlar o tremor em seus joelhos. Ela nunca fora chamada antes a um encontro especial à meia-noite com as altas sacerdotisas do círculo antes e não sabia o que esperar. A sala iluminada por velas, forrada com estantes de madeira resistente e cortinas de seda pesada azul meia-noite, continha um ar de solenidade destacada pela cessação absoluta de seu poder desde o momento em que passou pela porta. A sala deveria estar protegida pela mais poderosa das proteções; pois Erin não podia ouvir sequer um lampejo da música dos grandes geodos⁵ que descansavam nas estantes. As joias de seus dedos estavam escuras e ainda bem.

Ela ouviu os rumores de Silenciar. Crescendo como uma bruxa, giravam através de suas memórias pressionando contra sua mente. Infelizmente, os rumores trouxeram os seus companheiros: terror e desespero. Duas vezes em uma noite ela foi desprovida de seus poderes. Fez uma promessa a si mesma: não ia acontecer de novo. Endireitou os ombros e deu um passo em direção à mesa maciça em uma extremidade da sala com cortinas drapeadas de azul meia-noite.

— Estou aqui para relatar um incidente, não estou?

Gennae olhou para cima dos papéis que estava organizando em seu lugar no centro da mesa, seus atributos gelados, quase tão pálida como as vestes brancas que as três usavam, estava disposta em uma expressão de leve surpresa.

— Será que lhe pedimos para falar?

— Não, mas eu...

— Isso é o bastante, Erin. — Disse Lillian, o caimento dos curtos cabelos grisalho balançava ao redor de sua mandíbula quadrada quando balançou a cabeça para dar ênfase. — Você vai falar quando for solicitada a fazê-lo.

Berenice, a terceira e última bruxa na mesa, empurrou o cabelo escuro do rosto e olhou para Erin por um longo momento. Quando ela finalmente falou, sua voz sedosa detinha desprezo.

— Talvez Erin sinta que não precisa prestar atenção ao que é certo no círculo, agora que está tão hábil em canalizar a Wilding?

Erin estreitou os olhos e tentou não olhar fixamente para Berenice, apesar da provocação.

Isso é o que ela quer que eu faça. Explodir e mostrar-lhes o quanto eu sou instável. Não vai acontecer.



⁵ Nódulo de pedra que tem uma cavidade revestida de cristais ou matéria mineral



— Vamos falar sobre o meu uso da Wilding, em vez do ataque? — Ela não se preocupou em esconder a incredulidade em sua voz. Simplesmente olharam para ela, sem falar. Então, fez a única coisa que poderia pensar em fazer. Respondeu a pergunta. — Estou bem ciente da lei do círculo e a segui fielmente. Como todas vocês sabem, tenho trabalhado muito duramente para controlar a magia Wilding. A força desta noite me pegou totalmente de surpresa. — Erin apertou as mãos firmemente por trás de suas costas, mas manteve o rosto liso.

— Não duro o suficiente, claramente. — Berenice zombou. — Achamos que clareou toda a cidade em nossa reunião para o jantar.

Gennae levantou uma mão.

— Não gostaria de ouvir mais nada sobre isso. Você em particular, Berenice, sabe que a Wilding escolhe seus detentores. Se uma bruxa poderia escolher canalizar tal magia negra, apenas aquelas com os corações mais corrompidos fariam essa escolha. E os perigos inerentes a Wilding são grandes demais para ser deixada nas mãos de alguém com má intenção. — Ela virou-se para Berenice. — Embora feita com a melhor das intenções, a sua própria tentativa de invocar a Wilding há uma década quase destruiu toda a cidade de Seattle.

O rosto de Berenice corou em um vermelho escuro.

— Eu não vou defender ou discutir essa decisão novamente, todos esses anos depois. Os vampiros e metamorfos fizeram sua existência conhecida, senti que tive a oportunidade de destruí-los antes que pudessem ganhar um evidente poder.

Lillian murmurou um som de acordo.

— E você tinha razão em prever a ameaça, Berenice. Agora os vampiros têm a sua própria casa do Congresso, e o Primus tem mais poder do que a Câmara e o Senado combinados. Com os metamorfos controlando grande parte dos meios de comunicação, a estrutura do poder do mundo está sempre inclinada a seu favor.

Gennae balançou a cabeça, seu longo cabelo vermelho voando atrás dela.

— Não. E não, não e não e não. Ela estava certa em sua premonição, mas errada em seus métodos. Se não tivéssemos intervindo quando o fizemos, o resultado poderia ter sido desastroso.

Erin não conseguia ficar quieta por mais tempo. A raiva foi crescendo dentro dela até que pensou que sua cabeça poderia explodir com sua força.

— O que, exatamente, você considerou *não* ser desastroso sobre a noite em que o vampiro Calígula assassinou toda a minha família? — Ela perguntou, mordendo as palavras.

Todas as três bruxas na mesa inclinaram suas cabeças por um momento. Quando Gennae olhou para Erin novamente, seu rosto se suavizou.



— Por isso, peço desculpas. Perder sua mãe e suas irmãs foi a maior tragédia que nosso clã já conheceu e, em uma nota pessoal, Gwendolyn era minha melhor amiga, mais como uma irmã para mim. — Lágrimas brilharam nos olhos violetas de Gennae. — Você tem que acreditar o quão profundamente todas nós entendemos e compartilhamos a sua tristeza.

Erin segurou desafiadoramente o olhar de Gennae por um momento, mas depois acenou com a cabeça.

— Eu não acredito nisso. — Ela baixou os olhos e olhou para o rosto zangado de Berenice.
Principalmente.

— E, conhecendo sua mãe e seu ensino, nós nunca acreditamos que você arriscaria a perda de sua alma para a magia Wilding. — Lillian acrescentou.

— Tenho feito todo o possível para me proteger contra ela. — Erin disse, de cabeça erguida. — Passei inúmeras horas pesquisando meu dom sobre as pedras de canto, também. Mas não há nada em nenhuma das minhas leituras que explique por que um guerreiro de Atlântida provocou uma reação tão violenta em mim... nas minhas joias.

Gennae e Berenice trocaram um olhar quase imperceptível.

— Na verdade, Erin, há algo que você precisa saber. — Disse Gennae. — Sobre a reação que você disse que o atlante teve em seu dom, e sobre o que vai encontrar se continuar a procurar Calígula.

O rosto de Berenice empalideceu ainda mais, se isso fosse possível.

— Você não pode dizer a ela...

— Temos que dizer. Está na hora. Especialmente se ela está planejando envolver os atlantes neste plano impossível de vingança. — Disse Lillian. — Sem mencionar o ataque de hoje à noite, o que pode estar relacionado.

Sim, está tudo muito bem em *não mencionar* o ataque, Erin pensou, imaginando se pura raiva iria superar seu cansaço e mantê-la em pé.

— Ela merece ser punida por não controlar a Wilding. — Berenice retrucou.

— Ela merece saber a verdade. — Disse Gennae.

— Que verdade? Apenas me diga. — Erin pediu, o gelo raiando em suas veias através de seu corpo e congelando em seu estômago em uma bola congelada. Desejou o poder e o conforto de suas pedras preciosas e sua canção, queria correr da sala, cobrindo as orelhas.

Principalmente desejava estar enrolada, descansando em segurança nos braços de Ven, admitiu para si mesma enquanto se perguntava sobre a força de seu desejo por um homem que acabara de conhecer.



Gennae se levantou de seu assento na mesa e deslizou silenciosamente em torno dela, até que ficou em frente à Erin, e em seguida, colocou as mãos nos ombros de Erin.

— Você tem sido como uma filha para mim, Erin, e se você está tão determinada a seguir este caminho de vingança, deve saber as consequências.

— Mas não se trata apenas de vingança e do passado. — Erin se soltou, procurando nos olhos da sacerdotisa algum vislumbre de compreensão. — É sobre o futuro também. Trata-se de impedir Calígula de fazer isso de novo, com outra pessoa da família. Talvez com toda a população humana de Seattle, ou do estado de Washington. Quem sabe sobre toda a Costa Oeste? Nós sentimos a escuridão da área em torno do Monte Rainier. Nós vimos os números aumentarem nas contagens das pessoas que ele transformou em vampiro. Porque você não consegue entender?

Os dedos de Gennae apertaram dolorosamente os ombros de Erin, e ela se inclinou para frente para um breve abraço, sussurrando no ouvido de Erin.

— Não pense que nós não estamos preocupadas com o ataque de hoje à noite. Há um espião no clã e estamos investigando.

Erin focou em não mudar sua expressão facial, já que Berenice estava olhando para ela com os olhos apertados.

Gennae soltou seu aperto e recuou.

— Oh, nós entendemos muito bem, Erin. Calígula está consolidando seu poder sobre tantos quantos puder chamar para a escuridão. — Ela fez uma pausa e baixou a cabeça, como se não pudesse suportar olhar Erin nos olhos por mais tempo. — Isso pode ser de fato o que estava por trás do ataque a você hoje à noite. Você disse que sentiu magia negra... — As palavras dela sumiram.

— Você tem que dizer a ela, Gennae. Ou eu vou. — Lillian disse. Sua voz tinha tanta tristeza que Erin piscou e olhou para a bruxa mais velha, então engasgou devido às lágrimas que escorriam pelo rosto de Lillian.

— Gennae. O que é? Por favor me diga. Você está me assustando. — Disse Erin.

— É por isso você deve ter medo. — Berenice gritou, levantando-se da cadeira. — Depois do que eu vi... — Ela se interrompeu, sacudindo a cabeça.

Gennae finalmente levantou a cabeça para olhar nos olhos de Erin.

— Sim. Está na hora. Em primeiro lugar, recentemente adquirimos um conhecimento mais detalhado da natureza do seu dom. De acordo com o representante Fae que atualmente visita a conferência de líderes mágicos do clã norte-americano, o seu dom pode ser uma herança rara das elvenfolk.

Erin piscou.



— Você está me dizendo que eu sou parte elfo?

Lillian soltou uma gargalhada.

— Nunca deixe qualquer um dos Fae ouvir você dizer isso. Estão fartos com os equívocos da cultura popular sobre os elvenfolk. Ouvi um dos Fae canadense cortar a cabeça de um vampiro apenas por mencionar o Polo Norte.

Era demais para processar.

— Então, eu posso ser parte elf... elvenfolk. Então o quê? Somos todos parte de algo, eu suponho. Que mais este representante disse?

— Ele a chamou de cantora de pedras preciosas, Erin, quando eu expliquei o seu dom. Disse que era um talento perdido nos anais do mito até mesmo de sua espécie. — Explicou Gennae, bondade e algo que se parecia muito com piedade em seus olhos.

Erin odiava ser motivo de lamentação.

— Vá em frente. Diga-me o resto, já.

Gennae mordeu o lábio, estranhamente hesitante. A sombra no canto do campo da percepção de Erin era o único sinal de que Berenice havia se movido, mas de repente a bruxa estava ao lado de Gennae. Enquanto Erin olhava para as duas, Lillian caminhou lentamente até Gennae flanqueando-a do outro lado.

— O que é isso? Força numérica? — Erin tentou um riso casual, mas soou estrangulado. — Apenas me diga já.

— A última recordação de um cantor de pedras preciosas na história Fae foi antes do cataclisma que afundou Atlântida. — Lillian disse, olhando para Gennae como se esperasse o seu aval. — Você também pode ser parte atlante.

O alívio fez Erin se sentir um pouco tonta.

— É isso? Sou elvenfolk e parte atlante? Isso não é uma grande coisa. Na verdade, isso pode fazer Ven e os seus homens mais dispostos a me ajudarem. Somos primos há muito perdidos! — Ela pensou em como ele a fazia se sentir. — Primos muito, muito *distantes*.

Gennae suspirou, um som de uma alma cansada que varreu a tentativa frágil de humor de Erin para longe antes disso.

— Não é tão simples assim, Erin. Há outra coisa que você precisa saber. — Ela respirou fundo. — Sua família inteira não foi assassinada naquela noite. Calígula capturou sua irmã e mais tarde enviou-nos uma prova de que ele a transformou.

Os joelhos de Erin cederam pela segunda vez naquela noite, e ela quase caiu no chão.



— O quê? Quem? Minha irmã? Qual irmã? É mentira. Eu saberia, sentiria, eu... eu... — Ela olhou para Lillian em súplica, mas a bruxa de cabelos grisalhos simplesmente ficou ali, balançando a cabeça em concordância. — Não, não, está tudo errado. Eu saberia. De alguma forma eu saberia...

— É verdade, Erin. — Gennae respondeu, cortando suas tentativas desesperadas de negação. — Sua irmã Deirdre é uma vampira.

Capítulo 5



Seattle

Erin ficou de frente ao enorme prédio de tijolo a beira-mar, segurando a bandeja de papelão e uma sacola de papel, e verificou o endereço. Sua completa falta de sono da noite anterior não era tão surpreendente, considerando o ataque e as impossíveis notícias sobre Deirdre. Engoliu um nó em sua garganta. Não podia ser verdade. Tinham que estar erradas, e provaria isso. Deirdre nunca escolheria viver como uma vampira.

Lutou contra as lágrimas e colocou a dor de lado a fim de tratá-la mais tarde. Tinha dez anos de prática com essa técnica.

O endereço de Ven mais parecia um armazém do que uma casa. Mas ele ligou e pediu desculpas por sair tão abruptamente na noite anterior, e em seguida, convidou-a para ir a casa dele a fim de discutirem sua iminente aliança. Fez um comentário enigmático sobre não se preocupar, a segurança dela estava garantida. Ela sabia que os vampiros não caminhavam à luz do dia, e estava de guarda agora contra quaisquer novos ataques de bruxas, então não estava preocupada, afinal.



Olhou para os quatro andares da imponente estrutura novamente e balançou a cabeça. Talvez fosse como os modernos lofts⁶ do centro? Apenas uma parte pertencia a Ven?

A porta de aço maciço só tinha uma campainha próxima, de modo que a apertou e ouviu um som fraco de sinos reverberarem dentro do prédio. Segundos depois, a porta se abriu e Ven parou em frente a ela vestindo apenas jeans, seu cabelo úmido roçando os ombros.

Erin estalou a boca fechada quando percebeu que estava boquiaberta. Não era todo dia que uma bruxa era confrontada com um peito como esse. Deusa Sagrada, o homem tinha uma grande presença. Com músculos muito bem definidos. E a inusitada tatuagem na parte superior, no lado esquerdo do peito a intrigava, embora não fosse muito adepta a elas. Um círculo e um triângulo com algum tipo de símbolo atravessando ambos.

Ela afastou seu olhar para o rosto dele, corando um pouco, mas parou de se preocupar sobre o que ele pensava dela cobiçá-lo ao ver seu rosto e se preocupou com o sono em seus olhos. As opalas em seus dedos brilharam e cantaram para ela, mas fechou a mente contra a chamada. Hoje não. Não tinha tempo hoje para esse canto estranho dessa joia.

— Veja como eu me sinto: some uma morte aquecida, com um lado da miséria. — Ela deixou escapar.

Ele piscou para ela, mas depois que viu o que ela segurava, pareceu acordar um pouco.

— Puxa, obrigado. Hey, você trouxe café? Você é um anjo.

Ela sorriu ao ver a expressão de desejo puro no rosto.

— Não, eu sou uma bruxa, mas obrigada pelo elogio. Vai me convidar para entrar, ou vamos tomar café da manhã em sua porta?

Ele rapidamente recuou, segurando a porta para ela.

— Desculpe. Estou meio apagado. Só dormi uma hora. Há comida na sacola?

Ele pegou a bandeja com quatro copos de cafés com leite, inclinou a cabeça sobre eles e respirou fundo enquanto chutava a porta com um pé grande e nu para que se fechasse.

— Felicidade.

— Eu espero que você goste de café com leite. Não sabia se seriam demasiadamente femininos para um grande e forte guerreiro atlante beber, mas se assim for, isso é mais para mim.

— Disse ela, os nervos girando em seu estômago vazio.

Deveria ter comido um dos bolos no caminho para ajudar a atenuar um ou seis galões de ácido que espirravam lá dentro do seu estômago.

⁶ São as moradias feitas a partir de velhos galpões e armazéns de edifícios reformados para servir a profissionais liberais, artistas, publicitários e executivos.



— Eu trouxe uma variedade de doces, também. — Ela disse, olhando ao redor da enorme entrada. As claraboias no teto filtravam o fraco sol de inverno. Mais adiante, o edifício era dividido em andares num estilo arquitetônico bizarramente aberto.

Divisórias de metal no estilo industrial, paredes e portas se alinhavam no corredor.

— Eu estou seguro o suficiente da minha masculinidade para tomar bebidas frufu de café. — Disse ele, sorrindo para ela. — Vamos lá.

Ele liderou o caminho pelo corredor e ela se concentrou muito, muito duramente em não prestar atenção às costas incrivelmente musculosas que ele tinha. Ou na incrível curvatura para baixo que descia até um traseiro verdadeiramente fabuloso.

Ela fez uma careta, de repente com nojo de si mesma por observar o quão lindo e musculoso Ven era quando tinha um trabalho a fazer. Mais que isso: uma busca sagrada, agora.

Olhou preguiçosamente duas portas abertas enquanto caminhavam. Através de uma delas, vislumbrou intrigantes esculturas de metal. Através da outra, viu o que parecia ser uma extensa coleção de carros de luxo e um toque quase doloroso de calor apertou seu peito.

— Espere! — Ela gritou. — Isto é...

Ela recuou até a porta aberta e olhou para dentro. Um lugar gigante, evidentemente utilizado como garagem, tinha provavelmente vinte carros clássicos, alguns muito elegantes, carros muito modernos, carros esportes. Viu o Jaguar preto que ele usou na noite anterior na porta da garagem, mas depois se distraiu por um lindo conversível vermelho cereja. Deixou cair a sacola de doces no chão de concreto, limpou as mãos na calça jeans e caminhou para a beleza. Quando ela tocou a capa com reverência, olhou para Ven, que estava na porta.

— Ohhhhh. Você possui um Duesenberg⁷?

Ele a seguiu até a garagem, colocando a bandeja de café em uma pequena mesa perto da porta.

— Sim. Um Duesenberg 1929 J350 Willoughby, fabricado aqui nos EUA na...

—Na fábrica de Indiana, sim, eu sei. — Ela murmurou, sua mão acariciando a curva suave do capô. — Meu pai nasceu e foi criado em Indianapolis. Ele saiu daqui, conheceu minha mãe e nunca mais voltou. Amava esses carros antigos e me levou para várias mostras de carros quando eu era pequena.

— Eles ainda moram por aqui? — Perguntou Ven.

Um punho de ferro apertou seu coração ainda mais.





— Não. Não, ele morreu há quase nove anos. Após a tragédia... não conseguia encontrar força ou vontade de continuar a viver. Acho que tomou uma decisão de morrer, e o fez. — Ela tentou piscar as lágrimas que queimavam nos cantos dos olhos, mas algumas escaparam e deslizaram por suas bochechas.

Ven levantou um dedo e pegou a lágrima que caía, mas não tocou sua pele.

— Você honra seu pai com suas lágrimas, Erin. Sinto muito pela perda. Que Poseidon e os deuses e deusas de seus antepassados possam vigiá-lo em sua jornada para a luz.

Ela enxugou os olhos com a mão, tentando desesperadamente silenciar a canção das esmeraldas que a percorria vinda de seus anéis por seu quase toque. Nunca ouvira as esmeraldas cantarem alguma vez para ela desde o dia de sua escolha, e agora era um coro da Broadway. Cantavam sem parar sempre que Ven estava por perto.

Ela olhou em seus escuros, escuros olhos, com medo do que pudesse ver. A fascinante luz azul-esverdeada que tanto o perturbou na noite anterior se fora, e ela ficou aliviada. Uma pequena parte dela sussurrou em sua mente: ou ficou desapontada.

Calou a pequena voz e a das esmeraldas por pura força de vontade e se concentrou no que Ven dissera sobre o pai dela.

— Isso é lindo, obrigada. É um ditado tradicional de Atlântida?

Ele curvou-se para ela, o gesto de alguma forma não diminuído pelo fato de que o homem que o oferecia estava sem camisa, de calça jeans, claramente acabado de sair do chuveiro. A galanteria natural de Ven era algo que via nos filmes antigos que tanto amava. Algo sobre ele...

— Você é muito velho? — Ela deixou escapar.

Endireitando-se, ele sorriu, e em seguida, levantou uma sobrancelha.

— Isso depende. Você gosta de homens mais velhos?

Ela revirou os olhos.

— Bom. Sempre com filas, certo? Você deve ter mulheres caindo em cima de você.

Ele abruptamente se afastou dela, dizendo algo baixinho que ela não entendeu.

— O que é isso?

— Café. — Disse. — Café agora, falar mais tarde.

Arquivando sua reação estranha a fim de considerá-la em outro momento, Erin pegou a sacola de doces e seguiu-o para fora da garagem, lançando, no caminho, um último olhar para o Duesy.

Vou conseguir por você, papai. Por todos nós. E vou salvar Deirdre também.





Ven rangeu os dentes devido às sensações inadequadas altamente malditas que varreram cada centímetro dele. No segundo em que estendeu a mão para tocar a lágrima que caía do rosto dela, soube que deveria puxar o dedo de volta. Mas, de alguma forma, não foi capaz de fazê-lo. Agora, lutava contra a vontade de tocar levemente com aquele mesmo dedo a umidade em seus lábios, mas, em vez disso, apertou a mão com mais força em torno da borda da bandeja de café.

Controle. Comando. Confiança. Os princípios que o orientaram por quase meio milênio, de repente estavam em perigo pela simples visão do lamento de uma pequena fêmea humana a respeito da perda de seu pai.

Como é que ela conseguia parecer tão malditamente sexy em jeans, botas e um suéter, afinal? Que ainda era um suéter grosso e volumoso que escondia as curvas que viu em exposição naquela coisa sedosa que usara na noite anterior. Mas o azul pálido da lã e o iluminado céu azul de seus olhos — todo aquele cabelo loiro, mesmo preso em um rabo de cavalo — oh infernos! Estava em apuros.

Apenas concordar em permitir que Alexios e Denal a seguissem em sua curta viagem até aqui, esta manhã, em vez de ir ele mesmo, quase o levava a rosnar como um urso ferido na direção do guerreiro sem emoção e do filhote. Eles tinham razão. Precisava de pelo menos uma hora de sono. Mas a lógica não entrava em ressonância com sua necessidade feroz e crescente de proteger Erin.

De protegê-la pessoalmente. Infernos, talvez o café ajudasse.

Finalmente chegou à cozinha que tinha o tamanho de um restaurante, localizado no final do corredor e soltou um suspiro de alívio. Segurança pelos números. Ignorando os olhares curiosos dos três guerreiros que esperaram lá para conhecer Erin, caminhou até a mesa com tampo de fórmica vermelha no centro da cozinha e colocou a bandeja de café sobre ela com mais força do que o necessário. O café espirrou através das bordas dos copos e caiu sobre a mesa, trazendo à sua mente, metáforas escuras sobre seu controle respingando contra os encantos de uma bruxa e cantora de pedras preciosas.

Sim, entretanto era péssimo em metáforas.

— Ven? — A voz de Erin veio da porta, onde ela parou e ficou congelada, olhando para Denal, Justice e Alexios.

— Entre, Erin, eu preciso apresentá-la aos Três Patetas aqui: Larry, Moe e Curly. — Disse ele, apanhando sua camisa da parte de trás de uma cadeira e dando de ombros. Então pegou um dos copos do suporte, limpou o lado com um guardanapo, e tomou um gole saudável.



— Quem? — Denal perguntou, parecendo confuso. Infernos, confuso era a expressão padrão de Denal, especialmente quando se tratava de cultura pop. Ele realmente deveria dar um tempo ao garoto.

— Três letras para você, Denal. DVD Nunca é tarde demais para uma educação televisiva verdadeiramente clássica. — Ven virou-se para onde Erin ainda estava na porta, com os olhos arregalados, e tomou delicadamente a sacola de doces dela. — Erin, mais oficialmente, posso lhe apresentar três dos meus companheiros guerreiros: Justice, com o cabelo azul extravagante; Alexios, encostado na parede, e Denal, o filhote do grupo. Os três servem a Poseidon protegendo a humanidade, assim como eu.

Erin virou aqueles belos olhos azuis na direção de Justice, mais próximo a ela, e Ven combateu os intensificados impulsos, quando todos os músculos do seu corpo ficaram tensos pela prontidão em batalhar. Por alguma fodida razão, não queria que Erin olhasse para Justice.

Whoa. Era necessário compreender isso.

Erin, claramente sem saber que Ven estava insano ao seu lado, acenou com a cabeça para cada um dos três guerreiros, por sua vez.

— Meu nome é Erin Connors. Estou muito honrada em conhecê-los.



Erin tentou não ficar ali boquiaberta como um peixe encalhado, mas era muito danadamente duro. Nunca esteve em uma sala com tanta testosterona em sua vida. Todos os guerreiros tinham bem mais de 1,80m de altura, e usavam armas suficientes para abastecer um arsenal. Sem mencionar que eram todos lindos, lindos homens. Ela descobriu que Atlântida deveria ser uma espécie de paraíso subaquático para as mulheres de lá. Exceto que, considerando os homens que via, as mulheres eram, provavelmente, todas do tipo altas e esguias, supermodelos. O pensamento fez seus ombros caírem um pouco, considerando a sua própria não graciosidade, não altura, não supermodelo ela mesma.

Ela sorriu timidamente para Justice. “Azul” era uma forma coxa, não chegava nem perto da palavra, para descrever as cores ricas do mar ondulando por seu longo cabelo. Azul marinho, azul meia-noite, azul celeste, azul real, e até mesmo alguns fios de azul lavanda brilhavam sob as luzes brilhantes da cozinha. Ele estava em pé perto da parede mais ao fundo trançando seus cabelos quando ela entrou e, enquanto o observava, ele amarrou o final com um pequeno pedaço de cordão



de couro, deu um passo em direção a ela e se curvou. O punho da espada decorada e gravada cuja bainha parecia desgastada, como se bem utilizada, estava em suas costas, e ao vê-lo, novamente lembrou-se de sua missão. Como se pudesse esquecer.

— Estou ao seu serviço, Senhora Erin, contanto que nossos objetivos estejam de acordo. — Disse de forma tão suave que ela levou um momento para perceber que não fora exatamente um apoio inequívoco.

— Obrigada, eu acho. — Disse ela ironicamente. Pegou um vislumbre de surpresa e, em seguida, diversão em seus olhos antes que mascarasse novamente sua expressão com impassibilidade. — O mesmo vale. Pelo que Quinn e Jack nos contaram sobre os guerreiros de Poseidon, o seu serviço é um ótimo negócio.

Ela estendeu a mão para apertar a dele e quase pulou de sua pele quando o âmbar em seus dedos médios soou uma nota discordante em sua mente. Uma nota que ela nunca ouviu. O âmbar a protegia da ameaça de magia negra e chamava-a com uma selvagem e estridente canção quando havia vampiros ou qualquer outra pessoa empunhando magia negra ou de morte perto dela. Não era essa a música, não era nada como o aviso da noite anterior, mas era... alguma coisa.

Algo antinatural. Ela recuou de Justice e enviou um ligeiro sussurro de poder em direção a ele para tentar perceber o que era. Mas algo dentro dele buscou e afastou seu tentáculo de magia e a talhou em dois. Seus olhos queimaram com poder e outra coisa por um longo momento. Algo mortal.

— Você é atlante, certo, Justice?

Ele levantou uma sobrancelha e os cantos de seus lábios se curvaram em um sorriso zombeteiro.

— Tão Atlante, como o próprio Poseidon. Você é muito perturbadora, não é?

— Quinn falou a verdade, minha senhora. — Disse Denal, atraindo sua atenção para longe de Justice, mas não antes que ela resolvesse ficar de olho, e a uma distância segura do guerreiro de cabelos azuis. — Estamos honrados em ajudá-la a lutar contra as forças das trevas.

Denal também se curvou para ela, mas acrescentou um floreio. Ele sacou os dois punhais das bainhas de suas coxas enormes e cruzou-as diante do peito quando se curvou. Quando ele reembainhou as lâminas, sorriu para ela, e ela entendeu porque Ven o chamava de filhote. Ela tinha um louco impulso para arrepiar-lhe os cabelos.

— Nessa sacola que você está segurando, não acontece de ter bolos nela, não é? — Disse, parecendo muito com um cachorro esperançoso.

Ela riu e estendeu a sacola para ele.



— Há uma variedade aí, mas eu sinto muito. Só trouxe quatro cafés com leite. Não percebi que Ven tinha companhia.

Enquanto ele pegava a sacola e a remexia, Alexios se ergueu e ficou em um ângulo para ela e acenou com a cabeça gravemente. O ouro rodopiando em seus cabelos a lembrava de algum astro de cinema cujo nome não conseguia se lembrar. Mas, então, ele levantou a cabeça e olhou para ela, e a margem de perigo em seus olhos dourados a lembrou dos mais ferozes predadores.

Ela olhou involuntariamente para Ven. Bem, talvez não o mais feroz predador.

Tigres e leões e atlantes, oh meu!

— Você nos honra com a sua presença, cantora de pedras preciosas. — Alexios disse, sua voz um estrondo baixo. — Nós vamos fazer o nosso melhor para ajudá-la a destruir a praga Calígula.

Ela piscou devido a linguagem formal, mas antes que pudesse responder, Justice riu.

— Não me importaria com Alexios e Denal, eles sempre voltam a falar formalmente, na presença de uma grande beleza.

— Realmente uma grande pastelaria. — Denal entrou na conversa, e em seguida, empurrou metade de um croissant na boca.

Alexios balançou a cabeça em direção a Justice, estreitando os olhos, e Erin viu a terrível cicatriz no lado de sua face.

— Oh, querida Deusa! — Ela sussurrou. — Que profana criatura poderia fazer isso a um ser vivo?

Alexios girou para longe dela e dirigiu-se para uma posição contra a parede mais distante.

— A mais profana das criaturas, minha senhora. — Disse ele, abaixando a cabeça para que seu cabelo balançasse na frente do rosto. — Anubisa, a deusa vampira do caos e da noite.

Ven entregou um dos copos de café para Alexios, em seguida, virou-se para Erin.

— Anubisa e Calígula eram grandes amigos, antes que a destruíssemos. Temos fortes razões para odiar Calígula, Erin. Nós esbarramos com ele várias vezes ao longo dos últimos dois mil anos, mas de alguma forma ele sempre sacrificava seus escravos da manada de sangue e conseguia escapar.

Como sempre, o simples som do nome do vampiro enviou pontas de aço em suas têmporas.

— Ninguém o quer permanentemente morto mais do que eu, Ven. Especialmente depois do que soube na noite passada.

— Sim, descobri algumas coisas também. A mais importante é que Calígula está atrás de você, pessoalmente, por alguma razão. — Ven a informou sobre o que Daniel lhe dissera. — Qualquer ideia do motivo? Ou alguma ideia de quem essas bruxas eram?



Um calafrio estremeceu-lhe a espinha com a ideia do que Calígula queria.

— Talvez ele queira um conjunto combinado. — Disse ela amargamente.

Ven puxou uma cadeira da mesa para ela e entregou-lhe uma das xícaras de café.

— Parece como se uma forte brisa do mar fosse surpreendê-la, Erin. Sente-se e beba um café e conte-nos sobre isso. Além disso, você mencionou uma tragédia? — A compaixão em sua voz quase desfez as fortes defesas que ela construía contra a tristeza. Contra a dor.

Ela aceitou a cadeira, aceitou o café, mas rejeitou a simpatia.

— Sim. Uma tragédia. Se essa palavra, ou qualquer outra, pudesse chegar perto de descrever a noite em que Calígula assassinou minha mãe e minhas irmãs.

Alexios bateu um punho contra a parede, e ela estremeceu com o som.

— Ele tem muito a responder: demasiadas mães e irmãs que morreram na sua mão. — Ele rosnou.

Ven não disse nada, apenas se ajoelhou na frente dela.

— Nós vamos vingar sua perda, Erin Connors. Pode tomar isso como o meu voto solene. Vamos cortar a cabeça de Calígula de seu corpo e salgar o chão onde seus ossos se dissolverem no lodo que faz secar a sua alma.

Ela olhou nos olhos de Ven, perguntando-se quando ela se tornou uma mulher que queria se levantar e aplaudir a ideia de violência sangrenta. Querendo saber como reagiria quando o espectro da morte cruel olhasse para ela através dos olhos de sua amada irmã.

Ela estendeu a mão para tocar seu rosto, e as esmeraldas nos dedos chamaram por ela, a sedutora chamada de uma sereia. Puxou a mão, ainda não estava pronta para testar sua teoria de que sua reação a ele na noite anterior fora um acaso. Pelo menos não em uma sala cheia de outros guerreiros.

— Há algo que todos merecem saber. — Disse ela, envolvendo as mãos em torno de sua xícara de café. — Há rumores... que Calígula transformou minha irmã em vampira. Isso pode ter algo a ver com o motivo pelo qual ele planeja vir atrás de mim. Que eu... talvez tenha que enfrentar Deirdre quando encontrá-la, e não tenho certeza se poderia suportar vê-la machucada.

— Talvez ela seja uma boa vampira? — Denal sugeriu, a dúvida evidente em sua voz, apesar das palavras.

Justice bufou.

— Não existe tal coisa. A última década não comprovou alguma coisa para você? Já não satisfeitos em assombrar as sombras, agora eles perseguem diretamente em aberto. Ajudados a cada



passo do caminho por vocês humanos miseráveis, que declararam estação aberta em vós mesmos idiotas.

O desprezo na voz dele a irritou.

— Não nos julgue, atlante. Pelo que vi, os vampiros não eram os únicos escondidos nas sombras. Nas notícias sobre a raça dos super-guerreiros atlantes, nem sempre eles ajudam a humanidade, não é?

Antes que ele pudesse responder, o som de algo, ou alguém se chocando através de um vidro quebrando soou do hall. Em um instante, os quatro guerreiros estavam correndo para a porta.

— Fique aqui. — Ven latiu para ela por cima do ombro enquanto corria.

— Não será provável. — Erin disse, e então levantou as mãos no ar e começou a cantar.

Capítulo 6



Justice foi o primeiro a chegar até a porta, desembainhando sua espada enquanto corria, mas Ven estava bem atrás dele. Agachando-se, invadiu o corredor ao lado de Justice, preparado para metamorfos, escravos humanos das forças de Calígula, malditamente a quase tudo.

Qualquer coisa, exceto o que viu deitado no chão a cerca de vinte metros dele. Parou tão repentinamente que Alexios caiu em suas costas.

— Luzes de freio da próxima vez. — Alexios rosnou. — O que é isso?

— Não sei. Acho que pode ser uma bomba. — Ven quase foi surpreendido ao ouvir como sua voz estava calma, considerando todas as coisas. A caixa de madeira em torno da... coisa... tinha se esparramado pela força do impacto. Olhou para cima e verificou que o som de vidro quebrando veio da claraboia.

— Não há nenhuma maneira possível que o recipiente de metal seja uma bomba. Uma bomba teria detonado com o impacto. — Justice apontou.



— Sim? Então *you* vai conferir. Talvez jogaram algum tipo de escudo mágico ao seu redor. Eu atentaria para os números vermelhos piscando lá na lateral que parece estar em contagem regressiva. — Ven disse, calculando as probabilidades de sobrevivência de tão fina para nenhuma fodida forma.

38, 37, 36...

— Aqueles são segundos, não minutos, e não teríamos tempo para desarmar uma bomba, mesmo se Christophe estivesse aqui. — Disse Ven. — Temos que sair.

— E se a gente jogar água nela? — Perguntou Denal. — Realmente afogar a coisa?

Os números piscando zombavam deles.

28, 27, 26, 25...

— Quem sabe, infernos? Nós provavelmente só teremos uma bomba molhada. — Disse Ven. — Fora! Agora!

Ele já estava se virando para correr de volta para a cozinha e fazer Erin sair de lá quando ouviu sua voz clara cantando em uma língua, algo como o latim, mas não era. Enquanto caminhava pelo corredor em direção a eles, ele começou a gritar:

— É uma bomba, temos que sair daqui agora. — Correu em sua direção e bateu contra uma força invisível que o empurrou contra a parede.

— Não agora, Ven, não há tempo, temos que diminuir o impacto. — Disse ela, e em seguida, continuou cantando, seus braços erguidos para o ar. Por um breve momento, de uma maneira de parar o coração, ele teve outra visão de Erin sobreposta sobre seu corpo. Uma visão de Erin levantada, banhada em luz de prata macia, vestida com vestes azuis de seda, de pé em seu jardim favorito no palácio.

Ele piscou duramente, a sanidade no limite.

— Olha, Erin, a menos que você tenha um feitiço faça-a-bomba-desaparecer, eu vou *te tirar* daqui. — Gritou com ela.

Então se virou para verificar o temporizador na bomba. Os números vermelhos piscavam brilhando reduzindo, reduzindo... os segundos realmente passaram tão rapidamente?

12, 11, 10, 9...

O escudo mágico que o segurava se dissipou o suficiente para ele se libertar. Ele tentou, mas ainda não conseguiu alcançá-la através da blindagem, então gritou para Denal, Justice e Alexios. Todos os avisos o levaram a gritar para eles.

— *Saiam agora correndo.*



Ele poderia muito bem não tê-lo feito. Em vez disso, os três se espalharam para formar um escudo de Atlântida entre a bomba e Erin.

Ela acenou com a mão no ar, ainda cantando, e os três guerreiros voaram para longe da bomba e bateram nas paredes.

— Sim, correr, sair, essa é uma excelente ideia. — Ela murmurou, em seguida, retornou ao seu canto.

Era tarde demais, de qualquer maneira, tarde demais, e mesmo que ele não pudesse chegar até ela, pelas bolas de Poseidon não havia nenhuma maneira de ele deixá-la, mesmo que tivessem que morrer juntos. Invocou seu poder e fluíu em névoa, esperando poder ultrapassar o escudo nessa forma. Funcionou, e ele disparou por cima da cabeça e depois cintilou, novamente em forma, entre Erin e a bomba, canalizando água, enquanto se transformava. Sabendo que era inútil, empurrou a força da água na bomba.

Mal notou quando Justice correu ao lado dele e acrescentou sua própria todo-poderosa canalização: tudo o que podia ver eram os malditos números vermelhos piscando. Juntos, atiraram um dilúvio de água na bomba, encharcando-a, afogando-a e não teve, absolutamente, nenhum efeito.

6...

O canto de Erin ficou mais alto e mais forte, e um brilho prateado formou-se em torno de suas mãos levantadas, mas já era tarde demais. Muito tarde.

4...

Justice caiu no chão e cobriu a cabeça em um esforço inútil de Duck and Cover⁸. No mesmo segundo, Erin lançou com as mãos e um raio de luz prateada transmitiu de suas mãos em direção à bomba e cobriu-a inteiramente, selou um cilindro em torno dela, mas era muito, muito tarde.

Justice murmurou algo que soou como:

— Droga, eu queria dizer a Conlan e a Ven algumas coisas antes de eu morrer...

Mas o som do coração de Ven batendo abafou o restante das palavras.

2, 1, 0.

O clarão da explosão quase fritou as retinas de Ven, e podia sentir o chão tremer e as paredes chocalharem com a força de um terremoto. Esfregou os olhos e olhou para o escudo, que ainda

⁸ Método sugerido de proteção pessoal contra os efeitos de uma explosão nuclear, que o governo dos Estados Unidos ensinou a gerações de crianças americanas na escola a partir do início dos anos 1950 até o fim da Guerra Fria na década de 1980. Sob condições de um ataque surpresa, imediatamente depois que um flash fosse visto teriam que parar o que estavam fazendo e ficar no chão sob algo, como uma mesa, ou pelo menos próximo a uma parede e assumir uma posição deitada de barriga para baixo e cobrir a pele exposta e em volta de suas cabeças com suas roupas, ou se houvesse excesso de roupas, a fim de cobrir a parte de trás de suas cabeças com as mãos.



brilhava sobre e em torno do calor e da luz, e, de alguma forma, impossivelmente, continha a explosão.

Ven olhava, boquiaberto, quando pedaços de estilhaços bateram fora do interior da barreira mágica de Erin e se chocavam sem causar danos ao solo. Desviou o olhar para longe da vista e olhou para Erin, que estava tremendo, seu rosto pálido exausto e cinza, com as mãos ainda erguidas. Quando estendeu a mão para ela, ela deixou as mãos cair para os lados.

— Um pouco mais difícil do que eu esperava. — Ela sussurrou, e então caiu em seus braços. Ele a pegou e ficou segurando-a, ambos tremendo, enquanto ele xingava violentamente em atlante.

— O que, nos nove infernos, foi isso? — Alexios disse, agachando-se para olhar para os destroços da bomba e o buraco gigante no assoalho de Ven.

— Eu não sabia que as bruxas podiam fazer isso. — Disse Denal, os olhos arregalados.

— Ela é mais forte do que qualquer bruxa que já vi. — Ponderou Justice. Então olhou para Ven e Erin. — E Calígula transformou a irmã dela. Então agora temos uma poderosa bruxa que virou sugadora de sangue do lado dos bandidos. Tenho certeza de que estamos fodidos.



Erin acordou com um cinto de segurança no banco do passageiro em um veículo em alta velocidade. A repercussão da dor de cabeça pulsava violentamente em seu cérebro, usar a magia sempre vinha com um preço. Especialmente porque ela perdeu o controle nos três segundos finais e chamou a Wilding. Empurrou a memória em uma pequena câmara bloqueada em sua mente e decidiu se preocupar com isso mais tarde. Ainda estava viva, Ven ainda estava vivo, o resto poderia vir depois.

No entanto, o preço físico tinha que ser pago. Magia não tomava notas promissórias. Nenhum cheque, nem crédito, pagamento imediato. Coloque suas sinapses cerebrais aqui, mocinha. Para ela, a magia era um camelô carnavalesco do inferno, sempre jogando suas iscas para uma bruxa desavisada.

Jogue agora, você pode ganhar, não se preocupe com o custo, o céu é o limite, senhora feiticeira!

Mas, os vencedores devem ser equilibrados com os perdedores, e magia sempre vinha com um preço. O universo do poder era um jogo de soma zero. Ela não tinha dúvida de que a enxaqueca estava escondida na base do cérebro dela, esperando que se movesse uma fração de um centímetro.



Arriscou de qualquer jeito, e virou a cabeça um pouco para ver quem estava dirigindo como um morcego fora do inferno.

— Ven. — Ela sussurrou. — Nós conseguimos?

Um músculo na mandíbula dele se apertou.

— Sim, nós conseguimos. Embora você tenha arriscado sua vida na porra do processo.

A ferocidade controlada em sua voz assustou-a e os picos batendo em seu crânio começaram a fazer uma dança assassina.

— Profanação é o último recurso do ignorante. — Ela finalmente respondeu.

Ele soltou uma gargalhada.

— É isso? Isso é tudo que você tem? Você arriscou sua vida para lançar um escudo mágico sobre uma bomba e está assinalando meus xingamentos?

Ele tinha um ponto. Ela olhou pela janela para o excesso de velocidade na interestadual. Manhã de domingo, era a única vez que alguém poderia acelerar na I-5⁹.

— Por que o norte? — Perguntou a ele.

— Alguém louco, mau e mortal nos encontrou. Nós tivemos que sair de lá antes que uma fo..., uma maldita arma nuclear caísse sobre nós. Quero levá-la para Atlântida, mas o portal pode ser... difícil. Estamos indo para outra casa segura para que você possa descansar antes de fazer a tentativa.

Que ele tentasse conter seus palavrões em um momento como este a fez sorrir. Que o fez por ela, a deixou cautelosa.

— Sinto muito por você estar preocupado comigo, Ven, mas eu sempre fui a mais apta em blindagem de todo meu clã. Uma vez eu joguei um escudo temporário sobre mais de mil pessoas em um show beneficente ao ar livre por quase uma hora, quando uma chuva inesperada aconteceu. Realmente não pareceu que seria muito diferente de jogar um escudo sobre uma bomba.

Houve silêncio por um longo momento, mas ela notou que as grandes mãos apertavam o volante com tanta força que seus dedos ficaram brancos. Quando sua voz finalmente chegou, estava dura e tensa, considerando o provável esforço que levou para não gritar com ela.

— Você. Está. Brincando. Comigo? Não acha que segurar a explosão de uma *bomba* seria muito diferente de segurar alguns pingos de chuva? Você é uma completa idiota?

Sim, ela pensou. *Sim, eu devo ser. Porque eu olhei para você, e olhei para a bomba, e me recusei a deixá-lo morrer.*

⁹ Interstate 5 (I-5) é a principal estrada nacional na Costa Oeste dos Estados Unidos.



Orgulho a impedia de dizer as palavras. Raiva a impedia de permanecer em silêncio.

— Ouça-me, atlante. Tenho poder. Eu não sou a bruxa mais forte do mundo, mas tenho poder.

A Wilding só escolhe aqueles que são os mais fortes no ofício. Não me subestime.

— Não vou ter a chance de subestimá-la se você estiver morta, Erin. Se você sempre... — Ele fez uma pausa e exalou um longo e profundo suspiro. — Se você tentar algo como isso de novo, vou trancá-la em uma sala e vou bater na sua bunda.

— Como você *se atreve*...

— Erin. — Disse ele, cortando-a. — Não quero vê-la morrer.

Assustada com a emoção em sua voz, ela se virou para estudar o rosto dele, mas ele não quis retirar o olhar da estrada.

— Descanse mais um pouco, Erin. Temos mais de uma hora pela frente.

— Mas...

— Deixe estar. Você está exausta. Pode me fazer todas as perguntas que você quiser quando chegarmos lá. Está segura agora. Deixe estar.

Ligou o aparelho de som e algo quente e clássico encheu o ar. Outra surpresa: esperava rock metaleiro do guerreiro resistente. Exausta, ela relaxou as costas no banco de couro. Quando as pálpebras começaram a fechar, o ouviu limpar a garganta.

— E Erin? Obrigado. Suas ações salvaram as vidas de homens com valor de irmãos, assim como a minha. Embora eu não fosse arriscar sua vida pela nossa, por favor, saiba que honro sua ajuda mais do que jamais poderia pagar.

Sua garganta apertou um pouco e lágrimas picaram nos limites das pálpebras.

— Isso é uma maneira formal para falar: ‘Obrigado pela ajuda’? — Ela perguntou, dando um pequeno sorriso.

Ele finalmente olhou diretamente para ela, e o calor em seus olhos queimou limpamente através dela até o fundo, até algo que ela trancou, dez anos antes. Presa em seu olhar, não conseguia falar, não conseguia pensar, não conseguia respirar. Finalmente, ele afastou o olhar do dela e voltou-o para a estrada.

— Descanse, Erin. Você ainda está exausta de invocar tão grandes quantidades de energia. — Disse, a voz rouca.

— Tudo bem. Mas só até chegarmos ao local que estamos indo. Então quero saber tudo o que você sabe sobre Calígula.

Ven assentiu com a cabeça, com os olhos semicerrados prometendo vingança.



— Sim, bem, a primeira coisa que eu quero saber é como, nos nove infernos, eles sabiam onde estávamos? Se tivermos um traidor em Atlântida, vou desencadear toda a fúria de Poseidon em sua bunda.

— Eu estarei de pé ao seu lado, ajudando. — Ela murmurou enquanto seus olhos se fechavam.

Ela mal ouviu suas palavras, mas parecia muito com:

— Sobre o meu cadáver!

E ela sorriu.

Seu cadáver é exatamente o que eu queria evitar, pensou ela, e então não conseguiu manter os olhos abertos por mais tempo e deixou que o ritmo do carro em movimento acalmasse seu sono.

Capítulo 7



Caverna de Calígula, Abaixo do Monte Rainier

Um ser humano patético estava agachado no canto, seu rosto voltado para longe dos corpos dos colegas mortos. O sangue escorria constantemente das feridas abertas, mas Calígula se obrigou a ignorar o aroma tentador. Teria tempo suficiente para drenar o tolo depois de ter obtido cada bocado de informação dele.

— Você jurou-me que este dispositivo seria eficaz, Merkel. — Calígula rosnou. — Anos de experiência com explosivos, você disse. Nenhuma maneira possível de alguém poder sobreviver a uma explosão dessa magnitude, você prometeu. — Andou mais perto do homem que tremia, cobrindo a cabeça com as mãos enquanto gemia. — Sabe o que acontece com as pessoas que falham comigo?



Ele chutou as costelas de Merkel, segurando-se no último momento para que a bota não atravessasse limpamente a caixa torácica do homem. Ainda assim, não reteve o suficiente de sua força, porque o corpo inerte de Merkel subiu quase dois metros no ar antes de ser esmagado de volta ao chão. Seu gemido estridente era um grito agudo de angústia.

— Não sei o que aconteceu, juro a você, a bomba deveria ter explodido. — Merkel soluçava. — Verifiquei cada componente três vezes.

O novo general de Calígula desceu de sua posição no alto da parede de onde assistia ao interrogatório. Drakos se ofereceu para lidar com isso para ele, mas Calígula preferiu pensar em si mesmo com a mão na massa, quando chegasse à tortura. Como diziam, neste século, se você quer que alguém mate direito, mate você mesmo.

— Há outra explicação além da falha deste homem. — Drakos sugeriu. — Sabemos que os atlantes canalizam os elementos, e sabemos que planejam se aliar com as bruxas. Dois tipos muito diferentes de magia podem se combinar para algo poderoso além das nossas expectativas.

Calígula se inclinou e levantou Merkel casualmente pela parte de trás de sua camisa até que pairasse no ar. Ele inclinou a cabeça do homem para encará-lo e obrigou Merkel a olhar em seus olhos. Entre a dor e o medo, era apenas uma questão de um instante encantá-lo.

— Fale a verdade ou morra. — Ele rosnou. — Será que o seu fracasso causou o mau funcionamento do dispositivo?

— Não, Mestre. — O homem respondeu com uma voz plana, morta. — Eu sabia que iria me matar se eu falhasse com você. A bomba era totalmente funcional. A queda foi perfeita. A bruxa a protegeu da explosão do impacto, mas a detonação deveria ter ocorrido quando o cronômetro zerasse.

Calígula levantou a outra mão, e acariciou quase delicadamente o lado do rosto do homem. As ovelhas, todas o adoravam tanto, como era o seu dever, que era quase doloroso quando perdia uma sequer. Adulação era seu direito de primogenitura: devoção servil de seus súditos, sua moeda do reino.

— E a bruxa que protegeu a bomba?

— Eu a matei, como você mandou, Mestre.

— Ah, agora. — Calígula cantarolou. — Fez um bom trabalho, afinal de contas, não é?

Um raio de esperança brilhou por um instante nos olhos do homem, e Calígula riu. Em seguida, dirigiu suas presas ao pescoço de Merkel e o drenou até secá-lo. Quando terminou, jogou a casca vazia no chão e cuidadosamente limpou os lábios.



— O terror é muito mais rico quando você lhes dá, primeiramente, um bocado de esperança, não acha?

Drakos estava ali, impassível.

— Eu fui ensinado a nunca brincar com a minha comida. — Observou secamente.

Calígula estreitou os olhos e, em seguida, caiu na gargalhada.

— Nunca brinque com a comida. Brilhante.

A voz que cortava o ar era chocante em sua beleza. Os tons cadenciados de um anjo negro sussurrando palavras sangrentas de morte.

— Um riso? Diga-me que não ouvi um riso do meu almirante quando seus planos deram tão mal.

Drakos estremeceu e, em seguida, gemeu, o som surpreendentemente semelhante ao que o ser humano morto fez, e com a voz rouca falou uma única palavra. Um nome. Uma escura e torcida oração pela redenção que nunca poderia ser encontrada.

Anubisa.

Caindo ao chão, Drakos ajoelhou-se e curvou a cabeça até tocar o chão. Calígula permaneceu de pé, desafiador; testando a si mesmo e sua força em face do incomparável poder da deusa da noite.

Anubisa flutuou de um ponto muito acima deles, descendo do alto da escuridão da caverna. Seu cabelo preto como meia-noite brilhava enquanto estrelas invisíveis acariciavam seus cachos no comprimento do quadril. As dobras de seda branca de seu vestido, não foram afetadas pela gravidade ou pela velocidade de sua descida, envoltas recatadamente em torno de seus tornozelos. Enquanto ela se aproximava de Calígula, uma força foi pressionada por trás de seus olhos até que ele pensou que iriam explodir em suas bases.

— Você está realmente disposto a sacrificar seus olhos em face deste pequeno desafio? — Sua voz chiou através de sua pele como o ácido, e bolhas se levantaram em um rastro em seus braços e rosto. A pressão por trás de seus olhos se tornou insuportável, e ele caiu de joelhos ao lado de seu general.

A risada dela enviou agulhas ao cérebro dele, e a pressão atrás dos olhos continuou a ser erigida.

— Rendendo-se tão cedo, Calígula? Estou decepcionada. Esperava muito mais do governante mais depravado do Império Romano. Foi isso que você alegou ter dito? “Gostaria que o povo



romano tivesse apenas um único pescoço?”¹⁰ — Deu um passo mais perto de onde Calígula estava amontoado sobre a sujeira ao lado de Drakos. — Singularmente apropriado, ou talvez profético, você não acha?

A pressão em sua cabeça aumentou, e ele cerrou os dentes e levou os dedos, alongando-se em garras, para o chão em uma tentativa vã de não gritar. Mas a pressão se ergueu e se ergueu e se incorporou, sem dúvidas, aos seus olhos nos quais a dor lancinante apareceu brilhante dentro de seu crânio. Tendo uma súbita e doentia visão de seus globos oculares rolando pela sujeira, Calígula finalmente se rendeu, e gritou.

Ele sacrificou dois milênios de orgulho, gritava muito e alto.

Ele gritava, e ela ria.

E seu riso levantou um enxame negro como uma antiga praga, contorcendo-se de larvas descoloridas que ferviam da terra embaixo dele para rastrear por seu corpo. A pressão atrás dos olhos diminuiu, mas ele estava para além de se preocupar com meros pedaços de carne orbital. Rolou no chão, apertando as mãos contra o rosto, protegendo-se dos insetos que se banquetavam com os mortos apodrecendo.

Ele sabia melhor do que tentar fugir.

Ainda assim, ela riu.

— Você me decepiona, mas me diverte. Uma vez que me diverti um pouco nessas semanas desde que os atlantes malditos me enganaram e mataram meu Barrabás, vou deixá-lo viver. — Disse ela. A onda de alívio que rugia através de seus ouvidos era tão forte que ele quase perdeu as próximas palavras.

— Eu quero o irmão mais novo de Conlan. — Ela sussurrou, arrastando uma longa unha por seu rosto. — Eu tomarei o Vingador do Rei, para mim mesma.

Calígula sentou-se, obrigando-se a não se chacoalhar quando uma onda de larvas contorceu-se por seu corpo. *É ilusão, é ilusão, é ilusão*, disse a si mesmo.

Em seguida, elas se arrastaram até sua boca.

Ela riu de novo ao som dos rasgados gritos de sua alma, bateu palmas, e as larvas desapareceram.

Levou alguns momentos a mais para ser capaz de parar de gritar.

— Ouvi falar que as larvas eram sua fraqueza particular... — Ela murmurou.

¹⁰ A frase famosa de Calígula é “Eu gostaria que todo o povo romano tivesse um só pescoço para eu poder cortá-lo com apenas um golpe de espada”.



Ele ergueu os olhos e se atreveu a olhar para o rosto dela pela primeira vez desde que ela chegou, sabendo que não deveria. Incapaz de resistir. Imediatamente ele se afundou, encantado como qualquer lamentável ser humano, nas chamas sedutoras dos olhos vermelhos, que brilhavam como joias profanas ajustadas em seu pálido, pálido rosto. Tal beleza espetacular era obscena quando imposta à face da morte dolorosa.

Anubisa empurrou-o com delicadeza com um pé calçado e derrubou-o. Ele caiu em cima de Drakos, que continuava a gemer baixinho no chão, finalmente, chamando a atenção da deusa vampira.

— Meu Drakos, é você? Onde estava quando Barrabás precisou de você? — Ela perguntou, sua voz traíndo o primeiro indício de incerteza que Calígula nunca ouviu falar. Mas desapareceu tão rapidamente que ele tinha certeza que deveria ter se enganado. Não se atreveu a se debruçar sobre isso por medo de que ela, de alguma forma soubesse e fizesse as larvas retornarem.

— Vocês são pouco confiáveis, ou você é um traidor. General Drakos. — Ela sussurrou, atacando o vampiro encolhido com o pé. Ele subiu uns quatro metros no ar e bateu na rocha escarpada da parede da caverna, então ficou lá, parado e em silêncio.

Calígula observou Anubisa atirar Drakos através da caverna.

— De qualquer maneira, hoje é o dia de sua morte. Esteja ciente de que ela virá rapidamente para você. — Ela gritou, e seu selvagem e insano riso cravou cacos de dor e loucura nos tímpanos de Calígula.

Quando Anubisa pousou na frente dele, Drakos finalmente levantou a cabeça do chão e quase, mas não completamente, olhou para a deusa.

— Eu não sou um traidor e posso provar isso. — Disse, sua voz áspera e quebrada como seu corpo logo seria. — Posso dar-lhe a líder rebelde, Quinn.

Capítulo 8





Os jardins do palácio, Atlântida.

Erin levantou-se, em transe, olhando para a variedade de cores vibrantes das flores, muitas das quais eram espécies que nunca viu antes. Virou uma esquina no caminho de pedra do castelo e viu exuberantes flores roxas escuras que se pareciam muito com rosas, exceto que cada flor era do tamanho de um prato de jantar. As flores dos arbustos estavam cobertas de folhas verde-escuras em torno de um pequeno mirante branco. O contraste visual era deslumbrante, e ela desejava com uma nova pontada de dor que sua irmã Deirdre estivesse lá para compartilhar isso com ela.

Ela saiu do quarto espaçoso atribuído a ela no palácio e encontrou uma porta para o exterior, o ar fresco e o espaço que desejava. Agora estava sozinha pela primeira vez em várias horas desde que chegaram a Atlântida, cercada pelas selvagens e delicadas fragrâncias de uma cascata de florescente beleza.

— Atlântida. — Ela sussurrou, saboreando as sílabas. *Atlântida*. A terra nascida em um mito, perdida em uma lenda. No entanto, de alguma forma, aqui estava ela. Era impossível, mas o impossível se tornou sua realidade.

As opalas nos dedos cantaram para ela, avisando-a da presença a meros segundos antes de uma névoa iridescente brilhar na frente dela. A luz do sol — *luz do sol?* — *Se decompôs* em um prisma de diamantes brilhantes, e de repente ele estava lá.

Ven.

— De alguma forma eu sabia que ia te encontrar aqui. — Disse ele, curvando-se levemente. — Você está bem?

Ela olhou para ele, não confiando no calor que sentiu quando ele apareceu. A sensação de segurança. De *lar*. Ela não conhecia este homem, independentemente do que os anéis em seus dedos poderiam estar lhe dizendo. E podia ser pouco, mas não ajudava que ele parecesse tão bem em sua camisa branca e calça jeans, com o cabelo ondulado solto até os ombros. Na verdade, causava-lhe uma espécie de irritação.

Suas esmeraldas cantaram novamente, e as opalas entraram na conversa em harmonia, e ela cerrou os dentes contra ouvir sua canção. *O que as pedras sabem, afinal? Pedacos inúteis de rocha.*

— Estou bem. — Ela finalmente respondeu. — Apesar de toda a parte onde você me jogou nas águas geladas de Whidbey Island, esperando que eu acreditasse que alguma porta mágica ia me levar para o mítico continente perdido de Atlântida, em seguida, me trouxe para o palácio,



encharcada e parecendo um rato afogado. — Ela estreitou os olhos para ele. — Perfeitamente bem, obrigada por perguntar. E como há luz solar aqui embaixo, muitos quilômetros sob o mar?

Ele piscou, então, um sorriso lento e perigoso se espalhou por seu rosto, e o coração dela começou a dançar a um ritmo acelerado.

— Sinto muito sobre a água congelada e a parte encharcada. O portal quase sempre nos envia através de terra seca. Mas ele tem uma mente própria e gosta de fazer piadas às vezes. Certamente, o meu irmão não é o tipo de fazer cerimônia, em qualquer caso.

Ela revirou os olhos.

— Sim, eu notei que você atravessou perfeitamente a seco, apesar de estar ali na água comigo. Então percebi que era uma coisa da realza. — Sem falar que ela estava muito ocupada lutando contra suas pedras preciosas e sua reação a ele para se proteger de qualquer forma.

— Confie em mim, o portal não tem nenhum respeito especial para os meus genes principescos. — Disse ele, rindo. — Quase me afogou da última vez que passei.

Ela engasgou um pouco.

— Sério? Então, por que usá-lo? É bastante óbvio que você tem energia suficiente ou magia ou algo para ser capaz de descobrir outra maneira de entrar e sair daqui.

— Você pensa assim, não é? Mas quando há uma fonte de magia que faz um trabalho há mais de dez mil anos, às vezes você para de procurar alternativas. — Sua voz era sombria, e a sombra que atravessou seu rosto a fez se perguntar se esta era uma conversa que tivera antes. Ele estendeu a mão para ela. — Vamos caminhar?

Ela levantou a mão, e as esmeraldas em seus anéis vibraram um afiado toque de clarim. Puxou a mão para trás e deu um passo para longe dele. Seus olhos se arregalaram, e ele baixou a própria mão estendida para o seu lado.

— O que é essa canção, Erin? O que é essa música que ouço quando a toco ou mesmo chego perto de tocar em você?

Ela deu outro passo para trás, mesmo quando percebeu que voar era fútil. Estava de pé sobre o continente perdido de Atlântida, talvez quilômetros abaixo da superfície do mar, e, ‘para onde correr’, assumiu um significado totalmente novo.

— Diga-me, Erin. Diga-me o que significa ser uma cantora de pedras preciosas.





A mente de Ven voltava à visão que teve quando a bomba esteve perto de detonar. Engraçado como a última coisa que a mente evocava quando o corpo estava se preparando para ser soprado ao inferno e voltava era o tipo de moradia de um homem. Em sua visão, Erin estava neste exato lugar, perto do mirante que era o seu refúgio quando criança. Agora, ela usava calça jeans e suéter, em vez dos mantos de seda azul que ele tinha...

Sua mente gaguejou até parar.

Totalmente e completamente, desenfreadamente, não continue. PARE.

Mas seu cérebro — *e coração?* — continuava firmemente a fazer a conexão que ele não viu antes.

Mantos de seda azul. O traje de casamento tradicional para noivas reais de Atlântida.

Meu senhor Poseidon, se esta é a sua ideia de piada, não estou rindo.

Quando abriu os olhos e abriu sua mandíbula, percebeu que Erin estava olhando para ele como se visse algo peculiar.

Bem, ela estava. O único atlante que jurou toda a sua vida nunca ser preso a apenas uma mulher estava, subitamente, tendo visões de uma bruxa em um vestido de noiva atlante. Era evidente que ele estava tendo algum tipo de colapso mental.

— Mau tempo. — Ele murmurou, balançando a cabeça.

— Desculpe-me? Mau tempo? Para quê? Mau tempo para ser arrancada da minha vida normal? Ok, talvez não fosse tão normal, mas normal o bastante para que ninguém estivesse soltando *bombas* em mim. — Sua voz foi ficando mais alta e mais aguda com cada questão, e Ven percebeu que ele não era o único a ponto de ir a uma cela de loucos. Todos iriam para um asilo de loucos neste ritmo.

Ela se aproximou e apontou o dedo para ele, quase, mas não completamente cutucando-o no peito.

— Mau tempo para ser levada para Atlântida? Mau tempo para descobrir que a minha irmã não está morta, mas talvez seja uma escrava vampira de um dos mais perversos e depravados tiranos da história? E que o filho da puta me quer também?

Ele ergueu as mãos em um gesto de “eu me rendo”, mas ela não ficou satisfeita com isso.

— Não me fale de tempo ruim, tudo bem, Ven? Só não o faça. — Seus ombros caíram, e a voz ficou presa nas palavras. De repente, todas as razões sãs e práticas que ele tinha para manter o relacionamento estritamente profissional voaram para fora de sua mente, e ele queria abraçá-la. Queria confortá-la. Queria tirar a dor de seus olhos.



Não conseguia pensar em uma razão válida para *não* abraçá-la. Ele deu um passo para mais perto e puxou-a em seus braços e — pelo espaço de um único e perfeito momento, ela relaxou em seus braços.

O cheiro e a sensação de seu cabelo sedoso causavam coisas apertadas nas partes baixas de seu corpo. Ele a puxou contra si, lutando contra seus próprios instintos, a fim de ser gentil. A sensação das curvas suaves contra a dureza de seu próprio corpo fez chamas correrem através de sua pele onde quer que se toque. Mesmo que ambos estivessem completamente vestidos, segurá-la em seus braços disparou um processo violento de fome e necessidade através dele que era mais poderoso do que qualquer outro que já tivesse sentido antes. Seu corpo estremeceu numa pequena onda de calor, e ele apertou os braços, incapaz de negar seu desejo primitivo de abraçá-la, reclamá-la. De nunca deixá-la ir.

Ela engasgou um pouco, e então murmurou algo sob sua respiração, e ele voou para cima e para longe dela e caiu em cima do mirante, deitado de costas, a respiração fora de seus pulmões.

Ele olhou para o sol e para nuvens magicamente criadas no topo da cúpula, sua respiração ofegante, enquanto tentava forçar seus pulmões a cooperar e inalar um pouco de oxigênio.

— Ven! Ven? Você está bem? Sinto muito. Eu não sei o que aconteceu, só lancei um feitiço muito pequeno de afaste-se, e de repente você estava voando pelo ar. Ven? Ven!

Ele tentou reagir, mas só conseguiu uma tosse rouca. Bem, ela poderia muito bem esperar por uma resposta. Ele virou-se e ergueu-se num agachamento, depois saltou de volta para o chão. Caiu pesadamente e prontamente de bunda no chão. Antes que pudesse puxar ar suficiente em seus pulmões e soltar com uma enxurrada de palavrões verdadeiramente criativos, ela correu para ele.

— Oh, Ven, eu sinto muito! — Ela disse, caindo de joelhos ao lado dele. — Não esperava, não sei, deve ser algo sobre a magia atlante ter se combinado com a minha própria para dar-lhe algum tipo de turbo. Sinto muito, você está bem?

Ela colocou as mãos em seu rosto e olhou para ele com aqueles enormes olhos azuis, enormes, com preocupação por ele, por *ele*. Por muito tempo ele foi considerado o maior, o pior, o mais assustador guerreiro que jurou seu serviço a Poseidon, e esta pequena, curvilínea e suave mulher estava com medo que *ela o machucasse*.

Sua irritação desapareceu. Em seu lugar, uma emoção poderosa que não conseguia classificar brotou de seu peito e disparou através dele. Queria... *queria*... ele precisava.

De repente, necessidade era tudo o que existia, espiralando no ar entre eles, enrolando em suas veias. Então, ele a beijou.



Ele colocou um braço em volta da cintura dela e pegou a parte de trás de sua cabeça com a outra mão e tirou-a do equilíbrio para que desembarcasse em seu colo, e ele inclinou a cabeça para capturar os lábios com os dele. Ela engasgou um pouco, e ele prendeu a respiração em sua boca e sentiu como se tivesse engolido um desejo ou uma oração, capturando uma parte da alma em sua própria.

Músicas se elevaram até ela e até ele, e o calor e as boas vindas de sua boca era uma sinfonia de desejo executada por um maestro. Ela fez um som gemido na parte de trás de sua garganta e tentou engolir o som, tentou engolir a música, tentou inalar a luz e som e magia em seu coração, e ainda, mesmo assim, ele a beijou.

Pela luz e água e Oh Santo Poseidon, ela estava beijando-o de volta.

Num piscar de olhos o beijo mudou de exploratório para possessivo enquanto cada centímetro dele gritava sua necessidade de colocá-la de volta contra as flores, rasgar as roupas de seus corpos, e encurralá-la ali mesmo no jardim.

O zíper deve ter estado minimamente perto de deixar uma tatuagem em seu pênis devido à pressão, porque apenas o gosto dela estava enviando-o às chamas. Um inferno de fome e desejo — e de repente, ele percebeu que ela era exatamente como um sonho em seus braços.

Um sonho que nunca poderia merecer.

Todos os sonhos que nunca poderia alcançar.

Afastou sua cabeça longe da dela, lutando uma batalha consigo mesmo para fazê-lo, e puxou grandes respirações de seus pulmões estremecidos. Ela olhou para ele, seus olhos azuis escuros pela paixão e os lábios inchados de seus beijos, e um desejo primitivo no fundo da alma rugiu sua necessidade de possuí-la.

Uma necessidade a qual nunca poderia sucumbir. Ele ergueu o corpo inerte para cima e longe do dela, e se preparou para tentar convencer a si mesmo, convencê-los, que o beijo não poderia ser repetido.

— Erin, nós não pode...

Um vento gelado cortou o ar entre eles e ele puxou Erin para trás dele, sabendo o que isso significava. Sabendo *quem* isso significava.

— Não, você não pode. — Alaric disse categoricamente assim que cintilou em sua forma. — E você, cantora de pedras preciosas, quebrou as leis de Atlântida. A pena de Poseidon para o uso ilegal de magia em nossos limites é a morte.



Capítulo 9



Ainda tonta pelos beijos de Ven, pelo poder da canção das pedras preciosas que se derramaram por ela, através de ambos, Erin sentou-se na grama e olhou para o homem que acabara de pronunciar a sentença de morte. Ele era enorme, como Ven. Alto, de ombros largos, e com os músculos tensos nos ombros e mangas da camisa de seda preta que usava tão elegantemente. Até tinha longos cabelos negros como Ven. Mas suas feições eram muito diferentes. O afiado corte plano do seu rosto, o nariz aristocrático, e suas maçãs do rosto altas, tudo gritava altiva arrogância. Sem mencionar a coisa toda da pena de morte que não estava fazendo-o parecer aconchegante e suave.

Ven cintilou no chão para ficar na frente dela tão rápido que quase não o viu se mover, e um som terrível de um trem de carga rugiu de sua garganta. Ele estava... *rosnando!*

— Toque-a e morre, Sacerdote. Chegue perto dela, prejudique uma única molécula de seu ser, e sendo ou não escolhido de Poseidon você vai morrer gritando. — Ven disse, sua voz baixa e muito mais ameaçadora do que os gritos de outro homem teriam sido.

Erin jogou a cabeça para trás a fim de sair do torpor estranho em que estava desde que Ven a tocou. Então ela ficou de pé ao lado de Ven, e olhou para os dois.

— Se vamos falar sobre a minha morte, talvez eu possa ser envolvida na conversa? — Perguntou ela, segurando suas mãos livremente na lateral, no caso de precisava invocar sua energia rapidamente.

O homem que Ven chamara de “sacerdote” olhou incisivamente para as mãos dela e mostrou os dentes para ela. Seus olhos brilhavam em verde esmeralda feroz que era chocante pela sua intensidade. Ela nunca viu isso em nenhuma criatura, mas havia os vampiros cujos olhos brilhavam assim por completo, e que normalmente era certo antes de alguém ser lanchado.



— Eu sou Alaric, sumo sacerdote de Poseidon, cantora de pedras preciosas, e este é o meu reino. Você acha que a sua mágica insignificante da terra vai trabalhar contra alguém como eu, a maior potência que Atlântida já conheceu? — Apesar de toda a arrogância em suas palavras, não havia nada em sua voz, apenas a calma garantia de alguém que conhecia o seu próprio valor.

Ela olhou para Ven, que abriu caminho entre eles e ficou de pé, pés plantados, bloqueando seu corpo ao sacerdote.

— Você pode se afastar, Ven. Eu sou uma bruxa do nono nível do Círculo de Luz de Seattle e provavelmente posso assegurar a mim mesma. — Ela tentou um tom casual. — Não é como se ele fosse me matar aqui, não é?

A forma como o homem a olhou fez sua coragem vacilar um pouco.

— Hum, não é?

Uma voz feminina atrás dela respondeu.

— Não, ele certamente não vai.

Erin se virou para ver uma mulher alta e pálida, com cabelo loiro-avermelhado como morango, caminhando em direção a eles. A mulher sorriu, mas o sorriso não alcançou seus olhos. Então ela olhou para Alaric e suspirou.

— Alaric, por favor, pare de assustar os nossos visitantes. Você não tem alguma aventura super secreta de Poseidon para trabalhar?

Erin se virou para ver como o assustador “a pena é a morte” cara ia levar ser provocado, ou se sequer perceberia que foi. Os lábios de Alaric se curvaram em um breve sorriso, e curvou-se diante da mulher, que alcançara o lado de Erin.

— Como quiser, minha futura rainha. — Disse ele, e os seus traços duros suavizaram por um instante antes de ele se virar para Erin e Ven e fazer a coisa do brilho dos olhos novamente.

O que, francamente, está funcionando para ele, porque assusta pra caramba, Erin pensou.

— Talvez você vá abster-se do uso da sua magia da terra aqui em Atlântida, pelo menos até o momento em que possamos discutir como você pode controlá-lo suficientemente. Pode não se importar que tenha causado uma repercussão em todas as Sete Ilhas com seu impulso selvagem de magia.

— Não! — Ela disse, apavorada demais pelo que poderia ter feito para se importar que o estivesse interrompendo. — A Wilding? Invoquei a Wilding e nem sequer percebi? Estou muito arrependida. Nunca pensei... nunca me ocorreu...



Alaric parou os meios balbucios, pegando-lhe o queixo com os dedos e olhando em seus olhos. Ven moveu-se para detê-lo, fazendo o estranho barulho rosnar de novo, mas Erin ergueu a mão entre eles.

— Não, Ven. Deixe-o olhar. Talvez ele possa ver que minhas intenções nunca foram fazer mal a ninguém. Especialmente não a você.

Os olhos de Alaric brilharam tão ferozmente que ela teve a certeza de que sua pele deveria estar queimada, mas depois de hesitar por um momento, o olhou de volta, caindo, mergulhando, espiralando para dentro dos redemoinhos negros nos centros de seus olhos.

Isso deve ser como se sente ao estar encantado por um vampiro, ela pensou, e então de repente ele a soltou e ela cambaleou, quase caindo, até que Ven a pegasse em seus braços.

— Ela é inocente de qualquer má intenção. — Alaric disse, levantando a cabeça para fixar seu olhar penetrante em Ven. Então ele olhou para Erin, mas o brilho em seus olhos havia desaparecido até que o verde era quase humano.

Quase.

— Você vai me dizer mais sobre este Wilding, espero. Embora eu tenha aprendido alguns dos medos que você possui na superfície de sua mente por Ven, gostaria de saber mais de como uma magia poderosa pode ser canalizada por alguém tão jovem. — Ele acenou com a cabeça para ela e, em seguida, inclinou-se novamente para a outra mulher.

Finalmente, enfrentou Ven.

— O seu papel por direito de nascimento e por desafio é agir como Vingador do Rei, meu amigo. Considere bem como os seus sentimentos para a cantora de pedras preciosas irá interferir com essas responsabilidades antes de pisar mais neste caminho.

Ven deu um passo em direção ao sacerdote.

— Você é e tem sido meu amigo, Alaric. Mas esteja avisado. Se você ameaçar Erin novamente, irei atrás de você com tudo o que tenho.

— Ei, não estou impotente aqui. — Erin disse, indignada, mas a futura rainha colocou a mão em seu braço e sacudiu a cabeça.

Alaric e Ven não lhe dispensaram um olhar, ainda presos em algum tipo de intensa comunicação silenciosa um com o outro. Finalmente, Alaric concordou.

— Então esse é o caminho. Tive minhas preocupações quando vi a chama de Poseidon em seus olhos. Precisamos discutir isso em um conselho de guerra antes de ir mais longe com a ajuda das bruxas contra Calígula. Pode ser que ela seja a sua fraqueza fatal.



Erin estava cansada de ser comentada como se não estivesse lá. Ela apertou a mão da mulher de seu braço e avançou para enfrentar Alaric.

— O que é a Chama de Poseidon? E se você for discutir qualquer coisa que tenha a ver com Calígula e nossa aliança, é melhor você ter a maldita certeza de que serei parte do seu conselho de guerra.

Um pequeno barulho os fez girar ao redor para ver a rainha inclinar-se, apertando o estômago, claramente com dor.

— Alaric, Ven, por favor... por favor me ajudem. — Ela gritou. — Algo está errado, posso sentir isso. Algo está errado com o bebê.

Antes que ela tivesse falado o segundo, *por favor*, Ven a pegava em seus braços.

— Shh, Senhora Riley. — Ele murmurou contra seu cabelo. — Shh, minha querida. Tudo estará bem. As donzelas do templo vão ajudar você e o bebê.

Ele lançou um olhar para Erin e Alaric.

— Por favor, leve-a para o Templo das Nereidas, Alaric. — Com isso, ele deu um pulo no ar em um poderoso salto, brilhou em névoa em torno de Riley, de modo que pareceu que uma iridescente nuvem veloz o levou rapidamente para longe deles.

Erin engasgou com a visão.

— É tão bonito quando ele... — Ela parou no meio da frase e balançou a cabeça com o pensamento irrelevante, em seguida, olhou para o sacerdote, cujos olhos semicerrados lhe diziam que estava extremamente preocupado com Riley. — Será que ela vai ficar bem? E o bebê?

Um pensamento horrível gravou-se em sua mente, e ela pensou que poderia vomitar toda a água do oceano que engolira algumas horas mais cedo.

— Eu não... eu não causei isso com a minha magia, não foi?

Ele balançou a cabeça, o olhar triste amolecido por um breve momento.

— Não, você não o fez, porém isso me tranquiliza quanto ao seu caráter uma vez que isso contou entre as suas preocupações. Riley está tendo uma gravidez difícil e, apesar de todo o meu poder, estou impotente para ajudar na sua cura.

Ela teve a sensação de que ele realmente tinha se esforçado muito para compartilhar isso com ela, porque as linhas de seu rosto se aprofundaram enquanto apertava a mandíbula fechada.

— Existe algo que eu possa fazer para ajudar? — Ela ofereceu, sabendo que, se um poderoso sumo sacerdote de Poseidon não poderia curar, não haveria muito que pudesse fazer.

Pelo menos ele não riu na cara dela. Apenas balançou a cabeça, fechando os olhos como se quisesse impedi-la de ver o muito de sua dor.



— Não, não há nada... — Seus olhos se abriram. — Espere. Pode haver alguma coisa. A história do Templo das Nereidas... você é uma cantora de pedras preciosas.

— O quê? Primeiro as minhas líderes do círculo me disseram que eu era uma cantora de pedras preciosas, mas não sabiam muito mais do que isso. Sou parte elvenfolk e, bem, talvez parte atlante. Mas o que significa isso? O que eu *sou*?

Ignorando as perguntas, ele agarrou seu braço e disse.

— Espere um pouco. — Então ele a tomou em seus braços e saltou no ar, assim como Ven fez com Riley. Erin soltou um grande *grito* de surpresa e agarrou seu pescoço com toda a força. Mas, em vez de levá-la em uma nuvem de névoa brilhante, Alaric foi mais longe e fez uma espécie de coisa transportadora atlante dolorosa na barriga.

Porque nem dois segundos depois, estavam tocando a frente de um templo de mármore branco incrustado com jades e safiras e ametistas, e Erin estava tentando mais uma vez não lançar seus biscoitos no intocado gramado.

Uma onda de som que emanava do Templo estendeu a mão para ela, timidamente, a princípio, e depois com uma onda abrangendo o corpo inteiro.

— Oh!— Ela gritou enquanto, com uma onda de pura alegria de um nítido diamante, ela sentiu. *Ela, sentiu que* a música das pedras subia por ela e através dela e sentiu, viveu, ela era uma com a música, uma rica e poderosa sinfonia das pedras, que entrava na sua alma.

Ela ficou ali, enquanto a música apregoava através de seus ossos e sangue e nervos e, pela primeira vez desde que era uma pequena menina nos braços de sua mãe, Erin abriu a boca e cantou.



As altas notas claras da canção subiram para a aberta, arejada, sala de recepção do Templo e Ven virou-se para a porta, em direção à fonte do som e começou a caminhar em direção a ela, ainda carregando Riley em seus braços. A Primeira Donzela das Nereidas, Marie, deixou cair uma jarra de água com um barulho assustador e, deixando-o lá, ela levantou-se da posição ajoelhada ao lado das almofadas onde Ven estava prestes a lançar a forma encolhida de Riley.

Marie seguiu até a porta, mas Ven não poderia ter dito se qualquer uma das outras moças a seguiram. Seus olhos estavam se esforçando para ver as notas da música, que deveriam ter sido escritas em dourado no ar do Templo. Um som tão insuportavelmente encantador só poderia existir como algo intangível, sem presente de tal graça indizível, que poderia desaparecer com a respiração do cantor.



Marie falou muito perto do seu lado direito, onde a cabeça de Riley dormia em seu braço, e sua voz era abafada com admiração.

— A lenda da cantora de pedras preciosas das Nereidas. Ela voltou para nós.

Ven não respondeu: não foi possível responder. Ele seguiu a música, a melodia de encantamento de uma flautista encantada chamando por ele.

Invocação de paz e tranquilidade. Invocação de cura.

Ele saltou para o topo das três escadas largas, *deve chegar à música. Deve tocar a música, deve...*

Mas a música era *ela*. Erin estava de pé, erguia os braços para o céu, a cabeça jogada para trás. A luz prateada estava em torno de seu corpo e subia para suas mãos enquanto as notas que cantava subiam para sua garganta. Ela cantava uma melodia sem palavras, sobre amor, perda e regresso a casa. Cantou e de alguma forma, no fundo da alma de Ven, ele sabia que ela cantava a cura.

A cura.

Riley.

Ele olhou para a face ainda pálida, descansando em seu braço, no mesmo estado de inconsciência em que esteve quando chegaram ao templo. Ele não pensou, não se preocupou, não admirou.

Simplesmente agiu. De um salto, ele voou da porta do templo para a base dos degraus. Em outro salto, ficou na frente de Erin e colocou seu pacote precioso no chão a seus pés. Ajoelhando-se na frente dela, ele virou o rosto em súplica a Erin, a cantora de pedras preciosas da lenda que, de alguma forma, cantava o caminho para o seu coração, e ele falou duas únicas palavras.

— Por favor.

A música continuou a se derramar de seus lábios, mas ela lentamente inclinou a cabeça para olhar para ele. Selvageria assolava a intensidade abrasiva de seus olhos azuis, e os planos de seu rosto estavam moldados em mármore brilhante. Repentinamente, ela era mais deusa do que bruxa: terrível, bela e impiedosa. Olhava para ele, e cantava.

Ele tentou mais uma vez, tentou chegar à suavidade, à humanidade enterrada abaixo da dureza da viva pedra preciosa que ela tinha se tornado. Tentou de novo, porque amava Riley como a uma irmã. Amava ela e seu filho mais do que sua própria vida.

Tentou de novo, porque parte de sua alma exigia que fizesse isso.



— Erin. — Disse ele, imaginando como a simples voz de um guerreiro podia ser ouvida através de uma canção que tinha a forma de agradecer as estrelas no céu noturno. — Erin, por favor. Ela está morrendo.

Lentamente, muito lentamente, Erin ajoelhou-se até que seu rosto estava a um mero palmo do abdômen de Riley, e colocou as mãos sobre o local exato onde o pequeno bebê crescia no interior. A luz prateada derramou da boca de Erin e da aura em torno dela sobre e em torno de Riley. Em algum lugar, distante, Ven pensou ter ouvido gritos de Alaric, ou talvez Conlan, mas não se importava, não importava, tudo o que importava era a luz acesa nos incandescentes olhos azuis de Erin.

Ela cantou para Riley, e cantou para o bebê de Riley e durou poucos segundos. Ou durou até o nascimento de um universo. Mas momentos depois, milênios depois, ela finalmente parou de cantar. Ven foi imediatamente despojado, como se o seu coração ainda pulsante tivesse sido arrancado de seu corpo, e sua garganta doía com a perda da canção dela.

Erin levantou a mão para tocar seu rosto.

— Oh, Ven. — Ela começou, e então seus olhos rolaram nas órbitas e ela caiu para frente. Ele a pegou e levantou-a e, antes que ela caísse sobre Riley, e ele tocou os lábios na testa de Erin.

— Por favor. — Disse ele, mas desta vez, disse por uma razão completamente diferente, que não entendia muito bem em si mesmo.

No chão a seus pés, Riley se sentou, sorriu e se espreguiçou, olhos e bochechas brilhavam com saúde e vitalidade.

— Uau, eu me sinto melhor do que tenho estado em meses. O que aconteceu?

Alaric e Conlan correram para Riley, com Marie duramente em seus calcanhares. Todo mundo gritou perguntas a Ven, mas ele ignorou tudo e voltou para o Templo e seu santuário interior que ninguém nunca era autorizado a entrar. As donzelas do templo sempre falaram da Caverna de Joias e, de alguma forma, ele sabia que era exatamente o que Erin necessitava.

Ele levantou sua preciosa cabeça enquanto caminhava, tocou os lábios em seu pulso e sentiu o abrandar...

Retardar...

Parado.

Quase cego pela queima em seus olhos, ele quase perdeu a porta escondida, mas, em seguida, Marie estava em pé na frente a ele, afastando a tapeçaria, além de uma seção de parede de mármore, e chamando-o a segui-la.



— Fique aqui, Senhor Vingador. Traga a cantora de pedras preciosas a casa, e vamos curá-la para você.

Enquanto a seguia pelo corredor iluminado por velas, ele orou a Poseidon com mais fervor do que jamais fez.

Ela fez isso por Riley e para o herdeiro de seu trono. Por favor, salve-a para eles. Salve-a para mim.

Mas a única resposta foi o som de seus calcanhares tocando o chão de pedra enquanto o atingiam e o som das barricadas que deixavam de funcionar no interior de sua alma enquanto despedaçavam-se contra o seu coração de pedra.

Capítulo 10



Caverna de Calígula, abaixo do Monte Rainier

Um som diferente de qualquer outro que Calígula nunca ouvira nos dois mil anos de sua existência soou através da caverna, dolorosa, triste e fatídica: a chamada fúnebre anunciando sua própria e iminente morte.

Vibrações do imenso barulho crescente reverberaram através da pedra das paredes e da sujeira no chão. Os vampiros de sua manada de sangue, que descansavam para fugir ao amanhecer, gritavam e se espalhavam por vários poleiros íngremes e caíam no assoalho, admirando um ao outro em um confuso pânico.

— Basta! — Ele gritou, e colocou tanto poder por trás da palavra que ecoou pela caverna e acabou com as idiotices balbuciadas de seus escravos mortos-vivos. Mas seu poder era insignificante em comparação com a profundidade e a ressonância do som que continuava a tocar como um sino nas portas do inferno, chamando os condenados.



Ele bateu as mãos sobre os ouvidos e gritou para o único ser sob seu comando que poderia ser proposto a agir com um mínimo de dignidade e sentido.

— Drakos!

— Sim, meu senhor almirante? — A voz veio de cima e por trás dele, fazendo Calígula girar ao redor e olhar para cima, doentiamente ciente de que, se Drakos fosse um inimigo, ele poderia estar em um perigo muito sério. O pensamento soou os sinos de alerta em sua mente, como se fossem nada comparado ao toque ainda soando na caverna.

— Que *barulho* é esse! — Gritou para Drakos, embora o general estivesse apenas escassos meio metro dele.

Drakos não mostrava, pelo menor lampejo de seus olhos, que a cacofonia horrível o perturbava de forma alguma. Isso, para Calígula, também era perturbador.

— Eu não tenho ideia. — Respondeu Drakos. — Devo investigar...

O som foi interrompido no meio de um badalar, como se uma mão gigante o tivesse silenciado. Calígula nem sequer gostou de pensar sobre que tipo de ser poderia possuir uma mão suficiente para emudecer semelhante barulho. Deixava sua imaginação fugir demasiadamente desde o incidente humilhante com Anubisa e os insetos ilusórios.

Maldita seja. Se a deusa da noite e do caos pode ser condenada. A ideia é um pouco redundante.

Sua piada particular à custa dela o acalmou um pouco, e ele ergueu a cabeça.

— Sim, quero que você investigue. Além disso, quero um relatório sobre o seu progresso. Onde está a Quinn? Você alegou que poderia entregá-la para mim. — Disse ele, deixando o nome de Anubisa fora da conversa. Dizia-se que até mesmo falar o nome dela atraía-a sem aviso prévio e não se importaria em não ser o foco de seu olhar tão cedo.

— Estou trabalhando nisso, meu senhor. Ela é... esquiva. — Disse Drakos.

— Não quero ouvir desculpas. — Calígula rosnou. — Você vai entregá-la para mim ou enfrentar as consequências. Qual é o progresso em outro plano para capturar o atlante? Agora que sabemos que Anu — a deusa — quer vê-lo morto, não pode haver mais de suas mal planejadas técnicas de explosivos.

— Nós sabemos que eles formaram uma aliança com o Círculo de Luz de Seattle, meu senhor. Pretendemos usar as irmãs do círculo como isca para capturar o irmão de Conlan *para ela*. E ele parece ter desenvolvido apego à mulher que você procura, o que irá trabalhar a nosso favor.

Calígula sorriu com o pensamento da mulher e ficou satisfeito que seu general não tentasse culpar ninguém por suas próprias falhas. Embora fosse verdade que o bombardeio fora ideia do



próprio Calígula, um bom general deveria traçar a estratégia por conta própria e não apenas seguir cegamente as ordens.

— Isca? Será que os atlantes se importam o suficiente com um bando de bruxas para sacrificar o irmão do herdeiro do trono, não importando quão nobre estupidez ele tente em nome da mulher?

A voz que cortava a escuridão carregava uma riqueza de desprezo.

— Esse chamado bando de bruxas quase o destruiu dez anos atrás, meu *senhor*. E eu vou ficar feliz em ajudá-las a cortar sua cabeça muito fora de seu pescoço.

Drakos recuou, como se para afastar-se de uma briga doméstica. Sábio vampiro.

— Deirdre, meu amor. — Calígula ronronou para a vampira loira que flutuou para o chão entre ele e Drakos. — Como é belo ouvir os doces tons de sua voz novamente. É tão raro que você se levante da terra nos dias de hoje.

Ela cuspiu aos seus pés.

— Eu me privaria pela fome, a verdadeira morte se só fosse possível, e você sabe disso. Mas você continua me vigiando a cada segundo de cada noite.

Ela lançou um olhar para Drakos, e era quase surpreendente que o desprezo em suas palavras e olhar não transformasse o general em cinzas no local em que estava.

— Vejo que você encontrou um novo *servo* para seguir suas ordens imperiais.

— Embora fosse adorável, Drakos tem trabalho a fazer, minha querida. Talvez você se importasse de ter o seu descanso comigo hoje? — Calígula estendeu a mão para ela, sabendo que ela não iria aceitá-la.

Sabendo que, um dia, em breve, ele iria quebrá-la. E usaria a única irmã sobrevivente dela para fazê-lo. Ele fora acusado de obsessão antes, mas tudo isso empalidecia em comparação com o seu desejo pela rendição de Deirdre.

— Eu vou vê-lo morto e apodrecendo no inferno, Calígula, antes de eu, de bom grado, pegar a sua mão. — Ela sussurrou para ele, saltando uns dois metros para trás.

—Talvez, minha querida. Talvez. Mas há muitas maneiras de apodrecer no inferno, e você ainda pode se juntar a mim lá.

Ele atirou-se no ar da caverna para um nicho perto do topo, onde iria ter o seu descanso e esperar pela noite. Magias de proteção muito poderosas o protegiam de perturbação, enquanto dormia, testou várias vezes antes de sugar a vida da apavorada bruxa que os lançou. Olhando para baixo ao seu general, que estava em frente a sua noiva relutante, gritou um encaminhamento final antes de ir para a escuridão do sono de morte.



— Progresso, Drakos. Traga-me o progresso, ou vou encontrar um general que o faça.

Capítulo 11



Caverna das Joias, abaixo do Templo das Nereidas, Atlântida

Marie conduziu Ven a descer os degraus de pedra antiga, desgastadas pelo pisar das donzelas por milhares de anos. Estranho que parte de sua mente estava pensando sobre malditos passos, enquanto tinha Erin em seus braços e ela estava morrendo ou morta.

Estranho que o resto de sua mente estivesse trovejando em torturante agonia que não poderia sobreviver à morte de uma mulher que conhecia apenas por uma breve ondulação nas ondas do tempo. A angústia se levantou de seu interior, de seu peito, e forçou seu caminho através da garganta. Ele rugiu sua dor e raiva enquanto seguia a Primeira Donzela sempre mais para baixo na escuridão.

Vários passos à frente dele, Marie parou, claramente assustada com um som, mas um olhar para o seu rosto e ela simplesmente balançou a cabeça e continuou a mover-se, mais rapidamente agora, pelo corredor.

Embora estivessem descendo para o coração do Templo das Nereidas, Ven enviou uma oração para Poseidon:

Ela não pode morrer. Eu não sei por que, eu não sei como, mas ela tornou-se mais importante para mim do que minha própria vida. Devo-lhe o meu serviço e minha honra, Poseidon. Por favor, poupe essa mulher para mim.

Marie fez uma curva acentuada e Ven teve um instante de esperança que a irmã de Bastien fosse tão completamente competente como seu irmão. Ele seguiu em torno da curva na parede e parou ao ver uma enorme joia brilhante. Uma joia na qual Marie entrou.



— É um Geodo natural e centro do Templo das Nereidas. É onde o Coração de Nereida estava antes do cataclisma. — Explicou Marie. — Os antigos escreveram que a Caverna das Joias é uma fonte de restauração e poder natural para cantores de pedras preciosas.

Ela indicou uma mesa de madeira lisa no centro do espaço oval. Seis passos o levaram para a mesa, e imediatamente pôs o corpo inerte de Erin sobre ele. Marie puxou uma almofada de seda verde em algum lugar no chão e deslizou por baixo da cabeça de Erin enquanto ela era baixada delicadamente.

Ven esquadrinhou o ambiente e percebeu que havia pedras preciosas em todos os lugares, distribuídas em deliberados padrões por toda a sala, presas às almofadas de seda que estavam espalhadas, e mesmo embutidas na base da mesa de madeira. As paredes do próprio geodo eram de pedras de um espumante brilho violeta multifacetado. Quando ele alisou o cabelo do rosto de Erin, olhou para Marie.

— Faça alguma coisa. — Ele pediu, desesperado ao ver o rosto ainda pálido de Erin.

Marie começou a responder, confusão e angústia simples em seu próprio rosto.

Foi quando a música começou.

Uma única nota clara, selvagem disparou para fora das próprias paredes. A única nota foi acompanhada por um coro de outras voando neles de todos os lados. Logo a música foi aumentando pelo chão e teto e através de cada molécula de ar na sala. O coro tornou-se uma sinfonia, uma orquestra de música de uma beleza irresistível. Ven de pé, segurava as mãos de Erin, e ele fez orações enferrujadas aos deuses sem compaixão.

A música tornou-se luz, a luz tornou-se música, até que os dois eram indistinguíveis. A luz prateada que Erin derramou sobre Riley e o bebê foi ampliada mil vezes dentro do pequeno espaço do geodo. Com um canto de sua mente, Ven percebeu que Marie caíra no chão e se ajoelhava ao lado da mesa.

A música selvagem varreu Ven até a música permear as próprias células do seu corpo. Ele podia *ver* a música, podia *ouvir* a luz, podia *sentir* o ritmo vibrante através do corpo de Erin. E sob, sobre e em torno de tudo isso, ouviu uma voz delicada tocando simultaneamente em sua mente e em seus ouvidos, uma dicotomia de frágil poder.

Você apenas voltou para mim, cantora de pedras preciosas. Não vou deixá-la ir tão facilmente.

Com isso, a música aumentou em um triunfo sem palavras, de som e de luz. O corpo de Erin começou a brilhar, até que brilhou tão intensamente que Ven teve que fechar os olhos. Ele clamou por fé, pela capacidade de encontrar algum pinga de fé dentro de sua própria alma danificada.



Finalmente, *finalmente*, encontrou alguma medida de crença.

Eu a dou para ti, Poseidon, e para você, deusa das Nereidas. Eu dou-a a vocês. Tudo que eu peço é que se ficarem com ela, tomem minha alma inútil também.

O clarão que batia contra suas pálpebras fechadas abruptamente cessou e a música foi interrompida ao mesmo tempo. Ele piscou os olhos lacrimejantes abrindo-os para ver a escuridão iluminada apenas pela dispersa cintilação de inúmeras joias. Levou um momento para sua visão fazer a transição, mas antes que pudesse ver Erin, sentiu a mão dela apertar a sua, e a oração em sua alma mudou para uma de gratidão.

— Obrigado. — Disse ele, forçando as palavras. — Muito obrigado por salvar esta mulher corajosa para mim.

Erin olhou para ele e seus olhos brilharam com mais intensidade do que todas as joias dentro do geodo.

— Você ouviu isso? Ouviu a música? — Ela respirou fundo, o rosto arrebatado como se ainda pudesse ouvir a música das joias espiralando através da sala e através de suas emoções.

Ela apertou-lhe a mão sobre a dele.

— Eu ouvi sua música, Ven. — Disse ela, sorrindo. Respeito e admiração em seus olhos. — Eu ouvi a música de sua alma.

Antes que ele pudesse responder, ela caiu em um sono normal, o peito subindo e descendo. Ele apertou os lábios contra a pulsação tão forte no lado do pescoço e repetiu as únicas palavras que pareciam grandes o suficiente para caber a gratidão em seu coração.

— Obrigado. *Obrigado.*



Erin nadou em um sonho de colares de diamantes, um gigante rubi brilhante, e as mulheres combatendo à espada usando cota de malha que se pareciam muito com escamas de peixe. Ela se dispersou para escapar daquilo que, sua mente consciente sabia que devia ser uma ilusão. Abrir as pálpebras levou quase mais força do que tinha, e seu corpo parecia que fora atropelado por um caminhão. Ela tinha dores em lugares que ainda não sabia serem capazes de doer.

Finalmente forçou seus olhos a se abrirem. O rosto de Ven encheu sua visão, e as chamas azul-esverdeadas estavam de volta aos seus olhos negros e brilhando mais intensamente do que ela se lembrava. Mas em vez de se surpreender, isso a fez suspirar de alívio.

— Você está aqui. — Ela sussurrou, tentando levantar os braços para ele.



— Eu nunca vou estar em outro lugar. — Disse ele asperamente, então gentilmente ergueu-a em seus braços, abraçando-a com tanta força que o corpo dolorido protestou.

— Ouch! Hum, Ven, não tão apertado, certo? — Ela disse, levantando a mão para tocar os fios de seu cabelo. As ondas escuras de seda escorregaram por entre os dedos enquanto seu braço caía para o lado dela.

Ele afrouxou o aperto sobre ela e levantou-a completamente em seu colo, compulsivamente, passando as mãos pelos braços e costas.

— Você está viva. — Disse ele. — Voltou para mim.

Ela piscou para ele.

— Viva? Voltou? Onde foi que eu fui?

— Além da porta da própria morte, a fim de curar minha mulher e nosso filho. — Disse uma nova voz.

Erin virou a cabeça, de repente percebendo que ela estava sentada no colo de Ven e eles não estavam sozinhos. O rosto corou enquanto examinava a pequena multidão que se reuniu na aberta e brilhante sala. Algumas mulheres com vestes cor de jade cobriam as paredes, e um grupo de homens que eram claramente guerreiros formavam um semicírculo atrás do casal que estava na frente de Ven e Erin.

O homem que falara se ajoelhou na frente dela, enquanto segurava firmemente a mão da mulher de cabelos vermelhos.

— Riley. — Erin disse, lembrando-se. — Você está bem? O bebê está...

O homem ajoelhado olhou para ela. Ele usava uma camisa branca simples, mas elegante e calças escuras, e tinha uma notável semelhança com Ven. Este devia ser o irmão de Ven, Conlan.

Mas seus olhos não tinham a coisa brilhante azul no centro. Em vez disso, eles tinham mais dor do que Erin podia suportar ver. Dor e algo mais.

Possivelmente gratidão.

— Estamos bem, Erin. Nós dois estamos bem, por sua causa. Nunca poderei agradecer o suficiente. — Disse Riley. Era verdade, a acinzentada palidez doentia dela se fora e ela realmente brilhava com saúde.

— Qualquer coisa. — O homem que Erin assumiu ser Conlan disse. — Qualquer coisa que você desejar de nós, terá, até e incluindo uma parte do tesouro real ou terras e um título aqui em Atlântida.

Os guerreiros atrás deles — Erin reconheceu que Alexios e Denal estavam entre eles, mas não o de cabelo azul, Justice — todos se ajoelharam como um e inclinaram suas cabeças.



— Nossas vidas pela sua. — Denal gritou, e Erin começou a realmente ficar alarmada.

— Ok, deixe-me levantar, Ven. É mortificante estar sentada em seu colo. — Ela sussurrou para ele, lutando para se sentar. Sua força voltava lentamente, e tinha energia para ficar de pé, embora tivesse que dar a Ven um olhar sério para fazê-lo libertá-la.

Ela se ajoelhou na frente de Conlan e Riley.

— Ok, eu não sei nada sobre etiqueta real, mas parece que eu deveria ser a pessoa ajoelhada ou curvando-se ou fazendo uma reverência, só que realmente não sei como reverenciar, então você vai se levantar? — Ela implorou. — Isso é muito difícil para mim, e não tenho ideia do que aconteceu, ou, na verdade, o que foi que eu fiz para ajudar Riley, então estou me sentindo seriamente perdida.

O homem levantou-se para ficar de pé e, tomando-lhe a mão nas suas próprias, puxou-a para encará-lo.

— Eu sou Conlan, Príncipe Supremo de Atlântida, que em breve será rei e governador das Sete Ilhas. Prometo meu serviço a você em troca do dom de curar que concedeu a minha família. — Declarou, e a sinceridade absoluta em sua voz matou a pequena vontade de sorrir que as palavras suscitaram em Erin. Não era todo dia que uma garota tinha um príncipe supremo prometendo algo a ela.

De repente, ela se lembrou de que ele não era o único príncipe no quarto e lançou um olhar para Ven, suas bochechas esquentando tudo de novo. Bem. *Isso* ia ser complicado.

Ela esboçou um sorriso hesitante para Riley, que tinha uma mão protetora cobrindo a pequena protuberância em seu abdômen.

— Estou contente por ter ajudado. Não sei exatamente o que fiz, mas estou feliz por ter ajudado você e o bebê.

Riley cobriu o espaço entre eles em dois passos e puxou Erin em um abraço forte.

— Obrigada, Erin. Eu nem tenho palavras...

Enquanto sua voz sumia, Riley se afastou do abraço, mas não retirou as mãos dos ombros de Erin. Em vez disso, olhou nos olhos de Erin com seu próprio olhar azul escuro. Nada girando e brilhante aconteceu, como com Ven ou Alaric, então Erin esperou, cautelosa, mas sem medo.

— Hum, o quê?— Ela finalmente perguntou.

— Tanta dor. — Riley sussurrou. — Ninguém para abraçá-la ou oferecer-lhe conforto em tantos anos. Sua família... sua mãe... oh, eu sinto muito, Erin.

Erin se afastou dela, chocada que Riley estivesse casualmente lendo suas memórias mais torturadas, como a capa de alguma revista de tabloide trashy.



— Como você se atreve? — Ela atacou. — Você pode ser uma espécie de realza atlante, mas isso não lhe dá o direito de remexer na minha mente.

Ven colocou seus braços em torno de Erin, e o calor do corpo em suas costas ofereceu alguma medida de conforto, até as palavras de Riley aparecerem no fundo de sua memória. *Ninguém para abraçá-la*. Ela enrijeceu e se afastou dele.

Conlan começou a falar, mas Riley colocou a mão em seu braço.

— Não, ela está certa. Estou verdadeiramente arrependida, Erin. Não sou nada atlante, mas, sim, noiva do príncipe, entretanto... de qualquer forma, isso não é importante. — Ela mordeu o lábio. — Eu sou o que os atlantes chamam de *aknasha*, e isso significa empatia emocional. Quando eu toco alguém e há emoções tão fortes enterradas logo abaixo da superfície, há uma espécie de quebra em mim. Além disso, eu não me protegi antes de tocar em você. Enfim, eu sinto muito, muito.

Como acontecera com Conlan, havia tanta sinceridade em sua voz que era difícil para Erin ficar com raiva. Especialmente porque estava tão exausta que se perguntava quanto tempo seria capaz de ficar de pé.

— Não, está tudo bem, eu acho. Não deveria tê-la atacado, provavelmente é ruim para o bebê ouvir vozes altas. — Disse ela, oferecendo um sorriso fraco.

Ven riu e colocou os braços ao redor dela, então sentiu o estrondo da risada dele contra suas costas.

— Se isso for verdade, nós teremos a necessidade de obter alguns tampões, a fim de colocá-los por mais alguns meses em torno desta equipe. — Disse ele.

Denal se moveu para ficar perto de Riley, e falou sorrindo.

— Sem contar aqueles filmes antigos horríveis que você e Riley assistem, Ven. Se o bebê sair parecendo-se com Bela Lugosi¹¹ e Vincent Price¹², vamos saber de quem é a culpa.

Riley estremeceu, mas sorria.

— Meu bebê, definitivamente não vai se parecer com uma estrela de um velho filme de terror. *Ela* vai se parecer apenas como o pai dela.



¹¹ ator húngaro (1882- 1956) tornou-se famoso pelo seu papel de Drácula numa encenação da história clássica de vampiro de Bram Stoker, e teve como especialidade os filmes de terror.



¹² (1911 -1993) ator norte americano cuja alcunha era o Mestre do Macabro por ter sido especialista em filmes de suspense e terror.



Conlan colocou um braço em volta da cintura de Riley, e o olhar que eles trocaram estava preenchido com muito amor e esperança que causou uma pontada em algum lugar no peito de Erin. Um desejo de que alguém, em algum momento, a olhasse assim.

A memória do rosto de Ven quando acordou brilhou em sua mente, mas a anulou. Não havia tempo para pensar em saudade ou aparência ou qualquer outra coisa que começou com a am... De repente, a fraqueza de sua exaustão bateu violentamente contra ela e a sala rodou em um caleidoscópio louco de luz e cor. Encostou-se em Ven. Ele imediatamente a pegou nos braços e ficou segurando-a como se ela fosse uma criança.

Ou alguém que ele cuidasse.

De qualquer maneira, ela estava muito desgastada para discutir sobre isso.

— Erin precisa descansar. Amanhã de manhã cedo discutiremos o que precisamos fazer em seguida. — Ven disse a seu irmão.

Conlan assentiu.

— Riley deve descansar, também. Voltemos ao palácio, e em seguida, vamos fazer uma convocação para a parte da manhã.

Erin bocejou um pouco, depois sorriu para Riley.

— Eles são sempre assim? Batendo em seus peitos?

Riley riu quando o marido a tomou em seus braços.

— Não, confie em mim. Às vezes é pior. Espere até chegarem à árvore balançando.

Erin riu alto enquanto Ven fazia um pequeno barulho rosnando para ela e saiu do templo. Atrás de si, ela ouviu a voz confusa de Denal.

— O que ela quis dizer com árvore balançando?

Erin sorriu para Ven, e uma sugestão de um sorriso cruzou seu rosto sombrio. Em seguida, ele fez a coisa da cintilação e levou-a para o palácio, e ela colocou todos os pensamentos de missões, vampiros e cantora de pedras preciosas fora de sua mente, apenas por aqueles preciosos poucos minutos, e voou pelo ar como em uma história de princesa de um conto de fadas de uma criança, amando cada minuto disso.

Capítulo 12



O palácio, Atlântida

Ven se sentou ao lado da cama de Erin, na cadeira que arrastou pelo quarto, e velou seu sono. A luz da lua atlante pincelava de prata suas feições delicadas. Ele estava lá por horas, depois de quase ter arrancando a cabeça de Conlan por ele ter sugerido que deveria deixá-la tempo suficiente para descansar um pouco.

Seus dedos ansiavam por se aproximar e acariciar seus cabelos, mas não queria correr o risco de acordá-la. O gosto metálico de angústia subiu em sua garganta como bile pela memória de seu colapso. Todos os seus instintos gritavam para colocar as mãos sobre cada centímetro de seu corpo, para provar que ela ainda estava viva. Apesar de estar brincando, queria colocar as mãos sobre cada centímetro de seu corpo desde o instante em que a conheceu.

Fechou os olhos e recostou-se na cadeira, tentando relaxar, tentando lembrar-se de qualquer uma das técnicas de profunda meditação que aprendeu em seus longos anos de treinamento guerreiro. Algo para impedi-lo de rasgar as roupas dela e pular sobre ela seria bom. Seria *ótimo*, mesmo.

A adrenalina pelo seu colapso, combinado com o imenso alívio que sentiu quando ela reviveu e abriu os olhos, gerou uma sobrecarga crítica de testosterona alimentando, totalmente até o limite, a luxúria.

Apenas tirar seus sapatos, suéter, calças jeans o deixou tremendo de necessidade. Ela era toda curvas arredondadas e pele macia, suave em sua camisa branca lisa e lingerie rendada, e os vislumbres que pegou antes de puxar as cobertas sobre ela o fizeram imaginar onde o chuveiro gelado mais próximo poderia estar. Infernos, ele era um príncipe de Atlântida. Poderia invocar uma chuva gelada ali mesmo na sala.

Apertou a mandíbula, com nojo de si mesmo. Ela quase não sobreviveu, e tudo o que conseguia pensar era no primeiro mergulho de seu pênis no corpo dela. Era a escória. Era menos do que uma escória.



Fale sobre o sua autoestrada para o inferno. Falando nisso, ele adoraria um pouco de clássico AC/DC agora mesmo. Ou talvez Elvis. Elvis sempre era bom. O rei era o porta-estandarte dos “sem laços, sem compromissos”, dos “vamos-sempre-brincar” solteiros.

Caramba, mas eu sinto falta de Elvis.

Ela se mexeu em seu sono, talvez pegando partes de “A Little Less Conversation”¹³ correndo por sua mente. Ela não parecia ser uma leitora de mente, mas tinha alguns talentos esquisitos quando se tratava de algo musical. Infernos, com uma mulher como aquela ao redor, ele estaria com medo de cantar no chuveiro.

Sem poder evitar, riu alto com o pensamento de Erin criticando sua voz rouca, em seguida, colocou a mão sobre a boca para abafar o som. Mas já era tarde demais. Ela abriu os incríveis olhos azuis, e sorriu para ele, e ele estava perdido.

Adeus, Elvis.

— Eu dormi por muito tempo? — Ela sussurrou.

— Poucas horas. Volte a dormir, ainda está escuro. — Disse ele, finalmente cedendo à vontade de acariciar as mechas pálidas de seu cabelo para longe do rosto. As ondas longas escorregaram por entre os dedos como a mais pura seda de Atlântida, e a sensação tátil atirou um raio de calor diretamente através dele. Mudou de posição na cadeira e esperou que ela não percebesse que estava tão ridículo que ficou ligado apenas tocando seu cabelo. Ok, ainda mais ligado do que já esteve.

Caminho diretamente para o inferno.

Embora ela nunca tenha fixado o olhar em seu rosto.

— Não era um sonho, não é? Ouvi sua música, Ven. — Disse ela, respeito e admiração infundidos em seu tom. — Eu ouvi o interior de sua alma.

— Pobre de você. Aposto que era muito assustador. Soava como? Um pouco wagneriano¹⁴? Música de rock metaleiro de uma banda de música de garagem de, infelizmente, crianças sem talento do ensino médio?

Ela balançou a cabeça e sorriu de sua tentativa de piada, em seguida, tentou sentar-se. Ele a ergueu na vertical para que ela pudesse descansar sobre os travesseiros, depois se forçou a deixá-la por tempo suficiente para sentar-se na cadeira e agir indiferentemente. Como se tocá-la não o afetasse em tudo. Sr. Frio. Sr. Casual.

Sr. cheio de merda.

¹³ Música de Elvis Presley cuja tradução é “Um pouco menos de conversa”. Vide em <http://www.youtube.com/watch?v=CkCWVNaX6-k>

¹⁴ Estilo de música neorromântica do compositor Richard Wagner.



— O que era aquele lugar? O que aconteceu comigo? Ouvi uma mulher... Ela cantou para mim, Ven. Foi tão lindo que quase não podia suportar. Disse algo sobre eu ter voltado para ela. Você ouviu aquilo?

— Eu a ouvi. Acho que era a deusa Nereida, Erin. Tinha que ser ela. Marie ouviu, também, e como Primeira Donzela ela a ouviu antes, mas apenas três outras vezes, disse ela. — Ele chegou ao seu lado, necessitando de contato.

Ela entrelaçou os dedos em torno dele, em seguida, olhou para suas mãos unidas.

— O que é isso entre nós, Ven? Porque essa ligação tão forte, quando nós acabamos de nos conhecer? Como você pode ouvir as minhas pedras preciosas cantarem?

— Eu gostaria de saber. — Ele puxou gentilmente seus dedos dos dela e levantou-se para andar pela sala, usando o movimento para combater a incerteza. Considerou brevemente evitar a pergunta, mas ela merecia algo melhor.

Finalmente parou ao lado de sua cama, atraído de volta à sua presença por uma força mais forte que sua própria vontade, e usou a verdade como um escudo.

— Eu não sei como responder nada disso, Erin. Sirvo como Vingador do Rei, e eu jurei proteger meu irmão com a minha vida. Ele é a minha honra e o meu dever, e é meu privilégio estender essa proteção a Riley e ao bebê por nascer.

Algo provocou um obscurecimento no azul cristalino dos olhos.

— Riley é muito importante para você, não é? Você... você está apaixonado por ela?

— Riley? Não, eu nunca a encontrei até que ela e Conlan já estavam comprometidos um com o outro, mesmo que tenha demorado um pouco para eles admitirem. Ela é como a irmã que nunca tive. — Ele se sentou na beira da cama e pegou a mão dela novamente. — É interessante você ter perguntado, no entanto. — Ele acrescentou, sorrindo.

Ela corou, e mesmo na penumbra da janela, ele podia ver seu rosto e pescoço virar um vermelho escuro.

— Não sou ciumenta, nem nada. Isso seria ridículo.

— Sim, bem, eu queria golpear Justice no chão quando você sorriu para ele. Ser ridículo não parece ser um fator para isso. — Disse ele.

Seus lábios se separaram, e ele teve que apertar a mandíbula fechada e firmar seus ombros contra a vontade de curvar-se e beijá-la até que ela pedisse a ele para subir na cama com ela. Pedisse para levá-la, mais e mais, até que estivesse tão longe dentro dela que ela cantasse novamente. Cantasse apenas para ele.



Seu corpo estava cantando sua própria música no pensamento, mas era mais como um maldito marinheiro de Limerick¹⁵. Ele teve que deslocar-se na cadeira para aliviar a pressão do aperto de suas calças.

Novamente.

— O que você acha de fazer uma pequena pausa de ser razoável e racional? — Ela sussurrou.
— O que você diria se eu lhe pedisse para me segurar, apenas me segurar até de manhã?

A fome queimava dentro dele, exigindo que ele a conquistasse, que ela se rendesse. O guerreiro para o qual nascera e treinara para ser queria saquear. O homem que queria ser, para ela, só por um pouco de tempo, empurrou a fome de lado e procurou desesperadamente por seu autocontrole.

— Erin, se precisar de mim para segurá-la, eu simplesmente adoraria. Na verdade, não pensei em mais nada desde que a toquei, se quer saber a verdade.

Ela lhe deu um sorriso trêmulo, jogou as cobertas de seda da cama de lado, e estendeu os braços para ele.

— Então me abrace, Ven. Faça-me sentir segura novamente.

Com cuidado, com muito cuidado, ele subiu na cama ao lado dela e puxou-a em seus braços, percebendo enquanto fazia aquilo que ele era o único a se render. Quando ela aninhou a cabeça em seu peito, sua música irrompeu entre eles, pulsando quente e insistentemente. Ele forçou sua respiração a abrandar, tentou se concentrar em alguma coisa, qualquer coisa, que não fosse a urgência do desejo agarrado a ele.

Pegou uma de suas mãos entre as suas e ponderou sobre os anéis nos dedos longos.

— É a opala, não é? As opalas e esmeraldas cantam quando estamos juntos?

Ela tremeu em seus braços e virou o rosto para seu peito. Os perfumes das flores da primavera e do cabelo derrubaram a tampa de sua sanidade apenas um pouco mais, e ele não podia deixar de inalar o cheiro dela. Esfregar o rosto em seu cabelo.

Querer marcar o seu território, marcá-la, reclamá-la.

— Sim. — Respondeu ela, as palavras abafadas por sua camisa. — São sim..., são as esmeraldas e opalas que cantam.

As palavras o distraíram um pouco das chamas abrasadoras através de suas terminações nervosas.

— O que significa, Erin? Por que posso ouvi-las também? Qualquer pessoa pode ouvi-las?

¹⁵ Cidade irlandesa cuja história remonta aos tempos dos vikings.



Ela respirou fundo e olhou para ele.

— Não. Na verdade, nos dez anos desde que fiz dezesseis anos e meu dom se manifestou, nenhuma pessoa que não seja você já ouviu minhas joias cantarem. E as esmeraldas, as esmeraldas nunca cantaram antes de conhecê-lo. Nem mesmo para mim.

Seus braços apertaram ao redor dela. Elas só cantavam para *ele*. Como se ele a fizesse cantar. Algo dentro dele levantou a cabeça e rugiu. Sua respiração se acelerou e ele rolou para trás dela alguns centímetros, tentando manter distância. Tentando não se lançar sobre ela como o predador que era.

As joias. Nós estávamos falando sobre as joias. Concentre-se.

— O que elas cantam para você? — Perguntou ele. — Será que as músicas têm significados? Por que estão tão quietas agora? Quero dizer, não sendo grosseiro, mas este é um contato pele-a-pele. Imaginei que estariam cantando uma tempestade.

Ela se aproximou dele, com sua própria respiração acelerada, áspera.

— Podemos sempre experimentar um pouco, com a coisa de pele-a-pele. Agora, porém, estou focando em mantê-las sob controle com tudo o que tenho.

Seus braços se apertaram ao redor dela e ele não conseguia parar as palavras de sair correndo. Não foi possível combatê-la por mais tempo.

— Deixe, Erin. Solte e veja o que acontece.



Erin ficou imóvel nos braços de Ven, congelada pelo que ele disse. Soltar? Soltar, quando parecia que todo seu corpo estava perto de pegar fogo a partir do contato com o corpo duro e musculoso? O calor da atração entre eles, provavelmente, iria explodir a cúpula clara de Atlântida se ela soltasse a magia. Falando em calor, o homem era uma fornalha, e estavam perto o suficiente para que ela pudesse sentir cada movimento enquanto seus músculos mantinham-se apertados.

O Sr. Guerreiro estava tentando muito duramente manter uma tampa sobre o seu autocontrole. Uma parte muito perversa queria saber quão difícil seria quebrar a tampa e seu controle.

Felizmente, a parte cautelosa dela era muito mais forte do que a parte má.

— Não posso soltar. Tenho medo do que pode acontecer. — Ela sussurrou, tremendo. — E se eu acidentalmente canalizar a Wilding novamente? Atlântida parece ter algum tipo de efeito ampliador sobre a minha magia. O que acontece se eu soltar e as ondas de choque desencadearem um terremoto ou algo assim?



— Shh. — Ele a acalmou, acariciando suas costas e braço, tocando seu cabelo. Pelo menos ele tentou acalmá-la. Algo sobre estar deitada seminua nos braços de um homem construído como se suas mais quentes fantasias sexuais viessem à vida não era o que Erin chamaria de calmante. Ele cheirava a couro e especiarias, homem puro e poderoso, e ela queria esfregar-se em cima dele. Seus mamilos enrugaram-se para pequenos brotos duros com o pensamento.

A respiração de Ven ficou retida. Oh, minha querida Deusa, ele não poderia ter sentido isso, não é? Calor escorria através dela com a ideia, mas então ele esfregou a parte de trás do pescoço e ela estremeceu, cedendo, os seios pressionados contra o peito, e a fricção do contato quase a fez gemer.

Sentia o calor líquido se reunindo em seu núcleo, sentia seu corpo se abrindo e se preparando, sentia a necessidade urgente de tê-lo quente e duro, profundo dentro dela. Tentou empurrar o desejo para longe. Tentou ficar calma. Percebeu a boca de Ven mover-se e as palavras saindo, mas tudo o que podia ouvir era o selvagem e lamentoso som de suas esmeraldas que lutavam para se libertar da fechadura com a qual ela mantinha o cerco sobre elas.

—... E Alaric protegia esta sala. — Continuou ele. — Ele estava... preocupado que você pudesse experimentar algumas repercussões da cura enquanto descansava e, bem, vamos apenas dizer que Alaric é Alaric.

Ela forçou uma risada.

— Certo. É o cara Sr. “A penalidade é a Morte”. Aposto que ele não teria qualquer dificuldade em apertar o interruptor, ou acionar a guilhotina, ou o que quer que vocês também façam aqui embaixo.

Ven colocou um dedo sob o queixo e inclinou a cabeça para cima de forma que apenas um suspiro os separava.

— Realmente achata meu ego saber que você está pensando em outro homem enquanto está na cama comigo. — Disse ele, as curvas perigosas de seus lábios em um sorriso sexy, mas seus olhos estavam planos e cautelosos.

— Mas...

— Diga-me mais tarde. — Disse ele, e então prendeu seus lábios com os dele, e qualquer tentativa de pensamento racional voou do seu cérebro. Foi um beijo lento e paciente, como se tivesse todo o tempo do mundo para saborear seus lábios. A língua brincava com ela até que se abriu para ele, e ele aprofundou o beijo, continuando a macia, suave exploração de sua boca.

Ela levantou os braços para envolvê-los em torno de seu pescoço e um pequeno gemido de profundo contentamento escapou de sua garganta, um tipo de som zumbido que ele pegou em sua



boca e, de repente, o beijo não era mais suave ou macio em tudo. Ele então se mexeu, e ela foi parcialmente para debaixo de seu corpo, longo e duro, e o calor e o peso dele pressionavam suas costas contra os travesseiros. Ela se agarrou a ele, beijou-o, inalou seu aroma quente e picante em seus pulmões e queria mais.

Ele levantou a cabeça, sua respiração irregular, e olhou em seus olhos.

— Você me pediu para abraçá-la. Você queria se sentir segura, e eu estou me aproveitando disso. Por favor, perdoe-me, Erin. Eu não sei...

Ela o interrompeu, puxando sua cabeça novamente para ela e murmurou sua resposta.

— Acho que sou a única tirando vantagem de você. Beije-me outra vez, Ven. Nós só temos esta pequena janela de tempo antes que a realidade volte. Beije-me outra vez, e vamos ver quão bom Alaric é guardando este quarto.

Seus olhos queimaram com calor e surpresa e ele sorriu, um sorriso feroz de triunfo e de posse quase selvagem que poderia tê-la assustado se ela não estivesse se sentindo da mesma forma. Então, ele tomou sua boca novamente, e ela se perdeu.

Ela libertou seu apertado controle sobre a magia, sobre suas pedras preciosas, sobre a paixão que batia por seu corpo. Cada centímetro dela estava sensibilizado por seu toque. Seus mamilos se apertaram dolorosamente dentro da renda do sutiã, e sentiu o calor e o desejo rasgando seu corpo e pulsando entre suas pernas. Moldou os bíceps duros dele com as mãos, passando-as para cima e para baixo, nos braços e ombros, maravilhada com a forma musculosa do peito e do corpo.

As pedras em seus anéis, liberadas da prisão que forçara sobre elas, cantavam alegremente. O canto das esmeraldas e opalas se harmonizou para criar uma poderosa sinfonia de alegre desejo, que brincava pelo seu corpo, através de seu corpo, através da sala. Às primeiras notas da música, Ven gemeu e curvou uma mão em seu cabelo para apertar a parte de trás da cabeça. Ele se mexeu um pouco e de repente o calor duro dele estava centrado entre as coxas dela e ela sentiu as boas-vindas líquidas de seu corpo em reação.

Ainda beijando-a, tocou-lhe o pescoço, o ombro, e então sua mão suavemente acariciou o lado de seu seio, e ela desistiu da luta, rendeu-se, ao longo do jogo, não sendo mais a Erin racional.

Ela resistiu contra ele e esfregou cada centímetro de seu corpo contra o dele, gemendo no fundo de sua garganta com a bondade, o aperto, o calor e a pura necessidade batendo.

As esmeraldas vibraram fortemente, em seguida, desapareceram numa música de fundo enquanto as sensações que derramam através de Erin assumiam o comando de seus sentidos. Quando ele esfregou o polegar sobre o mamilo dolorido, uma energia elétrica queimou através de seu corpo e se arqueou contra ele, inconscientemente repetindo seu nome, gemendo, implorando.



Ele parou de beijá-la por tempo suficiente para falar o nome dela com tanto sentimento, tanto desejo desesperado que ela estremeceu debaixo dele. As opalas cantavam para ela, para ele, para ambos; cantavam uma sonata de alegria e de lar. Mas as esmeraldas bateram seu pulso trovejante de desejo e necessidade sobre e em torno dela e de Ven até que ela pensou que o universo certamente explodiria se ele não se enterrasse dentro dela, agora, agora, agora mesmo.

Ele empurrou sua camisa um pouco, os olhos nela como se fosse pedir permissão, e ela respirou fundo e colocou as mãos em seus seios. Ele fechou os olhos por um momento, acariciando-a suavemente através de seu sutiã e, em seguida, abriu os olhos e deu um sorriso muito mau para ela.

— Você não deveria fazer isso com um homem, Erin. Porque você está tão fu... loucamente bonita, e ter minhas mãos em seus seios é como obter o melhor presente do mundo.

Ela olhou para ele, também inundada com sentimento e desejo de tentar brincar de volta na mesma moeda.

— Eu não sei por que, mas preciso de você agora. Meu corpo está em chamas e preciso que você me toque, Ven. Faz tanto tempo que alguém me tocou... Preciso de você. — Sua voz implorava, e ela se surpreendeu por não sentir vergonha do apelo gritante ao ouvir suas próprias palavras. Mas não tinha vergonha. Estava voando, estava queimando, ia morrer se ele não a liberasse da pressão explosiva se formando em seu interior.

Mas... oh, Deusa. Proteção.

— Espere! Eu não tenho nenhuma, quero dizer, precisamos de proteção! — Seu rosto ficou vermelho quente.

Ele imediatamente compreendeu.

— Nós estamos seguros. Poseidon não permite que seus guerreiros tenham filhos até que os abençoe no rito da fertilidade.

Ela mordeu o lábio.

— Hum, o que dizer ... Quer dizer, eu estou limpa, mas...

— Atlantes são imunes a doenças humanas, como você é às nossas, *mi amara*. Não há nada a temer.

Um sorriso travesso atravessou seu rosto e ela lançou um olhar direcionado para baixo entre seus corpos.

— Claro, não há nada a temer, fácil para você dizer. Para usar termos que vocês guerreiros podem entender, sou a única no fio de uma espada gigante que está se preparando para tentar encaixar na minha bainha.



Ele caiu na gargalhada, assim como ela, e o milagre da sua risada reacendeu a paixão. Lentamente, porém, o sorriso desapareceu de seu rosto, substituído por algo mais sombrio. Mais poderoso. Um predador espreitava por trás das chamas azul-esverdeadas brilhantes em seus olhos e ela prendeu a respiração por um instante.

— Estou honrado além da medida por suas palavras e seu desejo, *mi amara*. — Disse ele bruscamente, levantando as mãos para emoldurar o rosto. — No entanto, devo dizer o seguinte: quero fazer a coisa honrosa e dizer-lhe que vou recuar e somente te abraçar, mas meu controle está triturado. Nunca, em meus quase 500 anos eu quis alguma coisa ou alguém do jeito que quero você agora. Então, diga não ou diga sim, mas de qualquer forma, esteja condenadamente certa. Porque preciso estar dentro de você mais do que preciso ter minha próxima respiração.

Ela parou por um momento, mas seu corpo e a música em sua alma tomaram a decisão por ela. E sorriu para ele.

— Sim.

Ele fez uma pausa, depois balançou a cabeça uma vez, e olhou para ela com um foco único que lembrava novamente um predador espreitando sua presa.

— Agora. — Ele murmurou. — Agora.

Antes que ela pudesse recuperar o fôlego, ele agarrou a parte superior de sua camisa em suas mãos e rasgou-a para baixo até o centro. O som do tecido rasgando chocou-a pela rapidez. Suas mãos grandes eram surpreendentemente ágeis para desafivelar a frente do sutiã, e ele empurrou-o de lado e olhou para os seios com uma posse tão feroz estampada nas linhas de seu rosto, que ela estremeceu um pouco. Nenhum homem jamais a olhou assim, como se ela fosse tudo o que ele queria. Tudo o que precisava. O desejo dele se tornou seu afrodisíaco, girando-a ainda mais e aprofundando o desejo físico sem sentido.

Ele puxou-a em seus braços e beijou-a novamente. Quente, exigindo beijos, quase criando hematomas por sua intensidade, alternando longos e lentos beijos que levaram todo o pensamento racional de sua mente e a fizeram agarrar seus ombros para puxá-lo para mais perto de seu corpo.

Ele parou de beijá-la tempo suficiente para se levantar e arrancar as roupas até que estava ao lado da cama, orgulhosamente nu, a ereção se projetando na frente dele tão enorme quanto o resto do corpo. O desejo cresceu mais feroz e seu corpo cooperou, o calor lambendo através dela e o líquido necessário preparando-a para sua entrada.

— Sim. — Ela disse. — Agora. Por favor.

Ele puxou a calcinha pelas pernas e jogou-a por cima do ombro, pressionando um beijo em seu abdômen ao fazer isso, seu hálito quente fazendo os músculos do estômago apertarem em



reação. Seu olhar feroz de triunfo enviou arrepios de eletricidade através dela enquanto ele a pegava pelos ombros sem esforço, levantava-a em seus braços e beijava-a, passando as mãos pelas costas, encontrando sua bunda, apertando e amassando até que ela não aguentava mais isso. Precisava senti-lo contra ela, e pulou, colocando as pernas em torno de sua cintura.

Ele gritou uma risada e disse alguma coisa para ela, palavras saindo dele, as palavras ferozes em uma língua bonita, que ela não conhecia. Ele virou-se com ela em seus braços, em seguida, caminhou, segurando-a, contra a parede mais próxima e empurrou-a contra ele, de modo que ela ficou prensada entre a parede e mais de dois metros de musculoso e nu guerreiro atlante. Ela esfregou o corpo contra o dele, gemendo, não se importando que fosse uma desavergonhada devassa na escala bruxa, apenas sabendo que queria que a dureza esfregasse contra seus lugares mais sensíveis. O contato dos mamilos contra seu peito enquanto ela se movia a deixou insana, e gemeu novamente, de forma selvagem pela necessidade.

— Ven, eu preciso de você. Eu sei que é loucura, e não me importo, não *me importo*, só preciso de você. — Disse ela, além do constrangimento ou pretensão. — Preciso de você dentro de mim agora.



Ven ouviu as palavras e pensou que deveria estar sonhando com alguma fantasia da montanha dos deuses. A mulher mais intrigante que já conheceu a mulher cuja coragem, beleza e magia capturaram sua alma, *o* queria.

Queria-o *dentro* dela.

Queria-o *agora*.

Santas malditas bolas de Poseidon.

Estendeu a mão entre eles para ver se ela estava tão pronta para ele como estava para ela, e a sensação do calor úmido contra seus dedos atirou um raio de quente luxúria através de seu corpo direto para o pênis. Enfiou dois dedos dentro dela, tão profundamente quanto possível, e rosnou um aviso quando ela se contorceu contra sua mão. A besta dentro dele que era mais animal que homem, que lutou e lutou e matou por séculos, avisava-o para não tentar escapar dele. Mas ela disse:

— Sim, mais, sim. — Ofegando enquanto dizia, assegurando-lhe que ela não estava tentando fugir, e o animal se acalmou e deu lugar ao homem. Ven quase teve tempo de saber o que diabos estava acontecendo com ele antes de outra onda de luxúria montá-lo duramente e gemeu enquanto seu corpo se apertava, seus quadris se contraindo involuntariamente.



Louvado Poseidon, ela montava seus dedos e esfregava os seios contra ele, e ele tinha que entrar nela antes de morrer. Dobrou os joelhos, baixou a cabeça e pegou um mamilo apertado, perfeito em sua boca e chupou com força, os dedos ainda se movendo dentro dela. Ele encontrou seu clitóris com o polegar, esfregando-a no mesmo ritmo que seus dedos estavam se movendo, e ela pegou seu cabelo nas mãos e gritou seu nome.

Quando ela explodiu em torno de seus dedos, tremendo em suas mãos, ele gritou seu triunfo e sua posse, e virou-se e atravessou a sala em um salto com ela ainda em seus braços. Antes que pudesse mudar de ideia, ou voltar a seus sentidos e perceber que um guerreiro aguerrido nunca seria o suficiente para ela, ele deitou-se na cama e puxou-lhe as pernas. Colocou as mãos sobre a parte de trás de suas coxas e segurou-a aberta para ele. Olhou para suas dobras lisas, inchadas e murmurou uma promessa de que iria saboreá-las em breve. Teria que enterrar o rosto, os lábios e língua em seu mel e prová-la até que ela gritasse e gozasse em sua boca.

Ela estremeceu com as palavras dele, e ele perdeu o poder da fala.

Ele tentou dizer a ela o quanto era bonita — o quanto era especial.

Tudo o que saiu foi

Minha.

Ela olhou para ele com um olhar de paixão encharcada, ofegante pelo seu orgasmo, o desejo ainda cintilando no glorioso azul de seus olhos.

— Ven?

— Minha! — Ele repetiu, incapaz de formar palavras, incapaz de compreendê-las. Por que ela ainda conversava?

Ela moveu-se, ergueu a mão para empurrar uma mecha de cabelo do rosto, e o movimento desencadeou o predador, o conquistador dentro dele, que exigia que ele tomasse posse desta mulher.

Sua mulher.

— Minha. *Agora.* — Ele rosnou, e então centralizou-se sobre ela e olhou em seus olhos mais uma vez, a sanidade tentando levantar a cabeça, a honra dando-lhe uma última chance de mudar de ideia.

Mas ela sorriu para ele e balançou a cabeça e disse a palavra mais bonita que ele já ouviu.

— Sim.

Naquele momento, ele moveu-se de modo que não bloqueava mais a janela, e a luz da lua brilhou através de seu corpo enquanto estava aberto para ele, transformando-a de volta na deusa que ela era no Templo das Nereidas.



Ele parou por um instante, compreendendo, em algum nível primitivo que estava prestes a fazer amor com uma deusa que virou humana. Sem se importar com o preço que pudesse pagar por isso.

Minha.

Em um impulso poderoso, ele dirigiu seu pênis todo o caminho dentro do calor liso e ele gritou novamente, gritou o nome dela, gritou sua reivindicação em antigo atlante, a única língua que o cérebro podia se lembrar.

Ela apertou em torno dele e gritou, envolvendo suas pernas ao redor da cintura e cravando os calcanhares em sua bunda, e não o afastou, mas puxou-o para mais perto, e ele estava muito ansioso para começar com esse programa específico,

Oh, obrigado Poseidon.

— Erin, se você fizer isso de novo, vou gozar agora como um maldito filhote. — Disse ele, ofegante, enquanto ainda se segurava por um momento, e então percebeu tardiamente que disse as palavras para ela em sua língua nativa e repetiu-as na língua dela.

— Bem, então nós apenas temos que tentar de novo, não é? — Disse ela, mordendo o lábio para conter o sorriso que se formava.

Ele se inclinou e capturou seus lábios novamente, beijando-a até que ele inalasse sua respiração, sua música e sua alma.

— Diga meu nome, Erin. Diga que me quer. — Ele perguntou, puxando-se lentamente para fora de seu corpo, em seguida, mergulhando de volta, mais e mais, acelerando o ritmo em resposta aos pequenos gemidos e suspiros dela debaixo dele.

— Eu... sim. Ven. — Ela respirava. — Eu quero você, oh Deusa, Ven, eu o quero mais do que nunca quis ter nada na minha vida.

Algum instinto primitivo, no fundo, nas águas primordiais de sua ascendência genética rugiu seu triunfo. Cada músculo de seu corpo se apertou ao ouvir o som de seu nome na voz melodiosa. Seu pênis inchou e endureceu até que o atrito de sua apertada bainha molhada o ensandecesse com a sensação.

Sua música irrompeu novamente, as canções das esmeraldas e opalas se ergueram através do quarto e através dos dois enquanto seus membros se entrelaçavam e seus corpos se uniam. Ele empurrou nela mais e mais profundamente, levando mais longe dentro dela a cada impulso. Erin de repente engasgou, arrastando as unhas nas costas e apertando-se ao redor dele enquanto explodia, gritando seu nome enquanto gozava. A força de seu orgasmo o levou ao limite, e ele empurrou nela, tanto quanto poderia ir e se segurou, segurando-a firmemente em seus braços, enquanto ele pulsava



a sua liberação dentro dela. Em seguida, ele caiu ao lado dela, puxando-a com ele para que permanecesse em seu corpo, cuidando para não esmagá-la com o seu peso.

— Ven, eu... — Ela começou, mas depois fez um som ofegante engraçado, e a música que estava voando pelo quarto explodiu dentro de sua cabeça. Um arco-íris de música, um nascer do sol de melodias, um concerto cantado pelos anjos e tocado pelas Nereidas, lançou-se em espiral através da sala e através de ambos, e a força disso bateu Ven de volta contra os travesseiros, ainda apertando Erin em seus braços, a saciedade dando lugar a uma nova onda incrivelmente poderosa, levando a fome.

Mas de repente o esplendor e o poder da música explodiram através de seus escudos mentais e talvez através deles também, porque ele olhou em seus olhos e viu as profundezas de sua alma.

Viu o assassinato de sua família — ela esteve lá. Ela viu tudo, tentou ajudar, tentou impedir, foi espancada e esfaqueada, Calígula e seus escravos a deixaram para morrer.

A coisa toda foi jogada em sua cabeça como um filme violento, com uma trilha sonora do menor dos nove infernos. A mãe delas e as irmãs chorando e gritando enquanto morriam.

Erin havia se arrastado para o Círculo, ferida, quase morta, e exigiu que a treinassem, mas tinha apenas 16 anos de idade.

Ele viu a sua força, sua solidão, seu desespero. Sua condução precisa para vingar a família.

Viu isso e sentiu sua admiração pela conexão tão tangível, poderosa de um homem que acabara de conhecer.

Ele viu sua alma, e caiu no precipício do abismo. Forte, destemido guerreiro que era, Ven repentinamente estava mais assustado do que jamais esteve em meio milênio de sua existência, porque percebeu que se ele viu em sua alma brilhante pela sua coragem e luz, era altamente provável que ela tivesse visto os cantos negros e torcidos *dele*. Ele fechou os olhos quando uma lâmina mais cortante do que qualquer espada afiada se contorceu em seu intestino.

Fim de Jogo.

Não havia nenhuma maldita maneira que ela o quisesse agora.

Erin agitou-se ao lado dele, e ele resistiu ao desejo de abrir os olhos, com medo de que ela estivesse saindo da cama para correr tão longe e tão rápido quanto podia. Em linha reta para longe dele. Não que pudesse culpá-la se ela o fizesse. Se ele não a visse sair, talvez não fosse doer tanto.

— Ven. Ven, eu sei que você está acordado. Olhe para mim.

Ele sentiu o toque no lado de sua face, suave e gentil. Seus olhos se abriram, mas ele não falou. Não podia falar.



Seus olhos eram enormes, um azul sufocante. Ele pensou que poderia cair nas profundezas deles e nunca sair. Mas ainda não podia falar.

— Eu vi dentro de você, Ven. — Ela disse, sua voz falhando um pouco. — Vi as coisas horríveis que foi forçado a fazer. Coisas terríveis, por muito tempo. Dançando com a morte mais e mais para proteger sua família, para proteger seus companheiros guerreiros. Acima de tudo, para proteger a humanidade.

As lágrimas se derramaram por seus cílios e rolaram pelo rosto.

— Oh, os votos, sua mãe... seus pais. Sinto muito.

Ele tentou empurrar as palavras através da dor na garganta. Tentou criar uma defesa que iria fazê-la ver o passado, o monstro que tinha que ser, o homem que poderia se tornar.

Tentou informá-la que ele nunca iria deixar de protegê-la, como quando falhou em proteger sua mãe. Quando não conseguiu proteger Conlan.

Tentou encontrar as palavras que fariam com que ela quisesse ficar.

Mas antes que ele pudesse encontrar palavras em tudo, ela enrolou-se em seu peito, puxando as cobertas por cima de ambos.

— Estou aqui agora. — Ela sussurrou. — Deixe de lado um pouco a dor e deixe-me abraçá-lo.

Ele apertou os braços em torno dela em uma prece de alívio sem palavras. Ela não era nada que ele sempre quis — humana, cantora de pedras preciosas e bruxa.

Era tudo o que necessitava.

Por muito tempo, muito tempo depois que ela adormeceu, exausta pelo dia e pela atividade sexual deles, ele simplesmente segurava-a e velava seu sono.

Capítulo 13





Palácio, Atlântida

Ven abriu os olhos, passando de dormindo para totalmente alerta no espaço de um segundo, instintivamente estendendo a mão para suas armas e encontrando os braços cheios de mulher quente, em vez disso.

— Então, você está finalmente acordado, dorminhoco. — Erin murmurou. — Conte-me sobre este símbolo em seu peito. — Ela traçou com um dedo, o símbolo de seu juramento a Poseidon, no alto do lado esquerdo do peito. Ele pegou a mão dela, trouxe-a para sua boca, e beijou suavemente a palma da mão. Se ela não quisesse falar sobre o que aconteceu, ele iria dar-lhe tempo para processar. Não era como se estivesse preparado para chegar à fusão de almas com uma mulher que conhecia apenas há alguns dias.

Na verdade, não tinha certeza se estava preparado para *alguma vez* chegar a uma fusão de almas, pensou, fracas melodias de outra canção de Elvis cantando uma despedida desapareciam em sua mente. A fusão de almas não era uma prisão, no entanto. Liberdade ainda governava toda a escolha. Um breve pensamento de Erin escolher outro homem passou por sua mente e seu intestino torceu com náuseas e raiva.

Livre-arbítrio coisa nenhuma.

Respirou fundo e forçou sua mente para longe de qualquer coisa a ver com a fusão de almas.

— Poseidon tatua esse símbolo em cada um de seus guerreiros quando juramos nosso juramento de servi-lo. Como você dormiu, *mi amara*? — Ele entrelaçou sua mão através das ondas de seda de seu cabelo, espantado que fosse *real*, que *ela* fosse real e ainda estivesse com ele na cama.

Ela também ainda estava nua, o que era um plus.

Erin se inclinou e deu um beijo suave em seus lábios, sorrindo, mas com um toque de timidez em sua expressão.

— Eu dormi bem. Estava praticamente inconsciente, para ser honesta. Após o... hum. Bem. Podemos falar sobre isso mais tarde.

Ele começou a falar, sem saber o que nos infernos ia dizer, mas ela colocou um dedo sobre os lábios.



— Shh. Conte-me sobre este símbolo, por agora. — Ela tirou o dedo de seus lábios e bateu-o em seu peito. — O que significa isso?



— O círculo representa todos os povos do mundo, e o triângulo é a pirâmide do conhecimento transmitida a sua espécie pelos nossos queridos antigos. — Explicou. — O tridente de Poseidon abrange e protege as duas — humanidade e conhecimento — para mantê-los em fideicomisso para o futuro. Como guerreiros jurados de Poseidon, realizamos essa tarefa.

— Então, é isso que você está fazendo comigo? — Perguntou ela, de repente, não encontrando seus olhos. — Seu dever?

Ele sorriu e ela caiu de costas e virou-se.

— Oh, não, confie em mim, o dever nunca foi tão divertido. Mas se você sentir que é meu dever fazer amor com você o dia inteiro, certamente eu posso...

Fortes batidas na porta o interromperam no meio da frase e ele levantou-se e saiu da cama. Enquanto isso se inclinou para pegar as adagas de suas bainhas na calça descartada, e deu um curto comando nítido.

— Identifique-se!

Ele olhou para Erin. Ela fugiu para trás até a cabeceira da cama de madeira e sentou-se com o lençol dobrado debaixo dos braços, cobrindo o peito e o corpo, mas mantendo os braços livres e as mãos estendidas, com as palmas para cima, claramente pronta para invocar a sua magia. Não parecia nem um pouco assustada.

O que o irritou.

— Talvez você devesse estar um pouco mais preocupada com sua segurança. — Disse a ela, em seguida, virou-se para a porta e gritou uma repetição de seu comando anterior. — Eu disse, identifique-se!

— Sério? Estou em perigo, mesmo em Atlântida? — Erin atirou de volta para ele. Era uma pergunta razoável, e isso o irritou ainda mais. Mas seus instintos gritavam, para proteger e defender, e ele estava malditamente bem com aquilo.

A voz de Christophe entrou pela porta, e parecia irritado.



— Desculpe, desculpe. A proteção de Alaric bateu na minha bunda por um minuto. Aqui é Christophe. Conlan quer que você saiba que Alaric convocou uma reunião. Supostamente devemos todos nos reunir no Templo das Nereidas em cerca de vinte minutos. Especialmente você e a bruxa.

Ven caminhou até a porta e abriu-a apenas o suficiente para que ele pudesse ver, mas Christophe não podia ver o interior do quarto.

— O nome dela é Erin.

— Uh, huh!— Christophe disse, sacudindo a cabeça e olhando para o teto sobre a porta de modo que ele estava olhando para qualquer lugar, mas o que Ven esquecera era seu corpo inteiramente nu. — Talvez você possa se vestir antes de ir. Sei que falo por todos nós quando digo que você é feio o suficiente com suas *roupas*.

Ven fechou a porta enquanto Christophe caminhava pelo corredor, rindo de sua bunda de fora.

Erin parecia que não conseguia decidir se devia rir ou gritar com ele. Infelizmente para ele, o riso perdeu. Ela pulou da cama e começou a pegar suas roupas. Ven passou cerca de dois segundos se perguntando por que ela estava brava com ele, em seguida, perdeu a linha de pensamento quando ela se inclinou e ele teve uma visão perfeita de sua bunda extremamente deliciosa.

— Pelos deuses, você é linda. — Disse ele, seu corpo endurecendo com a visão da pele impecável.

Ela levantou-se abruptamente, rubor vermelho em seu peito, pescoço e rosto, e segurou a roupa na frente dela.

— Não era... isso não era para seu benefício. Enfim, pensei que você tivesse percebido até agora que não sou uma mulher indefesa que vai se esconder atrás de você cada vez que possa haver problemas, sou o que seu amigo me chamou: bruxa. E uma muita poderosa, também.

O bom humor desapareceu dele, drenando para fora em um instante.

— Não acho que sejam comparáveis seus dez anos de brincar de bruxaria com os meus quase cinco séculos de combate a vampiros, metamorfos, e outras criaturas que espreitam os seres humanos no escuro. Você está em perigo, e vou protegê-la. *Esse é meu dever*, e vou fazê-lo com toda a habilidade e experiência que possuo.

Ele puxou sua calça jeans e camisa, enquanto falava. Ela abriu e fechou a boca uma vez, mais uma vez, a fúria brilhando em seus olhos prometendo que, quando falasse, iria esfolar a sua pele.

— Bem, então se mostra o arrogante atlante real. — Ela disparou de volta. — Não se preocupe em perder a fala formal comigo, amigo. Não estou *muito* impressionada. Além disso, cinco séculos?

Alguém bateu na porta de novo, mais suavemente do que Christophe. Ele abriu a porta.



— O quê é?

Uma serva do palácio estava ali com os braços cheios de roupas, deu um rápido passo para trás, inclinando a cabeça.

— Sua Alteza, peço desculpas. Eu não sabia... Senhora Riley pediu... Eu posso voltar...

Ven forçou um sorriso.

— Não, eu sou o único que deveria pedir desculpas, Neela. Obrigado por sua bondade. E por favor, me chame de Ven.

Ele pegou a pilha de roupa que ela lhe entregou e tentou pensar em como tranquilizar a mulher além da emoção que nublava seu cérebro.

— Como está seu filho? Ele deve ter quase dez anos agora?

Ela sorriu, orgulho maternal superando sua ansiedade.

— Ele fará doze anos nesta temporada, Sua Alte... Ven. Ele traz muita alegria para a nossa casa.

— E, provavelmente, muito mais vigor, imagino, depois de ter sido eu mesmo um menino de doze anos de idade.

Neela suspirou um pouco, ainda sorrindo.

— É sempre assim. Se você ou a senhora precisarem de mais alguma coisa, por favor, me chamem.

— Chamaremos.

Quando ele fechou a porta novamente, respirou fundo, preparando-se para enfrentar Erin.

— Então você não é sempre dono e senhor do castelo o tempo todo, não é? — Perguntou ela.

— Isto é algo especial que você só faz comigo?

— Não, eu sou praticamente um pé no saco o tempo todo. — Disse ele, virando-se. — Realmente não entendo o que sou com você.

Ela ficou ali por um longo momento e, finalmente, suspirou.

— Bem, isso acontece com nós dois, porque também não me reconheço.

Em seguida, ela foi para o banheiro, deixando-o pensar em que, nos nove infernos, ele tinha se metido.



O Templo das Nereidas era um conto de fadas de mármore, joias e beleza. A partir do momento em que Erin entrou pela porta, suas joias cantaram para ela em um tom baixo, alegre, que



murmurava sobre lar e paz. Erin se forçou a tirar as missões e buscas e estúpidos guerreiros macho alfa atlantes fora de sua mente e vagou pela principal sala aberta arejada, onde Marie e suas donzelas montavam mesas cheias de um delicioso café da manhã. Frutas, sucos e doces compartilhavam o espaço com pratos quentes em bandejas de prata cobertas, e o estômago de Erin rosou pelos deliciosos aromas.

Mas ela estava muito fascinada com a história que vinha à vida diante de seus olhos para se concentrar na comida. Ela tomou um gole de café enquanto estudava as estátuas que enfeitavam a sala. Parando diante de uma figura guerreira particularmente encrespada de lanças e um tridente, ela sentiu um calafrio patinar pelo pescoço e soube quem deveria ser.

Ela cheirou uma mistura suave de rosas e algo mais leve um instante antes de Marie dar um passo para o seu lado.

— Sim, é Poseidon. Mesmo aqui em nosso templo, onde a Deusa reina, somos lembradas de que Poseidon detém o poder de vida ou morte sobre nós.

— É um lembrete do qual você precise? Quero dizer, não a sapatear sobre o óbvio, mas você está vivendo em uma bolha muito debaixo de toneladas de água que tem força para esmagá-la.

Marie riu.

— Vocês, humanos, são agradavelmente diretos, se você e Riley são uma amostra representativa.

Erin se virou para ela, atordoada.

— Você nunca conheceu outros seres humanos antes de Riley e eu?

— Não, eu não conheci. Riley foi o primeiro ser humano a entrar em Atlântida em mais de dez mil anos. — O belo rosto de Marie era uma aprendizagem de elegância e calma, seus olhos azuis escuros pacíficos. Seu cabelo negro como meia-noite estava puxado para trás de seu rosto em uma série de tranças intrincadas. — Até agora, Alaric transportou-a para os médicos humanos, ao invés de trazê-los aqui.

Erin assentiu.

— Ven me disse que vocês ainda estão decidindo quando fazer o grande anúncio de ‘Atlântida existe’. — Ela levantou a mão para sua própria massa rebelde de cabelos ondulados e suspirou. — Não quero ser leviana, mas eu queria que meu cabelo fosse mais parecido com o seu.

Marie sorriu.

— Seu cabelo é lindo, Erin. Combina com você.

— Obrigada, mas continuo dizendo a mim mesma para cortar tudo. Enfim, você já visitou a superfície? Subir para olhar ao redor, ver um filme, ir às compras?



— Somente os guerreiros estão autorizados a visitar os caminantes de terra. — Disse Marie.
— Mas eu estou planejando pedir ao Conselho para fazer uma exceção. Meu irmão, Bastien, formou uma fusão de almas com uma fêmea metamorfa, e gostaria de visitá-los e conhecê-la.

Erin tentou ler a expressão da outra mulher, mas não podia.

— O que é uma fusão de almas? Soou grave. É algo como o casamento humano?

Mesmo antes de ver o olhar chocado de Marie se lançar para cima do seu ombro, Erin sentiu a aproximação. Um zumbido baixo vibrava através de seus sentidos e sua pele, e suas esmeraldas vibraram uma chamada docemente sedutora.

Os olhos de Marie arregalaram.

— Suas joias cantam para ele, não é? É como nos pergaminhos, mas... nunca tivemos uma cantora de pedras preciosas em nosso templo em memória viva. Desde antes do cataclisma, na verdade.

Ven falou logo atrás de Erin, sua voz derramava carinho e desejo por ela. Aparentemente, o fato de que ela estava chateada com ele não teve nenhum efeito em suas pedras preciosas ou seus hormônios.

— Nós não tivemos tempo para discutir todas as circunstâncias envolvidas nesta situação, Marie. — Sua voz tinha um tom claro de advertência.

Marie não pareceu se intimidar.

— A senhora Erin estava perguntando sobre a fusão de almas. Você deve dizer-lhe, Senhor Vingador. É o seu destino.

Mesmo sem vê-lo, Erin sentiu uma completa imobilidade nas palavras de Ven.

— Destino é uma palavra muito utilizada, Primeira Donzela. Erin tem livre-arbítrio, assim como eu.

Marie sorriu, e havia algo sombrio e sábio por trás de seus olhos.

— Você acha? — Em seguida, murmurou uma desculpa e se afastou, deixando Erin sozinha com Ven. Ela virou-se para encará-lo.

— Então, cuspa, já. Fusão de almas? Que diabos é isso?

— Este não é o momento nem o lugar, Erin. — Disse ele, com uma expressão fechada e fria.
— E não acredite em tudo o que ouve.

— Não sou estúpida, Ven. Ambos sentimos algo na noite passada. Talvez você deva explicar exatamente o que era? Foi uma fusão de almas? Ou os atlantes sempre fazem amor com todas as portas mentais abertas como aconteceu?



Ele estava balançando a cabeça antes dela terminar a pergunta, e ele estendeu a mão para agarrar os ombros dela em suas mãos, em seguida, olhou-a nos olhos com seu quente e penetrante olhar.

— Nunca, *mi amara*. Nunca senti nada assim em todos os meus dias. Não pense que levei o que aconteceu entre nós levianamente.

Abalada, ela considerou as respostas e, finalmente, balançou a cabeça lentamente.

— Erin, eu...

— Ven. — A voz que os interrompeu era muito imperial para ser de qualquer outro, senão do sacerdote. — Sua presença e a da sua cantora de pedras preciosas são necessárias. Por favor, sente-se.

Ven rosnou uma resposta sobre o ombro em uma linguagem que ela assumiu ser atlante, e todo mundo na sala pareceu respirar afiadamente. O silêncio pairou no ar por um momento, depois Alaric falou novamente, diversão seca em sua voz:

— Eu não consigo pensar em uma maneira de realizar seu... pedido, uma vez que é anatomicamente impossível. Entretanto, se você não se importar em me desafiar, Senhor Vingador, seria o meu prazer.

Conlan se levantou de onde estava comendo seu café da manhã ao lado de Riley.

— Chega, vocês dois. — Disse ele, as palavras repletas tanto de carinho, quanto de comando. — Não me façam retirar a patente.

Marie deslizou através do chão do templo para a mesa e sentou-se.

— Talvez tudo que devem se lembrar é que esta é a casa da Deusa e devem agir em conformidade. — Disse ela. Sua voz era suave, mas havia um chicote inconfundível de admoestação subjacente em suas palavras.

Erin sorriu. Fala macia carregava um grande porrete da Deusa. *Isso aí, Marie*. Cuidadosamente ela contornou Ven, não tendo certeza se ele não ia simplesmente jogá-la por cima do ombro e se revelar um homem das cavernas.

— Parece bom para mim, Marie. Porque não nos sentamos e desfrutamos desta maravilhosa comida?

Ela dirigiu-se para o assento na mesa mais distante de Alaric e diretamente entre Alexios e Denal, imaginando que estaria realmente irritando Ven. Algo mal-intencionado dentro dela riu da ideia. Servia-lhe bem.



Mas antes que ela pudesse conseguir um assento, ele a pegou por trás com um poderoso braço em volta de sua cintura e levou-a para outro lugar, no final da mesa. Ele tomou o assento que bloqueava o de Alexios, levantou um prato de frutas e estendeu-o para ela.

— Manga?

— Não pense que o que aconteceu entre nós, lhe dá quaisquer direitos sobre mim. — Disse ela, tomando cuidado para manter a voz baixa. — Eu vou sentar onde quer que eu escolha e fazer o que quero.

Calma mortal tomou conta de sua expressão, desmentindo o repentino olhar feroz em seus olhos.

— Se você deseja forçar-me a invocar uma batalha sobre os meus amigos e irmãos guerreiros, não hesite em me empurrar quanto a isso. Esteja ciente de que a batalha é quase sempre até a morte, então escolha com cuidado qual deles você deseja ver morrer.

Puro choque bateu nela. Ele não estava brincando. Ela podia sentir o calor da raiva depositada queimando nele. Se ela continuasse a ameaçá-lo, ele iria ferir ou talvez matar um de seus amigos.

— Que tipo de monstro é você? — Ela sussurrou, de repente aterrorizada.

— Eu sou pior do que qualquer monstro que você já conheceu, Erin. — Disse ele friamente. — As coisas que fiz ao longo dos séculos iriam apodrecer sua mente, se você soubesse. E, aparentemente, a fusão de almas provoca certos... instintos possessivos... que nunca experimentei antes. Uns que não posso compreender ou controlar direito agora. Então, por favor, não me desafie até que eu possa descobrir sobre isso.

Ela inclinou-se para longe dele, sem entender como ela poderia se sentir ao mesmo tempo apavorada e ainda segura e protegida em sua presença, quando ele acabara de admitir ser um monstro. Era um enigma que ela não tinha tempo para explorar, no entanto, porque Alaric e Marie estavam em pé na cabeceira da mesa e erguiam as mãos pedindo silêncio.

Marie falou primeiro.

— Demos graças à Deusa por esta recompensa diante de nós e pela devolução da nossa cantora de pedras preciosas para sua casa. Graças à Deusa!

— Graças a Deusa. — Todo mundo respondeu, enquanto Erin os estudava. Conlan sentado ao lado de Riley, que tinha uma aparência um pouco menos rosada e bem do que no dia anterior. Brennan e um guerreiro que ela não reconheceu sentaram-se no outro lado de Conlan. Alexios e Denal sentaram-se no seu lado da mesa. Várias mulheres que deveriam ser as donzelas do Templo flutuavam ao redor, servindo bebidas e levando pratos, mas nenhuma delas, exceto Marie, se juntou a eles na mesa.



Alaric falou.

— Graças a Deusa, e Louvor a Poseidon, que protege a todos nós.

— Louvado seja Poseidon. — Foi o refrão, e depois Alaric e Marie tomaram seus assentos e todos continuaram a comer.

Erin descobriu que estava faminta, apesar de sentir o equivalente emocional de uma bomba de choque, e encheu seu prato, ignorando os murmúrios de Ven, exceto quando o agradecia por lhe passar um prato.

Durante alguns minutos houve pouca conversa, todos comiam e Conlan empurrou o prato para o lado.

Uma das moças correu para retirar seus pratos, e ele sorriu e agradeceu a ela, o que surpreendeu um pouco Erin. *Não é um monte de esnobismo real o que acontece aqui*, pensou, lembrando-se de Ven com a mulher que trouxera as roupas. Pensando nisso lembrou-se de agradecer a Riley.

— Riley. — Disse ela, lançando a sua voz alta o suficiente para capturar a atenção da mulher.

— Obrigada por enviar as roupas. Minhas coisas estavam um pouco passadas do ponto.

Riley sorriu.

— É o mínimo que eu poderia fazer. Esse azul parece maravilhoso em você, por sinal.

Erin sorriu, uma vez que ela pensava exatamente a mesma coisa. O top de seda azul celeste espelhavam seus olhos e ela não tinha exatamente odiado o calor grato nos olhos de Ven, quando a viu no top e calça jeans depois dela ter tomado banho. Além do gloss que tinha em seu bolso, seu rosto estava nu de maquiagem, mas nunca usava muita, de qualquer maneira.

Ven colocou a mão nas costas dela, e o calor de seu toque queimava através do tecido leve de sua camisa.

— Sim, é verdade. Está maravilhosa, quero dizer. — Disse ele em seu ouvido. O toque de sua respiração a fez tremer como se estivesse acariciando outros lugares mais íntimos, e ela pegou o flash rápido da paixão em seu olhar.

Tentando não ser óbvia sobre isso, afastou-se de sua mão e lançou um olhar sério ao longo da mesa para Conlan.

— Ok, o que vamos discutir aqui? Estou esperando que você esteja a bordo com a aliança para nos ajudar a combater Calígula.

— Sim, nós definitivamente estamos dispostos a trabalhar com o seu clã para esse fim. — Disse Conlan. — Não pode ser coincidência que a base de Calígula no noroeste do Pacífico é o centro do aumento de vampiros recém-transformados.



Alaric concordou.

— Ele está claramente consolidando seu poder, talvez buscando expandir seu território para abranger o restante de Barrabás.

O guerreiro que Erin não reconheceu ergueu a cabeça e ficou surpresa ao ver o poder brilhando em seus olhos.

— Por que nos infernos precisamos trabalhar com as bruxas? Elas não são poderosas o suficiente para ser uma ajuda ou elas teriam feito alguma coisa a Calígula dez anos atrás, quando ele atacou-as pela primeira vez.

O coração de Erin gaguejou com a menção insensível do assassinato de sua família, o que pareceu atrair sua atenção, porque ele virou o olhar para ela.

— Claro, talvez Ven encontrou alguma bruxa bonita para coçar sua coceira por um tempo, mas isso não significa que temos de incluí-la em nossos planos.

Ao lado dela, Ven pulou de pé e rugiu um desafio, em seguida, lançou-se sobre a mesa em um poderoso salto, derrubando o guerreiro para trás, cadeira e tudo, já que ambos caíram no chão.

Erin se atirou para fora de sua cadeira e contornou a mesa com alguma ideia de intervir, mas a visão deles a parou friamente. Ven tinha uma mão grande em volta da garganta do outro homem e estava agachado em cima dele, rosnando numa raiva baixa, animalesca.

— Se você falar dela, olhá-la, ou mesmo pensar nela de uma forma desrespeitosa de novo, Christophe, eu vou te matar.

Christophe tentou falar, mas só conseguiu emitir ruídos asfixiantes.

Ven mostrou os dentes em uma terrível paródia de um sorriso.

— Dê-me uma razão. Apenas uma palavra. Dê-me uma razão para invocar a batalha bem aqui.

Os olhos de Christophe brilhavam com fúria, em seguida, as chamas neles retrocederam e ele ergueu as mãos em um gesto de rendição. Ven olhou-o por um longo segundo, em seguida, saiu de cima do guerreiro caído. Quando ele levantou a cabeça, prendeu Erin em seu olhar, e ela respirou fundo por ser o único foco dele.

Preso novamente, ela se levantou, congelada, enquanto ele caminhava em sua direção. Nunca sequer ocorreu-lhe tentar resistir a ele quando a tomou em seus braços e caminhou até os degraus da porta do Templo. Imediatamente fora da porta, ele se virou para a direita e apoiou-a contra a parede de mármore e bateu as mãos contra a parede em cada lado dela.

Ela tentou empurrar palavras numa última respiração que ficou presa na garganta.

— Ven? O que...



Mas ele simplesmente balançou a cabeça e pegou suas palavras com a boca. Prendeu seus lábios em um exigente e apaixonado beijo. Não podendo evitar, ela entrelaçou os braços ao redor de seu pescoço e o beijou de volta, incapaz de resistir a sua reivindicação de posse.

Não tinha certeza se queria tentar.

Beijou-a com habilidade e fome até enfraquecer seus joelhos e ela teria caído se não estivesse agarrada a ele, mas ele teve o cuidado de nunca tocar em seu corpo. Finalmente, ele afastou a cabeça e levantou-se, ofegante, com a cabeça pendurada para baixo.

— Sinto muito, Erin. Sei que um pedido de desculpas não é suficiente, mas é tudo que tenho agora.

— O que aconteceu? — Ela perguntou, sua voz trêmula.

Ele levantou a cabeça e olhou em seus olhos.

— O que aconteceu é que eu quase a comi aqui mesmo contra a parede. Tudo o que fui capaz de pensar em cada segundo deste dia é ter o meu pau em seu corpo até que você grite para mim.

Suas palavras brutas de calor, luxúria e desejo afiado queimaram-na, e ela estremeceu.

— Ven, isto não pode, não podemos continuar assim. Isso é muito perturbador, quando precisamos ir atrás de Calígula.

Ele riu, descrença evidente em seu rosto.

— Calígula? Você está louca? Você não vai a lugar nenhum perto de Calígula. Foda-se o livre-arbítrio. Você nunca deixará Atlântida novamente.

Capítulo 14



Depois daquele beijo que havia balançado sua fundação, Ven se afastou dela e apontou para a porta sem falar, sua respiração ainda chegando em duros e ásperos ruídos. Ela hesitou, em seguida, correu para a porta e fugiu para o interior, para a segurança relativa do Templo e das pessoas dentro.



Conlan parou em seu caminho e olhou para ela com aquele rosto tão parecido com o irmão, mas com compaixão em seus olhos.

— Não tenha medo dele, cantora de pedras preciosas. Ele daria a vida por você.

Alaric a roçou pelo outro lado.

— Por que eu sou o único preocupado com esse fato? — Ele murmurou, então continuou a se arrebatar para fora da porta, como algum horrível ceifador.

Ela colocou as mãos nos quadris, fingindo uma estabilidade que estava longe de sentir.

— Ele só me disse que nunca vou deixar Atlântida. Se ele acha que pode me manter aqui contra a minha vontade, então *ele é* o único que deveria ter medo.

Conlan sorriu e, inesperadamente, se inclinou para pressionar um breve beijo em sua testa.

— Eu nunca poderia ter desejado uma companheira mais digna para o meu irmão, bruxinha.

A boca dela se abriu, mas antes que pudesse formar uma única resposta, ele tinha ido embora, seguindo Alaric para fora da porta.

Alguém imediatamente começou a gritar com alguém, e ela não quis ouvir. Afastou-se do barulho e em direção à mesa, de cabeça erguida. A sala estava agora vazia, exceto por Riley e Marie, de modo que os guerreiros deveriam ter feito a fuga através de uma entrada traseira.

Riley não o fez, mas estendeu a mão para indicar a cadeira em frente a ela.

— Por favor, junte-se a mim enquanto os meninos batem um no outro por um tempo. — Disse ela, cansada, mas com um sorriso.

Marie veio para o lado de Erin com uma jarra de prata.

— Mais café? — Ela ofereceu, como se isso fosse uma refeição matinal normal das senhoras, e Ven não tivesse quase matado Christophe no chão perto de onde ela estava.

Erin deu de ombros.

— Enquanto estiver em Atlântida, acho. — Disse ela. — Sim, eu adoraria mais café, por favor. E talvez um pouco de chocolate coberto de Valium?

Marie sorriu, serviu o café, mencionou seus deveres e deslizou para fora dessa forma serena de cisne que ela tinha. Erin a viu desaparecer por um corredor, em seguida, virou-se para Riley. Ela podia sentir o calor do rubor queimar suas bochechas, mas tentou ignorá-lo.

— Então, você vai se casar com Conlan. Ele é muito parecido com o irmão?

Riley riu.

— Perguntava-me quando ia dar a volta e perguntar isso. Duas ervilhas em uma vagem, exceto que são ervilhas realmente sexys em uma cápsula debaixo d'água, para tentar uma metáfora.

— Ele faz essas coisas de “eu sou o guerreiro, você faz o que eu digo” com você, também?



Riley revirou os olhos.

— Vamos apenas dizer que ele tenta e deixo por isso mesmo. Em sua defesa, isso é produzido em seus genes e, então, treinam por anos, Erin. Durante séculos, depois disso, vivem para nada, exceto para proteger e defender a humanidade. Uma vez que reconheça que está lidando com um guerreiro assim, você aprende a fazer certas concessões.

Erin tentou envolver sua mente em torno da ideia.

— Então você está dizendo que deixa Conlan se safar dessa?

— Você está brincando? Se eu lhe desse uma polegada, ele teria que me trancado no meu quarto “para minha própria segurança”. — Riley deu um sorriso muito perverso. — Tem que enfrentá-lo, Erin. Não importa o que seus hormônios possam estar lhe dizendo.

O rosto de Erin esquentou novamente.

— Hum, sobre isso. Isso é meio pessoal, mas você e Conlan... — Ela parou, incapaz de pensar em uma maneira delicada de fazer a pergunta.

— Vão um para o outro como coelhos? — Riley perguntou secamente.

A gargalhada escapou antes Erin de poder deter.

— Eu ia dizer se há algum tipo de descontrolado fogo furioso reluzindo entre vocês, mas a coisa dos coelhos funciona.

— Achei que um pouco de riso poderia aliviar a tensão. — Disse Riley, pegando um copo de suco. — Ele contou-lhe sobre a fusão de almas?

— Não, mas Marie mencionou. O que exatamente isso significa? E não me diga que Ven vai explicar, ou talvez eu tenha que tomar seu pastel como refém. — Ameaçou, apenas meio que brincando.

Riley estendeu as mãos para cobrir o prato.

— Toque meu baklava¹⁶ e alguém vai se machucar. — Alertou, sorrindo.

— Ok, ok. Seu pastel está seguro de mim, já que você está comendo por dois. Mas, falando sério, preciso saber do que se trata esta fusão de almas.

O sorriso sumiu do rosto de Riley, e ela balançou a cabeça.

— Você merece a verdade, especialmente considerando a forma como Ven está agindo sobre você. — Ela olhou para a porta, mas esta permanecia vazia, embora ainda pudesse ouvir os sons fracos dos três homens discutindo lá fora. — A fusão de almas é uma herança antiga, que, aparentemente, muito raramente aconteceu por aqui nos últimos milhares de anos. Como diz a

¹⁶ A **baklava** ou **baclava** é um tipo de pastel elaborado com uma pasta de nozes trituradas, envolvida em massa filo e banhada em xarope ou mel, existindo variedades que incorporam pistachios, avelãs e sementes de sésamo, papoula ou outros grãos.



lenda, alguns atlantes têm a capacidade de chegar a um nível mais elevado, quase divino de ligação com a pessoa pela qual se apaixona. Quando isso acontece, as portas para suas almas caem abertas e cada um pode viajar dentro do outro. — Riley fez uma pausa e mordeu o lábio, e depois continuou. — É uma ligação muito mais intensa do que qualquer outra coisa poderia ser, e a intimidade com alguém com quem tenha uma fusão de almas é impressionante.

Erin olhou para a outra mulher, sua mente correndo freneticamente.

— Mas eu não sou atlante. Bem, talvez um milésimo ou algo assim.

— Dá no mesmo. — Rebateu Riley. — Aparentemente, apenas um dos dois precisa ser atlante puro. Na verdade, Alaric tem algumas teorias sobre alguns de nós seres humanos terem DNA dos antigos atlantes que deixaram Atlântida pouco antes do cataclisma. Faria sentido, no meu caso, devido a minha empatia emocional. Minha irmã tem o mesmo talento.

Erin balançou a cabeça, alívio varrendo através dela.

— Não, isso não faz sentido. Não tenho uma gota de empatia emocional.

Riley se inclinou para frente e tocou sua mão.

— Mas você é uma bruxa, Erin. — Disse pacientemente. — Quanto você acha que seja a proporção de bruxas na população em geral?

— Eu não sei. Menos de um por cento?

— Talvez menos. Menos de zero ponto um por cento, para ser exato. Minha irmã é... bem, ela sabe esse tipo de coisa. Pelo que estamos aprendendo com os Fae e do que Alaric tem aprendido com os pergaminhos no Templo de Poseidon, parece que as bruxas são descendentes dos antigos atlantes. — Riley se recostou na cadeira e bebeu um pouco mais de seu suco. — Tente o seu dom de cantora de pedras preciosas, e você quase certamente é descendente de Atlântida.

Erin esfregou as têmporas, onde uma forte dor de cabeça estava começando a se formar.

— Ok, vamos supor por um momento que sou algum tipo de tatara tatara tatara neta a enésima potência de um casal atlante antigo. E vamos supor a coisa do coelho, também. — Ela disse, abaixando a cabeça e olhando para sua xícara de café ao invés de olhar para Riley. — Mas Ven disse que há o livre-arbítrio. Então, só porque poderíamos ter feito a coisa da fusão de almas uma vez não significa que estamos presos juntos, não é?

Silêncio. Quando ela olhou para Riley, a expressão da outra mulher estava incomodada.

— Nããão. — Disse ela, prolongando a palavra. — Mas eu acho que, considerando o vínculo que tenho com Conlan, é difícil para mim, entender por que você iria querer deixar Ven se você realmente atingiu a fusão de almas com ele.



— Porque não sou uma posse. Não quis ofendê-la, e eu não estou dizendo que você seja. Mas talvez Conlan seja mais um pensador moderno do que o irmão. Ven é um cruzamento entre um senhor Viking saqueador e... e um pirata! Ou um grande, homem das cavernas peludo. E não estou prestes a ser sua prisioneira ou sua garota ou sua, hum, mulher das cavernas. — Ela parou, sua indignação justificada acabando em aproximadamente no mesmo tempo que a ridícula natureza da coisa toda bateu nela...

Riley estava claramente tentando duramente não rir, pela forma que estava mordendo o lábio inferior.

— Oh, apenas ria de mim. Pareço uma idiota. — Erin admitiu, sorrindo tristemente. — Mulher das cavernas, pelo amor da Deusa.

Ambas estouraram em risos, e Erin riu realmente tão duramente que sentiu lágrimas escorrendo por seu rosto. A sensação de formigamento a avisou antes que ela sentisse as mãos de Ven em seus ombros. Olhou para cima para vê-lo olhando-a, sem sorrir.

— Talvez você se importasse de compartilhar a piada? Eu poderia ter um pouco de humor agora mesmo. — Disse ele.

Conlan fez a espécie de coisa de piscar sobre a mesa e levantou-se com Riley em seus braços, inclinando a cabeça para beijá-la em um tipo de maneira “não me importo que estejamos em público, não posso esperar para chegar em casa e te desnudar” que encheu Erin com um poderoso sentimento de saudade.

Alaric rodeou a mesa mais lentamente e assumiu uma posição no final.

— Nós precisamos conversar.

Conlan ajudou Riley gentilmente, que parecia um pouco atordoada, a voltar para seu assento. Quando Riley piscou para ela, Erin murmurou a palavra “coelhos”, o que fez ressoar gargalhadas tanto dentro como fora.

Quando Erin pôde recuperar o fôlego, Ven estava sentado ao lado dela, uma mão entrelaçada em seu cabelo como se precisasse do contato. Ela arriscou um rápido olhar para seu rosto, mas estava ameaçador como esteve antes, então decidiu ignorar o toque no cabelo e se virou para Alaric.

— Desculpe por isso. Piada particular. Ok, qual é o plano e quando vamos sair?

A voz de Ven era tranquila, mas cheia de um comando duro.

— *Nós não sairemos.* Você não vai a lugar nenhum. Calígula está atrás de você, por qualquer motivo, e você não vai a lugar nenhum perto dele até depois de o neutralizarmos e toda a sua manada de sangue.

Ela afastou a cabeça longe de sua mão e se levantou.



— Não me dê ordens. Calígula tem a minha irmã, e eu vou definitivamente atrás dele. Por outro lado, sou uma bruxa muito forte. Vou ser capaz de ajudar a neutralizar quaisquer bruxas que ele tenha trabalhando para ele.

Ele levantou a sua voz, mas só disse uma palavra.

— Não.

Ela ignorou-o e continuou.

— A segunda razão é óbvia. Ele me quer. Use-me como isca.

Ven levantou-se e puxou-a para encará-lo, fúria em seus olhos.

— Não há nenhuma maneira em que você esteja se colocando em perigo, está me ouvindo? Se eu tiver que pessoalmente acorrentá-la a minha cama, vou fazer isso para mantê-la longe desse monstro.

Ela tentou se afastar, mas o aperto era muito forte, então ela resolveu chutá-lo na canela.

— Quem é o monstro? Você me disse que era! E só porque quer me foder não significa que tem o direito de me manter presa, acorrentada à cama ou não, seu pervertido doente!

O tenso silêncio que caiu sobre a sala lembrou que os dois não estavam sozinhos, e ela gemeu, ondas de mortificação se arrastando sobre ela.

A voz de Conlan cortou a tensão.

— Abaixе-a, Ven. Agora. Você não tem o direito, como ela diz. Não desta forma, meu irmão.

Ven realmente rosnou para seu irmão e príncipe, mas ele soltou os ombros de Erin e ela cambaleou para longe dele.

— Como você ousa falar comigo de direitos? — Ele atirou as palavras em Conlan. — Você sabe o poder da fusão de almas. Pense em como você era com Riley quando se encontraram pela primeira vez e ela estava em perigo.

Alaric levantou as mãos, palmas para cima, bolas azuis brilhantes idênticas de energia brilhando sobre elas.

— Terei prazer em explodir você contra a parede, se você precisa ser ensinado sobre uma lição do livre arbítrio. — Disse ele.

— Experimente, sacerdote. — Ven rosnou. — Você é patético. Você tinha Quinn em seus braços e deixou-a ir, e agora sofre todos os dias por causa disso. Não ache que vou repetir seus erros tolos.

Os olhos de Alaric brilharam um feroz verde esmeralda, e ele jogou as bolas de energia em Ven, quase mais rápido do que os olhos de Erin poderiam acompanhar.

Quase.



Ela atirou-se para frente, entre Ven e Alaric, e levantou um escudo mais rapidamente do que já fez. As esferas brilhantes ricochetearam em seu escudo e cintilaram para fora da existência, e ela baixou as mãos e dissipou seu escudo.

— Eu não preciso de sua ajuda, Alaric, então recue.

Ignorando Ven e o sacerdote, ela se virou para Conlan e se curvou.

— Sua Alteza, você me disse para pedir qualquer favor. Bem, eu não quero as joias da coroa ou a minha própria casa de campo à beira-mar de Atlântida ou até mesmo um novo carro atrás da porta número três. Tudo o que eu peço é que você envie alguns de seus guerreiros para me ajudar a salvar minha irmã e destruir Calígula. — Ela respirou fundo e tentou parar a tremedeira dos joelhos e das mãos. — Se não puder fazer isso, então só peço que me mande para casa e me deixe em paz. Porque se você me recompensar por ajudar sua esposa e filho, deixando o seu irmão manter-me prisioneira, bem... — Ela fez uma pausa, tentando pensar em uma maneira elegante para fazer a colocação, mas veio o vazio.

— Bem, essa é uma maneira de muito baixa qualidade para um futuro rei agir.

— Acho que ela lhe disse, seu príncipezinho. — Veio uma voz zombeteira de perto da porta de entrada do templo.

Erin se virou para ver Justice de pé, encostado na parede, sua sempre presente espada subindo por cima do ombro.

Ele saltou levemente para descer as escadas e caminhou em direção a eles.

— Há outra coisa que pode querer saber antes de ficando toda régia de uma forma ou de outra. — Acrescentou ele, dirigindo a cabeça claramente na direção de Ven a Conlan. Uma vez lá, ele parou e olhou para cada um deles, por sua vez, uma pausa dramática, provavelmente.

Mas Erin não tinha energia para apreciar o seu carisma, porque algo totalmente inesperado estava acontecendo com ela. O âmbar em seus dedos começou a gritar um aviso estridente para ela desde o momento em que Justice começou a caminhar na direção deles. Agora era tão alto que quase abafou suas palavras, gritando com ela sobre perigo e ameaça e, poderosos maus escuros.

Ela apontou o dedo para Justice e pronunciou a frase que treinou por dez longos anos. Tentou um pouco de sua própria linguagem formal.

— Magia de Morte. Você fede a magia da morte, atlante, e é meu dever matá-lo.



Capítulo 15



Ven tentou colocar seus braços em torno de Erin, mas ela lançou um feroz olhar de advertência para ele e, lembrando-se do mirante, ele levantou as mãos e foi para trás, sorrindo. Nunca acreditou por um minuto que ela realmente mataria Justice, mas não faria mal nenhum ao velho cabelo azul começar a ter sua bunda batida.

Foi Riley quem quebrou o impasse. A única sem poder algum, a não ser o talento suave de empatia emocional, ficou lá e enfrentou-os todos.

Ven nunca a admirou mais.

— Isso. É. Suficiente. — Ela gritou, em voz alta o suficiente para cortar toda a magia nervosa brilhando na sala. — Todos vocês, cortem essa porcaria fora. Isso não é bom para o bebê.

Justice curvou-se diante de Riley, mais profundamente do que Ven já o viu se curvar, e, em seguida, deu dois passos para trás e longe dela.

— Eu não traria conflitos e discórdia a sua presença, minha senhora. — Disse ele suavemente, sacudindo um olhar para Erin.

— Certo. — Erin retrucou. — Você acabou de trazer a magia de morte. Dentro de Atlântida. Mesmo num templo. Perto de uma mulher grávida. Você é apenas particularmente admirável, não é?

Marie surgiu em um dos corredores que levavam aos outros ambientes no Templo.

— Há algum problema?

A situação passou de divertida para mortal num piscar de olhos quando tanto Erin quanto Alaric invocaram poder, preparando-se para atacar Justice no local em que estava. Ven nunca esteve particularmente inclinado magicamente para além da invocação mais simples dos elementos, mas ainda assim sentia o sussurro das forças rodeando a bruxa e o sacerdote.



Justice deve ter percebido também, porque ele alcançou suas costas como se para desembainhar a espada, mas Marie estava ali de repente, ao lado dele, e ela disparou raios rápidos de sua própria mão e prendeu o pulso dele. Então ela começou a cantar algo com uma voz tão calma que Ven não podia entender as palavras.

Ao lado dele, Erin suspirou, em seguida, deixou cair as mãos ao lado do corpo, enquanto inclinava a cabeça para cima, como se puxada pelas cordas de um manipulador de marionetes invisível. Moveu-se para abraçá-la, lutando através de uma estranha ameaça líquida que se enrolava em volta dela como uma névoa transparente. Quando ele foi capaz de colocar a mão na pele dela, a névoa desapareceu ou reconheceu um amigo e se dissipou, deixando-o livre para segurá-la com força em seus braços.

Ela abriu a boca e cantou várias notas num tom puro, maravilhoso que usara para curar Riley, e o brilho prateado subiu para cercar seu corpo, e Ven com ele, como antes. Ao mesmo tempo, uma névoa tênue idêntica de luz aumentou em torno de Marie e envolveu Justice onde estava, de alguma forma preso pelo abraço delicado em seu pulso.

Abruptamente, Erin fechou a boca. As notas finais de sua canção tremeram no ar e, em seguida, flutuaram, se esvaíram, para a Terra. Ven sentiu a sensação de perda de novo, como se parte de sua alma desaparecesse com a música. Sacudiu o sentimento e lançou um olhar para Justice, que agora se ajoelhava no chão ao lado de Marie.

— No fim, não era mágica de morte, não é? — Perguntou Erin, olhando Justice com os olhos arregalados.

Marie se ajoelhou na frente de Justice e emoldurou seu rosto com as mãos.

— Como é que eu nunca soube disso sobre você antes, Senhor Justice? Você esteve neste templo em muitas ocasiões.

Ele balançou a cabeça, a trança azul pendurada na frente de um ombro até quase tocar o chão enquanto estava agachado ali.

— Não houve nenhuma cantora de pedras preciosas antes, Marie. Ela deve realmente ser uma descendente em linha direta das Nereidas para me reconhecer.

Conlan mordeu um comando.

— Será que alguém pode me dizer o que nos nove infernos está acontecendo? Agora?

Marie lentamente virou a cabeça para olhar para Conlan.

— O Senhor Justice não foi brincar com magia da morte, sua Alteza. Ele é meio Nereida. A Deusa do Templo o chamou para casa.



Uma hora depois, remontaram a câmara de guerra de Conlan, em campo neutro. Ven passou a maior parte do tempo tentando pensar em maneiras de envolver Erin em um casulo de segurança e mantê-la escondida de qualquer coisa perigosa para, oh, digamos, o resto de sua vida.

Talvez até mesmo o resto da *sua*.

Apesar de que seria um truque, considerando-se a diferença substancial entre suas esperanças de vida relativas. Riley e Erin entraram na sala naquele momento, e ele apressou esse pensamento infeliz a algum lugar no fundo de sua mente. Erin sentou-se perto de Riley, do outro lado da sala, de onde Ven ficou olhando para ela, mas ele foi tranquilizado pela forma como o olhar dela o procurou.

Talvez não fosse o único preso por forças poderosas com o qual não soubesse como lidar. Ela sorriu para ele, e o calor se apressou por ele, queimando sua pele e nervos com chamas crepitantes. Tudo o que conseguia pensar era o quanto queria estar dentro dela, e colocou cada pedacinho daquele desejo no lento sorriso que lhe deu, então, sentiu um breve momento de triunfo feroz quando ela corou e apertou os braços da cadeira. Ela o queria também, o que tinha que significar alguma coisa.

Deve significar alguma coisa.

Justice passeou, tentando parecer indiferente, apesar de Ven poder dizer que ele estava abalado com o que aconteceu no Templo. O primeiro instinto de Ven foi bloquear Erin com o seu corpo, mas a advertência em seus olhos o deteve.

Neste momento.

— Ei, a turma do Scooby está toda aqui. — Disse Ven. — O que quer dizer que revelem isso tudo.

— Nós não estamos todos aqui ainda, Ven. Marie está chegando. — Disse Conlan, depois assentiu. — Aqui está ela, na hora certa.

Marie entrou pela porta, olhando em volta com curiosidade. Ven percebeu que era a primeira vez dela nesta parte do palácio. Ninguém, exceto Conlan, Alaric, e os guerreiros geralmente viam essa sala.

— Quem quer começar primeiro e explicar a parte meio-Nereida para mim? — Conlan olhou de Justice a Marie e vice-versa. — Eu conhecia sua mãe, Justice. Era uma linda mulher, mas ela não era uma deusa do mar e, tanto quanto eu sei, não tinha quarenta e nove irmãs.

Brennan falou de sua posição contra a parede.



— Ele fala a verdade. Quando éramos crianças todos juntos, seus avós costumavam nos alimentar deleitosamente. Não me lembro de seus nomes serem Doris e Nereu.

Justice sorriu, mas foi um gesto vazio que não alcançou seus olhos.

— Meus pais adotivos. Você conheceu meus pais adotivos, que estavam tão entusiasmados em ter em uma criança que fizeram muito poucas perguntas. Especialmente considerando as circunstâncias.

— Que circunstâncias são essas? — Perguntou Ven, inclinando-se para frente.

— Eu não posso dizer a você.

— Quer dizer que você não vai nos dizer. — Disse Alaric.

— Quer dizer, eu não posso dizer. — Repetiu Justice. — Conhece o velho ditado? Eu diria a você, mas então teria que matá-lo? Bem, no meu caso, é a verdade literal.

Ven e Conlan levantaram-se.

— Está nos ameaçando? — Ven perguntou primeiro.

Justice acenou com a mão.

— Não, eu estou dizendo a verdade. É uma *geas*¹⁷ que foi colocada sobre mim quando era bebê. Literalmente não posso falar as circunstâncias do meu nascimento, não importa o quanto eu poderia querer. — Disse ele amargamente. — Se eu fizer isso, serei forçado por uma poderosa compulsão mágica a matar qualquer um que possa ter me ouvido.

Alaric estudou-o, os olhos apertados.

— Quem poderia ter estabelecido uma compulsão tão forte que durou séculos?

Justice olhou bem nos olhos.

— Ela foi colocada pelo melhor, Sacerdote. Foi colocado por um deus.

Riley ergueu a mão e tocou o braço de Conlan.

— Ele está dizendo a verdade.

Ven balançou a cabeça.

— Nós não podemos saber isso. Esteve mentindo para nós durante séculos.

— Olá? *Aknasha* aqui, lembra? Posso sentir suas emoções. Ele está dizendo absolutamente a verdade.

Erin finalmente falou, pela primeira vez desde que se reuniram na sala.

¹⁷ A *geas* tem duas interpretações na mitologia gaélica e folclórica. Primeiro, é uma promessa ou obrigação imposta a uma pessoa (normalmente um herói). Tradicionalmente, a desgraça do herói surge devido à violação dessa *geas*, seja por acidente ou por ter várias *geas* e, em seguida, ser colocado em uma posição onde eles não têm opção, exceto violar uma *geas*, a fim de manter o outro. Posteriormente, um *geas* tomou o aspecto de um tabu ou proibição. A *geas* também pode ser comparada com uma maldição ou, paradoxalmente, um presente. Se alguém sob um *geas* viola o tabu associado, o infrator sofrerá desonra ou mesmo morte.



— Por que meu âmbar me disse que ele estava usando magia de morte? Não entendo nada disso. Se ele é meio-Nereida, por que a Deusa do Templo surtou assim?

Marie respondeu antes que Justice pudesse responder.

— Eu não sei a resposta para isso. Ele é o primeiro com sangue de Nereida a entrar no Templo em milênios, tanto quanto sei. No entanto, ele foi lá antes, e nunca houve qualquer problema. Acho que suas joias alertaram você quando a nossa Deusa reconheceu um dos seus próprios, e você processou-o como um aviso de magia de morte. Não é como se você tivesse outra maneira de traduzir, uma vez que não conheceu muitas Nereidas no passado.

Erin assentiu, embora não parecesse totalmente convencida.

— Faz sentido, acho. Agora que estamos fora do templo, meu âmbar não está me avisando, apesar de Justice estar perto o suficiente para ser tocado.

Algo escuro vibrou através de Ven por suas palavras, e ele falou antes que pudesse deter-se, movendo-se para colocar-se entre Justice e Erin.

— Seria melhor se você não o tocasse. — Disse ele. — Por favor, tranquilize-me sobre essa questão.

Ela suspirou e encolheu os ombros.

— Tudo bem. Mas nós vamos precisar falar sobre isso, também.

Marie falou novamente.

— Há algo de importância vital que devo compartilhar com todos vocês. Acredito que detém a chave para a cura de Riley e do bebê. Embora a canção de Erin tenha ajudado temporariamente, o problema básico permanece. O corpo de Riley parece estar rejeitando a gravidez.

Todo mundo olhou para Riley, que parecia mais pálida do que estava naquela manhã e, certamente, bem mais do que estava depois de Erin ter cantado a cura para ela no dia anterior. Riley só tinha olhos para Marie.

— Você pode ajudar meu bebê?

Marie balançou a cabeça.

— Não, infelizmente, é como eu disse. Sou incapaz de fazer mais alguma coisa por você. É Erin. Erin pode curar o bebê.

Erin levantou a cabeça, piscando.

— Você sabe que vou fazer tudo o que puder. Mas realmente não sei como fazer essa coisa de cantora de pedras preciosas ainda. O que eu fiz ontem pode ser tudo o que há em mim.



— Não, você não entende. — Disse Marie. — Você tem a capacidade de encontrar o Coração de Nereida, que está escondido em um cofre de diamante e esmeralda e também há rumores de conter uma das joias perdidas do Tridente de Poseidon.

Marie tirou algo que parecia ser um pergaminho de um bolso de seu vestido e entregou-o a Erin.

— Estude bem isso. Com esse rubi, você poderia curar Riley e o bebê completamente.



Erin observava tudo ao seu redor, perplexa, enquanto os preparativos para a viagem de volta a Seattle aconteciam. Uma tapeçaria do chão ao teto em uma das paredes da câmara de guerra, retratando cenas de que ela assumiu ser o cataclisma que falaram, foi puxada de lado para revelar um arsenal. Armas que iam desde espadas e balestras¹⁸ até pistolas modernas e o que pareciam rifles de assalto foram retiradas das prateleiras e preparadas.

Ela queria uma guerra, e parecia que iria ter uma. Os argumentos de Ven contra ela colocar-se em perigo desapareceram quando ele percebeu que ela era a única que conseguiria localizar o Coração de Nereida. Agora, cada centímetro de seu duro e musculoso corpo parecia cerdas com armas. Ele só falara com ela uma vez desde que a decisão fora tomada, a puxou de lado e pediu que nunca ficasse a mais de dois metros longe dele em qualquer momento na missão.

Ela apenas se virou, sem se preocupar em discutir com ele. Ela faria o que tinha que fazer para salvar sua irmã, se Ven estivesse lá para ajudá-la ou não.

Riley ficou pior logo após o pronunciamento de Marie, e Conlan e Marie a levaram para descansar. Conlan voltou para a sala agora, o rosto pálido e tenso.

— Ela está pior ainda. — Disse ele. — Muito pior neste momento.

Erin se levantou de sua cadeira.

— Posso...

— Não. Você não pode drenar sua força antes de sair. — Disse ele, sua voz áspera com tensão. — Obrigado por oferecer, mas aparentemente o alívio que você pode dar, sem o rubi é apenas temporário. Marie acredita que o rubi vai ajudá-la a curá-la. Curar nosso filho.

Ven colocou a mão no ombro do irmão.





— Sei disso, Conlan. Juro que farei tudo ao meu alcance para encontrar esta joia, mesmo à custa da minha própria vida.

Conlan assentiu.

— Eu sei que você vai. Não posso... eu não posso sair daqui. Há uma chance de que ela não vá...

Erin sentiu as lágrimas queimando-lhe as pálpebras pelo desespero em sua voz.

— Nós vamos encontrar, Conlan. Diga isso a ela para nós.

Ele balançou a cabeça, em seguida a abraçou por alguns instantes.

— Faça o seu melhor, cantora de pedras preciosas. — Disse ele, e então se foi.

Erin se voltou para Ven, precisando desesperadamente do conforto de seus braços, mas ele ficou de pé, braços cruzados, olhando para ela, com os olhos glaciais com dor.

— Vou arriscar minha própria vida, mas não vou arriscar a sua, Erin. Temos de encontrar uma forma de recuperar esta joia sem nenhum dano a você. Se eu for forçado a escolher entre sua vida e as vidas de Riley e seu bebê, não vou sobreviver.

Ela não teve nenhuma resposta que fizesse sentido, então apenas balançou a cabeça e se enrolou em um canto do sofá enquanto as preparações continuavam, perguntando-se que tipo de insensível destino maldito era aquele para realmente colocar tanta coisa em jogo, tudo jogado sobre os ombros de uma jovem bruxa assustada.

Ela olhou para os anéis, mas, desta vez, estavam completamente em silêncio.

Capítulo 16



Um armazém, Seattle



Se a casa armazém de Ven (ou o que restou dela após a explosão da bomba ter aberto um buraco no meio do seu andar) tinha idade suficiente para ser retrô, então o lugar para o qual Quinn os dirigiu era a fronteira entre uma ratoeira-pedaço-de-merda e condenado.

Ven estava apostando em condenado.

Quando ele olhou para a severa parte dianteira do edifício, escura pelo vago brilho lançado pela única iluminação de rua que havia na rua, percebeu os buracos, os tijolos que faltavam, e várias janelas quebradas, pelas quais poderiam avistar os inimigos casa abaixo em muitos âmbitos o que seria trabalhoso para eles enquanto permanecessem lá. Ele puxou Erin para mais perto de seu corpo, de modo que ela fosse um alvo menor, ainda que confiasse em Quinn, tanto quanto confiava em qualquer ser humano, e Alexios, Justice e Brennan tinham se fundido nas sombras para dar uma volta no prédio e verificar o perímetro.

Christophe e Denal foram à caça de delinquentes; aferir bares e cortiços para qualquer um que pudesse ter informações sobre Calígula e suas atividades. Quando um vício de tragada ou uma bebida montava um homem duramente, normalmente poderia ser persuadido a vender o que sabia, por um preço.

Erin endureceu e começou a afastar-se dele, mas depois que um rato maior do que a maioria dos gatos correu, ao virar da esquina em frente a eles, ela soltou um grito estridente e tentou subir na camisa dele. Ele não pôde evitar o sorriso que cruzou seu rosto.

— Minha pequena guerreira. Disposta a tomar as bombas com nada além de sua magia, mas com medo de um rato pequeno.

Ela o empurrou.

— Pequeno rato, impossível! Esse foi o maior rato que já vi!

Ele deu de ombros.

— Pelo menos você pode ter a relativa certeza de que não está carregando a peste¹⁹, o que nem sempre foi o caso.

— Peste? Ah, certo. Você tem quase quinhentos anos de idade. Continuo esquecendo. Percebe que é velho demais para mim? — Perguntou ela, tentando mover-se ao redor dele para entrar no edifício pela primeira vez. Ela estava discutindo com ele sobre como era mais bem preparada para ser a primeira a adentrar, tendo em vista a sua magia de proteção, assim que entraram através do portal que Alaric criou para eles.

¹⁹ Peste negra, ou peste bubônica transmitida pelo rato.



O olhar de Ven se ligou ao do sacerdote, cujo rosto estava tão branco que parecia um morto-vivo. Cada passo que dava para mais perto de Quinn, era mais um que Alaric deveria sentir cravar em seu peito.

Antes de chegarem à porta de aço, que estava presa embriagadamente fora de suas dobradiças, ela se abriu para revelar uma mulher pequena e magra em pé na porta. Ao olhá-la, nunca iria acreditar que Quinn Dawson era uma das coo líderes das forças rebeldes humanas. Ela era poucos centímetros mais baixa do que a irmã e tinha cabelo curto e escuro, que parecia que cortava com um cortador de grama. Com uma enorme camiseta de Bon Jovi que usava com jeans desbotados, poderia facilmente ter passado por uma adolescente. Uma adolescente com os olhos enormes e feições muito delicadas.

De uma curta distância atrás dele, Ven ouviu um barulho que parecia uma sibilante expulsão de ar dos pulmões de alguém. Uma vez que a *pessoa* era Alaric, que poderia fritar a bunda de Ven com aqueles olhos brilhantes, Ven não deu nenhuma indicação de que ouvira uma coisa assim.

Enquanto Erin tentava passar por ele de novo, ele ainda sentiu um vislumbre de simpatia com a reação do sacerdote ao ver Quinn novamente.

Sem uma lufada de aviso, Alaric repentinamente brilhou em uma névoa e disparou sobre a parte superior do edifício. Ven assistiu-o ir, tristemente divertido. O mais poderoso sumo sacerdote que Poseidon já ungiu estava com medo de uma menina. A ideia animou-o imensamente, apesar de certa falta de precisão.

Ele resolveu o problema com Erin, colocando um braço em volta dos ombros dela e puxando-a para mais perto, sem se preocupar em negar, até mesmo para si, a sensação de *leveza* absoluta que sentia quando ela estava em seus braços. Ele sabia que pagaria por sua presunção mais tarde, mas percebeu que se preocuparia com isso quando acontecesse.

— Boa escavação, Quinn. — Disse ele, estendendo a mão.

Ela sorriu para ele, seu olhar rápido já pesara e medira cada um deles, e apertou a mão dele com um aperto firme.

— É bom ver você. — Ela disse, soando como se quisesse dizer aquilo. — Nós temos problemas.

— Você e problemas no mesmo parque? Diga que não é assim! — Disse ele, apertando o peito com a mão livre.

— Talvez seja melhor tirar isso da rua. — Ela se virou para desaparecer pela porta escura. Enquanto Ven a seguia, ainda segurando firmemente Erin, sua cantora de pedras preciosas lançou um cotovelo. Duramente.



Ele resmungou, mas não a soltou.

— O que foi isso?

— Oh, não sei, vamos ver. Talvez uma apresentação fosse boa. — Ela sussurrou. — Quinn, esta é Erin. Erin, esta é Quinn. Viu como é fácil?

— Ela está certa, você sabe. — Disse uma voz da qual Ven se lembrava muito bem. O dono da voz fluía ao virar um canto, movendo-se com uma graça letal que era incomum a um homem tão grande. A menos que o homem fosse um metamorfo que se tornasse um tigre de duzentos e cinquenta quilos quando estava de mau humor.

— Menino da selva!

— Você é um *homem* da selva, cara de peixe. — Jack disse, estendendo a mão para apertar a de Ven. Então seus olhos se voltaram para Erin, e ele se inclinou um pouco em direção a ela e respirou fundo.

— Quem é a bruxa? Você finalmente se estabeleceu, vai ter alguns guppies²⁰? —

Ven ficou tenso e tirou a mão, empurrando o tigre a vários centímetros para trás.

— Não cheire minha mulher como se ela fosse o seu território.

Jack piscou para ele, então riu.

— Sua mulher? Então, esse é o jeito dele, não é? Bem, não deixe que isso seja dito de um alfa da minha raia que não reconhece os direitos de um casal.

Ao lado dele, Erin murmurou algo sob sua respiração e ergueu as mãos. A próxima coisa que soube, ele e Jack estavam sentados em suas bundas no corredor, olhando para ela em estado de choque.

Ela fez um show exagerado de limpar as mãos, e em seguida, estendeu uma para Quinn.

— Eu sou Erin Connors, prazer em conhecê-la.

Quinn apertou-lhe a mão, sorrindo para Ven e Jack.

— Oh, querida. Sericamente, o prazer é meu.



Quinn apresentou Erin aos doze homens e duas mulheres que estavam em torno da mesa na parte de trás do armazém, mas só usou nomes e Erin tinha um forte sentimento de que a maioria, se não todos, aqueles eram pseudônimos. Sua magia sentia que pelo menos oito do grupo eram





metamorfos. Todos eles, seres humanos incluídos, pareciam duros e de alguma forma cansados, e cumprimentaram-na com cautelosa reserva. Ela tinha a sensação de que apenas Jack e Quinn encontraram algum atlante antes, e o resto estava curioso sobre eles, pela maneira como o grupo de Quinn os estava observando.

Erin nunca esteve perto de tantos metamorfos em sua vida, e seu âmbar estava cantando freneticamente uma música. A música era diferente da que cantava quando os vampiros estavam por perto. Esta canção era mais profunda, mundana. Mais sensual. Como se as joias percebessem que Erin não estaria de todo avessa a chegar perto de forma pessoal de um belo metamorfo se o mundo fosse diferente. O cara assustador grande e lindo, Jack, havia inclinado os olhos de uma forma que disse a ela que algum tipo de gato era a outra metade de sua natureza dual. De acordo com a ameaça mortal que ele projetava, ela estava apostando que não era cotidianamente, um meio gato doméstico, também.

Ela olhou para Ven, de alguma forma, só de pensar em chegar perto de forma pessoal a fez querer alcançá-lo. Memórias do jeito como ele a tocou, a abraçou, e deslizou seu comprimento duro dentro dela passou pela sua mente e sua boca ficou seca enquanto suas esmeraldas ronronaram uma música sensual. Ele a pegou olhando para ele e algo deve ter dado a dica de seus pensamentos, porque os olhos dele escureceram e seu olhar praticamente a marcou de onde ela estava.

Ela fechou os olhos por um segundo e respirou se firmando, então propositamente virou o corpo para que não estivesse em sua linha de visão por algum tempo.

— Quinn, eu entendi que Riley é sua irmã?

Quinn sorriu e o primeiro calor de verdade que ela mostrava brilhava em seu rosto.

— Sim, mas você não poderia dizer isso ao olhar para nós, não é?

Erin estudou o rosto de Quinn.

— Na verdade, sim. Vocês têm os mesmos traços delicados faciais, as mesmas maçãs do rosto, e a mesma fantástica pele de porcelana.

Jack começou a rir.

— Oh, isso não é a maneira de fazer amigos aqui, Erin. Chame Quinn de delicada, e ela fica susceptível a rasgar seu braço e fazê-lo encher sua garganta.

Erin piscou, mas Quinn apenas revirou os olhos.

— Ótimo, Jack. Assustar a bruxa boa, por que não fazer isso? — Ela colocou a mão no braço de Erin. — Ignore o tigre. Ele fica mal-humorado, se não comer alguns nativos a cada duas semanas.



Erin olhou para trás e para frente entre os dois, sorrindo hesitantemente, porque tinha a sensação desconfortável de que havia mais verdade na brincadeira do que queria saber. Além disso, nunca conheceu qualquer metamorfo cuja outra forma fosse a de um tigre, e a natureza exótica do animal sob a pele de Jack a surpreendeu e enviou um pouco de frio formigamento trepidando através de seus sentidos. Por outro lado, precisava de aliados que fossem fracotes?

Ven encarou todos eles da beira de uma mesa, onde estava olhando para o que parecia ser um mapa topográfico do estado de Washington.

— O que, nos nove infernos, você estava planejando fazer? E por favor, me diga que, pelo menos, ia esperar por nós para participar da festa.

Quinn caminhou até ele e apontou para uma área circulada em vermelho.

— Nós estamos trabalhando com nossas fontes e acompanhando a frequência dos ataques dos recém-transformados por vários meses. Tudo parece se voltar para a área ao redor do Monte Rainier.

Jack apontou um dedo no mapa.

— Estamos supondo aqui embaixo. Há uma série de cavernas de gelo e túneis que são intransitáveis para os seres humanos. Qualquer entrada grande o suficiente para passar é tão fortemente magicamente protegida que nós assistimos aos humanos saltar diretamente para longe dela e nem perceberem o que faziam.

— E as bruxas? — Perguntou Erin.

Quinn lançou um olhar medindo-a.

— Não sabemos. A única bruxa em nossa equipe está desaparecida há mais de uma semana. Nós não sabemos se ela foi capturada, morta ou... convertida.

Ven falou novamente.

— Temos um problema com as bruxas irem mal por aqui, não é? A mulher que atacou a sede do Círculo de Luz era forte o suficiente para cortar o poder de Erin. Será que isso soa como a sua bruxa?

Jack e Quinn trocaram um longo olhar, mas finalmente Quinn balançou a cabeça.

— Não sei o quão poderosa você é, Erin, mas ela não era muito forte. Duvido que ela possa canalizar esse tipo de magia, a menos que estivesse disfarçando a sua verdadeira força de nós.

— A bruxa que me atacou estava canalizando magia negra, o que aumentaria automaticamente seus poderes, mais do que poderia invocar com a luz. — Disse Erin. — Não consegui uma boa olhada nela, apesar de tudo.



— Nem eu. — Ven admitiu. — Bati nela, mas, em seguida, ela desapareceu quando eu estava lidando com seu colega e um casal de vampiros.

— Bem, não saberemos até tentar, não é? — Erin andou a fim de estudar os mapas. — Nunca teria imaginado que havia cavernas sob o Monte Rainier. Eu costumava fazer caminhadas com minha família, antes... — Ela parou e balançou a cabeça. Não precisava daquilo naquele momento. A tristeza poderia enfraquecer sua determinação.

Quinn levantou uma sobrancelha, mas não pediu explicação. O olhar sombrio, machucado ao redor dos olhos deu a Erin a ideia de que Quinn sabia muito sobre segredos e suas próprias tragédias.

Ven pigarreou.

— Quinn, precisamos conversar em particular. Há algo que preciso...

— É sobre Riley? O bebê? O que há de errado? — Quinn praticamente saltou para ele. — Diga-me agora, droga.

A compaixão nos olhos de Ven tocou em um lugar profundo dentro de Erin enquanto o observava. Este guerreiro feroz falava de um jogo duro, mas se importava profundamente com sua família.

Para adicionar a sua confusão, Erin teve a ideia de que ele estava começando a se importar profundamente com ela. Empurrou o pensamento de lado antes que pudesse examiná-lo. Não havia tempo para pensar sobre como cuidar de alguém, quando ela estava em uma missão que poderia muito bem acabar com um ou ambos mortos. Definitivamente, não havia tempo para considerar se ele era o tipo de carinho que ela daria boas-vindas e, talvez, retribuísse.

— Riley está um pouco melhor, Quinn. Erin realmente a curou, e Riley se sentiu muito melhor por um tempo.

O escuro olhar de Quinn virou-se para Erin.

— Você é uma curadora?

— Não. Bem, sim. Talvez. — Erin tropeçou, tentando ser completamente honesta. — A verdade é que eu não sei bem exatamente o que sou, não mais. Sei que sou uma bruxa do nono nível do Círculo de Luz de Seattle, e tenho uma afinidade com pedras preciosas. Os atlantes acham que eu sou uma cantora de pedras preciosas, o que significa mais para eles do que para mim ainda. Mas algo no Templo das Nereidas e na proximidade com suas pedras preciosas ajudaram-me a, na verdade, cantar a cura para sua irmã.

Quinn cruzou até ela, deu-lhe um abraço rápido e feroz.



— Tenho uma dívida devido a isso. Riley é a pessoa mais importante no mundo para mim. Estou planejando ir até ela assim que possamos chegar ao fundo do problema. Muitos dos meus morreram tentando.

Quando Quinn voltou para a mesa, de repente parou, as mãos indo para seus bolsos. Em um movimento suave, ela puxou uma faca de um bolso e uma arma da outra, e se agachou.

— Problema! — Ela gritou, e todos no lugar foram para o ataque e para o modo de defesa.

No entanto, o problema que flutuava para baixo no centro da sala não era um inimigo, mas sim um aliado. Mais ou menos. Se não contar toda a coisa da ameaça de “pena de morte”.

O rosto de Quinn ficou branco giz, e Erin percebeu um leve tremor em suas mãos quando ela colocou as armas longe.

— Alaric. Você tem uma queda por entradas dramáticas, não é? — A voz de Quinn era estável, apesar do efeito óbvio da presença do sacerdote.

Alaric tocou o chão a poucos centímetros de distância de Quinn e olhou para ela. Erin ficou chocada com a expressão em seu rosto. As partes planas e angulosas endureceram ao passo que parecia ser uma estátua de mármore em vez de carne e sangue, uma estátua com oceanos de dor nos olhos. Olhava para Quinn, como um moribundo olha para a sua última chance de salvação.

O olhar de Erin voou para Quinn, e ela teve outro choque. Porque Quinn estava olhando para Alaric com a mesma exata expressão no rosto.

O sacerdote finalmente falou, sua voz rouca.

— Quinn. Espero que você esteja bem.

— Eu... eu vou estar bem quando souber que minha irmã está bem. — Respondeu Quinn, sua voz quebrada pelas palavras. — Por que você não pode curá-la, Alaric? Sei o quão poderoso você é.

— Tenho feito tudo o que posso, mas não é o suficiente. — Um músculo se apertou em sua mandíbula e Erin sentiu uma simpatia inesperada pelo homem. A incapacidade de ajudar Riley e o bebê devia corroer sua alma, pois não havia sequer um traço da habitual arrogância em sua voz ou expressão.

— Na verdade, posso ser capaz de ajudar com isso. — Erin disse, obrigando-se a quebrar a tensão horrível entre eles. — Existe uma lenda de um famoso rubi que os cantores de pedras preciosas aparentemente podem usar para curar as mulheres grávidas e fetos. Se pudermos encontrá-lo, posso tentar usá-lo. Marie disse que ia me ajudar. O rumor é que pode estar em algum lugar ao redor do Monte Rainier.



— Isso é uma grande coincidência. — Disse Quinn. — Apenas aconteceu de estarmos perto do Monte Rainier, e Calígula estar provavelmente lá debaixo. Agora você está me dizendo que esta joia está lá, também? Eu não acredito em coincidências.

— Também não, mas na verdade não é uma coincidência em tudo, é mais como uma relação de causa-e-efeito, de acordo com o que Marie nos disse. — Explicou Erin. — É evidente que a presença da joia nesta área atrairia qualquer criança com o dom de cantora de pedras preciosas latente, por isso era mais provável que a cantora de pedras preciosas fosse desenvolver o seu talento perto do Coração de Nereida do que em qualquer outro lugar do mundo.

— Temos relatos de sons de abalos vindo da área ao redor da montanha. No início, sismólogos pensaram ser uma atividade sísmica. — Disse Ven. — Mas Marie disse que poderia muito bem ser o rubi que estava vindo à vida, por assim dizer, depois de ter estado escondido no subsolo e inerte durante milhares de anos.

Jack de repente fez um barulho, um profundo rosnado e pulou para ficar ao lado de Quinn.

— Sinto cheiro de vampiro.

— Que seria eu. — Uma voz gritou da área perto da porta, onde dois homens de Quinn estavam com pistolas apontadas para Alexios e Brennan, que ladeavam um terceiro homem. O homem no centro ergueu as mãos. — Alguém precisa atirar em mim, rápido, porque vocês vão ser atacados em menos de cinco minutos.

Quando se aproximaram, Erin percebeu que ele era um vampiro, apesar de uma pátina dourada disfarçar sua pele pálida. Tinha a pele escura disposta com o cabelo preto, de outrora.

— Daniel, o que diabos você está falando? — Ven gritou, quando todos na sala entraram em um borrão de ação e o som das armas sendo travadas e carregadas cercaram Erin. Alexios e Brennan avançaram com o homem que deveria ser Daniel acompanhando o seu ritmo.

O âmbar de Erin cantou uma canção urgente, profunda, mas era diferente do discordante som que normalmente ouvia na presença de vampiros. Este tinha uma melodia assombrosa que cantava de alma profunda, solidão e perda.

— O que é você? — Ela perguntou quando ele se aproximou.

Ele lançou um olhar sombrio para ela, a mediu e rejeitou.

— Não sou nada que você já tenha encontrado, cantora de pedras preciosas. Esteja avisada para ficar longe de mim e do meu tipo, porque você tem o aroma dos Fae em seu sangue, e a magia e o sangue Fae se combinam para formar um dos mais potentes afrodisíacos. É parte da razão pela qual ele queria tanto sua irmã.

— O quê? Deirdre? Quem diabos é você? O que...



— Não tenho tempo. — Ele interrompeu e se virou para Ven. — Menos de quatro minutos agora, atlante. Faça parecer bom. Mas, primeiro aqui está o que você precisa saber. Eu estava lá quando o badalar começou, e não era nada produzido pelos humanos. Pode muito bem ser o rubi que despertou e está chamando pela sua cantora.

Ele virou a cabeça e prendeu Quinn com seu olhar negro.

— Minha esperança é que a sua irmã seja curada, valente. Você precisa saber o seguinte: o plano de Calígula é levar o país de volta ao tempo em que as regras e as leis não se aplicavam, enquanto nós, que andamos na noite, criamos nossa própria anarquia. Tudo o que ele faz é para promover esse fim. Sua manada de sangue sai todas as noites para transformar mais e mais seres humanos ao seu serviço, contra todas as leis de seu congresso e contra a vontade dos outros vampiros poderosos, mais conservadores.

Daniel olhou para cima, como se estivesse ouvindo algo que nenhum deles poderia ouvir, então balançou a cabeça.

— Tempo esgotado. Atire em mim e faça parecer bom, Senhor Vingador. O estômago, talvez.

— O quê? O que está acontecendo? — Erin pensou que poderia estar gritando, mas não se importava. — Você quer que a gente atire em você? Onde está minha irmã?

O vampiro brilhou até a mesa e pegou uma caneta, em seguida, esfaqueou-a no mapa com tanta força que fincou na madeira e ficou ali, tremendo para frente e para trás.

— Lá. Agora o faça, Ven. Se eles me pegarem aqui, serei inútil para a nossa causa. Ah, e mais uma coisa. — Ele fez uma pausa, olhos voltados para a arma que Ven tirou do coldre da perna. — Anubisa ainda vive. Ela está tramando algo que Calígula ainda não sabe, e ela tem espiões em todos os três de seus grupos. — Seu olhar abrangia Quinn, Ven, e Erin quando ele disse isso. Em seguida, seus olhos brilharam em vermelho e ele enrolou suas mãos em garras. — Agora!

Ele saltou em Ven que atirou em seu estômago. Daniel deu um grito de agonia de gelar os ossos, e antes de bater no chão, as poucas janelas que ainda tinham vidro explodiram para dentro, quando um bando de vampiros veio gritando para dentro do prédio, a raiva da febre de sangue em seus brilhantes olhos vermelho.

Capítulo 17



Eles vieram rápida e furiosamente, e havia muitos deles. Ven bateu a Glock de volta ao coldre, descartando-a como inútil contra a horda de vampiros. Tirou o casaco comprido, e usou uma mão para desembainhar a espada amarrada às costas, enquanto puxava um punhal com a outra.

Foi diretamente para Erin, que estava congelada no centro da sala, e a conduziu para trás até que suas costas estavam contra uma parede.

— Fique aqui, e fique protegida. — Ordenou.

Quando ela começou a discutir, ele interrompeu.

— Sei que você quer ajudar, mas temos mais experiência nisso. Mantenha-se segura.

Alertados pelo som de gritos deslocando o ar, ele se virou para alcançar o vampiro mergulhando em sua direção. Ven arremessou o punhal com precisão mortal e chocou-se contra a garganta do vampiro. Não o suficiente para matar um sanguessuga, mas o suficiente para retardá-lo.

O vampiro caiu no chão, agarrando a adaga que saía de sua garganta, mas Ven estava lá em um único salto. Um rápido golpe descendente com sua espada, e a cabeça do vampiro rolou para longe de seu corpo. Ele puxou a adaga do que foi deixado do pescoço do vampiro e se virou para encarar mais três que vinham para ele.

Para onde quer que se olhe atlantes, humanos e metamorfos estavam envolvidos no feroz combate corpo-a-corpo com os vampiros. Os rebeldes lutavam quase tão ferozmente quanto os guerreiros de Poseidon, mas foram brutalmente esmagados pelo número. Ven ouviu o soar de tiros, mas não conseguiu ver quem estava fazendo os disparos sobre os ombros dos vampiros que estavam de repente em cima dele. Apunhalando, cortando, e desejando uma braçada de estacas de madeira, se defendeu e impediu-os de chegar até onde Erin estava atrás dele.

Não havia nenhuma maneira de deixá-los chegar até ela. Tentou consolar-se que o escudo dela, que poderia bloquear a força de uma bomba, fosse bom o suficiente para mantê-la a salvo dos vampiros, mas então a sua espada ficou presa nas costelas de um dos vampiros, e outro veio para ele de cima e afundou as presas em seu ombro.

Saltou para o lado a fim de bater a cabeça do vampiro contra a parede de pedra, o que o tirou de sua carne. O movimento deu-lhe uma abertura para ver Erin. Ela estava onde a deixaram, braços



para fora, um escudo cintilante de luz translúcida em torno dela. Dois vampiros estavam tentando passar por ele e continuaram atirando-se contra o escudo, os quais se recuperavam uma e outra vez. Ou eles não eram muito brilhantes, ou sabiam algo que ele não sabia sobre se aquela repetição enfraqueceria o escudo ou a sua força.

A imensa força de uma grande explosão de energia vibrava contra a sua pele, e ele olhou para cima para ver Alaric em pé na frente de Quinn e invocando poder. Ven sorriu, apesar do sangue escorrendo em seu ombro.

— Oh, vocês estão em apuros agora, sanguessugas! Meu homem Alaric vai fritar alguns traseiros de vampiro. — Riu quando disse isso e os quatro novos vampiros que se dirigiam para ele fizeram uma breve pausa, provavelmente utilizada pela presa que não estava tremendo em suas botas. — Venham me pegar, meninas. — Zombou deles. — Não mordo. Pelo menos, não muito.

Os vampiros gritaram sua raiva, com os olhos vermelhos brilhando de forma infernal e sangrenta, e mergulharam bombardeando-o. Ven fez um mergulho rolando no chão e ficou debaixo deles, em seguida, pôs-se de pé e cortou-os com sua espada, matando dois deles antes dos outros dois sequer conseguirem se virar.

Um grito alto e penetrante de uma mulher o distraiu. Ele virou a cabeça para o lado a tempo de ver Erin cair no chão. Ela ainda segurava seu escudo intacto, mas estava encolhido para cobri-la por meros centímetros. Quatro vampiros agora batiam no escudo ao redor dela.

Uma raiva assassina se arrastou por ele em uma maré vermelha de fúria. Ele cintilou para longe dos dois vampiros que o atacavam e moveu-se em alta velocidade para os que cercavam Erin. Cortando e dando facadas, teve pouco trabalho com os dois primeiros, mas, em seguida, uma dor lancinante perfurou suas costas. Olhou para baixo para ver a ponta de um punhal saindo do lado esquerdo do seu abdômen, e se obrigou a saltar para o lado, longe dos vampiros, empurrando com as pernas de repente dormentes. Bateu duramente no chão ao seu lado, com a cabeça no concreto. Antes que pudesse tentar atingir e puxar a adaga, os vampiros estavam sobre ele novamente. O maior dos três puxou o cabelo de Ven e puxou sua cabeça do chão, expondo a garganta para atacar.

Outro grito feminino penetrante cortou o barulho da batalha, mas este veio do centro da sala. Um barulho enorme, um rugido tão feroz que os vampiros que atacavam Ven se encolheram pelo som que se seguiu ao grito. No momento seguinte, uma pressão familiar rodou pelo quarto, em seguida, disparou até uma intensidade que Ven nunca havia sentido antes.

Ninguém, exceto Alaric poderia canalizar os elementos com esse nível de energia ou mesmo próximo. Ven tentou outra risada, e esfaqueou com a faca através da parte inferior do pescoço do vampiro que tentava mordê-lo.



— Está tudo acabado agora. — Começou, e então o ar no armazém virou uma supernova. Uma luz azul-esverdeada ofuscante encheu a sala e pareceu cauterizar diretamente através da pele dos sanguessugas, prendendo-os ao chão. Seus crânios se iluminaram como decorações de Halloween, e a luz azul celeste chiou por trás de suas órbitas e de suas bocas abertas. O fedor horrível de vampiro queimando flutuou sobre ele e ele rolou para longe deles, xingando enquanto o cabo do punhal ainda saindo de sua lateral, bateu no chão e esfaqueou mais profundamente em sua carne.

Tentou empurrar-se para cima, mas foi incapaz de lutar através da pressão da energia ainda crepitando no ar. Empurrou a carcaça esfumaçante de um vampiro morto para fora do seu caminho a fim de ter uma linha clara de visão para Erin. Ela estava agachada contra a parede, de alguma forma ainda segurando seu escudo. Os corpos de três ou quatro vampiros jaziam no chão em frente a ela, as chamas lambendo suas roupas e pele.

Algo dentro dos ouvidos de Ven emergiu com uma liberação repentina de pressão, e ele tentou levantar-se novamente. Desta vez, nada o parou, e correu para Erin, esquadrinhando o ambiente. Os seres humanos, metamorfos e atlantes estavam todos semelhantemente no chão. Um rápido olhar lhe disse que muitos estavam feridos e alguns poderiam estar mortos. Montes fumegantes de sugadores de sangue estavam espalhados pelo local, e Alaric era o único em pé, completamente ileso, chamas azuis estavam ao redor dele e lambiam suas roupas e cabelos. O que quer que nos nove infernos, o sacerdote conseguira fazer, Ven queria aprender. Logo.

Chegou a Erin e agachou-se, estremecendo pela dor em sua lateral. Colocou a mão nas costas e puxou o punhal pelo cabo, atirou-o no chão, e puxou-a em seus braços.

— Você está bem? Será que se machucou? Está ferida?

Ela se afastou e colocou a mão na lateral dele, de onde o sangue escorria.

— Estou bem. Não estou ferida. O que aconteceu com você? Você está sangrando. Muito.

Ele balançou a cabeça.

— Não é nada. Não se preocupe com isso. Se tivessem machucado você... — Deixou o resto da frase não dita, não sabia como dizer “o meu universo teria acabado”, sem assustá-la.

Estava enlouquecendo a si mesmo, pela intensidade da raiva que se arrastou por ele com o pensamento deles machucando-a. Cobriu a ferida da lateral com a mão, e se levantaram e encararam o local.

— Agora nós precisamos ajudar todos os outros. — Disse ele.



Ela assentiu com a cabeça, embora seu rosto estivesse branco com exaustão. Contornaram a bagunça de vampiros mortos se desintegrando no chão e deram dois ou três passos antes que ela pegasse a mão dele e parasse.

— As joias, Ven. Posso tentar usar as pedras para cantar a cura para você.

— Não, você está muito cansada, e a cura drenaria ainda mais a sua força. Estou bem, este é apenas um arranhão.

Ela olhou para ele.

— Acho que nós precisamos ter essa conversa sobre você me dizer o que fazer, mais cedo ou mais tarde. — Disse ela. — Mas não agora.

Com isso, ela colocou uma mão sobre o ferimento de entrada e uma mão no ferimento de saída, abriu a boca, e começou a cantar. Antes que Ven pudesse protestar, as notas delicadas de sua música tomaram conta dele e uma cobertura de luz prateada o envolveu. Um calor ardente centrado dentro de si fez o caminho que a adaga tomou, e de alguma forma ele soube que as notas da canção estavam invocando as moléculas de sua pele a tricotarem-se juntas, para curar a carne rasgada.

Ela parou de cantar, com um suspiro de cansaço. Quando a música parou, a sensação de calor que penetrava a pele dele, também. Olhou para baixo na sua lateral e não se surpreendeu ao ver a carne selada, a ferida aberta foi embora, e nada mais que uma fina linha rosa restava onde o punhal o perfurara.

— Agora eu vou ajudar todo mundo. — Disse ela. Mas antes que pudesse dizer uma palavra, seus olhos se reviraram em sua cabeça e desmaiou. Ele a pegou antes que pudesse cair no chão e levantou-a em seus braços, em seguida, virou-se e encaminhou-se para Alaric, que caiu no chão e embalava Quinn em seu colo.

O corpo inerte de Quinn parecia sem vida, e a raiva nos olhos de Alaric prometia uma gritante morte por tortura para aqueles que haviam projetado o ataque. Os braços de Ven apertaram Erin, e ele fez um voto sombrio para os deuses, falando as palavras em voz alta, para sublinhar o seu voto.

— Juro pela minha vida e pela minha honra como um guerreiro de Poseidon que Calígula não vai sobreviver para ferir qualquer um sob minha proteção novamente.



Erin lutou para a consciência, mas ficou imóvel, sem abrir os olhos, perguntando-se por que doía tanto em cada parte de seu corpo. Dor dançava por trás das pálpebras, fazendo piruetas através



do cérebro, um balé macabro de agonia. A ressaca do uso de magia era de todo muito familiar. O nível de intensidade não era.

Intensidade, a batalha.

Seus olhos se abriram.

— Ven. — Resmungou. Suas cordas vocais queimadas como se tivesse engolido uma espada de fogo. Esforçou-se para sentar-se, e num instante Ven estava ajoelhado ao lado dela.

— Estou aqui, *mi amara*. Como está se sentindo?

— Sinto-me como se uma pedra tivesse se abatido sobre mim. — Admitiu. — Mas além de uma enorme ressaca de magia, acho que estou bem. E você? — De repente, freneticamente, ela puxou a camisa na lateral dele para ver o ferimento. — Será que fiz isso? Você está curado?

Mostrou-lhe a carne curada que era o único sinal do vicioso esfaqueamento, e ela caiu para trás contra as almofadas que estavam altas. Ele se inclinou e apertou um beijo duro rápido em seus lábios.

— Graças a Poseidon você está bem. — Disse ele, sua voz áspera. — E sim, como vê, seu canto me curou, mas precisamos conversar sobre essa propensão que você tem de colocar-se em perigo. A cura drena muito de sua energia.

Ela agrupou um sorriso cansado.

— Adicione à lista de coisas que precisamos falar, então.

Com a certeza de que Ven estava bem, Erin finalmente olhou ao redor da sala e reconheceu a sala de reunião na sede do Círculo de Luz. Ela estava deitada no sofá ‘Borgonha’ listrado mais distante da janela, e vários homens e mulheres que ela reconheceu como sendo partes do grupo de Quinn estavam deitados em tablados no chão e sobre os outros sofás na sala.

Justice inclinava-se contra uma parede, manchas de sangue vermelho escuro manchavam seu cabelo azul. Sua camisa estava desabotoada, e uma bandagem rodeava seu peito. Alaric, Quinn, o tigre, e o resto dos atlantes estavam longe de sua vista.

— Justice está gravemente ferido? E os outros? Quinn? Eles estão...

Ven sacudiu a cabeça e seus olhos escureceram.

— Justice está minimamente ferido, Quinn quase morreu. Ela sofreu um golpe de faca em seus pulmões. Brennan e Alexios ficaram gravemente feridos.

Ela se esforçou para ficar de pé, forçando seu corpo machucado e surrado a cooperar.

— Deixe-me levantar! Posso ajudá-los. Posso cantar.

— Shh. — Ele a acalmou, empurrando suavemente suas costas contra as almofadas. — Alaric curou todos eles, tanto quanto pôde, mesmo antes de sua energia vacilar. Esse truque que fez quase



o matou, acho, mas ele não vai admitir isso. Ele viu Quinn cair e ficou fulo. Sua amiga Gennae disse que, de alguma forma, ele tirou a magia de cada bruxa na cidade e canalizou-a junto com a sua própria, a fim de enviar esse relâmpago destrutivo através do armazém. Foi poderoso o suficiente para incinerar todos os vampiros em um raio de dois quarteirões. Nós encontramos pilhas de lodos de vampiro se fundindo em todo o edifício. Claramente estavam enviando reforços.

— E o seu amigo? Daniel? Foi destruído também?

Ven balançou a cabeça.

— Não tenho certeza de chamá-lo de amigo. Parece que um amigo poderia ter nos avisado antes ou repellido o ataque completamente. Para responder à sua pergunta, não sei. A última vez que o vi, estava batendo no chão com a minha bala em seu intestino. Parece improvável que possa ter se safado.

Um lampejo de algo sombrio cruzou sua expressão, e Erin impulsivamente estendeu-lhe a mão.

— Não é culpa sua. Ele pediu a você para matá-lo. Deveria conhecer o perigo no qual estava inserido.

Seus olhos escuros se esfriaram, e ele puxou a mão da dela e se levantou.

— Não sinto nenhuma culpa pela morte de um vampiro. É nosso dever jurado por mais de 11 mil anos, destruir a espécie deles. Se você tiver certeza de que está bem, preciso ir encontrar Jack e perguntar se ele vai me ajudar a procurar por Christophe e Denal. Preciso de sua ajuda para transportar os feridos para Atlântida.

Ela assentiu com a cabeça e observou-o ir embora, pensando que se ele admitisse ou não, certamente se arrependia de ter causado a morte de mesmo um único aliado, enquanto o mundo parecia se encher com os inimigos.

Um formigamento familiar de magia brilhou no limite de sua consciência, e ela se virou para ver Gennae atravessando a sala em direção a ela, com os braços cheios de cobertores. Uma jovem bruxa iniciante a seguia com uma bandeja de copos e canecas. Gennae acenou para Erin, em seguida, distribuiu cobertores, tendo tempo para se certificar que seus pacientes estavam confortáveis. Ela e a novata entregaram copos e canecas para qualquer um que estivesse acordado, e depois Gennae estendeu uma fumegante a Erin.

— Beba isso, minha filha. — Ela entregou o chá aromático para Erin e sentou-se na beira do sofá perto dos pés dela. — Você está bem? Esse guerreiro parece ter nomeado a si mesmo como seu guarda-costas pessoal e dificilmente deixava-me chegar perto de você.

Franziu a testa com indignação.



— Como se eu fosse te machucar. Tudo o que ele dizia era: 'Nós temos traidores, senhora, e eu não sei se você é um deles'. Essa pessoa Alaric finalmente teve que dizer-lhe que me examinou, e eu não era traidora. Que coragem a deles!

Erin engoliu um breve lampejo de diversão com a ideia de Gennae enfrentando Ven e Alaric. Nunca conheceu uma bruxa mais forte do que Gennae. Mas, novamente, Ven disse que Alaric puxou o poder de todas as bruxas em Seattle...

— Será que isso afetou você? — Ela sabia que a pergunta era impertinente, mas de repente precisava saber. — Quando Alaric tirou o poder das bruxas, puxou o seu também?

— Não, eu blindei. Mas certamente eu senti. — Raiva e, em seguida, um rastro de confusão passou pelo rosto normalmente inexpressivo de Gennae. — Só senti um poder como esse antes, há muitos anos, desde que um assistente canalizou magia da morte na época. O poder invocado por este atlante estava livre de qualquer mácula do mal, no entanto. Era cristalino em sua pureza, e falava de um antigo poder que só o mais velho dos Fae descreveria.

— Isso faria sentido, então, uma vez que a raça atlante parece ser tão antiga quanto a do Fae.

Gennae balançou a cabeça, em seguida, estendeu a mão para tocar a mão de Erin.

— Tenho medo, mas devo dizer-lhe que tivemos más notícias sobre más notícias hoje à noite, Erin. Ataques ocorreram em vários pontos da cidade simultaneamente com o ataque sobre vocês. Vários bruxos estão mortos e outros capturados. Uma equipe inteira da nova unidade paranormal ops foi assassinada, todos os cinco membros foram deixados pendurados, eviscerados, do lado de fora do telhado do Departamento de Polícia de Seattle.

Erin estremeceu com a imagem.

— Calígula? Tinha que ser ele, Gennae, e você deve ver, por isso precisamos destruir esse monstro.

Pela primeira vez, a bruxa mais velha não discordou.

— Há muito mais. Para mim, pessoalmente, a pior notícia de todas. — Sua voz quebrou, e ela inclinou a cabeça. Erin viu as lágrimas cair sobre as mãos crispadas de Gennae.

— O que aconteceu? — Ela olhou em volta, novamente, de repente percebendo o que estava faltando. — Berenice e Lillian! Onde estão?

Os ombros de Gennae balançaram com a força de seus soluços reprimidos.

— Sumiram. Ausentes ou possivelmente mortas. O que é pior — muito, muito pior — é que uma delas pode ter nos traído.



Capítulo 18



Alaric velou o sono de Quinn. Mesmo enquanto ela dormia, incapaz de um pensamento consciente, a força de suas emoções girava em torno dele em uma aura de um azul profundo, vinho tinto, e uma neblina cinzenta. Alguns o chamavam de o mais poderoso sumo sacerdote ungido por Poseidon. No entanto, enquanto estava ali e olhava para a frágil fêmea humana, sabia que ela tinha o poder de destruí-lo.

Ele, porém, estava ávido por mais alguns momentos roubados em sua presença. Não ciente em como ela, de alguma forma, adentrou sua alma. Sem saber o porquê.

Não se importando.

Apenas alguns, um conhecimento nascido da escura e implacável fome, sabiam que ele a queria — seu toque, sua mente, sua alma — mais do que jamais quis nada anteriormente.

Também tinha a certeza de que o seu dever e seu destino o proibiam.

Mas o dever certamente não lhe negaria um único sabor de seus lábios. Ele curvou-se em silêncio, mas quando se aproximou, os olhos dela se abriram.

— Alaric. Temos que parar de nos reunir assim. — Disse ela, seus exuberantes lábios macios e beijáveis curvaram-se em um sorriso. De alguma forma, ele não conseguia tirar os olhos de sua boca. Mesmo um sacerdote de Poseidon, que jurou ser celibatário, poderia fantasiar sobre sua boca.

Ela lambeu os lábios secos com a ponta da língua, e um raio de luxúria o atravessou. Ele cambaleou um passo para trás, sobre os joelhos repentinamente, fracos.

Quinn sentou-se na cama estreita, e seu olhar correu ao redor do pequeno quarto que as bruxas deram a ela.

— Você está bem? Seu rosto está numa tonalidade cinzenta que não pode ser saudável. O que aconteceu? Onde está o meu povo?

Ele levantou a mão para parar o fluxo de perguntas e afundou-se na única cadeira no quarto.

— Um momento, por favor. Parece que minha força não está como eu desejava que estivesse.



Uma consciência chocada surgiu nos olhos dela.

— O ataque daquele vampiro. Ele me esqueceu. Eu deveria estar morta. — Ela passou as pernas para o lado de fora da cama e se sustentou com as mãos olhando para ele. — A última coisa de que me lembro é que estava me sentindo como se estivesse me afogando em meus próprios pulmões, e então desmaiei ou o céu explodiu. E por que tenho uma forte sensação de que você tem algo a ver com isso?

Ele olhou para ela e se perguntou como poderia ter zombado dos poetas. Claramente *era* possível se afogar nos olhos de uma mulher. Ou pelo menos querer estar preso dentro dela por toda a eternidade.

Mas os pensamentos de estar dentro de Quinn levavam a desejos escuros e impossíveis de tê-la nua e mergulhar dentro dela ali na cama, onde ele terminou sua cura. Conduzir-se até o momento em que ela nunca fosse soltá-lo.

Nunca querer soltá-lo.

Anseios impossíveis.

— Alaric? — A respiração ficou presa em seu nome, como se tivesse visto suas fantasias, ou lido os cantos mais escondidos de sua mente. Ela era *aknasha*, e talvez ele não estivesse se protegendo o suficiente.

Quando ele olhou para ela, ainda incapaz de falar, a tentação brilhou através dele. Apenas deixar-se, soltar seus escudos. Permitir totalmente a entrada dela em sua alma estéril, apenas por alguns momentos. Apenas o tempo suficiente para ver se conseguia descobrir qualquer vestígio de humanidade que os séculos de servir a justiça de Poseidon poderiam não ter queimado fora dele.

Mas o dever estava arraigado muito profundamente. O destino montava-o muito duramente para imaginar qualquer outro caminho. Ele bloqueou seus escudos e respirou fundo.

— Eu sinto muito, Quinn. Estou cansado...

Ela empurrou-se para fora da cama para ficar, instável em seus pés.

— Entendo. Tenho a ideia de que posso precisar lhe agradecer por salvar a minha vida novamente. — Ela atravessou a largura estreita do quarto, se ajoelhou na frente dele e colocou as mãos sobre os joelhos. — Então, muito obrigada.

Sentou-se, congelado no lugar, o calor de suas mãos queimavam através das calças na pele abaixo, nas terminações nervosas, nas células do sangue que corriam abundantemente por suas veias. Preso em um prisma cintilante de sensações, ele sabia que a gratidão dela seria a sua destruição.



— Você não pode... — Ele mal conseguia forçar as palavras por sua garganta, a dor sufocando-o. — Você não pode me tocar, Quinn. Não pode me tocar.

Ela olhou para ele, seus olhos enormes se tornaram tão escuros quanto o seu desespero e cheios de uma angústia além do que poderia ser suportado por tal ser humano frágil.

— Eu sei, Alaric. Sei que não sou digna de tocar em você. Nunca poderia ser digna. Mas neste momento roubado da realidade, por favor, deixe-me.

Ele balançou a cabeça. Ela não entendeu. Era ele que nunca iria ser digno dela, ele que não poderia abandonar seu povo, seu dever e Atlântida, ele que executou as ações irredimíveis das quais nunca poderia apagar as manchas de sua alma.

— Quinn, não, você não entende...

Mas antes que ele pudesse terminar a frase que não sabia como formar, ela se levantou e tocou seus lábios nos dele, e seu mundo se destruiu. Ele pulou em um movimento poderoso e puxou-a em seus braços e beijou-a com toda a paixão, fúria e urgente necessidade que o arranhou desde a primeira vez que viu seu rosto. Ela colocou os braços ao redor dele e o beijou de volta, um desejo fervoroso de seu gosto, de seu toque, da glória de sua boca quente e acolhedora.

Ele a beijou, seus braços com tanta força ao redor dela que a distante parte sã de sua mente reconheceu que poderia machucá-la e ele soltou sua presa feroz, apenas uma fração. Não o suficiente para soltá-la, ele nunca poderia deixá-la ir.

Ela se afastou por um momento para respirar, e ele pressionou beijos no rosto e pescoço e acariciou-a com um fluxo de palavras em atlante, palavras que ela não conseguia entender, palavras que ela não podia saber, mas que falavam do desejo, necessidade e desesperada fome profunda de sua alma.

Ele levantou o rosto para reivindicar seus lábios novamente, e viu o brilho iridescente das lágrimas enquanto escorriam por seu rosto.

— Sabia que ia ser assim entre nós, Alaric. — Ela sussurrou. — Eu sabia, eu sabia que seria muito pior para mim se eu alguma vez o tocasse. Se tivesse uma única amostra do que nunca poderei encontrar, ou ter ou manter.

Dor o atravessou, uma agonia tão feroz e esmagadora que as costas arquearam devido à força e ele estremeceu assustado, quando sua cabeça bateu no teto da sala. Ele piscou e olhou para baixo, apenas para perceber que tinha flutuado, levando-a a vários metros do chão. Ele concentrou bastante de sua minguante energia para baixá-los com cuidado para que seus pés tocassem o chão novamente, e então, com os braços ainda embrulhados em volta dela, beijou as lágrimas que caíam de seus olhos.



— Você me honra com suas lágrimas, *mi amara*. — Sussurrou. — Não posso ser o que você precisa, mas saiba disso. Nunca andou na terra, ou nas águas dos oceanos uma mulher mais digna do que você. Sua coragem e espírito brilham o suficiente para perfurar a mais profunda escuridão. Se eu pudesse ter algo mais nesta vida ou na próxima, gostaria de uma eternidade ao seu lado.

Ela respirou fundo, um som áspero de dor que esmagou os fragmentos de seu coração, que ainda permaneciam em seu peito.

— Alaric, se você soubesse... As coisas que eu fiz. Que não posso...

Ele não conseguia parar a si mesmo mais do que poderia deixar a sua necessidade de respirar. Inclinou-se para beijá-la novamente, de alguma forma, reivindicar um beijo que seria suficiente para aquecer os próximos vários séculos de sua solitária e estéril existência, mas depois parou, alertado por um barulho no corredor. Cintilou para ficar entre Quinn e a porta um mero segundo antes dela se abrir.

Denal estava ali, a miséria gravada em cada linha de seu rosto.

— Conlan enviou uma mensagem para nós através de um dos guerreiros em treinamento. É sobre Riley. Ela está pior. Se Erin não conseguir o Coração de Nereida e voltar a Atlântida nas próximas 72 horas, Marie diz que Riley pode morrer.



Ven sorveu o último gole de café de sua caneca e encheu-o, segurando a garrafa em uma pergunta silenciosa para o resto da sala. A cozinha incongruente cheirava a manteiga e a canela, aromas caseiros que destoavam do clima sombrio de determinação e desespero que percorria os habitantes do local.

Só Quinn e Erin acenaram que sim, então serviu o café restante da garrafa em suas canecas, passando por Justice, que estava sentado com a cabeça apoiada nas mãos. O ferimento na cabeça deveria estar causando-lhe dor, para não mencionar o corte sobre o peito que a espada de um vampiro fizera, mas o guerreiro havia se recusado a permitir que qualquer das bruxas ou Alaric gastasse energia de cura nele.

Alaric sentou em uma cadeira tão longe de Quinn como era fisicamente possível na espaçosa cozinha amarela e branco, mas o calor nos olhares que os dois lançavam um para o outro era, provavelmente, o suficiente para colocar o local em chamas. Ven não sabia quando já viu tal angústia nua no rosto do sacerdote, exceto, talvez, quando souberam que Anubisa levava Conlan.



Gennae sentou perto de Erin, falando em seu ouvido em um tom baixo, e as mãos de Ven coçaram para erguer a cantora de pedras preciosas em seus braços e levá-la para longe, muito longe desta cidade maldita. Longe de todo esse estado do caralho. Ia sequestrá-la se precisasse, se apenas algo além de suas próprias vidas não estivesse em jogo.

Estudou a inclinação cansada de sua cabeça, a forma como ela continuava enfiando seus cachos loiros para trás das orelhas, num gesto nervoso, e emendou esse último pensamento. Se a vida dela estivesse em perigo, ele ia sequestrá-la de qualquer maneira. Não que ela jamais o perdoaria se ela acreditasse que Riley morreu por sua própria inércia.

Não que ele nunca perdoaria a si mesmo. A escolha de arriscar a vida de Erin ou arriscar a vida de Riley e do bebê comia-o pior do que qualquer tortura que Anubisa jamais poderia ter planejado. Claro que, a deusa vampira estava viva, de acordo com Daniel. Então, talvez ela tivesse uma das mãos profanas na confecção deste dilema.

Denal tropeçou na sala, dor e exaustão marcados severamente nas linhas ao redor da boca e dos olhos.

— Brennan, ele quase morreu, não foi? E Alexios, ainda está em muito mau estado, também. Se eu estivesse lá, talvez eu poderia ter...

— Talvez você pudesse estar morto ou quase morto, também. — Justice disse, cerrando os punhos e batendo um em cima da mesa. — Precisamos descobrir quem é o traidor. Eles sabem de cada passo que estamos dando, e estão vindo atrás de nós em números grandes o suficiente para nos eliminar.

Gennae assentiu.

— Estamos, infelizmente, com medo de que um dos nossos três governantes seja, possivelmente, um traidor. Mal posso tolerar isso, mas as evidências sugerem que Berenice nos traiu para Calígula e sua manada de sangue capturou ou matou Lillian. — Sua voz continha apenas uma pitada de instabilidade, e Ven tinha a ideia de que as mulheres estavam muito perto disso, mas ela estaria condenada se mostrasse qualquer fraqueza.

Tenho que admirar isso em uma bruxa.

As mãos de Erin apertaram a xícara até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Berenice. — Disse ela, praticamente cuspiendo o nome. — Sabia que ela não era nada de bom. Sempre apertando e cutucando-me com suas piadas, tentando me fazer desistir do meu treinamento e esquecer o meu plano de vingança contra aquele monstro.

Como se se lembrasse naquele momento que ele chamou a si mesmo de monstro, o olhar de Erin procurou o de Ven.



— Estão atrás de você. — Ele disse, sem rodeios. — Estavam atrás de você no ataque aqui, e estavam tentando com tudo o que tinham atravessar o escudo esta noite. Calígula quer você, por algum motivo, e está jogando com tudo o que tem contra nós para tentar levá-la.

A pouca cor que ela tinha em seu rosto foi drenada para fora com as palavras, mas ela endireitou os ombros e ergueu o queixo.

— Bem, ele não vai me pegar.

— Não se preocupe, bruxinha. Ele terá que passar por mim para chegar até você, e isso não vai acontecer. — Ven prometeu surpreso mais uma vez pela coragem dela. Espantado e, embora relutantemente, impressionado.

— Porém, não é apenas ela, Ven. — Disse Denal. — Christophe e eu percorremos a cidade. Você não vai acreditar na destruição. Os vampiros atravessaram a cidade no espaço de uma hora, considerando o que pudemos ver. Qualquer pessoa em seu caminho ou está morto ou capturado, provavelmente transformado. A unidade P-Ops foi apanhada completamente desprevenida, e um esquadrão inteiro está morto. Brutalmente assassinado e deixado como um aviso.

Christophe entrou pela porta do corredor.

— Está tudo limpo lá fora. — Disse ele. — Quaisquer que sejam as proteções que você colocou neste lugar, são aparentemente à prova de vampiros. Encontramos mais de uma dúzia de montes fumegantes de lodo de vampiro em decomposição em torno do perímetro. Duas de suas bruxas, um dos nossos homens, Jack e alguns dos metamorfos de Quinn estão patrulhando o lado de fora.

— As proteções de inúmeras bruxas há mais de um século guardam este prédio. — Gennae respondeu, uma pitada de orgulho em seu tom. — Eles não vão entrar.

— As proteções estão todas muito bem, mas este antigo imperador romano entrou na era da demolição, não se esqueça. — Disse Ven. — Se enviar outra bomba e Erin ou alguém que possa proteger esteja acordado e alerta — não estiver por aí, *kaboom!* Inclusive para suas proteções.

Gennae tremeu, mas não discordou. Erin se levantou.

— Bem, Erin não vai estar por perto. Ele me quer, e ele vai me pegar. Se isso vai parar este massacre, terei prazer em ir e cortar-lhe sua garganta pessoalmente. — O fato de que suas mãos tremiam nas laterais fez a determinação por trás de suas palavras ainda mais impressionante, apesar do fato de que Ven não ia deixá-la chegar perto de Calígula.

— Não. Não há nenhuma maneira que você vá entrar a uma milha próxima àquele bastardo. — Ele rachou. — Vamos tentar encontrar o Coração de Nereida, mas depois que escaparmos, vou levá-la e a joia de volta à Atlântida para ajudar Riley. Quando Brennan, Alexios, e Alaric tiverem



sua força total restaurada, vamos atrás de Calígula com tudo o que temos e o atrairemos para fora. Mas você não vai ser parte disso. Você me entende?

Ela olhou para ele.

— Não fale comigo como se eu fosse uma criança, Ven. Esse monstro tem a minha irmã, e vou fazer tudo ao meu alcance para salvá-la. O sistema de informações de Quinn disse que a ressonância do som das badaladas emanava das cavernas sob o Monte Rainier. Isso é onde acreditamos que Calígula tem sua base, também. Então, hey, nós teremos dois em um.

— Um o quê? — Perguntou Denal, parecendo intrigado.

— Dois por um. — Explicou Quinn. — E nenhum de vocês tem que pensar que irão a qualquer lugar sem mim e meu povo. Temos uma dívida de sangue contra Calígula, e pretendo pagá-la na íntegra. Isso para não falar que, se você estiver indo buscar algo que vai ajudar a minha irmã e minha sobrinha ou sobrinho por nascer, não há nenhuma maneira que eu não faça parte dessa missão.

Uma voz como um trovão veio em ondas do canto onde Alaric estava sentado.

— Você não vai arriscar a vida desta forma. — Ele ordenou, seus olhos brilhando um verde tão feroz que Ven estava um pouco surpreso que ele não fizesse buracos queimados no rosto de Quinn.

Mas Quinn apenas olhou para Alaric com tanta tristeza que era quase tangível na sala.

— Você não entendeu até agora? Isso é o que eu faço. Arrisco minha vida, para talvez um dia resgatá-la.

Alaric começou a levantar de seu assento, mas, em seguida, fechou os olhos e recostou-se em sua cadeira, em silêncio. Quinn calmamente levantou-se e começou a sair da sala, ombros curvados sob algum peso imensurável. Na porta ela parou e olhou para trás, para Ven.

— Seu cara Reisen serve conosco da mesma forma, Ven. Ele próprio se chama um guerreiro desonrado, e assume cada missão suicida que possa para ajudar a rebelião. Está esperando que sua morte o resgate de alguma coisa errada, que diz que fez: alguma estranha coisa atlante sobre “restaurar a honra da Casa de Micenas”. Se você me perguntar, é um dos homens mais corajosos que já conheci.

Ven não disse nada. Não havia nada a dizer. Ele seria condenado se perdoasse o guerreiro que roubara o Tridente de Poseidon para a sua própria glória pessoal.

Quinn balançou a cabeça.



— Certo. Que seja. Só pensei que você deveria saber. Tenho que descansar um pouco. Chamem-me quando for o momento de ir. — Ela lançou um último breve olhar a Alaric, em seguida, saiu da sala.

Ven atualizou Christophe e Denal sobre o que Daniel dissera sobre os objetivos de Calígula, e Christophe assobiou.

— Se seu objetivo for convencer os humanos a voltar o relógio para os dias antes que os mortos-vivos e metamorfos tenham quaisquer direitos ao abrigo da lei, eu diria que ele está bem em seu caminho. Vimos uma reunião da máfia no tribunal federal no centro da cidade, e não estavam falando de paz, amor e perdão, se você me entende.

— Isso vai afetar o nosso cronograma para nos reunirmos ao mundo dos caminantes da terra. — Ven disse severamente. — Atlântida será necessária muito mais cedo do que tínhamos planejado, se isso continuar.

— Eles não merecem a nossa ajuda. — Christophe zombou. — Por que proteger as ovelhas que acolheram os lobos em seu rebanho? Sabe que há clubes aonde os seres humanos vão para, voluntariamente, serem mordidos por um vampiro? Que tipo de loucura é essa? Se querem morrer tão mal, deixe-os.

— E depois? — A força da fúria de Alaric era uma coisa tangível. — Uma vez que eles transformem mais e mais seres humanos, até mesmo bruxas, a fim de se juntarem às fileiras dos mortos-vivos? Então o quê? Toda a superfície da terra, eventualmente, pertencerá apenas àqueles que nunca podem enfrentar o sol.

Erin de repente riu, um estridente som agudo que não tinha nenhum humor.

— Sim, você fez as contas. Se dois vampiros estão em trens que viajam em direções opostas, e cada um deles transformar dois seres humanos, que, em seguida, transformarão mais dois seres humanos, e assim por diante e assim por diante, que trem cheio de mortos ambulantes vai chegar a St. Louis primeiro?

As sobancelhas de Ven subiram.

— O que você está falando? Que trem?

Ela riu de novo, mas olhou cegamente para ele com um desespero por trás de seus olhos.

— Nada. É problema de matemática de criança, é... nada. Acho que Quinn não é a única que precisa descansar.

Ven empurrou sua cadeira para trás e se levantou.

— Todos nós precisamos descansar. Alaric, vamos reunir nossos feridos em um quarto para que você possa abrir um portal.



Alaric sacudiu a cabeça.

— Estou muito drenado pelos acontecimentos desta noite e pelas curas. Tentei abrir um portal antes e fui incapaz de invocá-lo. Devo descansar por pelo menos doze horas, talvez mais, antes mesmo de tentar novamente. E Alexios e Brennan estão muito gravemente feridos para serem removidos, muito menos caírem no oceano para tentar fazer a travessia na água. Devemos ficar aqui esta noite e confiar nas proteções das bruxas.

Gennae se irritou um pouco.

— Vamos colocar guardas também. Entre os guardas e as proteções, estaremos seguros. Além disso, o amanhecer estará aqui em menos de uma hora, e o sol significa que os vampiros têm que voltar para suas tocas devido ao dia.

Ven viu Erin cair em sua cadeira, mal capaz de permanecer em pé, e chegou a uma decisão rápida.

— Vocês vão ficar aqui, descansar e se curar até que você possa abrir um portal, Alaric. Estarei levando Erin embora para um lugar seguro. Algum lugar, que ninguém a não ser eu conheça, então não há nenhuma possibilidade de qualquer traidor revelar sua localização.

— Longe de Calígula, espero. — Disse Gennae.

A cabeça de Erin se ergueu, e ele viu o fogo em seus olhos enquanto ela se preparava para discutir a questão.

— Não. — Disse ele. — Muito pelo contrário. Nós iremos onde ele nunca esperaria. Estamos indo diretamente para ele.

Capítulo 19



Ponto de Sucesso, 4.316 metros de altitude, Monte Rainier



Calígula agachou-se sobre as pontas de seus pés, os joelhos dobrados, e observou a paisagem da madrugada de um dos pontos mais altos do que chegou a pensar como sendo *a sua* montanha.

— Diverte-me pensar que este local é chamado de Ponto de Sucesso. — Disse a ela. — Muito do meu próprio sucesso foi traçado aqui. Talvez quando o mundo se transformar, eu vou mudar o nome de toda essa montanha em minha honra. Monte Calígula. Iria gostar disso, eu acho.

Deirdre não respondeu, não que esperasse isso dela. Após a primeira hora, seus gritos cortantes tornaram-se cansativos, e ele a prendeu em sua mente, permitindo-lhe experimentar toda a dor e terror, mas não a vocalizar isso.

Ela tremia, nua e machucada, sobre a neve em frente a ele. Mas, quando ele levantou o queixo para beber de sua rendição, não era medo que via em seus olhos, mas ódio.

Ele sorriu.

— O medo, ódio, tudo isso significa o mesmo para mim, meu amor. — Disse ele, traçando a extremidade de uma bochecha que sangrava com seu dedo. — A escuridão das emoções violentas me agrada muito, independentemente da sua fonte.

Ele lançou um olhar medindo o céu. Talvez houvesse vinte minutos, não mais, até o sol nascer. Ele era antigo o suficiente para ter contemplado alguns dos dias de luz sobre a sua pele, mas iria queimar e matá-lo, e ele nunca iria arriscar-se. Vinte minutos, porém, era tempo suficiente para a sobremesa que planejava.

Ele a pegou pela cintura com um braço e puxou-a para si até que a bunda deliciosa aninhou-se contra sua virilha, em seguida, bateu seu pênis dentro dela com um golpe duro, sentindo algumas das lágrimas dela por sua entrada brutal. Ela abriu a boca e gritou muito, um grito totalmente silencioso, e ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Sim, certamente vinte minutos é tempo suficiente. — Disse ele em voz alta, certificando-se de que ela o ouvia sobre o som mudo de sua própria agonia. E então transou com ela até que a fodeu, gritando a sua própria liberação poucos minutos antes do amanhecer.

Capítulo 20



Área de difícil acesso, Monte Rainier

Ven viu Erin marchar ao seu lado no caminho coberto de neve, com os olhos no chão na frente de seus pés, o cansaço evidente a cada passo tropeçado que dava. Ela insistia que podia transportar sua própria mochila até que ele a contrariou e simplesmente tomou a maldita coisa. Ainda assim, viajaram um quilômetro e meio mais ou menos de onde esconderam o indefinível sedan que Gennae emprestara e ele tomou com mais energia do que ela tinha.

— Eu viajaria como uma neblina e levaria você, mas Alaric me advertiu que, mesmo a canalização de alguma magia atlante tão perto de esconderijo de Calígula poderia avisá-lo que estaríamos aqui. Não podemos nos dar ao luxo de correr o risco. — Disse ele pela terceira ou quarta vez.

Ela assentiu com a cabeça, sem se preocupar em responder. Provavelmente, ele soava como uma mulher velha, que pairava em torno dela. Tudo o que queria fazer era protegê-la, estimá-la, fazer amor com ela pelo próximo século ou dois, e aqui estavam eles, andando diretamente para o ventre da besta, por assim dizer.

Quando chegaram ao topo de outra subida, Erin tropeçou novamente e ele a pegou antes que ela caísse, em seguida, levantou-a em seus braços.

— Já tive o suficiente disso. Seu cansaço está me atingindo.

Ela não discutiu com ele, o que o assustou mais do que qualquer outra coisa. Simplesmente olhou para ele com a pele ao redor dos machucados olhos escuros e roxos, em seguida, encostou a cabeça no ombro dele.

— Ele canta para mim, Ven. Você não pode ouvi-lo? O Coração de Nereida canta tão alto, me chamando. Precisa de mim para resgatá-lo da escuridão.

Ele tentou ouvir, focando sua audição atlante nos sons da madrugada na montanha, mas não ouviu nada fora do comum.

— Sinto muito, Erin, não o ouço. É desagradável?



— Não, isso é lindo. Mágico, mesmo. Se minhas joias que cantam são uma música aprendiz, este é o som do mestre. Tão amoroso... — Sua voz foi sumindo, e ele olhou para baixo para ver as pálpebras tremulando enquanto ela tentava ficar acordada.

— Não lute contra isso, *mi amara*, apenas descanse. Estamos aqui agora. — Ele parou em frente a uma pequena cabana de madeira que estava tão bem camuflada pelas árvores que a cercavam que estava invisível para uma distância superior a dois e meio a três metros. Colocando-a suavemente no chão, desatou uma série complicada de nós, para uma puxar a corda que segurava a porta fechada, e, em seguida, abriu-a. Entrando na frente dela, foi saudado por um aroma ligeiramente mofado, mas não havia vida selvagem errante que tivesse transformado a cabana em um covil, por isso estava tão limpo como esteve quando a usou no passado, há mais de 80 anos atrás.

Erin entrou na estrutura de um quarto atrás dele e parou, olhando ao redor.

— Que lugar é esse? Não parece ser uma estrutura oficial do parque.

— Não tenho certeza que o parque ainda reconheça a sua existência. — Disse. — Está aqui há mais de um século, eu acho. Talvez fosse a cabana de um caçador. A tradição entre os caminhantes sérios é manter limpo e usar o que tem necessidade e deixar o que pode poupar para os outros. — Ele caminhou até as prateleiras de madeira bruta construídas em uma parede e verificou o fornecimento de bens enlatados. — A maioria deles está fresca o suficiente para ser comestível, e sempre posso pegar uma pequena caça.

— Não. — Ela disse, balançando a cabeça. — Sei que é estúpido, mas não posso suportar a ideia de mais nenhuma morte neste momento, nem mesmo um coelho ou um pássaro.

Ele não discutiu, apenas acenou com a cabeça e deixou cair as malas em um banco, então amarrou novamente a porta por dentro. As duas pequenas janelas estavam tapadas contra o inverno, mas havia rachaduras nas paredes e o quarto estava gelado.

— Precisamos fazer uma fogueira. Há madeira cortada na lareira, mas não vejo nenhum fósforo. — Procurou nas prateleiras, xingando baixinho por seu fracasso em trazer algum com ele.

— Não importa. — Disse Erin. Ela moveu os dedos suavemente na direção da lareira e os gravetos sob as toras acenderam e inflamaram até que uma chama constante crepitava. Ela levantou uma sobrancelha. — É um truque tão simples que até mesmo os novatos do primeiro ano podem fazer fogo. Não é algo que você possa fazer com magia atlante?

— O fogo é o elemento proibido, o único que os atlantes não podem canalizar. Mas não sou completamente inútil. — Ele sorriu e tirou uma cafeteira de metal com aparência limpa e uma panela de cobre do fundo de uma prateleira e colocou-os sobre a mesa. Então cantou as palavras que



Alaric o fez repetir, mais e mais, sentindo a proteção mágica que cercava a cabana enquanto a invocava.

— Você protegeu a cabana. — Disse ela, as sobrancelhas levantadas. — Selou magicamente?

— Alaric me ensinou esse truque antes de sairmos. Ele acredita que Calígula pode ser capaz de sentir a magia atlante, e certamente Anubisa pode, se ela estiver por perto.

Ela assentiu com a cabeça e fechou os olhos, murmurando algo baixinho, e ele sentiu o poder de sua proteção sendo reforçada.

— Isso deve ajudar também. — Disse ela, em seguida, abriu o zíper e tirou o casaco pesado.

Ven olhou para ela, preso pelas emoções emaranhadas correndo através de si, condenando a si mesmo como um tolo excitado por não querer nada mais do que tirar as roupas dela e enterrar-se nela, provar de alguma forma primitiva que ela estava viva e ilesa. Tomá-la como sua agora e para sempre.

— Ven? A água?

— Certo. — Disse, quase atordoado. Balançou a cabeça para se livrar do torpor induzido pela luxúria e desejo, levantou as mãos e invocou os elementos, invocou a água que era tão natural e necessária para o seu espírito como o ar que respirava.

Ela veio imediatamente, em espiral através das fendas nas paredes em lâminas brilhantes de gotículas, em seguida, aglomerando-se em ondas e cachos de água brilhantes que aqueciam o ar sob seu olhar e enchiam as panelas até que ferviam e borbulhavam dentro deles.

— Gennae me deu um pouco de café, quando estávamos arrumando nossas provisões. — Disse ele, em seguida, inclinou-se para vasculhar sua mochila. Quando finalmente encontrou o café, que de alguma forma acabou no fundo da mochila, e voltou-se para Erin triunfante, prontamente largou repentinamente a bolsa, os dedos nervosos. Porque ela estava ali, no meio da cabana, vestindo nada além de suas meias.

— Meus pés estão frios. — Disse ela, mordendo o lábio, como se não soubesse de sua reação.

— Vou aquecê-los. — Prometeu ele, em silêncio, agradecendo a Poseidon novamente pelo presente dessa mulher, esta bruxa, enquanto o calor queimava por ele, arranhando o seu intestino, e suas bolas e seu coração. — Preciso de você, Erin. — Conseguiu dizer com uma voz áspera e rouca cheia de fome. Tentando ser cavalheiresco. Tentando mostrar moderação. — Preciso tanto de você que não posso prometer ser gentil. Você tem certeza?

— Eu não quero gentileza. Só quero você. — Ela estendeu os braços, e a moderação dele desapareceu em um turbilhão feroz de desesperada necessidade. Ele usou seus últimos momentos restantes de um firmemente amarrado controle para lançar uma magia de proteção atlante que



Alaric o obrigara a praticar e, em seguida, pulou do outro lado da pequena sala e puxou-a em seus braços, exultante, alegre.

Erin o viu vir em sua direção, com os olhos ferozes fixos nela, o olhar focado de um predador e sentiu um pequeno tremor de inquietação misturado com emoção.

Ela libertou algo com suas palavras e sua ação e, agora, ela se levantava, nua para ele em mais de um sentido, pronta para aceitar as consequências. Precisava saber que ele estava vivo em um nível visceral, precisava apagar a imagem da ferida na sua lateral, o sangue pulsando, que continuava a assombrá-la.

Olhando para ela, capturando-a em seu olhar, ele tirou suas roupas e empilhou-as, juntamente com o seu casaco, no banco de madeira, que deveria servir como uma cama. Então ele puxou o saco de dormir térmico do fundo da mochila e estendeu-o. O brilho da luz do fogo acariciou os músculos de suas pernas quando ele se inclinou sobre a plataforma improvisada.

Um zumbido começou no fundo de sua garganta enquanto ela o observava e a canção de suas esmeraldas se elevou para alcançá-la. Sua sombra brilhava em toda a parede e ela tremeu um pouco. De repente, percebeu a extensão do poder que ela tinha sobre ele e quase deu um passo para trás. De alguma forma, impossivelmente, seus desejos se uniram num emaranhado, e tornaram-se da mais vital importância para si do que ela poderia entender.

Ele ficou de arranjar a cama e virou-se para olhar para ela, a emoção nua em seus olhos. Ela se acalmou, finalmente percebendo no nível profundo de sua alma que o mero tempo não tinha nada a ver com a necessidade que sentia por este homem. Transcendia a realidade mundana de minutos ou horas ou dias. Sua alma o chamava, e a dele respondia.

Preso no presente roubado, protegendo cuidadosamente o momento, não precisava de mais nada.

Ven a puxou mais para ficar na frente da lareira com ele. O calor das chamas lambia suas pernas, mas não era nada comparado ao calor que o arranhava em seu interior. Ele inclinou a cabeça para beijá-la, e era uma marca violenta de posse, nada gentil. Dirigiu a língua para o calor de sua boca do jeito que planejava conduzir o pênis em seu corpo. Queria tudo o que ela era, e planejava tomá-la. Que os deuses os ajudassem a ambos, se ela não iria se render.

Erin se agarrou a ele, derretendo, impotente diante do ataque primordial de sua paixão. Alguma parte distante dela reconheceu que ele reclamava o direito a ela, mas ela só podia concordar, aceitar, se render. Estremeceu enquanto as mãos dele erguiam seus seios e os polegares brincavam com os mamilos, ofegando prazer no calor de sua boca. Ele puxou a cabeça para trás e



olhou para ela, as chamas azul-esverdeadas piscando nos centros de suas pupilas, seus lábios se curvando em um sorriso triunfante.

— Você é minha. — Disse ele, a voz rouca. — Vou saborear cada centímetro de você.

Ela estremeceu pelo desejo gritante em sua voz e, em seguida, gemeu quando ele se ajoelhou na frente dela e prendeu a boca ao lado de seu seio, chupando e quase mordendo a pele até que ela tinha certeza de que iria deixar uma marca. Ela se afastou um pouco, de repente, com medo do desespero de sua própria resposta a ele, mas ele olhou-a e rosnou um aviso antes de prender um mamilo na boca e chupá-lo duramente.

O puro prazer elétrico dobrou seus joelhos e ela teria caído se ele não a tivesse pegado, firmando as coxas em suas mãos, empurrando-as separadas e puxando-a para mais perto.

Ele liberou o seio e olhou para o seu corpo com tal intensidade que a pele chiava, no caminho percorrido por seu olhar. Então moveu uma mão para passar um dedo pelos cachos úmidos entre as coxas dela e ela engasgou novamente, lembrando-se da promessa de saboreá-la.

— Ven, não, eu quero agradá-lo. — Começou ela, mas ele riu, interrompendo-a, e suas palavras pararam ao ouvir o som de sua risada.

— Oh, você vai me agradar, minha bruxinha, minha cantora de pedras preciosas, *mi amara*. — Disse ele. — Vai me agradar muito quando eu tiver o seu gosto dentro da minha boca.

As palavras dispararam uma excitada emoção através de seu corpo, centrando-se entre suas pernas, reunindo uma onda cremosa de desejo líquido. Em seguida, ele abaixou a cabeça e colocou a língua nela e ela ficou louca, incapaz de fazer qualquer outra coisa, exceto ficar lá, sacudindo contra sua boca, até que ele levou dois dedos dentro dela e acariciou-a com os golpes longos e duros dos dedos.

Ela gritou, e quebrou.

Quando Erin gritou, Ven sentiu o orgasmo varrer através dela, através dele, através da sala. A música de suas joias se elevou em uma crescente e uma tensão febril apertou seu pau e bolas até que pensou que iria explodir pela força de seu doloroso e frenético desejo. Ele lambeu-a e chupou o centro de seu calor, continuando a mergulhar seus dedos dentro e fora dela até que sentiu a tensão se formar a um nível impossível em seu corpo suave. Ela agarrava seus cabelos e gemia.

— Não, Ven, não posso tomar mais. Por favor...

Ele ergueu a boca do êxtase de seu calor úmido e olhou para ela, seus dedos imobilizando-se dentro dela, onde ela estava apertada em torno deles, agarrando-se a eles como iria em breve apertar-se em torno de seu pênis.



— Sim, você pode. Você vai. Vou fazer você gozar tanto e tantas vezes esta noite que nunca vai conseguir tirar o meu gosto, tato e aroma fora de sua mente ou corpo. Assim como nunca vou conseguir tirar o gosto de sua paixão fora do meu.

Ele inclinou a cabeça para ela novamente, lambeu em torno de seu clitóris inchado, então colocou os lábios sobre eles e chupou duramente, enquanto renovava a carícia dentro dela com os dedos. Todo o corpo de Erin ficou duro devido a isso por um instante, e então ela gritou o nome dele, tremendo e estremeando a libertação em sua boca, a umidade cremosa escorrendo de seus dedos.

Seu próprio corpo gritou com ele por sua liberação e ele ficou sobre os joelhos trêmulos e levantou-a em seus braços. Ele caminhou até o colchão térmico e deitou-a, e em seguida, puxou as coxas e olhou para ela.

— Diga-me o que você quer, Erin. — Ele respondeu asperamente.

— Quero você. — Ela sussurrou. — Preciso de você, sempre você, só você, Ven. Preciso de você dentro de mim.

As palavras romperam o último fio de seu controle e ele centrou seu pênis sobre a abertura lisa e molhada, e mergulhou até o momento em que seu saco bateu contra ela quando ele empurrou até o punho. Ergueu-se, mantendo-a totalmente imóvel por um longo momento, enquanto seu corpo tremia com a pressão furiosa para ele tomar e tomar e foder mais e mais rápido e, em seguida, mais duro ainda.

Ela estremeceu debaixo dele e ergueu os braços.

— Agora, Ven. Venha para mim, neste momento.

— Minha. — Ele rosnou, se afastando e mergulhando de volta para ela, mais e mais rápido e mais profundo. — Diga meu nome novamente. Diga-me que você sabe que sou eu quem está fodendo você, reivindicando você, levando-a para mim.

— Sim. — Ela disse, arqueando seus quadris para cima para encontrar seu empurrão furioso. — Ven. Sim.

Seus lindos olhos azuis, azul do céu, da inocência, da magia que ela tinha em volta do seu coração e alma, olharam para ele e sentiu um formigamento de sua magia se arrastar sobre ele.

Em seguida, a música de suas joias irrompeu do controle sob o qual ela as manteve e varreu para longe, varreu para longe, em um tsunami feroz de paixão, de calor, de uma poderosa fome e necessidade.

Ele gozou mais duramente do que já aconteceu antes, tanto que pensou que alguma de suas bolas deveria estar dilacerada, bombeando sua semente dentro dela pelo que pareceu uma



eternidade; e ela o acompanhou, apertando e tendo espasmos com ele e em torno dele, ordenando seu pênis com os músculos femininos, até que finalmente, finalmente, desabou sobre ela e o mundo desapareceu enquanto ela cantava uma música de exaltação em torno deles.

— Se isso for a fusão de almas, como poderemos sobreviver? — Ela sussurrou, sua voz trêmula.

Ele sorriu para ela, divertindo-se com a sensação dela, sua música, e a luz e cor que estavam em sua alma.

— Agora que nós encontramos, *mi amara*, como poderíamos sobreviver sem?

Capítulo 21



Erin acordou de repente, um peso quente e estranho em seu estômago, e ficou fitando um par de olhos negros muitos divertidos.

— Você ronca. — Disse ele, entrelaçando o riso às palavras.

— Eu não! — Indignação guerreou contra a vergonha. Ela estava lá nua, fechada dentro de um saco de dormir com ele, com o calor de seu braço e uma perna casualmente jogada em seu corpo.

Ela teve um instante para perceber que ficaria feliz em acordar assim todas as manhãs, e, em seguida, as lembranças do dia anterior preencheram sua mente sonolenta.

— Oh, Deusa, Ven. — Ela empurrou o seu braço e se esforçou para sentar-se. — Como pudemos... quando os outros...

— Não, Erin. Não diminua o que nós compartilhamos com arrependimentos. Precisávamos descansar e no reorganizar, e os nossos corpos necessitavam a garantia um do outro. Nossas almas...

— Não. Por favor. Não posso falar sobre isso agora. Podemos não sobreviver a esta luta com Calígula, e não posso entrar lá se... só não agora.



Ele puxou-a em seus braços e segurou-a por um longo momento, sem dizer nada. Então falou contra seu cabelo, seu peito estrondando debaixo dela.

— Como quiser, *mi amara*. Mas há uma coisa que preciso dizer a você, ainda que possa não querer fazê-lo. A fusão de almas não nega o livre-arbítrio. Você não está obrigada a mim, se quiser escolher... — Sua voz foi interrompida, e ele parou para inalar uma grande respiração. — Se você quiser escolher outro caminho exceto o meu.

Ela afastou-se dele, e desta vez ele a soltou.

— A fusão de alma, é o que me permitiu ver o seu interior? Que permite que você ouça minha música?

— Sim. É um caminho entre duas almas que têm a capacidade de encontrar o amor em uma escala muito maior que a intimidade meramente física ou emocional.

Ela riu um pouco abalada.

— Então, usar uma maneira não formal de falar ajuda a não negar o fato de que você é secular e eu só tenho uma vida humana? Ou que possamos morrer no dia seguinte ou assim? Como é este jogo afinal?

Um músculo em sua mandíbula se apertou com as palavras dela, mas ele respondeu calmamente.

— Se você morresse, eu iria acabar com a minha existência também. Então, seria uma boa ideia para nós nos levantarmos e fazermos o café e começarmos a planejar o treinamento sobre o que pretendemos fazer, não é?

Ela piscou, nem sequer sabia por onde começar a perguntar sobre a parte dessa declaração “acabar com a minha existência”. Não tinha certeza se queria saber a resposta.



Depois de beber café e comer alguns dos alimentos dispostos que trouxeram, Ven estava diante do fogo, olhando para as chamas. A madeira que ele adicionou crepitava alegremente, uma vez que fez alguma coisa atlante para limpar cada gota de água e neve que estava agarrado a ela. Ela olhou para o relógio.

— Dormimos a maior parte do dia, mas ainda temos cerca de quatro horas de luz do dia. O escuro chega mais cedo em Washington no inverno. E eu posso precisar da luz do sol para experimentar alguns dos feitiços do pergaminho que Marie me deu.

Ele se virou para ela, o rosto impassível.



— Nós temos uma parte do dia de amanhã, também, para nos planejarmos e nos prepararmos, se necessário. Você também tem o livro de Gennae? Aquele sobre os Fae?

— Sim, embora realmente me irrite porque ela levou tanto tempo para dá-lo a mim. Ela já o tinha desde que completei vinte e um anos, há cinco longos anos, mas Berenice a convenceu de que não o desse a mim. Disse que eu não estava pronta. — Disse ela amargamente.

— Não adianta chorar sobre o couro de pavão arrancado. — Disse ele, encolhendo os ombros.

— Leite derramado.

— O quê?

— Nós dizemos que “não adianta chorar sobre o leite derramado”. — Ela explicou, sorrindo um pouco.

— Por que você iria chorar sobre o leite derramado? Será que feriu a vaca de alguma forma? — Ele franziu o cenho com confusão.

— Não se preocupe. Se sobrevivermos a isso, nós vamos ter um curso intensivo sobre estúpidos ditos humanos.

— *Quando* sobrevivermos a isso, *mi amara*. — Disse ele, revestindo sua voz com cacos de gelo que ela sabia que não foram lançados para ela.

— Essa é outra coisa. O que *mi amara* quer dizer?

Sua expressão se suavizou por um momento.

— Isso é outra coisa que vamos falar quando sobrevivermos a isso.

— Quanto tempo nós temos, Ven? Marie e Conlan disseram àquele mensageiro que só conseguiriam segurar Riley na imobilidade por 48 horas, sem risco de danos para o bebê. E que ela estava enfraquecendo rapidamente.

— Precisamos localizar o Coração de Nereida dentro das próximas 72 horas se vamos fazer alguma diferença. — Disse ele. — Não é algo que deva saber, Erin. Seu sistema está aparentemente rejeitando o bebê como um corpo estranho, o que coloca o futuro de qualquer acasalamento atlante-humano em risco.

O quarto girava ao seu redor enquanto as implicações daquilo se chocavam contra ela.

— Acasalamento? Você quer dizer que... não que nós nos conheçamos bem o suficiente para sequer... mas nunca poderíamos... Eu quero dizer...

Ele atravessou a sala em dois passos e se ajoelhou na frente dela e tomou-lhe as mãos geladas em suas próprias mais quentes.



— Não agora, Erin. Agora não. Vamos adicionar isso à lista de “coisas para se preocupar mais tarde”, ok?

Ela olhou ao redor da cabana, com seu piso e paredes de madeira, a pilha de armas de Ven centrada sobre a mesa, o livro e o pergaminho que poderiam ensinar-lhe alguma maneira de aproveitar seu dom de cantora de pedras preciosas que estavam a sua frente, e soltou um suspiro.

— Claro. Porque não? É uma lista muito longa. Essa vai ser uma danada de uma conversa.

— Maravilha. Maravilha. — Ele rolou a palavra ao redor de sua boca, claramente apreciando o som dela, então a diversão desapareceu de seu rosto em passos lentos, deixando a promessa de gelo de morte em seu rastro. — Sim, nós vamos ter uma danada de uma conversa quando destruirmos os monstros. Por enquanto, nós treinaremos.



Três mil metros abaixo da cabana.

Calígula observou os retraídos, encolhidos tolos de sua manada de sangue se arrastar para o piso principal da caverna, tremendo enquanto se reuniam diante dele. O cheiro de sangue seco cobria tudo, de modo que algum sucesso deve ter sido alcançado, mas havia muito menos do que os quase duzentos que ele enviou à noite para semear o medo e pavor entre os seres humanos.

Muito mais importante do que os vampiros desaparecidos, no entanto, era um outro que estava faltando. Ele rosnou para os líderes, que transformou muitos anos mais cedo do que estes novos idiotas.

— Onde ela está? Como é possível que uma fraca fêmea humana conseguisse escapar de todos meus melhores e mais brilhantes, todos os meus mais poderosos?

Eles se curvaram até que suas testas tocaram a terra úmida e gelada do chão da caverna.

— Ela estava protegida, meu Senhor, atlantes e muitos metamorfos estavam lá no prédio ao qual você nos enviou e as bruxas mantinham feitiços de proteção muito fortes em sua casa... Não havia maneira de romper.

Ele mostrou suas presas e assobiou para eles, muito furioso para formar palavras. Os líderes começaram a gemer, sabendo que ele gostava de nada mais do que matar o portador das más notícias.



Bem. Talvez não *nada mais*. Ele olhou para a alcova onde Deirdre estava presa e lambeu os lábios. Então voltou sua atenção aos tolos, de repente percebendo ainda outra ausência.

— Onde está meu general? Será que Drakos não liderou vocês contra eles?

— Ele liderou, meu Senhor, mas foi ferido gravemente pelo príncipe atlante. Ele atirou na barriga de Drakos. Poderíamos tê-lo recuperado, mas mesmo quando tentamos romper o escudo da bruxa, o sacerdote atlante invocou um poder além de qualquer coisa nunca vista. Explodiu algum tipo de raio através do edifício e destruiu cada um de nós dentro de uma milha.

Uma raiva se formou dentro do crânio de Calígula como um barril de óleo fervente, até que teve a certeza que seu próprio cérebro deveria estar cauterizado e borbulhante devido a intensidade.

— E ainda assim você *conseguiu escapar dessa catástrofe*? — Ele gritou tão alto que as lâminas de gelo, sujeira e pedra caíram das paredes.

— Eu, uh, eu recuei quando a eletricidade começou a se formar, meu Senhor. Vi um vampiro ser eletrocutado por uma tempestade de relâmpagos uma vez, e estava...

— Você estava com medo. — Calígula zombou. — Estava com mais medo de um ataque de relâmpagos atlante do que de mim? — Ele mergulhou no vampiro encolhido. — Na verdade você é um tolo. — Com um golpe de suas garras estendidas, ele arrancou a cabeça do homem de seus ombros e, em seguida, saltou para cima e para baixo sobre o crânio, gritando, até que nada mais que um pedaço inexpressivo de lodo de fumaça assobiasse sob suas botas.

Depois de mais alguns minutos, controlou sua raiva e cuidadosamente limpou primeiro uma, depois a outra de suas botas sobre a inclinação das costas de um de sua manada de sangue que ainda se encolhia no chão. Então, procurou centrar a si mesmo e encontrar a calma interior. Se tivesse perdido Drakos, e tudo o que restasse a ele fossem os imbecis do calibre destes, então teria que recuar e se reagrupar antes de poder pressionar ainda mais. Se perdesse Erin Connors por causa disso, sua irmã pagaria por isso, uma agonia além de qualquer outra que a visitou até agora. Ele queria as duas, tinha ultrapassado uma obsessão nele há algum tempo atrás, e não seria negado nisso.

Mas pelo menos começara o trabalho de esmagar os chamados avanços civilizatórios dos humanos forçando os mortos-vivos neles. Ele e sua espécie nasceram para governar a noite, não para obedecer às leis insignificantes feitas pelas ovelhas. Seu olhar passou sobre os membros inúteis de sua manada de sangue.

Bem, emendou, *alguns* de sua espécie nasceram para governar a noite. Alguns eram simplesmente buchas de canhão. Mas os generais e imperadores mais poderosos aprenderam a



distinguir a diferença logo no início, ou foram assassinados por aqueles em quem, uma vez, confiaram.

Uma pequena perturbação no ar interrompeu suas amargas lembranças e anunciava a aproximação de outro vampiro, um com um tom familiar para os seus padrões de pensamento, embora fossem quase irreconhecíveis sob a latejar de agonia que o atravessava. A forma negra caiu diante dele e bateu no chão, quicando uma vez e, em seguida, deitou. O repugnante cheiro de sangue e de intestinos perfurados subiu pelo ar.

Calígula cautelosamente rolou a trouxa de roupa sangrenta sobre um pé e olhou para o rosto queimado e maltratado de seu único general.

Drakos lentamente abriu os olhos, seu corpo inteiro estremecendo pelo esforço que deve ter custado.

— Estou aqui, meu Senhor, para relatar. E sei como podemos capturar a bruxa. Ela está caminhando aqui para nós, agora. — Interrompeu-se, tossindo e gemendo, muito perto da morte permanente.

Calígula sorriu e levantou um punho à boca, em seguida, rasgou-a com suas presas. Quando se inclinou para seu general e segurou o pulso na boca de Drakos, deu um sorriso que outrora deteve, no encalço, a totalidade aterrorizada do Império Romano.

— Beba, Drakos. Beba e me conte tudo.

Enquanto Drakos pegava seu pulso e começava a beber, o ruído horrível das badaladas começou pela caverna de novo, e sua manada de sangue gritou e correu para longe, cobrindo suas orelhas. Calígula mostrou os dentes e rosnou um desafio para a própria terra.

— Eu reconheço esse ruído como sendo o arauto do meu próprio domínio, isso é o que você é! — Gritou para a escuridão. — Sou Calígula, e vou dominar o mundo!

O barulho ficou ainda mais alto, até que ele foi forçado a retirar seu pulso para longe de Drakos e tapar os ouvidos. De alguma forma, no entanto, mesmo com o barulho horrível do sino desconhecido e, embora suas mãos tapassem os ouvidos, ouviu, bem acima, Deirdre começar a rir.

Capítulo 22



Templo das Nereidas, Atlântida.

Conlan baixou os olhos para a palidez de Riley, sua forma adormecida e forçou-se a acreditar em milagres. A luz bruxuleante das velas refletia prismas de cor das joias em torno da cama em uma das muitas salas de cura do Templo.

Ele forçou as palavras através de uma garganta congelada pela dor.

— A imobilidade se mantém?

— Sim, eu posso facilmente mantê-la por quarenta e oito horas. — Disse Marie.

Ele lançou um rígido olhar fixo observando a Primeira Donzela, notando a palidez cinzenta e as linhas de tensão em seu rosto.

— Você tem certeza? Marie, sei que não tenho o direito de pedir-lhe para arriscar a sua própria vida ou a saúde...

Ela balançou a cabeça.

— Não termine esse pensamento, Sua Alteza. Como Primeira Donzela, é meu direito e meu privilégio oferecer ajuda às mulheres e bebês em gestação de nosso reino. Posso fazer menos pelo futuro herdeiro do que faço para o menor entre nós?

— Por quê? Por que isso está acontecendo? — Sua voz era um grito de angústia, de um animal ferido mais do que homem. — Por que o seu corpo rejeita a criança?

— A energia de sua gravidez está... errada. Nunca senti nada assim antes. Não é um simples aborto, mas algo fundamentalmente fora, discordante, nas energias entre mãe e bebê.

Ele olhou para Riley, que havia se tornado mais importante para ele do que sua própria vida. Sua amada, sua alma, sua futura rainha. Finalmente fez a pergunta que ela o proibira de fazer, ou até mesmo de pensar, embora formasse sangrentos buracos em seu coração elaborar as palavras.

— Se você tirasse o bebê?

O rosto de Marie empalideceu ainda mais, e ela se balançou em seus pés.



— Não posso, Conlan. Riley falou comigo antes de concordar com a imobilidade, e me fez jurar sob meu juramento como Primeira Donzela que eu não faria nada que pudesse prejudicar o seu filho, se houvesse a menor esperança de que o bebê pudesse sobreviver. Independentemente de quem pudesse pedir.

Fez a pergunta.

— Existe uma esperança?

Ela tocou a testa de Riley com uma mão esguia, em seguida, olhou para ele, uma força tranquila em seus olhos nos quais ele queria desesperadamente acreditar.

— Enquanto há vida, há esperança, meu príncipe. Agora temos que rezar para a Deusa e Poseidon para que seu irmão e a cantora de pedras preciosas sejam bem sucedidos.



Cabana, no alto do Monte Rainier.

Ven terminou de reforçar a proteção mágica que Alaric havia lhe ensinado, e se acomodou para assistir Erin. Ela espalhou as pedras do saco de veludo que Marie lhe dera sobre a mesa mais de duas horas antes, e passou o tempo desde então olhando para elas. Ela não se moveu, exceto para levantar primeiramente uma, depois outra, olhando fixamente para elas, e posteriormente, colocou-as cuidadosamente de volta na superfície de madeira. Ele freou suas perguntas e sua curiosidade, mas quando ela baixou a cabeça em seus braços, o som abafado de desespero cortou-o como o mais afiado punhal.

Ele a puxou para fora do banco e para seus braços.

— Diga-me. — Ele murmurou contra seu cabelo.

— Não posso fazer isso, não sei o suficiente. Marie esperava que eu, de alguma forma instintiva, soubesse como usar essas pedras preciosas... Como canalizar o seu poder, já que sou uma cantora de pedras preciosas, woo hoo. — Disse ela amargamente. — Mas, apesar de ouvir sua música, não sei como usá-las. Não sei como cantar suas canções. — Sua voz ficou presa em um soluço no peito dele. — Posso ouvir o poder da pedra na montanha me chamando, Ven. É tão alto que é como um trovão no meu peito e nos ossos. Cada hora, a cada hora, ela toca e me chama.

— Se você a ouve, então podemos encontrá-la, Erin. Está chamando você para encontrá-la e nós o faremos.



— Mas será que isso importa? Se eu não conseguir descobrir como cantar para essas pequenas pedras de cura, como serei capaz de cantar a cura de uma joia tão poderosa que me chama através de milhares de toneladas de terra e rocha? Não é suficiente, Ven. O que acontece se eu tentar e falhar, e o bebê de Riley morrer?

Seu coração se apertou no peito, tanto pelo pensamento como pela ressonância de dor em sua voz.

— Não vamos falhar. Estarei lá, e vou ser a sua força. — Lembrou-se de sua palavra. — Juntos, nós seremos extraordinários.

Uma pequena risada escapou de seus lábios e ela olhou para ele e tocou seu rosto, seus olhos brilhando com lágrimas não derramadas.

— Obrigada. Era isso que precisava para saltar do trem da auto piedade e voltar ao trabalho.

Ele balançou a cabeça e deu um breve beijo em seus lábios.

— Mais um café?

— Sim. Espero que você tenha trazido muito.

Enquanto Ven reunia o café na panela, olhou para ela. Ela arregaçou as mangas e escolheu outra pedra preciosa.

— Cante para mim, droga! — Ela murmurou, e um sorriso curvou-se em seus lábios.

Se alguém poderia dar uma surra mágica em um pedaço de rocha, seu dinheiro estaria em Erin.



Erin sentou-se, meio coberta pelo saco de dormir, cercada pelo cheiro picante único de Ven, e assistiu-o andar no chão da pequena cabana.

— Isso não é fácil para você, não é? Ficar inativo?

— Não. Acho que prefiro ser esfaqueado a ficar esperando.

Ela enrolou os braços em volta dos joelhos e suspirou.

— Desculpe-me, estou segurando-nos, realmente estou. Mas eu precisava de um tempo para descansar. Minha magia foi drenada. Além disso, tenho que estudar o livro, o livro dos Fae que Gennae me deu, para ver se há alguma maneira que eu possa estar preparada para encontrar e lidar com uma pedra preciosa tão poderosa quanto o Coração de Nereida. Estou preocupada se ela vai me nocautear ou algo assim, porque não sei o que estou fazendo, e aí você vai estar cercado por vampiros que o atacam com uma bruxa inconsciente em suas mãos.



Ele cruzou o espaço até ela e tocou seus cabelos.

— Não estava criticando-a de qualquer maneira, por favor, saiba disso. Você é mais corajosa do que qualquer um de nós tem o direito de esperar. — Ele cerrou os punhos ao seu lado, e em seguida, forçou-se a abrir os dedos, mas não antes que ela visse a raiva reprimida no movimento. — Se houvesse alguma maneira que eu pudesse recuperar a joia sem você...

— Você não pode, por isso esqueça. Marie disse que o Coração iria destruir qualquer um que tentasse tocá-lo e não fosse um cantor de pedras preciosas. Você o ouve, entretanto? Não estou ficando louca?

Ele acenou com a cabeça.

— Eu o ouço, mas muito vagamente. Mais como uma reverberação calma que sinto sob os meus pés do que um som, realmente.

— Acho que é a coisa de ser cantora de pedras preciosas. Estou em sintonia com ele, assim as explosões me atravessam cada vez que se inicia. Está mais frequente agora, notou? Mais como a cada quarenta e cinco minutos.

— Como se reconhecesse a sua presença e quisesse ter a certeza de que você o percebeu?

Ela forçou um sorriso.

— Sim, bem, não se preocupe. Seria difícil de perder.

Ele começou a andar de novo, e ela tentou pensar em algo que pudesse distraí-lo antes que ele enlouquecesse pela ociosidade forçada. A ligeira dor entre suas coxas lhe deu uma ideia, mas ela queria realmente conversar com o homem, e não tornar-se uma pequena estúpida guiada pela luxúria. O pensamento a fez rir. Se alguma bruxa na história do círculo tinha a mínima probabilidade de se tornar uma estúpida guiada ou não pela luxúria, ela gostaria de conhecer a mulher. Elas poderiam formar um clube: apenas candidatas com uma necessidade devotada e cruel.

— Esse é um sorriso interessante. Quer compartilhar essa piada? — Ven tinha parado de andar e estava encostado na parede perto da porta, com os braços cruzados sobre o peito.

— Não, isso foi definitivamente uma piada interna. — Disse, lembrando-se de trabalhar sua cara de pôquer mais tarde. Se tivesse um mais tarde. — Conte-me sobre você. Conte-me sobre Atlântida. O que significa ser Vingador do Rei? Ven é um apelido, um título, ou o seu nome real? Exatamente quantos anos você tem? — As perguntas saíram tão rapidamente quanto podia pensar nelas. Qualquer coisa para manter o cálculo de probabilidades associada ao *mais tarde* à margem.

— Vingador do Rei é o meu título desde o nascimento, como o segundo filho do príncipe e herdeiro. Mas era apenas um título honorário até que o ganhei numa batalha.



— O que significa isso? Você teve que desafiar o velho Vingador do Rei a algum tipo de duelo?

Ele sorriu.

— Não exatamente, não como nos filmes com espadas ou pistolas ao amanhecer. Mas há um componente da posição que está sendo passada de tio para sobrinho. Meu tio serviu como Vingador do Rei para o meu pai, mas depois de... — Seu sorriso desapareceu tão rapidamente que ela sabia que seu tio não tinha simplesmente declinado do seu trabalho.

— Foi muito ruim? — Ela perguntou hesitante. — Vi um pouco do seu passado, quando nós... com a fusão de almas. Mas não quero me intrometer em sua privacidade, especialmente quando sei como essas lembranças podem abrasar.

— Foi obsceno. — Ele disse, sem rodeios, todo o calor e humanidade apagados da vasta escuridão gelada, que olhou para ela através de seus olhos. Ela estremeceu, e o movimento pareceu trazê-lo de volta de algum lugar distante, mas a frieza em sua expressão permaneceu. — Minha mãe... Anubisa torturou minha mãe quase até a morte, enquanto fazia o meu pai assistir. Ela quer alguma vingança torcida e doente, contra a minha família, especialmente os homens da nossa família, e ela manteve meu pai em cativeiro por quase um ano antes de matá-lo.

— Oh, Ven, sinto muito. Por favor, não precisa me dizer isso agora.

— Sim. Sim, eu preciso. Você deve saber em que você está se metendo ao estar comigo. — Disse ele, sua voz era plana e morta, como se desistisse de qualquer esperança de que ela iria querê-lo depois que contasse a sua história.

Ele não a conhecia muito bem ainda se achava isso, pensou. Ver sua dor e ouvir o que ele sofrera apenas a fez querer mais dele: consolá-lo, curá-lo e cantar um lenitivo para sua alma.

— Não foi a primeira vez que ela capturou meu pai. Ela o manteve brevemente há muito tempo, quando Conlan e eu éramos muito jovens, e quando voltou, estava alterado. Esvaziado. Silencioso. Como se ela tivesse quebrado alguma coisa dentro dele que não podia ser reparada. Minha mãe o ajudou, mas nunca acreditei muito que ele fez todo o caminho de volta. — Ele olhou para o fogo, e ela teve a sensação de que ele estava quase falando para si mesmo, expressando pensamentos que nunca antes falara em voz alta.

— Foi assim que meu pai ficou depois que minha mãe e irmãs foram mortas. — Ela murmurou. — Foi quase como se tivessem levado seu coração e alma com elas, e tudo o que restou para mim era o seu corpo vazio, atravessando os movimentos da vida, sem intenção ou sentido.

Ven pareceu voltar a si mesmo com as palavras dela, e ela viu o calor em seu olhar novamente.



— Sinto muito por você ter tido de suportar tanta dor tão jovem. Gostaria de poder tirar um pouco dessa angústia de você.

— Eu me sinto da mesma maneira, mas todos nós temos que levar nossas próprias cargas, não é? — Ela quis dizer isso como uma pergunta retórica, mas de alguma forma saiu de uma forma diferente. Quase como um apelo.

— Não, eu não acredito que seja o que fazemos. Eu teria dito a mesma coisa antes de ver o que Conlan e Riley são um para o outro. Mas de alguma forma eles compartilham o peso dos fardos um do outro e, com isso, aliviam a carga de ambos.

Ela se lembrou dos olhares ferozmente apaixonados que os dois compartilharam, se houvesse ou não alguém olhando para eles, e sentiu uma pequena inveja cortante... que desapareceu sob uma preocupação.

— O que vai acontecer com ele, se ela... se ela...

— Ele vai acabar com sua existência. — Respondeu, e o gelo se formou ao longo de seus traços novamente. — Se ela e seu bebê morrerem, ele vai morrer também, e eu vou ficar, sozinho, o último da minha linhagem.

Ela empurrou o saco de dormir de lado e levantou-se, em seguida atravessou a sala rapidamente até ele.

— Então vamos ter certeza que isso não aconteça, não é?

Ele a puxou para um abraço forte, e ela sentiu o coração trovejando abaixo de sua bochecha.

— Não posso acreditar que Poseidon me presenteou com você, não importando o quão rapidamente você escolha ficar.

Ela deu uma tapa em seu braço.

— Ei, eu estou cansada desse tipo de conversa. Parece que está tentando se livrar de mim. — Ela brincou, tentando aliviar um pouco o clima. Ele a recompensou com um sorriso rápido. — Sou tão chata que já está tentando me despejar sobre algum outro homem?

O sorriso desapareceu, e as chamas azul-esverdeadas queimaram em suas pupilas novamente.

— Simplesmente porque eu me curvei aos ditames do livre arbítrio não significa que não iria querer matar qualquer homem que a levasse para cama, Erin. Sou um predador e tenho sido um por quase meio século. Gostaria de pedir que você não me provoque sobre este assunto.

Sua respiração ficou presa na garganta, e o desejo ardeu pela necessidade gritante em seus olhos.



— Você tem uma maneira interessante de passar de homem das cavernas para cavalheiro educado em uma frase, Ven. Eu não tenho certeza se sou bruxa suficiente para lidar com as suas contradições.

Seus braços se apertaram ao redor dela e dor brilhou tão brevemente em seus olhos que ela não teve certeza de tê-la visto.

— Vocês é toda bruxa e toda mulher, tudo que eu poderia pedir, minha pequena cantora de pedras preciosas. Nunca duvide.

Levantou-se na ponta dos pés para beijar seu nariz, lutando contra o desejo de rasgar a camisa dele e beijá-lo desvairadamente. Ela sabia que eles eram ótimos juntos, sem suas roupas. Agora, ela queria saber o quão bom eram com suas roupas. Apenas no caso.

Apenas no caso.

Afastando-se, deu dois passos para colocar-se na frente do fogo.

— Então, Ven é o seu nome real?

Ele respirou fundo antes de responder, mas ela não olhou para trás, temerosa de ver seu próprio calor espelhado nos olhos dele, o que a levaria de volta à coisa do nu num piscar de olhos.

— Sim, é. Ven, Vingador do Rei, da Casa de Atlântida. Há sete ilhas que compõem Atlântida, cada uma com a sua própria casa, e a principal e maior delas também é chamada Atlântida, e abriga os governantes das Sete Ilhas.

— Então, entendi que é uma coisa de realeza, e deve ser hereditário. O que há sobre as outras casas? Os governantes de lá são duques ou condes ou algo assim?

Ele riu.

— Não, não temos tais títulos. As famílias dominantes são simplesmente Senhora e Senhor, mas os atlantes de famílias não dominantes também podem ganhar o título de Senhor ou Senhora por atos de bravura ou distinção. Marie é a irmã do meu amigo e irmão guerreiro, Bastien, e ela ganhou o título de Senhora muitas vezes, por seu grande serviço em curar as mulheres grávidas e seus bebês.

Erin mordeu o lábio.

— Merda. Devo ter quebrado o protocolo uma dúzia de vezes no breve tempo em que estive lá. Nunca chamei Marie 'Senhora Marie' de qualquer forma. Ninguém mencionou...

— Ela não nos permite usar o título, dizendo que se contenta em ser simplesmente Marie, ou Primeira Donzela ao serviço da Deusa Nereida.

Ela ouviu a admiração em sua voz.

— Você a estima muito, não é?



— Ela estava sempre me seguindo quando era pequena. A criança mais curiosa e a menina mais irritante que eu já conheci. — Disse ele, uma diversão carinhosa em seu tom. — Quem poderia imaginar que ela iria crescer e se tornar uma beleza tão serena?

Ela sentiu uma pequena, uma mesquinha pontada de ciúmes ao ouvi-lo chamar outra mulher de uma beleza serena.

— Sim, ela é muito diferente de mim. — Disse ela tristemente. — Alta e elegante e serena, não baixa e atarracada e esgotada.

Antes que ela o ouvisse se mexer, ele estava de pé atrás dela, puxando-a contra seu peito.

— Atarracada? Você está tendo um ataque de insanidade temporária causada por estar muito perto do fogo? Você é linda, e seu corpo é tão perfeito que não consigo olhar para ele sem imaginar você nua.

Um calor que não tinha nada a ver com o fogo a percorreu, mas ainda assim, ela era uma mulher que enfrentava os fatos.

— Minha bunda é demasiada redonda. — Disse ela. — É uma característica da família, então realmente não posso odiar isso, mas são os fatos.

Ele apertou os braços em volta dela, para que ela ficasse pressionada contra a prova muito dura, muito inconfundível de seu desejo.

— Sua *bunda*, como você tão deselegante menciona, esta tentação arredondada, é tão perfeitamente curva como o resto do seu corpo. — Ele ergueu as mãos para seus seios, e fez um som gutural em seu cabelo. — Falando do seu corpo... talvez pudéssemos passar algumas das horas até o amanhecer vestindo menos roupas?

Ela virou o pescoço e levantou a cabeça e ele estava simplesmente ali, encaixando a boca na dela, e todas as dúvidas que tinha sobre a tensão que passavam foram arrastadas pelo calor do seu toque. Beijou-a profundamente e com urgência e ela se contorceu em seus braços e expôs seu próprio pescoço, ainda beijando-o.

Ela ouviu um som de gemido baixo, mas não tinha certeza se veio dele ou dela, línguas primeiramente duelaram pela supremacia, em seguida, entregaram-se em uma degustação, explorando a dança da paixão. Ven a ergueu, e ela enrolou as pernas em torno de sua cintura, ainda beijando-o, agarrando seus ombros com força, não soltando, nunca querendo soltá-lo.

De repente, ele virou a cabeça para trás sobre si e olhou freneticamente ao redor deles.

— Você ouviu isso?

— Ouvi o quê? — Ela perguntou, ainda atordoada com seus beijos.



Ele sussurrou “lobos” em sua orelha, depois a baixou para o chão, sem dizer nada mais. Quando ele se lançou para o esconderijo de suas armas, sons misteriosos ressoaram pela cabana. Eram lobos, uivando algo que deveria ser um aviso ou uma ameaça. Com o som dele, havia um monte deles.

E estavam ao redor da cabana.

Capítulo 23



Sede do Círculo de Luz

Alaric despertou assustado do transe meio cochilo em que ele se colocou para acelerar a sua recuperação. Um ruído, algo inesperado. Olhou para cima para ver Justice em pé na porta aberta da pequena sala de estar de Gennae, a espada na mão.

— Você deve sair daqui, Alaric. Estamos sendo atacados, e desta vez é coordenado. — Justice disse severamente. O sangue ainda manchava seu cabelo um tom macabro de azul marrom com listras e sombras escuras sob os olhos do guerreiro falavam de mais dor em seus ferimentos do que ele admitia.

Claro, ele não admitira nenhuma, seguindo o antigo código guerreiro de “deixar o curador adivinhar”. Alaric rosnou com o pensamento.

— Não posso propriamente curar o que você não me descreve, Senhor Justice.

Justice, sendo Justice, rosnou de volta para ele.

— Não se preocupe em perder o seu tempo em mim, sacerdote. Há muitos em situação muito pior, inclusive Brennan e Alexios. Mas agora precisamos descobrir o que está acontecendo aqui e parar, porque não há maneira nenhuma de, nos nove infernos, que eu vá aturar noite após



noite os ataques desses sanguessugas. — Com isso, se virou e se dirigiu ao corredor em direção à porta. Enquanto Alaric o seguia, mentalmente testava sua prontidão em invocar o tipo de poder que iria anunciar aos mortos-vivos exatamente o que e quem eles estavam enfrentando.

Enquanto caminhava para a porta e olhava para as dezenas de vampiros que escureciam o céu da noite, uma certeza repentina se abateu sobre ele: quem direcionava esses ataques sabia exatamente com quem estava lidando e vinha atrás deles por causa disso.

Gennae estava há uma pequena distância da porta da frente, segurando um escudo sobre todo o edifício. Mesmo a uma dúzia de passos de distância, ele podia sentir a tensão em sua magia. Examinou o grupo fortemente armado de metamorfos que estavam nos cantos da frente do prédio.

— Quinn e seu povo estão em todos os cantos? — Perguntou Alaric.

Justice hesitou.

— O povo de Quinn está, e Christophe está com eles ao redor.

Alaric atacou a omissão.

— Quinn?

— Não aponte esses olhos brilhantes para mim, sacerdote. — Justice rosnou. — Ela e o tigre saíram algumas horas atrás. Tenho a sensação de que foram para o Monte Rainier ajudar Ven e Erin, mas se esquivaram de minhas perguntas.

Alaric queria rugir sua raiva e frustração, mas lutou contra seus instintos e permaneceu em silêncio. Enviou seus sentidos ao ar para chegar até ela, mas não encontrou nada. Ela não estava nem perto, então.

— Se Calígula machucá-la, ele nunca mais vai conhecer um único momento de paz até o momento em que eu esfolar a pele de seus ossos sugadores de sangue. — Disse ele, o poder vibrando através de sua voz.

— Sou um especialista em esfola, então me diga a hora e lugar. — Justice respondeu, examinando a ponta de sua espada. — Por enquanto, devemos nos preparar. Não é como se aquela bruxa ruiva pudesse sustentar essa proteção por muito mais tempo.

Alaric balançou a cabeça, começou a caminhar em direção à bruxa, então parou.

— Onde está o restante dos sete?

— Denal atravessou a água para voltar até Conlan há algum tempo. Alexios tentou arrastar seu traseiro quebrado para fora da cama, e eu o bati no lado da cabeça com força suficiente para me certificar de que ele não vai a lugar nenhum por enquanto. Brennan ainda está inconsciente. — Justice lançou um olhar cortante de avaliação para ele. — Tem certeza que você está à altura de fazer isso? Você não parece tão bem.



— Mantenha suas preocupações em seu próprio bem-estar, guerreiro. — Alaric disse, erguendo as mãos para invocar o poder. — Tenho alguns vampiros para incinerar.



Cabana

Ven espiou por uma fresta entre as placas que cobriam uma das janelas, enquanto Erin fazia o mesmo com outra.

— Há pelo menos sete aqui. — Ela sussurrou.

— Outra meia dúzia deste lado. — Disse ele. — Aqueles lá não podem ser lobos comuns.

Ela estava com os olhos meio fechados e as mãos estendidas por um momento, depois sacudiu a cabeça.

— Não são. Eles são metamorfos. Há magia lá fora também. Qualquer um deles pode invocar magia ou há uma bruxa escondida nas árvores.

Só então uma voz feminina gritou para eles do lado de fora da cabana.

— Nós sabemos que você está aí, Erin. Você e seu atlante precisam sair agora antes que os evaporemos.

Erin suspirou e se firmou com uma das mãos na parede.

— Essa voz! Não pode ser ela...

— Quem? — Ele exigiu, jogando um casaco para ela.

— Lillian. Minha amiga. Ela é a aquela que pensamos que Berenice capturou... deve ser isso. Eles devem-na ter forçado a fazer isso. — Disse, sua voz ganhando força. Um pouco de cor retornou ao seu rosto pálido enquanto encolhia os ombros na jaqueta pesada. — Ela não nos trairia. Sei que ela não faria isso.

Ele olhou para fora novamente.

— Independentemente do seu motivo ou se é voluntário, é melhor fazer o que ela diz. Porque ela está ali com uma tocha, e cinco lobos simplesmente transformados para suas formas *were*. Tenho habilidade para enfrentar uma multidão de monstros de dois metros e meio de altura por minha conta, mas não vou correr o risco, especialmente porque há mais deles nos rodeando.

Ela ergueu o queixo.

— Vamos ver o que querem. Não se esqueça, eu também tenho poder.



— Não estou esquecendo coisa alguma, mas você é tão poderosa quanto ela? Honestamente? — Ele manteve sua voz suave, mas precisava saber os fatos. — Exatamente quais são as chances que você tem contra ela?

— Depende. Sou mais forte do que permiti que alguma delas soubesse, mas se ela invocar a magia negra, não posso corresponder.

— Mesmo com seus poderes de cantora de pedras preciosas?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. Não sei o suficiente sobre o que estou fazendo, ainda. Preciso...

— O tempo acabou, Erin. — Lillian gritou. — Saiam agora ou vamos ver o quão rápido madeiras velhas se queimam.

— Vamos fazer isso. — Disse Ven. — Fique atrás de mim.

— Certo. Porque você teria uma chance contra uma bruxa de nível XI? Eu não penso assim. Talvez você devesse ficar atrás de mim. — Respondeu ela, com a voz trêmula. Ele a puxou para si e a beijou, duro, em seguida, abriu a porta e saiu.

— Por que soa tão familiar? — Ele falou, examinando a multidão crescente de *weres* enfrentando-os e acompanhando a bruxa de cabelos grisalhos que estava no centro, segurando uma tocha. Deveria haver quinze ou mais, todos transformados para suas formas *were*.

Todos agindo como se estivessem em um maldito estado de espírito ruim. *Grande*.

— Espere, eu sei. Não havia alguma história sobre um lobo mau que morria horivelmente no final? — Continuou ele.

Um dos lobisomens, um enorme desmedido monstro marrom enlameado, rosnou para ele, exibindo as presas gotejantes.

— Aconteceu com os porquinhos, humano. — Ele rosnou com a distintiva voz distorcida de sua forma *were*.

Ven desembainhou a espada.

— Este porquinho tem dentes, hálito de cão. Diga o que quer e saia.

A bruxa falou.

— Muito engraçado esse guarda costas que você encontrou, minha querida. Mas, então, você e suas irmãs e a cadela de sua mãe sempre foram boas em aliciar os homens mais atraentes ao redor, não é?

Erin se encolheu como se tivesse levado um golpe físico.

— Lillian? Eles estão controlando você de alguma forma? Como você pode... Por que você...



Lillian riu, e seu riso tinha uma ponta de loucura.

— Certo. Pobre, fraca Lillian, alguém deve estar puxando as cordas, a fim de sair de trás da sombra de Berenice e Gennae, certo? Ou, há dez anos atrás, de Gwendolyn? Ela levou seu pai para longe de mim, não sabe disso? Fingiu ser minha amiga e, em seguida, roubou-o, deitou-se com ele, e se casou com ele tudo antes mesmo de eu saber o que estava acontecendo.

Erin estava ao lado dele, tremendo. Ven a observou buscando por sinais de choque com uma fração de sua atenção que ele ousou tirar dos lobisomens, que estavam chegando perto.

— Você deve estar louca! Meu pai amava minha mãe e os dois nunca foram nada mais do que amigos para você. Mas não importa o que você acha que aconteceu, algo justifica isso? Ferir pessoas que te amam? Você... você teve alguma coisa a ver com o ataque contra nós?

Lillian zombou deles.

— Ainda está um pouco lenta, não é? Acho que é verdade o que dizem sobre loiras. Ajudei a planejar o ataque, sua idiota. Assim como ajudei a planejar a maioria dos ataques nos últimos dez anos. Calígula me prometeu um assento no conselho de seu governo, uma vez que tenhamos tomado. Uma vez que governarmos como nós nascemos para fazer.

Ven assobiou, um longo e lento som de descrença.

— Você é estúpida? Ou simplesmente matou a aula de história? Se você pensa que pode confiar na palavra de um monstro como Calígula, talvez devesse ter tido uma conversa com Tibério sobre quem detinha o travesseiro que o sufocou, por volta de março do ano trinta e sete.

Erin lhe lançou um olhar, as sobrancelhas levantadas.

— Ei, sou um fã de história, o que posso dizer. — Disse ele, encolhendo os ombros. — Além disso, meu bisavô costumava beber vinho com o homem de vez em quando.

— Cale-se, *cale-se, cale-se!* — Lillian gritou. — Estou farta de ser ignorada! Gennae e Berenice passaram a última década me ignorando e me anulando nas decisões do clã. Seus pais me ignoraram quando foderam seu caminho para a felicidade conjugal. Mas ninguém vai me ignorar por mais tempo! Vou assumir o Círculo de Luz esta noite! — Lillian levantou os braços e bolas brilhantes de fogo se formaram em suas palmas.

Erin espelhou sua ação, chamando seu próprio fogo, mas Ven interrompeu.

— Espere! Como você assumirá o clã se está aqui? Não que eu queira apagar o seu entusiasmo, mas a sede do Círculo de Luz está há algumas horas ao norte daqui, dependendo do tráfego. Claro, acho que você poderia montar sua vassoura. — Disse ele.



O rosto de Lillian virou uma sombra viva de roxo, e ela jogou uma das bolas de fogo mágico nele. Erin fez um escudo rápido, bloqueando-o, e ela bateu em uma árvore, e explodiu imediatamente.

— Seu idiota! Estou aqui cuidando de você enquanto Calígula e Drakos estão em Seattle! Eu não sei o porquê da obsessão dele, mas não vou ficar parada e vê-lo babar em cima de você e de sua irmã do jeito que tinha que ver seu pai babar sobre sua mãe. Se você estiver morta, Calígula e eu poderemos nos concentrar em assuntos mais importantes, como *nossos* planos.

O *were* ao lado dela rugiu o que era, provavelmente, para induzir um medo arrepiante pelo rugido.

— Dou-lhe um seis ponto cinco. — Disse Ven. — Talvez dê um ponto extra para feiura pura.

O *were* rosnou para ele e se agachou, preparando-se claramente para o ataque.

— Não há senso de humor nas matilhas nesses dias, hein, meninos? — Ven disse, tirando um punhal da bainha com a mão esquerda e segurando sua espada com a mão direita, então olhou para Erin, que estava congelada ao lado dele. — Por que eles sempre têm de dizer tolices sobre sua busca pela dominação do mundo, a glória do mal, blá blá blá? Se você soubesse quantas vezes tive que ouvir essa merda batendo de seus próprios interesses ao longo dos séculos, poderia entender quanta diversão vou ter espetando essas bolas de pelo.

Erin finalmente pareceu despertar da névoa de dor e choque pela traição que a paralisou, e olhou para ele, depois para Lillian.

— Uma pergunta, sua vadia traidora. O que fez com Berenice?

Os lábios de Lillian se curvaram em um sorriso de tal maldade concentrada que mesmo Ven sentiu o frio serpentear por sua espinha. Então ela ergueu as mãos de novo, e as bolas de fogo mágicas se levantaram a poucos centímetros de suas palmas, iluminando as manchas vermelho escuras que revestiam suas mãos e braços.

— Mesmo você deve saber que eu precisava de um sacrifício de sangue para invocar a escuridão. Vamos apenas dizer que não tem que ser um sacrifício voluntário.

Erin jogou a cabeça para trás e gritou, um grito de uma raiva tão pura e tristeza que rivalizava com os uivos dos lobos.

— Então esta será a vingança, Lillian. — Ela rosnou.

— Tente o seu melhor, Erin. — Lillian respondeu. — Porque quero que você saiba antes de morrer, que pelo menos uma das suas irmãs tombou por minhas mãos. — Com esse impulso final, Lillian disse: — Vão!



E os lobisomens atacaram. Ven teve tempo de ver Erin atirar uma flecha de brilhante fogo mágico em Lillian antes que o primeiro feio brutamente *were* estivesse sobre ele. Ele canalizou água e esmagou sua linha de frente com uma gigantesca onda de dois metros de altura de tudo o que ele pode puxar para lançar contra eles, mas só os manteve ocupado por alguns instantes e, logo estavam de volta ao ataque.

Teve tempo para pensar como sempre era melhor com suas lâminas que com a chamada dos elementos, e depois de tudo, o que podia fazer era defender e atacar, cortar e esfaquear, e cortar novamente, abaixando e rolando e pulando enquanto isso, cortar primeiro um, depois outro. Relâmpagos, brilhantes explosões de luz mágica iluminaram o céu sobre eles, narrando o conto da batalha de Erin com a traidora.

Ele lutou furiosamente, cortando através dos tendões, dos corações, do pescoço, levando golpes em seus rins, nas costas, na cabeça, garras e dentes e pés chutando-o e rasgando-o até que a dor soou em seu crânio e tanto ele como suas lâminas pingavam com o sangue. Ele ouviu um rugido distante e percebeu que era ele, chamando Erin, chamando Poseidon, gritando seu juramento para protegê-la.

Ele sorriu — um feroz descobrir selvagem dos dentes — e o *were* que vinha para ele hesitou por um momento, olhando para o rosto com os olhos do animal, o que deu tempo de Ven destruí-lo com sua espada.

Um alto, barulho ensurdecedor começou a tremer o chão ao redor e embaixo deles, e Erin gritou.

— Sim, cante para mim, cante comigo. — Ela gritou, e ele percebeu que deveria ser o Coração de Nereida que de alguma forma respondia à cantora de pedras preciosas. Então ela começou a cantar, e os lobisomens restantes em torno dele recuaram como se temessem algo ainda mais assustador do que as lâminas de Ven. Bateram as patas sobre seus ouvidos e caíram no chão, soltando um discordante uivo aterrorizado, rolando e se encolhendo no chão. Ven começou a cortar as cabeças dos corpos, mas um guerreiro como ele não poderia obter honra em tirar a vida de indefesos, vítimas encolhidas, então ele virou-se para Lillian e determinou a ameaça que ela representava.

A canção de Erin atingiu um tom alto muito acima de um soprano²¹, uma canção que as baleias jubartes certamente teriam reconhecido, e ela lançou as mãos na frente dela e um raio de luz prata pura brotava em linha reta e em direção a Lillian. Enquanto ele observava e mantinha um olho

²¹ **Soprano** é o nome do registro da voz (ou naipe) feminina mais aguda. Diz-se também da mulher que canta esse registro. Exemplo de soprano: Sarah Brightman.



sobre os lobisomens caídos e ofegantes, o corpo de Lillian levantou do chão e de alguma forma aumentou, como se a luz a enchesse e a empurrasse para fora de sua carne, tentando forçar seu caminho, e, em seguida, em um instante, a luz desapareceu e ela caiu, dura no chão. Erin baixou as mãos, inclinou a cabeça e levantou-se ofegante, aparentemente exausta, mas ilesa.

Os *weres* começaram a uivar ainda mais alto, ainda encolhidos e rolando no chão, de modo que Ven correu em direção à bruxa caída, a espada levantada, preparado para dar o golpe final e poupar Erin dessa dor.

Mas quando ele a alcançou, o pescoço estava em um ângulo impossível para a cabeça e seus olhos olhavam o céu fixamente.

— Ela está morta, Erin. — Disse ele. — Não pode machucar ninguém mais.

— Eu sei. — Disse ela, e por um breve momento, a deusa impiedosa que ele vira em Atlântida brilhou em seus olhos. Então o momento passou e ela colocou a mão sobre sua boca e correu para o lado da cabana onde vomitou violentamente na neve.

Ele queria estar com ela, mas havia a questão dos oito *weres* restantes para lidar, e ele xingou violentamente sob sua respiração enquanto olhava para eles.

— Precisa de ajuda com o seu problema de controle animal? — Uma voz feminina veio por trás dele, assustando-o, e ele virou-se para enfrentar uma pequena mulher montada num enorme tigre. Quando ele ficou boquiaberto, Quinn pulou de sua montaria rosnando e caminhou até ele. — Jack e eu estamos aqui para ajudar.

Erin levantou-se, a neve fresca esfregada em seu rosto, em seguida, caminhou em direção a eles.

— Quinn. É bom vê-la. Temos notícias para compartilhar.

Quinn assentiu tristemente enquanto Jack caminhava em torno do grupo de encolhidos *weres*, rosnando violentamente para qualquer um que se atrevesse a levantar suas cabeças.

— Temos notícia, também, e não são boas.

Capítulo 24



Copas das árvores perto da Sede do Círculo de Luz

Daniel olhou para os vampiros circulando o escudo mágico através de sua visão nova e melhorada, que agora bizarramente era um calidoscópio de um prisma de infravermelho multicolorido. Se soubesse que ia ganhar esse tipo de poder ao beber o sangue de um vampiro antigo, ele teria drenado o bastardo da primeira vez que o encontrou. Seus ferimentos estavam totalmente curados e ele sentia a força da vida bombear mais energicamente através de seu corpo do que quando se tornou morto-vivo.

Embora já tivesse se aproximado da morte permanente, nunca antes teve que fazer assim: arrastar sua carcaça sangrenta de volta para a montanha selara a confiança de Calígula nele. Agora, finalmente teria a oportunidade de destruir o monstro, e o mundo seria um lugar muito melhor.

Pelo menos até o próximo candidato a conquistador aparecer. Ele pensou que a morte de Barrabás teria alterado o curso das coisas, mesmo uma pequena invasão traiçoeira do poder do vampiro do mal sobre a infraestrutura política humana. Mas, mesmo após a sua morte permanente, a influência de Barrabás continuava a se espalhar. O exemplo perfeito do que um bom estrategista, absolutamente sem limites poderia realizar.

Daniel assistiu os membros da manada de sangue de Calígula correr abaixo ao longo dos limites do escudo, e admitiu a verdade cruel a si mesmo. Quatro dias em cada cinco, ele era desencorajado o suficiente e considerava enfrentar a verdadeira morte. Se não tivesse conhecido os atlantes e Quinn e finalmente ter parceiros em seus esforços secretos, certamente teria feito isso mais cedo. Vida — até mesmo a dos mortos-vivos — precisava de esperança, e Daniel tinha tudo isso.

— Drakos! — Calígula trovejou para ele. — Venha aqui e me ajude a determinar como romper escudo da bruxa!

Daniel concordou e flutuou através das copas das árvores em direção à chamada de seu mestre.



Breve. A primeira chance que eu tiver, Calígula, sua bunda será minha.



Cabana

Ven entrou na cabana e seu olhar foi imediatamente para Erin, que estava enrolada em uma bola em seu saco de dormir. Provavelmente, todo o seu poder foi drenado de novo, mas de alguma forma ela dominara uma bruxa que estava assentada dois níveis à sua frente na grade de poder, ou assim o povo mágico dizia.

A menos que ele a estivesse lendo erroneamente, ela também matara sua primeira pessoa, o que nunca era uma coisa fácil de passar.

Nunca deveria ser uma coisa fácil de passar, ele pensou sombriamente, *não importa se era sua primeira morte ou a centésima.*

Mesmo se, como ele, tivesse matado tanto que não conseguia nem acompanhar mais. Matar era matar, e os deuses mais do que provavelmente mantinham algum tipo de tabela gigante de indicadores até o fim de seus dias. Se o fizessem, certamente eles notariam a coragem de Erin, que brilhava com mais intensidade do que o seu fogo mágico. Ele andou até ela e puxou-a para o seu colo, então simplesmente sentou-se em silêncio, rodeou-a com os braços, e respirou o aroma de seus cabelos.

A porta se abriu e Jack, na forma humana agora, apesar de ele não ocupar todo o espaço muito menor sobre duas pernas, caminhou com Quinn logo atrás dele.

— Eles não sabem nada sobre os planos de Calígula. — Jack disse, removendo neve molhada em seu cabelo. — Estão muito baixos na cadeia alimentar, por assim dizer.

Ven levantou uma sobrancelha.

— Eles *estão muito* baixos na cadeia alimentar?

Os olhos de Jack pareciam mais o de um grande gato do que o ser humano quando respondeu.

— Sim. Estão.

O rosto de Quinn estava quase tão pálido como o de Erin e seus olhos estavam planos e mortos. Ou ela era uma assassina fria ou retirou-se do mundo, quando ela foi forçada a fazer coisas terríveis em nome de sua causa. A causa *deles*, ele alterou silenciosamente. Conhecendo Riley, Ven



tinha certeza de que Quinn não era uma assassina de sangue frio. Por isso, deveria ser um caminho extremamente difícil o que ela caminhava. Enquanto Ven admirava a dedicação de Quinn e sua coragem, prometeu a si mesmo que Erin nunca precisaria enfrentar esse caminho sombrio.

— Há café. — Erin disse, com a voz quase inaudível. — E alguns alimentos enlatados nas prateleiras e outras coisas não perecíveis que trouxemos conosco.

Quinn apontou o intenso foco em Erin.

— Você não precisa bancar a anfitriã, cantora de pedras preciosas. Podemos... — Ela parou no meio da frase e rapidamente atravessou a sala para se agachar na frente de Erin. — Oh, não, Erin. Você não pode sentir isso por ela. Era uma traidora.

— O quê? — Erin levantou a cabeça, e depois a deixou cair para trás sobre os joelhos. — Oh, a coisa da empatia emocional. Irmã de Riley, então você também tem, eu acho. Bem, fique fora da minha cabeça. — Não havia nenhum calor por trás de suas palavras, apenas uma apatia sem graça que assustou Ven mais do que uma explosão emocional teria feito.

— Ven, Jack. Saiam. — Disse Quinn, de pé. — Agora.

Os braços de Ven apertaram Erin.

— Eu não sei o que você...

— Saiam. Agora. — Ela repetiu, mas não tirou o seu olhar do de Erin, e a simpatia e compreensão nos olhos de Quinn decidiram por ele.

— Tudo bem com você, *mi amara*? — Ele murmurou para Erin. Ela encolheu os ombros, mas, em seguida, afastou-se de seu colo, então ele tomou isso como assentimento e levantou-se para sair. — Estarei lá fora se precisar de mim.

Quinn ergueu um sorriso divertido para ele.

— Não sou tão assustadora como aparento, irmão mais velho.

— Grande... — Ele colocou a mão na testa. — Oh, pelos deuses, nunca considerei isso. Quando Riley e Conlan se casarem, seremos uma família. Como é que vou sobreviver a isso? — Gemeu.

Quinn estendeu a mão e bagunçou seu cabelo, como se fosse um pequeno filhote.

— Está tudo bem, mano. Prometo pegar leve com você nas reuniões de família.

Ainda gemendo, ele seguiu Jack para fora da cabana, dando uma última olhada em Erin enquanto passava pela porta. Ficou aliviado ao ver a sombra de um sorriso em seu rosto, talvez Quinn pudesse dar alguma medida de paz, onde ele não podia. Tudo o que poderia pensar em fazer era amá-la desvairadamente até que ela dormisse, o que não era muito prático no momento.



— Vamos lá, garoto peixe. — Disse Jack. — Eu vou ensiná-lo a caçar um jantar que não saia de uma lata.

Ven esperou até que o brilho dourado de transformação terminasse e o tigre estivesse onde o homem estava antes de responder.

— É homem peixe para você, cara de pelo.

O tigre rosnou e saltou para o mato e Ven o seguiu, balançando a cabeça ao perceber que seu círculo de amigos, de repente incluía bruxas, rebeldes, e tigres.



Sede do Círculo de Luz

Justice rodeou o perímetro do escudo e pensou pela terceira ou quarta vez, em vinte minutos que estava feliz por estar ao lado de Alaric. O sacerdote adicionara sua força a de Gennae e o escudo era totalmente impermeável para os vampiros enlouquecidos que jogavam repetidamente seus corpos contra ele, rangendo os dentes e com os olhos vermelhos brilhantes de intenção homicida. Ele praguejou sob sua respiração quando um deles mergulhou diretamente contra ele das árvores que pendiam e estalou a poucos centímetros de sua cabeça contra o escudo. Após uma varredura nas copas das árvores, teve um vislumbre de alguém que se parecia muito com Daniel, pelo menos de certa distância, o que significaria que o vampiro havia sobrevivido à explosão de Alaric no armazém.

Justice não sabia se isso era bom ou ruim. Daniel disfarçado em Drakos teria um plano para pegar Calígula do seu interior. Ou então era a teoria.

Pessoalmente, a ideia de que Daniel/Drakos estava jogando com todos eles como uma espécie de agente duplo morto-vivo passava pela cabeça de Justice mais do que uma vez. O vampiro parecia um homem com segredos, e Justice estava definitivamente, em uma posição de reconhecer segredos. Como gostava de chamar.

Não que Justice pudesse dizer o dele. Pelo menos não para qualquer um que não quisesse matar.

— Justice. — Alaric o chamou. — Acho que precisamos de um plano. Esse é Calígula com Drakos, e ele está comandando o ataque. Mas se eu liberar os escudos para retaliar, esses vampiros vão ultrapassar o campo.

— Eles não podem entrar no prédio sem serem convidados, não é verdade?



— Deveria ser verdade, especialmente com a proteção. Mas as enigmáticas regras das habilidades de vampiro, quando se referem a prédios públicos podem ter influência aqui. — Alaric respondeu, com os olhos brilhando um feroz verde esmeralda.

Gennae baixou os braços.

— Obrigada por ser indulgente comigo, mas está claro que você está segurando este escudo sem mim, Alaric. Talvez se soltá-lo para mim, você possa passar no momento em que transferirmos? Então nós teremos vampiros tentando ganhar a entrada para sede, com resultados muito ruins para eles.

Justice estreitou os olhos.

— Não tenho certeza do que você quer dizer com “resultados muito ruins”, mas algumas coisas me vêm à mente. Um, que poderiam estar fingindo, a fim de levá-los a baixar a guarda. Dois, o que pode afetar um bebê vampiro não vai ser a mesma coisa que afeta um vampiro mestre tão antigo quanto Calígula.

— Se estivessem fingindo, pegando fogo espontaneamente, pois se forçaram a passar por nossas proteções é uma maneira muito convincente de fazê-lo. — Ela retrucou. — E eu estou bem ciente do poder dos vampiros antigos. Mas vocês atlantes tem lutado por séculos, não é?

Alaric inclinou a cabeça.

— Temos, senhora. Mas nunca, até recentemente, tivemos que combater ataques coordenados. Os mortos-vivos não são o tipo que formam comunidades, nem têm estado sempre, e derrotar os atacantes isolados é uma proposta totalmente diferente.

Christophe veio correndo ao redor do limite do edifício.

— Eu não sei o quão profundo o escudo está feito, mas os vampiros atrás do prédio começaram a cavar debaixo dele.

Alaric praguejou violentamente em atlante, em seguida, seus olhos brilharam ainda mais e a pele de Justice chiou com o vigor da pura força bruta canalizada pelo mais poderoso sumo sacerdote da história da Atlântida. Alguns segundos se passaram, e, em seguida, ele assentiu.

— O escudo agora corre a três metros e meio de profundidade no solo, e eu posso estender uma esfera transparente em torno deste lugar se for necessário.

— Mencionei que estou feliz de estar do seu lado? — Justice murmurou antes de começar a andar para frente e para trás na frente no limite do escudo novamente. — Por que não os deixa entrar? Se eles não podem entrar no edifício, embora, é verdade, que é um grande se, estamos em desvantagem apenas de oito ou nove para um.



— O que seria razoável para os guerreiros de Atlântida, talvez, mas temos metamorfos cansados e feridos que lutaram com a gente, e, de outro modo, não estamos com força total. — Alaric disse, olhando para as bandagens em volta do peito de Justice que brilhava claro na escuridão sob sua camisa aberta.

— É um risco. — Protestou ele. Examinou seu grupo, reconhecendo a contragosto o cansaço, o andar cambaleante de exaustão na maioria dos metamorfos, muitos dos quais estavam se recuperando de seus próprios *arranhões*. — Ok, você pode ter um ponto. — Justice admitiu. — Então qual é o plano?

— O plano de Gennae tem mérito. Vou sair e... discutir... o cerne da situação de Calígula, enquanto ela segura o escudo. — Alaric disse, mostrando os dentes.

— Se *discutir* é a forma atlante para “limpar o monstro assassino da face do planeta”, então eu estaria totalmente de acordo com esse plano. — Disse Gennae.

— Você não vai a lugar nenhum sem mim. — Justice rosnou, desafiando o sacerdote a discordar.

— O mesmo vale comigo. — Afirmou Christophe, retirando suas adagas.

Alaric levantou uma sobrancelha preta.

— Não teria esperado o contrário.

Capítulo 25



Cabana.

Erin cautelosamente levantou a cabeça para ver o que Quinn estava fazendo. A mulher ficara em silêncio por alguns minutos, não falou uma palavra desde que ordenou que os homens saíssem



da cabana. Quinn se sentou no chão, de pernas cruzadas, em frente à lareira, olhando para as chamas.

— Você queria falar comigo ou algo assim? Uma conversa estimulante só de meninas? Talvez um bando de 'está tudo certo em matar em nome de *Life, Liberty, and the American Way*²²'?

— As palavras saíram com mais cansaço e menos sarcasmo do que pretendia. Talvez só não tenha tido nenhuma luta sua.

Quinn a prendeu com um olhar sombrio.

— É isso que você precisa ouvir? Será que a fará ficar melhor? Se assim for, rah rah, vá você.

Confusão atravessou a sua dormência.

— O que você quer falar comigo, então?

Quinn suspirou.

— Principalmente, só queria ouvir. Você acha que fica mais fácil matar só porque fez isso mais de uma vez? Não fica. Se qualquer coisa, fica mais difícil.

— Então, como você faz isso? Como você faz o que faz, dia após dia, mês após mês? — Erin apertou as mãos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Mesmo estacar os vampiros não é uma proposição muito em preto e branco. Eles são vizinhos, amigos, membros contribuintes da sociedade que só aconteceu de beberem sangue. Como você pode olhar para os rostos que são exatamente como o nosso e matá-los?

— Alguns de seus melhores amigos são vampiros, é isso? — Quinn disse amargamente. — Olha, você não está me dizendo nada que eu não saiba. Como disse, fica cada vez mais difícil. Toda vida tirada e até mesmo a vida de um morto-vivo, é outro ponto negro no meu registro. Outra mancha na minha alma. — Ela riu. — Ouça-me: “mancha na minha alma”. De repente, sou uma rainha do drama.

— E se for? E se a minha alma estiver irremediavelmente manchada porque matei Lillian esta noite? Ela não era um metamorfo ou um vampiro. Era humana.

²² Tradução: **Vida, Liberdade e modo de vida americano**. Escolhi deixar original porque é uma espécie de expressão que só é entendida quando vista em sua totalidade. Achei que se traduzisse iria perder o sentido original. Em especial, uma nota sobre a expressão **american way** que se refere ao estilo de vida das pessoas que vivem nos Estados Unidos da América. É um exemplo de uma modalidade comportamental, desenvolvido a partir do século 17 até hoje. Refere-se a um espírito nacionalista que se propõe aderir aos princípios de “vida, liberdade e busca da felicidade”. Tem alguma ligação com o conceito de excepcionalismo americano e o sonho americano. A expressão foi utilizada pelos meios para destacar as diferenças entre os padrões de vida das populações dos Estados Unidos e da União Soviética. Naquela época, a cultura popular americana amplamente abraçou a ideia de que qualquer pessoa, independentemente das circunstâncias de seu nascimento, poderia aumentar significativamente sua qualidade de vida através de determinação, trabalho duro e habilidade natural.



— Era um monstro. — Quinn disse, sem rodeios. — Ven nos disse que ela se vangloriou de matar tanto a sua irmã como sua companheira bruxa e ajudou a planejar o assassinato de sua família. Você realmente acha que ela merecia viver?

Erin olhou para Quinn. A luz do fogo brincava sobre o rosto como um prenúncio sinistro das chamas do inferno. Erin sacudiu o sentido fantasioso de pavor e considerou a questão por um tempo. Finalmente, balançou a cabeça.

— Fiz o que tinha que fazer, e faria tudo de novo. Foi autodefesa, e eu estava defendendo Ven, porque mesmo que ele matasse cada um desses lobisomens, ela o teria assassinado também. Mas não me peça para decidir quem merece viver. Essa é uma pergunta para a Deusa.

Quinn se voltou para enfrentar o fogo.

— Talvez. Ou talvez a sua Deusa e meu Deus nos deram o poder para derrotá-los como uma resposta a questão. De qualquer maneira, me recuso a deixar isso continuar por mais tempo. Não posso ficar parada e fingir que não percebo que os vampiros estão assumindo a liderança política, promulgando lei após lei em favor dos mortos-vivos sobre os humanos. Não posso ficar parada e deixar grupos de invasores metamorfos matarem seres humanos presos em suas lutas territoriais.

Uma onda de desespero sem esperança tomou conta de Erin.

— Podemos fazer a diferença, Quinn? Você realmente acredita que seus esforços tem qualquer valor? Sinto como se todos nós estivéssemos jogando um jogo de rua, de carnaval. Conhece o jogo onde você bate nas toupeiras com um martelo de plástico, quando elas aparecem? Não importa quantas acertar, mais continuam chegando e chegando?

Um fantasma de um sorriso cruzou o rosto de Quinn.

— Sim, já joguei esse jogo. Há um tempo atrás quando tinha tempo para coisas como feiras e carnavais. Parece que foi há muito tempo.

— Bem, os vampiros com planos para dominar a raça humana e tratando-nos como ovelhas, os *weres* desonestos mais e mais, as bruxas que estão se voltando para o escuro — são as toupeiras. Estão em toda parte, e é semelhante cada vez mais a um jogo sem fim, onde as probabilidades estão contra nós. — Disse Erin.

— O que fez esta noite não foi inútil ou fútil. Não estava errado, de qualquer forma, não importa o que a lei poderia dizer. A legislação não foi feita para o que temos de fazer para acabar com esta ameaça. Até que findemos a conspiração vampírica, nunca será. Porque eles são os únicos que escrevem as leis, e quem discorda desaparece convenientemente. — Quinn empurrou outra tora para o fogo. — Temos que manter a fé, Erin.

— Não sei. Eu...



Quinn bateu com o punho na palma da mão.

— Pare! Você não tem tempo para auto piedade. Preciso que você seja forte para encontrar este rubi e salvar a minha irmã. Ela é a única bondade deixada em minha vida e se ela e o bebê... — Ela balançou a cabeça, lágrimas escorreram por seu rosto.

Raiva e resolução varreram Erin em medidas iguais e enviaram aço através de sua espinha dorsal.

— Não estou sentindo pena de mim mesma, Quinn, acredite em mim. Não sei se entenderia o que isso significa, mas canalizei a Wilding esta noite sem qualquer reação. Cantar para as joias parece ter aprimorado meus poderes enormemente. De repente, não estou tão preocupada com a lei do Círculo me dizendo para não invocar a Wilding, também. Então por que não vamos descobrir exatamente como vamos fazer para encontrar o Coração de Nereida de manhã?

Quinn olhou para ela por um longo momento, depois sorriu e levantou-se.

— Reconheci quando você bateu os meninos em suas bundas que eu ia gostar de você.

— O mesmo vale para mim.



Sede do Círculo de Luz

Justice se levantou, ergueu a espada no limite do escudo, ao lado de Alaric. Christophe estava do outro lado do sacerdote e, os mais fortes dos metamorfos se espalharam em cada lado deles. Gennae ficou bem para trás, protegida por vários homens enquanto segurava o escudo.

— Agora! — Alaric explodiu o comando, e o escudo desapareceu. Ele, Justice e Christophe se adiantaram e o escudo brilhou à existência quase que imediatamente por trás deles. Um par de vampiros conseguiu se lançar contra o escudo rompido no processo de passagem, mas Justice teve o severo prazer de ver os metamorfos os rasgarem em pedaços por trás do escudo.

— Então vamos conversar, Imperador? — Alaric chamou.

Justice não podia acreditar que ele concedeu ao demônio o respeito do título, mas provavelmente foi uma jogada estratégica. Vampiros eram notoriamente vaidosos, e Alaric e Conlan quase se igualavam ao pai de Justice pela estratégia ousada e inteligente. Ele cuspiu no chão com o pensamento de seu pai, em seguida, empurrou as lembranças amargas de sua mente e focou no presente.



Calígula flutuou para baixo das árvores, com Daniel a seu lado. *Drakos*. Deveria se lembrar de chamá-lo de *Drakos*, ou o show acabava.

— Você ousa muito, atlante. — Calígula silvou. Ele colocou poder e sua voz escrava por trás das palavras, e reverberaram em todo o gramado escuro. — No entanto, é evidente que sabe quem eu sou.

— Eu conheço você, Germanicus²³. Conheço sua crueldade, seus excessos e sua insanidade. — Alaric proclamou em uma voz como um trovão através de ondas tempestuosas. — Sou o sumo sacerdote de Poseidon, e seu reinado está quase no fim.

Calígula zombou.

— Uma vez nomeei meu cavalo a sacerdote. *Incitatus*²⁴, pelo menos, tinha um colar de joias e uma casa com uma manjedoura de ouro. Tudo o que você tem é um bando desorganizado de guerreiros que pertencem ao século passado.

Alaric levantou uma sobrancelha.

— Na graça de Poseidon, exercem um poder que você não pode imaginar. Um cavalo, alguém pode imaginar, deu a um deus autoproclamado como você exatamente o que merecia. Um monte de porcarias, na verdade.

Daniel saltou para Alaric, rosnando.

— Você se atreve a insultá-lo! Vou aproveitar e rasgar a cabeça de seu pescoço e beber o sangue que o deus do mar tanto preza.

Justice se dirigiu para frente com sua espada para bloquear Daniel, mas Alaric acenou com a mão quase casualmente e o vampiro voou para trás mais de quinze metros, até bater em uma árvore e cair no chão.

— Não tenho tempo para me expor às loucas bravatas de seus subordinados. O que você quer aqui? — Perguntou Alaric.

— Quero o sangue da humanidade correndo livremente debaixo das solas das minhas botas. — Calígula disse, mostrando suas presas. — Quero acabar com o seu continente debaixo d'água para que você nunca sequer pense em voltar à superfície para me desafiar novamente. Quero construir palácios flutuantes que excedem em muito os meus navios que os humanos encontraram

²³ Nome de família de Calígula cujo nome era *Gaius Julius Caesar Augustus Germanicus*.

²⁴ *Incitatus* era o cavalo preferido do imperador romano Calígula. Seu nome é um adjetivo Latino que significa "rápido" ou "a galope". De acordo com Suetônio em "Vidas dos Doze Césares" (121 dC), *Incitatus* tinha um estábulo de mármore, com uma manjedoura de marfim, cobertores roxos, e um colar de pedras preciosas. Dio Cassius indicou que o cavalo era cuidado por funcionários, e era alimentado com aveia misturada com flocos dourados. Suetônio também escreveu que foi dito que Calígula planejava nomear *Incitatus* como um cônsul, e que o cavalo iria "convidar" dignitários para jantar com ele em uma casa equipada com os funcionários para entreter tais eventos.



no lago Nemi²⁵. — Ele riu. — Quer uma lista detalhada? Que tal um desejo final? Quero toda a humanidade tremendo ao som do meu nome.

Justice revirou os olhos.

— Deixe-os me odiarem, contanto que me temam²⁶, certo? Você não pode ter um novo material depois de quase dois mil anos?

Calígula voltou seus olhos brilhantes para Justice. Antes que ele pudesse desviar o olhar, ele caiu nas chamas vermelhas, caiu na servidão de um vampiro mestre. Ouviu um grande ruído ensurdecedor e, de repente Daniel estava apressando-se em direção a ele e pulando em cima dele, derrubando a espada de Justice de sua mão.

Daniel mostrou suas presas e virou a cabeça de Justice para o lado antes que o nevoeiro de escravidão o tomasse totalmente. Então o vampiro o prendeu e dirigiu suas presas para o pescoço de Justice. Justice apertou a mandíbula com tanta força que seus dentes rangeram, para evitar uivar de dor. Daniel retirou quase que instantaneamente suas presas, mas não levantou a cabeça.

— Há uma abertura protegida na parte superior do Ponto de Sucesso. — Daniel sussurrou em seu ouvido. — Encontre-o e me ajudar a salvar seus amigos. Agora grite alto.

Justice gritou, colocando seus pulmões para fora. Não foi tão difícil de fazer. Aquela maldita mordida tinha *machucado*. Daniel se apoiou na perna de Justice para empurrar-se para cima, fazendo um show de limpar o sangue de sua boca.

— Há algo sobre estes atlantes que são melhores do que ser humano comum, você não acha? — Daniel disse.

Calígula e Alaric ficaram em um silêncio face a face, ambos invocando o poder de diferentes maneiras. Ambos não querendo recuar. Justice arrastou-se, certificando-se de agir como se tivesse sido drenado de mais sangue do que podia se dar ao luxo de perder, especialmente em seu estado ferido. Ele cambaleou um passo, esquadrinhando a área buscando Christophe.

— Ele passou pelo escudo, Justice. — Alaric disse, apenas uma pitada de tensão em sua voz. — Acho que a perna dele pode estar quebrada. Talvez você possa ir vê-lo.

Justice saiu mancando lentamente, com cuidado para ficar na faixa de audição.

Calígula foi o primeiro a voltar atrás.

²⁵ O lago Nemi (*Nemorensis Lacus* em latim) é um pequeno lago circular vulcânico na região italiana do Lácio, a 30 km ao sul de Roma, tirando seu nome de Nemi, a maior cidade da região, que se sobrepõe a ele de um outeiro. Possui uma superfície de cerca de 1,67 km² e uma profundidade máxima de 33 metros. O lago é mais conhecido pela história que envolve os barcos naufragados do Nemi. Estas embarcações eram muito grandes e tecnologicamente avançadas para sua época. Os imperadores Calígula e Tibério velejavam no lago Nemi não apenas para fugir do calor no verão, mas para assegurar-se de que eram *Nemorensi*, governantes alinhados com as estrelas, entrelaçados na perpétua força vital da Terra.

²⁶ Citação famosa de Calígula. Em latim “Metuant dum Oderunt”.



— Isso é inútil. Estamos igualmente combinados, sacerdote. Dê-me a bruxa e eu vou cancelar o cerco.

— Qual bruxa? Como você pode imaginar, a sede do clã está atualmente abrigando mais de uma. — Alaric respondeu calmamente.

— Erin Connors. Dê-a para mim e dou a minha palavra que deixarei os outros em paz.

— Sua palavra não significa nada, vampiro. Não significava nada quando ainda vivia. — Alaric disse. — Nós não vamos dar-lhe ninguém.

Christophe, que jazia no chão do outro lado do escudo meio apoiado em seus cotovelos, começou a rir.

— Vampiro estúpido! Você passou! Todo esse tempo e esforço para obter uma bruxa que nem mesmo está aqui! Ela está a meio caminho do Canadá agora!

Alaric cortou a mão em direção ao chão e jogou um olhar para Christophe.

— Silêncio! Não lhe diga nada.

Mas já era tarde demais. Calígula saltou no ar e flutuou sobre o escudo, olhando para ele. Quando ele se centrou sobre o ponto mais alto da barreira mágica brilhante, flutuou para baixo até que o tocou com as mãos e o rosto, então, ficou ali por alguns segundos.

De repente, gritou, um som semelhante ao de um demônio do inferno subindo através da escuridão, e disparou no ar tão rápido que Justice mal podia vê-lo se mover.

— Siga-me, Drakos! Ela se foi, e eu sei exatamente onde ela deve ter ido. — Calígula gritou para eles. — Ponto de Sucesso realmente vai ganhar o seu nome muito em breve.

Daniel lançou um último olhar para Justice, que assentiu. Depois disparou no ar para seguir o imperador louco, e todo o resto das sanguessugas se esforçavam para segui-lo.

Alaric caminhou até Christophe, e agachou-se para colocar as mãos sobre a perna do guerreiro caído, que estava obviamente muito dividida em duas partes distintas. Enquanto a luz azul-esverdeada queimava entre as mãos e pernas de Christophe, ele não disse nada. Mas quando findou, e Christophe esticou a perna, agora curada, Alaric encontrou o olhar de Justice.

— O que ele disse para você? — Alaric perguntou.

— Há uma abertura protegida na parte superior do Ponto de Sucesso. — Disse Justice.

— Mais alguma coisa?

— Não. — Justice começou a sacudir a cabeça, e então se lembrou de um impulso estranho contra suas calças. Colocou a mão no bolso e tirou um pedaço de papel amassado. — Direções e um mapa toscamente desenhado. — Disse ele, segurando-o para Alaric e Christophe verem.

Alaric inclinou a cabeça para o céu novamente.



— Fiquei satisfeito com a sua tentativa de desorientação para o Canadá, mas eu teria preferido que não desse de presente o fato de que a cantora de pedras preciosas partiu, Christophe.

Christophe inclinou a cabeça.

— Sinto muito por isso. Esperava enviá-lo em uma pista falsa.

Alaric ainda olhou para o céu, na direção onde os vampiros desapareceram.

— Você notou a direção que tomaram?

— Sul. — Disse Justice. — Foram para o sul.

Gennae gritou para eles, agitando os braços para atrair sua atenção. O escudo brilhou e desapareceu.

— Eu acho que não precisamos mais disso, não é? Mas o guerreiro precisa de você, Alaric. Brennan está pior.

Alaric acenou para a bruxa.

— Vou atendê-lo nesse instante. — Gritou, em seguida, virou-se para os guerreiros. — Parece que Erin e Ven estão em um perigo mais concentrado do que esperávamos, e estou drenado além da conta devido ao uso de muita cura básica.

— Vou atrás deles. — Disse Justice, embainhando a espada. — A ideia de uma missão furtiva só tem soprado para os nove infernos, em qualquer caso.

— Irei, assim que possa. — Disse Christophe, mas ele tropeçou quando deu o primeiro passo.

— Você vai ficar aqui e continuar a cura. — Alaric ordenou. — Está fraco o suficiente para ser apenas um obstáculo para Justice, mas eu preciso de suas habilidades aqui para ajudar a proteger o clã.

A raiva brilhou nos olhos de Christophe, mas ele virou-se e dirigiu-se para o edifício.

— Vá agora, Justice. Que Poseidon possa estar com você, a fim de que possa salvar Erin, Riley e o bebê. — Disse Alaric. — Ajude Ven a ajudar a cantora de pedras preciosas a cantar o Coração da Nereida para fora das pedras, ou o futuro de todos os atlantes estará em perigo.

Antes de Justice poder se mover, Alaric pegou seu ombro em um aperto firme e calor queimou através de seu corpo. Os olhos do sacerdote arderam brilhantemente, então esmaeceu de volta ao seu verde normal, e Justice sentiu uma renovada onda de energia derramar por ele, a diminuição da dor de cabeça e do corte de punhal no peito.

Ele apertou o braço de Alaric, em um gesto de agradecimento e despedida, e então brilhou em névoa e disparou para o céu, seguindo a trilha deixada pelos vampiros.



O futuro de todos de Atlântida descansando sobre os meus ombros, depois de todos esses séculos de anonimato. Ele pensou, enquanto subia sobre as copas das árvores. Estamos todos condenados.

Capítulo 26



Cabana, Monte Rainier

Ven esperou até que Jack e Quinn se dirigissem para fora para patrulhar o perímetro, e então pegou o prato intocado de alimentos das mãos de Erin.

— Nós vamos arrumar isso em um daqueles sacos de plástico resistente na prateleira. — Disse ele. — Definitivamente, não jogue lixo em um parque nacional.

— Você realmente vai se preocupar com o lixo? — Erin perguntou cansada. — Podemos até não sobreviver a isso. Quem vai levar o saco de plástico para fora, então?

— O que precisamos agora é focar em descansar. Você deve ter drenado a sua energia lutando contra Lillian.

Ela balançou a cabeça, e a luz da fogueira beijou reflexos dourados em seus cachos loiros, fazendo-o querer tocar o cabelo dela. Tocar em cada parte dela.

— Não. Eu não fiquei. — Ela negou. — Canalicei a Wilding, e pela primeira vez, desde sempre, não tive qualquer reação. Não tenho certeza se isso é para ficar feliz ou com medo.

Sentou-se ao lado dela e pegou sua mão, precisando de alguma forma de contato. Precisando tocar sua pele, mesmo que de uma forma tão pequena.

— Diga-me. Conte-me sobre a Wilding, e por que isso é proibido. Eu não entendo por que você não está fazendo uso de todos os meios de magia à sua disposição para se defender.



Ela ficou em silêncio por tanto tempo que ele achou que ela não planejava responder-lhe.

— Isto é algum tipo de segredo de bruxa? Um tipo de acordo super mágico que não tem permissão para partilhar com estranhos? — Ele sorriu. — Juro por Deus, prometo que posso manter um segredo.

Um fantasma de um sorriso cruzou seu rosto, mas rapidamente desapareceu.

— Não é isso. Não é nenhum segredo. É só que estou começando a acreditar que o pensamento tradicional sobre este assunto está errado. A razão para nunca usar a Wilding é que é magia negra. Que seu uso poderia abrir a porta para as forças das trevas com a intenção de usurpar o poder de uma bruxa.

Ele se inclinou e colocou um cacho solto atrás da orelha enquanto considerava suas palavras.

— Você não acredita mais nisso? — Ele finalmente perguntou.

— Não sei em que acreditar. Sei que minhas intenções são boas. Sei que eu iria lutar contra a magia negra com tudo em mim. Mas também sei que, certo ou errado, acabei de matar um ser humano. Uma mulher que era como uma família para mim.

— Isso foi legítima defesa. Ela teria matado você. Ela *disse que* iria matá-la. Ela matou sua irmã. Ela também matou Berenice, a sacrificou para sua magia de morte. Não há nada de escuridão dentro de você, Erin. — Ele lutou por argumentos persuasivos, mas não sabia como convencê-la do que ele sabia ser verdade.

A lei mais básica da natureza, matar ou ser morto, a impactou de uma forma brutal, e suas emoções estavam bloqueando a realidade a fim de protegê-la.

Ele era racional, mas isso não era particularmente útil, considerando as circunstâncias. Ela retirou a mão dele e levantou-se, em seguida, começou a andar no pequeno espaço.

— Como você sabe disso? Como eu sei isso? *Como* posso saber? Isso não é semelhante à insanidade? As pessoas verdadeiramente insanas nunca acham que perderam o contato com a racionalidade, não é? Então, talvez você nunca perceba que a escuridão tomou-o mais até que você esteja completamente submersa.

— Ou talvez seja o contrário. Talvez questionar se você está ficando louca ou se está se rendendo ao lado negro da magia é um sinal tangível de que você não esteja. — Ele respondeu.

Ela parou e virou-se para encará-lo.

— Não sei, Ven. Tudo o que sei é que estou me afogando e não consigo encontrar meu caminho de volta para a superfície. Tudo o que sempre quis foi destruir Calígula e me vingar pelo que fez à minha família. Agora, finalmente estou prestes a encará-lo, e muito mais está em jogo. Ele tem a minha irmã. Pode ter o Coração de Nereida, que eu preciso para ajudar Riley e o bebê. E de



repente, canalizei facilmente o tipo de magia que fui proibida de usar toda a minha vida. Estou jogando um jogo de xadrez contra um mestre estrategista e todas as regras mudaram.

— Talvez. Talvez tudo o que você diz seja verdade. Mas agora você tem a mim. Vou ser o cavalo²⁷ para sua rainha. E temos Jack e Quinn como peões. Ou bispos. Duvido que Jack concordasse em ser um mero peão. — Disse ele, imaginando o olhar selvagem no rosto do garoto selvagem se ouvisse que foi chamado de peão. — Precisa descansar, Erin. Vamos atrás dele na parte da manhã, à luz do dia. E vamos conseguir. — Ele atravessou a sala e puxou-a para um abraço. — Vamos conseguir, porque não temos outra escolha. Agora precisamos descansar até que seja a minha vez de ficar de guarda. Gostaria de nada mais além de segurá-la enquanto você dorme. Você vai me conceder esse presente?

Ela inclinou a cabeça para cima e lançou-lhe um sorriso malicioso.

— Sêrio? Você não gostaria de *nada* mais, além disso?

Ele gemeu e deixou cair as mãos para seus quadris e apertou-a ainda mais próxima a ele, demonstrando a evidência endurecida do efeito que ela tinha sobre ele.

— Acho que você sabe melhor do que isso. Mas você precisa dormir, e há também o problema de que uma determinada líder rebelde e um tigre *were* poderiam entrar pela porta a qualquer momento. Uma vez que você salvar sua irmã, pegar o rubi e curar Riley, vou ter você de volta a segurança de Atlântida. Então vou lhe mostrar *exatamente* o que eu gostaria de fazer mais do que qualquer outra coisa. Na verdade, acho que vou te mostrar por vários dias e noites seguidamente.

O som de sua risada baixa puxou algo em seu peito, algo que ele empurrou para fora de sua mente. Erin precisava de um guerreiro. Ele era um dos melhores.

Simples.

Tudo o que *não era* simples poderia esperar até que tivesse o singular prazer de cortar a cabeça de Calígula de seu corpo. Ven inclinou o rosto em seu cabelo, para que ela não visse a expressão sedenta de sangue em seu rosto. Ele poderia ser um monstro, mas era necessário um monstro para derrotar outro. Iria encontrar palavras suaves, expressões gentis, e tudo o que ela pudesse querer assim que sua missão fosse completada e sua mulher estivesse a salvo.

Ele levantou-a nos braços e caminhou de volta para o saco de dormir. Enquanto ela se enrolava ao lado dele debaixo dos cobertores, ele percebeu uma verdade inegável: não importava

²⁷ Peça de xadrez, que originalmente significava a cavalaria.



quem teria que matar para protegê-la, não importava o que tinha que fazer para mantê-la, nunca iria deixá-la ir.



Quinn estremeceu até os ossos com um calafrio que assolou seu corpo.

— Olha, Jack, não tenho um casaco de pele e este casaco de penas de ganso não está servindo. Acho que demos a eles tempo suficiente para flertarem, falar sobre o que aconteceu, ou o que precisavam fazer. Chamemos o atlante para patrulhar por um tempo. Talvez ele possa, pelo menos, usar seus poderes de água super mágicos para derreter a neve e fazer uma banheira de água quente ou algo assim.

O tigre a cutucou com sua grande cabeça, em seguida, caminhou para frente e cintilou de volta à forma humana. A visão ainda a impressionava. Magia natural nunca se tornaria comum a ela mesmo vendo-a repetidas vezes.

— Você lamenta muito para uma agressiva líder rebelde, mulher. — Jack rosnou para ela, o timbre de sua voz ainda carregando um toque de sua forma animal. Em qualquer forma, era predador puro.

— Sim, o que seja. E eu ainda quero saber aonde os quilos extras vão. Você tem 225 quilos mais ou menos, em forma de tigre, e, o quê? — Ela lançou um olhar de medição da cabeça aos dedos dos pés, provavelmente dez a doze centímetros com mais de um metro e oitenta. — Talvez cento e dez quilos como humano?

— Cento e dezoito, na última vez que verifiquei. — Ele falou, com uma sobrancelha levantada. — Seu ponto?

Ela arrastou-se para alcançá-lo enquanto se dirigia para a cabana.

— Esse é o meu ponto. Aonde esses 108 quilos extras vão? Se pudéssemos descobrir como fazer isso e engarrafar, poderíamos fazer uma fortuna.

Ele abrandou até que combinava com seu passo, embora ela tivesse que dar dois passos para um único seu.

— Quinn, não tenho ideia do que você está falando. Engarrafar o quê? Fazer uma fortuna como?

— Segredos de perda de peso! Alguém que use a patente de nossa fórmula “Super-Mágica Perda de Peso Tigre” e magicamente transforma seu corpo para que ela pese 22 quilos a menos. — Explicou ela, mordendo o interior de sua bochecha para não rir em voz alta.



Ele explodiu, bem naquela hora.

— Você está louca? Primeiro, eles teriam que ser metamorfo. Segundo... — A risada escapou, ela não pode evitar. Ele parecia tão malditamente irado. Ele virou a cabeça para o lado e olhou para ela. — Ótimo. Ótimo. Estamos patrulhando em busca de vampiros, depois que acabamos de acabar com uma meia dúzia de lobisomens, e nós temos todos os ingredientes de uma missão suicida para enfrentar em poucas horas, e você está fazendo piadas. — Resmungou.

Uma dor a varreu, arrancando qualquer vestígio do riso.

— Você não acha que sei o que estamos enfrentando, Jack? Você não acha que estou fazendo tudo que posso pensar para não arrebentar? É a minha irmã e meu sobrinho ou sobrinha, cujas vidas dependem do nosso sucesso. Não pense que me esqueci disso nem por um segundo. — Para sua humilhação, sua voz rompeu nas palavras. — Às vezes um pouco de humor negro idiota é a única coisa que me mantém sã.

Jack colocou um braço em volta dela e abraçou-a sem jeito.

— Sinto muito, Quinn. Às vezes esqueço que a nossa destemida líder também é uma menina. — A bondade em sua voz ameaçou romper o escudo que ela colocou em torno de suas emoções, e estava com medo de que se começasse a chorar, não pararia por um longo, longo tempo. Então, recorreu a sua habitual defesa: resistência.

Afastando-se dele, começou a andar mais rápido.

— Sim, bem, tente se segurar, gatinho. E se ouvir você me chamar novamente de menina, vou destruir suas bolas peludas por isso.

— Obrigado pelo aviso. — Disse secamente. — Sou um pouco afeiçoado às minhas bolas, peludas ou não.

Eles caminhavam em direção à cabana, em silêncio, fazendo a varredura do terreno, do céu e das árvores por qualquer ameaça, de forma contínua. Depois de vários minutos, Jack limpou a garganta.

— Então.... Alaric. Preciso matá-lo para você?

Ela tropeçou, tomada completamente de surpresa pela sua oferta, obviamente sincera.

— Não, não preciso de você para tentar matar o *sumo sacerdote atlante* para mim, Jack. Acho que pode ficar bastante ruim. Criar algum tipo de incidente internacional, provavelmente.

Ele deu de ombros.

— Como se eu me preocupasse com política.

— Muito engraçado. Pare com isso, Jack. Não sou uma menina, e posso cuidar de mim mesma. — Ela resmungou para ele.



Ele parou, pegou o braço dela e puxou-a para uma parada. Ela olhou para ele, assustada, e ficou chocada com a fúria selvagem em seus olhos de tigre, de repente oblíquos.

— Você é minha parceira, Quinn, e não, você não é uma menina. Você é muito mais que uma mulher. Já sabe que eu mataria por você ou pela nossa causa. Talvez devesse saber que eu também morreria por você. Se este sacerdote está te importunando, diga uma palavra, e vou fazer o meu melhor para ter certeza que ele nunca fará isso de novo.

Antes que ela pudesse pensar em uma resposta, ele deixou cair o braço e começou a avançar novamente, murmurando alguma coisa baixinho que ela tinha certeza de não querer ouvir. Levou um minuto para processar. Jack não falara com ela como sua parceira. Ele estava falando com ela como mulher.

Ela sentiu as ondas de choque de um terremoto emocional balançar seu cenário mental ao vê-lo afastar-se dela. De alguma forma, todo o tempo que trabalharam, planejaram e lutaram juntos, ela se esqueceu de uma coisa sobre Jack.

Ele não era apenas seu parceiro. Ele era um homem.

Ainda confusa pela mudança repentina no tópico da conversa, ela foi pega de surpresa quando uma queda drástica na temperatura do ar esfriou e foi o único aviso antes de Justice cintilar em sua forma entre ela e Jack. O tigre de Jack sentiu e deve tê-lo alertado para a presença do atlante, porque ele se virou, agachando-se e indo para uma das facas que sempre mantinha antes de perceber quem era e acalmar sua mão.

Quinn correu para frente.

— Justice, o que aconteceu? Notícias de Riley? Ela está pior?

Ele inclinou-se ligeiramente em uma breve reverência, o luar entre as árvores manchava seu cabelo em azul meia-noite para um prateado e preto.

— Não, e eu lamento que a minha aparência deva dar-lhe motivos para temer minha presença. Ela mantém-se inalterada, com o melhor do meu conhecimento. No entanto, há outras notícias.

Informou-os sobre o ataque e o que Calígula e Daniel haviam dito.

— Infelizmente, o imperador morto-vivo agora parece perceber que Erin está no seu caminho.

— Erin já está aqui. — disse Jack. — Ela e Ven estão descansando na cabana. Tiveram um pouco de emoção deles próprios.

Justice levantou uma sobrancelha, e Jack lhe contou sobre Lillian e os metamorfos.



— Não parece que Calígula sabia nada dos planos de Lillian. — Disse Justice. — Ele não teria ido a Seattle atrás de Erin se soubesse. Nem Drakos mencionou.

— Falando em encontrar Erin, como você nos encontrou? — Perguntou Quinn.

— Nós de Atlântida podemos nos comunicar de uma forma compartilhada, e mesmo quando silenciemos o link, como agora, por medo de quem ou o que pode estar a ouvir, temos a capacidade de sentir o outro, até certo ponto.

— Vamos conversar dentro da casa. — Disse Jack. — Quinn está congelando sua bunda.

Justice lançou um olhar não depreciativo para a parte traseira do corpo de Quinn, e ela teve um vislumbre momentâneo do quão exatamente irresistivelmente sexy o guerreiro seria para qualquer mulher normal, antes dela concentrar o seu olhar sobre o caminho novamente.

Essa palavra de novo. *Normal*. Algo que ela nunca poderia ser. Deu um suspiro e começou a marchar em direção à cabana.

— Sim, vamos entrar em casa. Porque você veio aqui de qualquer maneira, em vez de ir direto para Ven, se você pode rastreá-lo?

— Senti um movimento na área e queria explorar se era amigo ou inimigo. — Disse Justice.

Quinn, de repente congelou, a meio passo, e afrouxou as mãos sobre as alças de suas armas.

— Falando em inimigos... — Ela sussurrou.

Justice imediatamente sacou a espada e caiu em posição de batalha e Jack cintilou a transformação em segundos. Mas, quase antes dele ter plenamente alcançado sua forma de tigre, uma saraivada de dardos veio voando pelo ar e atingiu-o com força, perfurando seu espesso revestimento. O tigre rugiu sua ira e fúria, girando no ar em uma tentativa fútil de evitar os pequenos mísseis.

Quinn quase cambaleou quando viu Jack se agitar no ar, rosnando para os dardos pungentes. Se contivessem veneno, ele poderia morrer. O homem que lutou ao seu lado, salvou sua vida muitas vezes para contar, e se ofereceu para lutar contra um poderoso sumo sacerdote atlante só porque Alaric poderia estar *importunando* poderia morrer na frente dela.

Uma terrível dor começou em seu coração e se espalhou. Se ele morresse, eles pagariam. Todos eles.

— Justice! — Quinn armou o comando em uma voz baixa, mas urgente. — Faça a coisa enevoadada e saia daqui e avise Erin.

— Não vou deixá-la indefesa, Quinn. — Ele rosnou, girando em torno de um círculo para tentar ver seus agressores escondidos.



— Maldito seja, não preciso de sua ajuda, mas a missão de Erin é vital. — Ela pegou suas armas e salientou, de costas para a posição em que Justice vasculhava a área. Os gritos raivosos de Jack lentamente desapareceram, e então ele caiu pesadamente no chão. Gelo revestiu o coração de Quinn quando ela não conseguiu detectar qualquer sinal de que ele ainda estivesse respirando.

— Então, nós dois vamos avisá-la. — Disse Justice. — Prepare-se para defender a nossa posição e seu tigre.

Uma nova voz que continha o cascalho da sepultura deslizou através da clareira.

— Oh, é muito tarde para isso, atlante. Nós vamos levar o tigre com a gente para a diversão de Calígula.

O vampiro que entrou na clareira por trás da cobertura das árvores não era um que Quinn viu antes, mas não era como se eles postassem suas fotos em algum site de sanguessugas. Tinha longo e áspero cabelo marrom que caía sobre os finos ombros esqueléticos, e os mesmos brilhantes olhos vermelhos que ela estava tão malditamente cansada de ver.

— Você vai ter que passar por mim para chegar até ele. — Disse ela sem rodeios. — E essas armas estão carregadas com prata. Sei que não vão matá-lo, mas certamente você vai ficar mais lento.

O vampiro se encolheu ao ouvir a palavra *prata*, mas depois mostrou suas presas em uma paródia grotesca de um sorriso.

— A prata é inconveniente, admito, mas há apenas dois de você.

Justice ergueu a espada.

— Saia daí e lute. Vou lutar com você com uma mão amarrada nas costas para nivelar as coisas, se você preferir. — Disse ele friamente. Um olhar para Justice e o foco concentrado nas linhas duras aparentes do seu corpo asseguraram a Quinn que Justice era cada centímetro do predador que Jack era. Ela estava de repente ferozmente feliz por tê-lo ao seu lado, embora seu estômago doesse com o pensamento de volta a Erin e Ven, possivelmente dormindo e indefesos, na cabana.

— Oh, as coisas estão agora como eu gostaria que estivessem, atlante. — Murmurou um vampiro. Ele acenou com a mão quase casualmente e dezenas de formas escuras derramaram-se da clareira de trás das árvores. Alguns eram claramente vampiros, a lua refletindo um brilho em sua pele branca e pastosa. Outros se moviam como metamorfos, talvez parentes dos lobos anteriores.

Pior, muito, muito pior, pelo menos dois deles eram bruxas. Quinn abriu seus escudos emocionais o suficiente para descobrir a sua intenção, mas era tarde demais. Mesmo quando ela apontou suas armas diretamente para o rosto do líder vampiro, uma grande rede de cordas caiu



pesadamente das árvores para pousar em cima de Jack, e cinco ou seis atacantes, sibilando, rosnando, e levando outras redes erguidas entre eles, dirigiram-se para ela e Justice.

— Atire e seu amigo tigre morre. — O vampiro gritou para ela. Alívio tomou conta de Quinn. Jack deveria ainda estar vivo.

Quinn lançou um olhar para o lado e viu que eles cercaram Jack, que estava deitado, imóvel, na neve. Ela baixou as armas.

— Agora! Faça a coisa da névoa e saia daqui, agora. — Ela gritou para Justice, com cuidado para que os vampiros não pudessem ouvi-la. Mas antes que ele pudesse se mover, um som sibilante anunciou a aproximação de mais dois dardos, os quais o atingiram nas costas. Enfurecido, ele tentou arrancá-los de sua pele. Ela pulou para ajudá-lo, mas um braço como um bloco de concreto bateu em seu peito e ela bateu as costas longe dele. Ela tropeçou e quase caiu, mas o vampiro a pegou e ela só podia assistir, impotente, enquanto Justice se agitava ao redor, sacudindo os braços e balançando no ar de uma forma bizarra.

Mas já era tarde demais. Os braços de Justice caíram para os lados e a espada caiu de seus dedos. Quando ela gritou e tentou passar pelo vampiro, os olhos de Justice se reviraram em sua cabeça e ele caiu, com o rosto no chão, sobre a neve.

Dois dos homens maiores, certamente metamorfos, pegaram seus braços e o levantaram do chão. Outro tomou suas armas e três de suas facas. Por um momento esperou que eles não fizessem uma pesquisa mais aprofundada, e, em seguida, o líder foi caminhar na frente em direção a eles.

— Eu me perguntei sobre isso. — Disse ele, com os brilhantes olhos vermelhos treinados em Justice, que ficou em silêncio no chão. — Se a ketamina²⁸, que funciona de um modo maravilhoso nos animais, teria um efeito sobre atlantes. Parece que tem.

— Você não sabia? Você poderia tê-lo matado. — Ela gritou para ele.

Ele riu.

— Você diz isso como se eu devesse estar preocupado com a possibilidade. A dose em cada um desses dardos é suficiente para derrubar um lobisomem durante a lua cheia, talvez por isso vá matá-lo. Acho que vamos arrastá-lo e ver.

Ele virou as costas e fez um gesto para os outros, que levantaram Jack e Justice e o seguiu. Quinn tinha um prazer intransigente por ser necessária meia dúzia deles para levantar a forma inerte de Jack.

²⁸ é um anestésico – às vezes é citado como ‘tranquilizante de cavalo’ também conhecida como K, key, special K e vitamina K.



Quinn percebeu os olhares furiosos trocados entre os dois metamorfos que a seguravam, e ela forçou um sorriso zombeteiro.

— Interessante a escolha das dosagens que os vampiros usam, não é? Maravilha que vocês os chamem de aliados, pois será que vão usar aqueles dardos em seguida?

Um deles deu uma bofetada em seu rosto com a mão enorme, os dentes partindo seus lábios. Enquanto o sangue escorria em seu queixo, ela saboreava a satisfação amarga de ver a dúvida em seus rostos.

Discórdia e descontentamento entre as fileiras, talvez? Vamos ver como podemos usar isso a nosso favor.

Quinn lutou pela calma que precisava para avaliar as opções. Esteve em situações piores, mas seu terror sobre o que poderiam fazer a Justice e, especialmente a Jack, ameaçava dominar sua razão. Tentou retardar uma respiração, mas o chefe vampiro deitou seu olhar vermelho sobre ela.

— Eu não gosto do som desta sua boca. — O líder disse, aproximando-se. Ele levantou uma mão, e a última coisa que Quinn viu foi o punho vindo em seu rosto.

Capítulo 27



Cabana

Erin disparou diretamente para fora do sono, lutando em seu caminho contra sonhos rasgados, com presas, garras e brilhantes olhos vermelhos. Gritou e lutou contra um peso sufocante prendendo-a.

— Ei, sou eu, *mi amara*. Ven. Acalme-se.

Ela se forçou a abrir os olhos e contemplou o rosto dele. Sua testa estava enrugada de preocupação.



— Ven? — Olhou para baixo e percebeu que o peso prendendo-a para baixo era simplesmente o braço que estava descansando em seu abdômen enquanto dormiam.

— Sim, você teve um sonho ruim. Está tudo bem. — Suas palavras suaves foram abruptamente cortadas. — Não, não está tudo bem. Isso é luz do sol através das frestas na parede oeste. Quinn e Jack deveria ter nos acordado muito antes disso.

Ele saltou para fora da cama e pegou as armas que sempre mantinha próximas e Erin sentou-se apressadamente e calçou as botas.

— Talvez dormissem em outro lugar? — Ela se deu conta que o que dizia não fazia sentido, uma sensação que ele confirmou com um rápido e decisivo balançar de sua cabeça.

— De jeito nenhum. São profissionais e saberiam que estaríamos esperando por eles para patrulhar, como disseram que fariam, ou nós assumiríamos o pior. — Terminou de arrumar suas várias adagas e a espada nas bainhas em seu corpo e, em seguida, vestiu o casaco longo de couro para cobrir tudo.

— Então, nós esperamos o pior. — Ela disse severamente. — Mas isso não muda nada. Ainda temos que ir atrás do Coração de Nereida agora, enquanto o sol está alto e os vampiros vão estar no seu ponto mais fraco.

Ele caminhou até a janela e olhou para fora através das frestas entre as tábuas que a cobriam, em seguida, repetiu a ação em todos os lugares onde havia uma fenda ou rachadura grande o suficiente para ver por ela.

— Não vejo ninguém, mas isso não quer dizer nada. Qualquer metamorfo cujo pelo valesse a pena iria estar escondido entre as árvores, e não ficar de fora no aberto.

Ele parou, com as costas para a porta, e olhou para ela por um longo momento, então ele rosnou um fluxo de palavras que soava depravado. Ela pode não ter conhecido a língua, mas era fácil de adivinhar o significado.

— Ven, pare de xingar como um urso ferido e me diga o que está acontecendo nessa sua cabeça de quinhentos anos de idade. — Disse ela, tentando dar um sorriso.

— Não tenho quinhentos ainda e não corro o risco de chegar lá neste ritmo. — Murmurou. — Olha, Erin, não tenho certeza se posso fazer isso.

— Fazer o quê?

— Permitir que arrisque a sua vida. Porque você não me diz como posso encontrar este rubi e você dirige seu traseirinho diretamente de volta para Seattle e seu povo?

Sua boca caiu aberta diante do “permitir”.



— Sinto muito?²⁹

Ele piscou.

— Por que você está triste? Você não tem nada que se desculpar.

— Eu *sei* que não tenho nada pelo que me desculpar, seu... seu... arrogante atlante imbecil!

Sinto muito é outra maneira de dizer que *me desculpe*. Ou — melhor — que *diabos* você pensa que está falando?

— Entendo que você esteja com raiva de mim, mas...

Ela terminou de atar suas botas e se levantou.

— Uma palavra. “Permitir”. Descubra isso.

Quando ela colocou o casaco, ele atravessou a sala, pegou sua cintura e levantou-a do chão até que ela estava na mesma altura que ele.

— Minha escolha é essa, cantora de pedras preciosas. — Disse, mordendo as palavras. — Posso levá-la para o que é quase certamente uma tentativa de suicídio a fim de descobrir um rubi mágico de valor inestimável, que de todas as maneiras, está escondido em algum lugar no meio da base de Calígula.

— Coloque. Me. No. Chão. Agora.

— Tudo bem. — Ele a olhava enquanto a colocava de volta em seus pés no chão, então a cercou até que suas costas bateram na parede.

— Uma segunda opção. — Continuou ele, apertando os olhos e um músculo em sua mandíbula cerrada. — Eu posso tirá-la daqui com segurança e tentar recuperar o rubi sem você.

— Isso é loucura, Ven. Marie me disse que uma cantora de pedras preciosas precisa encontrar o Coração de Nereida. Você acha que isso se encontra apenas flutuando no chão, com cartazes dizendo “Qual o caminho para o rubi inestimável de Atlântida?” — Ela colocou as mãos em seu peito e empurrou, mas era como empurrar uma parede.

— Certo. Então, minha outra opção é protegê-la e esquecer o rubi, e Riley e o bebê provavelmente vão morrer.

As palavras sombrias pairaram no ar entre eles durante alguns segundos. Em seguida, ela colocou as mãos nas laterais do rosto dele.

— É uma escolha que ninguém deveria ter que fazer, Ven. Especialmente um guerreiro que vive para proteger os outros. Mas você tem que me escutar. Esta não é a sua escolha. É a minha

²⁹ Original I'm sorry. I'm sorry e excuse me estão no mesmo campo dos sentidos, sendo ambas expressões de pedido de desculpas. Entretanto a primeira (I'm sorry) também pode ser usada como um “Como é que é?”, que foi a intenção usada neste momento e que logo a seguir, fará uma brincadeira com estas expressões, motivo pelo qual optei por deixar as traduções mais literais.



decisão, e eu já fiz isso. Espero que Jack e Quinn estejam de alguma forma bem, mas não posso me preocupar com eles agora. Temos de encontrar o rubi, e se pudermos destruir Calígula enquanto isso, tanto melhor. Caso contrário, podemos voltar mais tarde por ele. — Ela inclinou a cabeça para cima e deu um beijo suave em seus lábios. — É a minha escolha, Ven. Tudo o que posso lhe pedir para fazer é respeitá-la e me ajudar.

Ele passou uma mão ao redor da nuca e inclinou a cabeça para beijá-la com tanta força que ela foi incapaz de fazer qualquer coisa, exceto agarrar-se em seus ombros e beijá-lo de volta.

Quando ela estava completamente sem fôlego e tremendo, ele finalmente parou e descansou sua testa contra a dela, gemendo um pouco.

— Desmiolada e esquecível. — Ele murmurou. — Isso é tolice.

— Hey! Seria melhor que essas palavras não estivessem destinadas a mim. — Ameaçou.

Ele deu um passo para trás e fez uma profunda reverência.

— Oh, não, minha senhora. Confie em mim, ninguém poderia confundi-la com qualquer um desmiolado ou esquecível. Na verdade, você é a mulher mais corajosa, mais bonita e mais inesquecível que eu já conheci.

Ela teve que esperar um pouco para seu coração parar de gaguejar antes que ela pudesse responder.

— Obrigada. Isso eu... obrigada. Sinto o mesmo por você. Bem, sem a parte da mulher.

Ele sorriu.

— Eu gosto de suas partes de mulher.

Ela estudou-o, de repente percebendo exatamente o que ele estava fazendo.

— Não está funcionando, Ven. Não pode me distrair com isso. Temos que ir, e temos que ir agora.

Todo o humor desapareceu do seu rosto, e a dureza em seus olhos a amedrontaria se ela não o conhecesse. Viu dentro de sua alma. Viu a escuridão que ele acreditava defini-lo, e a coragem que realmente o fazia.

Ela viu quando ele finalizou alguns dos preparativos que precisavam fazer e cuidadosamente apagou as brasas restantes do fogo com a água que ele casualmente canalizou do ar. Antecipação e ansiedade guerreavam dentro dela até que seu estômago se agitou com náuseas.

— Diga-me que vamos conseguir, Ven. Mesmo que você não acredite, diga-me que vamos conseguir.

Ele parou o que estava fazendo e encontrou o olhar dela com o seu próprio ferozmente determinado e totalmente sincero.



— Vamos ter sucesso, Erin. Conte com isso.

Dirigiu-se para a porta e ela se encaixou atrás dele, os nós em seu estômago afrouxando um pouco. Não fazia sentido, não era lógico, de qualquer maneira, mas ela estava de alguma forma sossegada.

— Bem, já que você tem 500 anos de experiência, acho que eu deveria confiar em sua palavra quanto a isso. — Disse ela, tentando um pouco de humor. — Sabe, eu acho que já disse isso antes, mas você percebe que é velho demais para mim, certo? Provavelmente deveríamos falar sobre essa coisa de romance Maio-Dezembro³⁰ em algum ponto.

Ele sorriu brevemente, então seu rosto voltou a suas linhas sombrias.

— Adicione à lista.

Enquanto caminhavam para fora da cabana e para a manhã fria e ensolarada, Ven com suas armas em punho e na mão, Erin lançou um último olhar para o quarto.

— Por favor, Deusa, que possamos ter tempo para escrever essa lista. — Ela sussurrou, não sabendo, mesmo quando falou as palavras, se pronunciava um desejo sem esperança ou uma oração.



Justice sentiu as primeiras agitações de consciência e percebeu que estava sendo carregado pelos braços e pernas, o rosto para baixo, sobre um terreno irregular em um caminho descendente. Seus captores não faziam nenhum som exceto o áspero raspar da respiração e o toque de suas botas na pedra.

Resistindo à vontade de abrir os olhos, ele não deu nenhum sinal de que estivesse acordando de qualquer droga que os dardos bombearam para seu sistema. O veneno era forte, mas seu sistema imunológico era à prova de quase todos os venenos mais virulentos e nesse caso, sem dúvida, seu corpo estaria atacando as moléculas da substância estranha até que seu sangue estivesse se recuperando dos efeitos. Mas as propriedades de saúde dos atlantes e o poder de recuperação não eram amplamente conhecidos, e estava contando que os atacantes acreditassem que estaria inconsciente por um bom tempo.

Lentamente, levantou uma pálpebra por um milímetro de espaço e não viu nada além da escuridão. Contou mentalmente trinta segundos antes de abrir os olhos um pouco mais, e ainda não

³⁰ Refere-se a uma relação entre duas pessoas, onde um dos parceiros está no "inverno" da sua vida (mais velho) e o outro parceiro do relacionamento está na "primavera" da sua vida (jovem).



viu nada além da escuridão. Vampiros e metamorfos tinham visão noturna que era superior à sua, motivo pelo qual, sem dúvida, não precisavam de luz.

Enquanto continuavam com a descida, considerou suas opções. Não estava inteiramente certo se os efeitos do veneno foram diluídos o suficiente para ele ser capaz de gerir a transformação em névoa, ou pelo menos ser capaz de atingi-los antes que pudessem alvejá-lo com outro dardo.

Desperto mas fingindo inconsciência, ele mantinha uma vantagem temporária. Decidiu ficar como estava até que pudesse determinar o que havia acontecido com Quinn e Jack. Cuidando para não dar qualquer indício de que acordara, começou a contar os passos. Era sempre uma boa tática de sobrevivência saber a direção e duração das rotas de saída.

Exatamente 337 passos depois, a qualidade da luz em suas pálpebras fechadas se alterou. Em vez do preto constante, veio um brilho avermelhado. Novamente, Justice cautelosamente levantou uma pálpebra apenas o suficiente para ver que eles não estavam mais andando na escuridão total.

De sua posição de bruços, podia ver um brilho cintilante amarelo avermelhado refletido nas pequenas poças de água no chão. Onde quer que estivessem indo, havia fogo ou tochas. De qualquer maneira, finalmente seria capaz de ver em que tinha se metido. Não podia olhar para o alto o suficiente para ver se algum dos homens que seguiam seus captores mantinha Quinn, mas viu as pernas de vários deles que estavam andando em um grupo, recolhidos de perto. Quando um deles tropeçou, uma longa cauda listrada laranja e preto girou livre e bateu diretamente na virilha do homem, provocando um grito de indignação.

Bom trabalho, Jack.

— Mantenha-o bem junto a você. — Rosnou o homem a esquerda de Justice, claramente, um metamorfo. — Não quero ser nada além de um lobo modelo até descobirmos o que exatamente aquele bastardo planeja fazer com os frascos de Especial K.

O que teve suas bolas atingidas rosnou, mas diminuiu, e, em seguida, o metamorfo levou o braço diretamente à perna de Justice e falou em um tom baixo.

— Eu não gosto do som disso. A pequena humana tagarela tinha um ponto. *O que* nossos supostos aliados fazem com embalagens de ketamina? Aquele colega de Calgoolie tem fama para forjar sua ajuda.

— É Calígula, analfabeto idiota. Costumava ser um imperador romano, certo? De qualquer forma, diz que obteve o Especial K para o tigre, embora por que alguém iria querer brincar com um tigre vivo, vampiro antigo ou não, está além de mim. O que eu ouvi falar desse Jack também. Ele é um dos mais cruéis metamorfos da redondeza. Vampiros mataram toda a sua alcateia.



— Isso é para leões. Tigres chamam algo diferente, eu acho. Listras?

— Não dou a mínima para como se chamam! Seja qual for o nome, o resultado é o mesmo. Mataram seu bando ou listras ou qualquer outra coisa toda, e ele tem feito pó de vampiros desde então.

— Não posso dizer se o culpo por isso. Se alguém viesse atrás do nosso bando... — Sua voz foi sumindo em gutural rosnado, e a necessidade feroz de Justice colocar as mãos em uma espada o agarrou com tanta força que ele teve de lutar uma batalha mental consigo mesmo para permanecer inerte em seu alcance.

— Eu ouvi. Mas isso não é nossa preocupação. Fazemos isso, seremos pagos, seguimos em frente. Primeiro temos que sobreviver ao encontro com o grande homem, e estamos quase lá.

Por sua vez, fizeram uma sacudida estranha para a direita, batendo a cabeça ainda ferida de Justice contra a parede de pedra, e depois pararam. A luz alaranjada brilhava mais intensamente neste espaço do que no túnel.

Justice estalou os olhos fechados, no caso da sala ostentar guardas que estivessem um pouco mais alerta do que os dois que o carregavam. Fixou a informação em sua memória. Pelo menos trezentos e sessenta passos, então virar à direita.

— Saiam do caminho, vocês dois. Precisamos despejar esse maldito tigre dos nossos braços e cair fora. — O grupo que levava Jack deve ter passado por ele, porque o cheiro forte e selvagem de tigre foi reforçado e, em seguida, diminuiu quando eles passaram.

Cuidadosamente abriu os olhos novamente, a tempo de ver o metamorfo despejando Jack no chão, com força. O grande tigre ficou imóvel, com o peito mal subindo e descendo com respirações superficiais. Justice ainda não conseguia ver Quinn. Quando um dos que estavam carregando Jack virou-se para os seus captores, fechou rapidamente os olhos novamente.

— Por que você ainda está carregando essa merda? Jogue-o em cima do tigre. Com alguma sorte, o gato vai acordar com raiva pelas drogas e comê-lo.

O idiota “Calgoolie” riu.

— Boa ideia. Pelo menos isso seria um pouco de entretenimento por aqui, para variar. Não gosto muito de lugares gelados e úmidos.

Deram alguns passos e atiraram Justice. Ele manteve a aparência de mole inconsciência, mesmo quando seu rosto se esmagou contra o que tinha de ser as inflexíveis costelas de Jack e os seus joelhos bateram no chão de pedra com força o suficiente para que só pudesse esperar não ter quebrado nada.



Embora tenha ficado aliviado ao descobrir que o peito de Jack ainda estava subindo e descendo com a respiração do tigre e um batimento cardíaco constante batia em sua cabeça, fez outra descoberta, muito mais desagradável.

Jack tinha cheiro de gato molhado.

Antes que pudesse descobrir uma maneira de virar a cabeça para o lado, sem ser detectado, de modo que pudesse fazer uma varredura da área, ouviu o vagar de mais passos. Estes vieram da direção oposta do caminho pelo qual fora trazido.

— A respeito do tempo que você levou para chegar aqui. — A voz sussurrou com ameaça e Justice reconheceu imediatamente o líder da muito curta batalha acima.

— Sim, bem, você não estava transportando várias centenas de quilos de tigre mal cheiroso. Droga essa coisa foi puro peso morto. — Um dos metamorfos disse. — Gostaria de cinco minutos a sós com o idiota que decidiu que tinha que trazê-lo, em vez de apenas matá-lo na hora.

Com o rosto ainda amassado no lado de Jack, Justice tinha que concordar com a parte do tigre mal cheiroso. Também com a parte de matar, a não ser que o assassinato houvesse planejado envolver certo grupo de metamorfos e vampiros.

Por seu juramento de Poseidon, haveria *muita*, muita matança. E ele iria desfrutar de cada momento sangrento de cortar as cabeças dos corpos, assim que conseguisse descobrir onde estava e como alcançar Jack e Quinn com segurança.

— Drakos levou a mulher a Calígula, então por que você não vem comigo e expressa suas reclamações diretamente ao imperador? — A voz do vampiro estava com uma diversão dissimulada. — Tenho certeza que ele ficará feliz em encontrar uma maneira de atendê-lo...

Os metamorfos rosnaram e bateram os pés um pouco, então a pessoa que falara sobre “tigre fedorento” finalmente falou.

— Não, apenas obtendo um pouco de vapor. Vamos ficar aqui e guardar estes dois. Vá em frente e faça sua coisa de vampiro.

O vampiro riu.

— Não, nossas “coisas de vampiro”, como você tão eloquentemente expressou, é algo que Calígula quer compartilhar neste momento, então vocês dois ficam aqui para ficar de guarda até que comecem a se mexer. O resto vem comigo. A mulher é importante para a rebelião humana, de alguma forma, e ele quer fazer dela um exemplo. Deve ser um show. — Ele riu de novo e um sussurro frio da tortura e morte patinou na espinha de Justice.



Quase ao mesmo tempo, os músculos do tigre cerraram. O movimento foi tão leve que nenhum dos seus captores teria notado isso, mas deu a Justice informações e preocupações muito específicas:

Primeiro, Jack estava acordando.

Em segundo lugar, dependendo da reação que Jack tinha às drogas em seu sistema, Justice poderia estar se defendendo de um tigre de duzentos e cinquenta quilos a qualquer minuto.

Sem sua espada.

O dia estava ficando melhor e melhor.

Capítulo 28



Ven viu quando Erin caminhou, quase cambaleando para frente através das árvores no exterior da cabana, segurando suas mãos na frente dela, com as palmas viradas para baixo.

— O que é isso?

— Havia vampiros aqui muito recentemente. Pelo menos um deles invocou magia de morte.

— Disse ela. — Precisamos...

— O que é isso?— Ele levantou a espada e empurrou-a, varrendo a área para o perigo.

— Uma batalha. — Disse ela, seus olhos escurecendo. — Não sei como, mas estou sentindo as emanções do que aconteceu aqui, há não muito tempo. A Wilding está correndo através de mim, chamando-me, mas não... eu não sei como descrever. —Ela apontou para um aglomerado de árvores. — Ali. Morte, mas não uma morte. Alegria perversi... mal. Mal.

Ven correu para frente, a espada erguida, procurando na terra, nas árvores e no céu um possível ataque. Ele golpeou até parar com a visão de um ponto quadrado de oito ou dez metros de neve pisada. Respingos de sangue vermelho vivo apareciam nitidamente contra o branco sombrio.



— Alguma coisa aconteceu aqui, tudo bem. Parece que nós descobrimos o que aconteceu com Jack e Quinn.

O rosto de Erin empalideceu como cor da neve em torno dela.

— Mas talvez ainda estejam vivos. Se os mataram, os corpos não estariam aqui?

— Talvez. Ou não, se não quisessem deixar qualquer prova. Outra queda de neve encobriria os sinais da luta. — Disse Ven. — Espere! Isso...

A brisa arrepiara os baixos ramos dos pinheiros agulha, e a luz do sol iluminou um flash de azul. Ele rapidamente cruzou a neve pisada em um ponto no seu limite, com um ramo pendendo, e se ajoelhou. A visão dos fios azuis familiares, rasgados de sua fonte, rasgou o ar dos pulmões do Ven.

Era o cabelo de Justice.

Erin correu ao lado dele e caiu de joelhos na neve ao lado dele.

— O que é isso? O que..., oh não. É o cabelo do seu amigo? Isso é sangue? — Ela colocou a mão em seu braço. — O que está acontecendo? Por que ele estava aqui? Se o capturaram, também, o que podemos fazer?

— Pare. Pare com isso, Erin. Não há nada que possamos fazer a não ser seguir em frente. — Disse ele. — Se Justice teve a oportunidade de proteger Quinn e Jack e chutar um pouco de bunda vampiro, ele teria ido. Nós só podemos esperar que nossa busca pelo Coração da Nereida nos leve a todos os três.

— Droga, quando isso vai acabar? Cada passo que damos parece nos enviar mais e mais na armadilha de Calígula. — Ela bateu as mãos no chão, em seguida, fechou os dedos em garras na neve. — Não sei quanto mais... Espere! O que é isso?

Ela levantou algo branco e sacudiu a neve dele, em seguida, estendeu a ele.

— É papel, provavelmente lixo, mas é uma grande coincidência que o cabelo de Justice estivesse bem aqui, e não acredito muito em coincidências. Abra-o.

Ele cuidadosamente desenrolou a bola de papel e leu as obscuras diminutas palavras escritas a mão, em seguida, olhou para Erin e deu um grito de triunfo.

— Finalmente! Marque um ponto para os mocinhos! É uma nota de Justice com orientações e um mapa. Diz *Abertura protegida do Ponto de sucesso*. Isso significa alguma coisa para você?

Ela tomou o papel dele e examinou-o.

— Sim, isso significa que temos de chegar a quatro mil e trezentos metros abaixo e descobrir uma maneira de passar pela proteção de outra bruxa.



Voltando os olhos azuis vívidos até encontrar seu olhar, ela mostrou os dentes em um sorriso selvagem que teria feito qualquer guerreiro orgulhoso. Certamente deixou Ven orgulhoso, assim como o medo por ela o rasgou.

— Então, poderemos nos juntar a Justice na festa de surrar os vampiros.



Quinn ficou imóvel na escuridão, trabalhando lentamente seu caminho de volta à consciência, e se perguntou se alguém anotara a placa do caminhão que a atropelou. A imagem do punho do vampiro vindo para o seu rosto brilhou em sua mente, e ela sentou-se rapidamente.

Grande erro. *Enorme.*

A concussão que ela provavelmente sofreu enviou náuseas através de seu corpo, e ela inclinou-se e vomitou o restante de seu jantar da noite anterior no chão de pedra. Quando o estômago dolorido empurrou para fora tudo o que tinha, esfregou a boca com a mão trêmula e desejou água. Na verdade, desejava uma escova de dentes e um pouco de antisséptico bucal, também. Por que não ir até o fim e ter desejos grandiosos?

O pensamento forçou uma risada enferrujada por entre seus lábios ressecados e, como se em resposta ao som, uma luz violentamente brilhante queimou em seus olhos.

— Se você não tivesse virado a cabeça no último segundo, o meu punho certamente teria empurrado o nariz em seu crânio. — Disse uma voz desagradavelmente familiar de trás da luz que induzia sua dor de cabeça.

— Bem, ninguém quer isso, não é? Como eu poderia até mesmo assuar o nariz com meu cérebro granulado? — Ela ficou satisfeita ao saber que sua voz soou ligeiramente zombeteira, em vez de levemente aterrorizada. O que, para ser honesta, era uma descrição mais honesta de como se sentia, considerando que eles a despiram de suas armas, poderiam ter matado seu parceiro e que estava agindo com capacidade reduzida.

Achava que Jack estava certo. Às vezes, a líder rebelde *era* uma menina.

A luz baixou para que não brilhasse diretamente em seus olhos, e ela deu um suspiro de alívio. Chorar era iminente, o que *não* estava definitivamente em sua lista das dez melhores maneiras divertidas de gastar o seu tempo livre.

Mas agora ela podia ver o rosto do vampiro, e isso não era muito melhor. Ele parecia estar com um pouquinho de raiva.



— Se Calígula não quisesse sua pequena demonstração, eu cuidaria de você eu mesmo. — Ele sussurrou. — Mas não se preocupe cadela. Ainda posso colocar minhas mãos em você, quando ele terminar. E terei certeza que você grite por um tempo muito longo.

À menção do nome de Calígula, Quinn perpassou várias estratégias através de sua mente, considerando e tão rapidamente descartando a maioria delas. Não havia muito que pudesse fazer até encontrar uma abertura. Por enquanto, teria que esperar e ver. Mas se lhe dessem a menor chance, iria dançar sobre o salgado túmulo³¹ de um muito velho ex-imperador romano.

— Vamos em frente, cara de presa! — Disse ela, forçando-se a ficar de pé. —Vamos conhecer o grande mau.

— Palavras corajosas, considerando que podem servir como seu epitáfio. — Ele rosnou.

Ela encolheu os ombros, em seguida, fez uma careta. Certo. Nada de dar de ombros até que uma grande garrafa de paracetamol³² extraforte fosse encontrada e consumida.

— É melhor do que “Aqui jaz Fred. Ele morreu”. — Ela riu de novo, fingindo um humor que não sentia nem um pouco. — Ou então “Aqui está o velho John. Ele se foi”.

Ele rosnou uma maldição verdadeiramente obscena e bateu nela entre as omoplatas para empurrá-la. Sua dor de cabeça pegou baquetas e começou a tocar algo com uma batida pesada diretamente entre os olhos. Aerosmith, talvez.

— Xii. Nenhum de vocês mortos tem senso de humor. — Conseguiu, e então ela tropeçou na direção que ele indicou, queixo e ombros enquadrados, rezando para que Erin, de alguma forma, encontrasse uma maneira de salvar Riley e o bebê. Se Quinn poderia ajudá-la, brincando de gato e rato com um vampiro de dois mil anos de idade, isso era exatamente o que ia fazer, mesmo se o pensamento disso enviasse gelo queimando por suas veias.

Ela olhou para o hostil Sr. Morto-Vivo.

— Hey, horroroso. Você acha que Calígula tem algum Tylenol?



Ponto de Sucesso

Depois de Ven tê-los transportado até a base da montanha em uma velocidade vertiginosa, ele cintilou de volta à sua forma e agora estava em silêncio, olhando para ela. Erin encontrou a área

³¹ **Salga a terra** é o ritual de espalhar sal nos locais conquistados para simbolizar uma maldição sobre a sua re-habitação.

³² Analgésico. Genérico para Tylenol, por exemplo.



protegida com bastante facilidade, mas decifrar a magia era muito mais difícil. Andou para trás e para frente diante da área de terra que seria indistinguível do resto para qualquer não mágico. Além da magia, apenas uma ligeira diminuição da temperatura do ar ambiente o marcava como diferente. Seu âmbar cantava um aviso sempre que ela saía de muito de perto da área protegida, e o calor queimou sua pele quando alcançou sua magia.

Ven tentou força bruta, apesar de sua advertência, e saltou para fora do limite do escudo mágico transparente.

— Isso não é um pouco estranho? Quero dizer, um caminhante comum meio que perceberia se batesse sua bunda em uma parede invisível?

Ela suspirou e estendeu a mão para ajudá-lo. Ele balançou a cabeça e se levantou do chão, resmungando algo sobre o *guerreiro, espadas e malditas bruxas*. Ela achou que era melhor não pedir-lhe para repetir.

— Não é assim que funciona, Ven. Alguém não mágico teria sido simplesmente dirigido inconscientemente para um pouco longe desta área. Provavelmente tem menos de meio metro quadrado, por isso não seria perceptível. Especialmente considerando que o feitiço está reforçado por um feitiço de ignorância, para que eles literalmente não vejam este local ou mesmo saibam que foram guiados para longe daqui.

— Certo. Sem ofensa, mas não me importo com como a magia funciona. — Disse ele, apunhalando o escudo com a espada e xingando quando foi eletrocutado por um raio de eletricidade que atravessou a espada até o seu braço. — Tudo o que quero saber é, você pode quebrá-lo?

Ela reuniu toda a sua concentração nos intrincados padrões da proteção e enviou sua própria magia para enfrentá-la e desvendar os novelos emaranhados de poder. Para cada passo que dava no processo, parecia que a magia de proteção enviava-lhe meio passo para trás. Finalmente ela se puxou da invasão e olhou para Ven.

— Vou ter que invocar a Wilding. Não posso passar por essa magia de proteção de outra maneira.

— Então faça isso. Já provou que pode controlá-la. — Disse ele. — Vou ficar aqui com você.

— Não é isso, Ven. É que os vampiros e qualquer um que faz parte da escuridão parecem ser capazes de sentir a Wilding. Ao invocá-la, estarei informando nossa posição.

Ele virou os olhos escuros de guerreiro para ela.



— Acho que passamos do ponto de nos preocuparmos com isso. Quebrar a proteção pode desencadear algum tipo de alarme de carro mágico, todos nós sabemos. E se há apenas um caminho, é obrigado a estar guardado. Eu já tinha desistido de qualquer entrada furtiva há um tempo atrás.

Ele se curvou para colocar a espada no chão, em seguida, pegou-a e beijou-a ferozmente.

— Não importa o que aconteça, lembre-se de sua alma fundida com a minha, Erin Connors. Não pretendo deixá-la escapar de mim tão facilmente.

— O mesmo vale para você, Senhor Vingador. — Ela sussurrou. — O mesmo vale.

Então ela gentilmente se afastou dele e abriu a mente e alma, e o poder de suas pedras preciosas para a Wilding, e deleitava-se com o seu poder, uma vez que veio imediatamente à sua convocação e espiralou através de seu corpo. Foi uma questão de segundos desfazer a magia, que agora parecia quase pateticamente simples para ela. Quando o último fio de sua magia estalou, destruindo a proteção por completo, o chão tremeu sob seus pés. O som poderoso de um badalar de sino ou, eventualmente, um rubi chamando a sua cantora tocou o solo e o ar, através de uma abertura escura que lentamente aparecia na neve.

Desta vez, mesmo Ven ouvi-o, se o olhar assustado que enviou em sua direção era uma indicação.

— É o Coração de Nereida?

— Acho que deve ser. — Erin disse, achando difícil falar sobre a canção da joia, canção do rubi, canção do coração devido às inundações que atravessavam seus sentidos. — É mais bonita do que jamais poderia ter imaginado.

Ele pegou sua espada e levantou-a, em seguida, olhou para baixo, para a escuridão do porão.

— Há degraus esculpidos na rocha, como uma escada de pedra, e o que parece ser um túnel ramificando-se dele. — Relatou.

Erin simplesmente sorriu, sentindo-se embriagada com a maravilha do puro poder não difuso que se derramava através dela, circulando em volta dela, e mantendo-a em seu calor.

Seus olhos se estreitaram quando ele olhou para ela, mas ele não disse nada, apenas estendeu a mão. Ela colocou a sua própria na dele e ele apertou-a brevemente e, em seguida, começou a descer para o buraco. O rubi continuava a tocar a sua convocação para ela, para ela, só para ela.

O poder. O poder. Oh, o *poder*. Ela poderia perder-se nele. Ela *queria* perder-se nele. Se esconder da dor e da desolação dos últimos dez anos.

— Erin. — A voz era fraca e mal penetrou na música, mas continuava incomodando-a. — Erin! Pare com isso! Preciso de você comigo, se vamos fazer isso.



Ven. Estava como em um véu, quando ele subiu de volta para fora do buraco, e estava dizendo algo. Com dificuldade, ela concentrou o seu olhar sobre ele.

— Você ouve o rubi, Ven? Ele está cantando para mim e tentando-me com tanta força. Uma sedução de poder. — Disse ela, levantando os braços e girando ao redor, sua voz melodiosa com a cadência da canção do rubi.

— Erin, preciso que você se concentre. — Ele agarrou os ombros, olhou em seus olhos e falou uma única palavra. — Calígula...

O nome foi uma bofetada de água fria contra a névoa que permeava seu cérebro. Claro e sóbrio o pensamento retornou imediatamente quando ela subjugou duramente a Wilding sob o seu controle.

— Sinto muito. Sinto muito. Apanhou-me por um minuto. — Ela estremeceu contra ele. — É tão sedutor, Ven. Quer que eu a invoque e a possua, e seria tão fácil cair na banheira de seu poder e nunca mais voltar.

— Você tem que lutar contra isso. Deve controlar, ou nunca vai ter sucesso. — As chamas azuis esverdeadas estavam de volta em seus olhos e num flash momentâneo de tempo, ela pode ver em sua alma a profunda preocupação que ele tinha por sua segurança.

Ela entrelaçou as mãos em seu cabelo preto sedoso e fechou os olhos, sem falar, sem pensar, apenas deixando a pura sensação tátil de seu cabelo espesso deslizar por entre os dedos e ocupar todo o seu presente.

Ela ficou assim por pelo menos um minuto, e então o soltou e acenou com a cabeça.

— Estou de volta. Tenho tudo sob controle. Está tudo bem.

— Você tem certeza? Não vou levá-la para a escuridão, se não houver nenhuma esperança de retorno, minha senhora. — Disse ele em voz baixa, retornando ao falar formal, que ressaltou a intensidade das suas palavras.

— Tenho certeza. Para o ventre da besta, Ven. — Disse ela, tentando sorrir. — Bem, não quero dizer isso, literalmente, é claro.

— Sou a única besta cuja barriga você vai chegar perto. — Ele rosnou, piscando um sorriso que desmentia sua ferocidade simulada.

— Então, nos conduza à besta. Quanto mais cedo formos, mais cedo passaremos por isso. — Disse ela. E então o seguiu até a escada de pedra na escuridão.



Capítulo 29



Caverna covil de Calígula

Quinn caminhou para dentro da enorme caverna, as mãos nos bolsos da calça, como se estar diante de um vampiro mestre criminalmente insano fosse apenas mais um dia na vida.

Infelizmente, desde que ela começou a trabalhar para a causa rebelde, meio que *era* apenas mais um dia na vida. Outro passo em direção à redenção que nunca poderia ganhar. Nem sequer temia a morte mais do que temia a ideia de nunca mais ver Riley novamente.

Tentou ignorar as batidas rápidas de seu coração e estudou o espaço, que estava iluminado por tochas colocadas estrategicamente nas paredes de pedra. Dezenas de vampiros espreitavam e deslizavam contra as paredes, escondendo-se nas sombras, fazendo sons sibilantes hediondos que imaginou serem traduzidos por “gostoso, sangue fresco ambulante”.

Mas o ponto central da sala *e, hey, quer apostar que ele planejou que fosse assim?* Era o vampiro flutuando cerca de quatro metros e meio acima do chão, uma capa de seda preta fluindo atrás dele girando lentamente em um círculo. Ele tinha um penteado tipo Ceasar, o que deveria fazer sentido, mas parecia que ele deveria estar usando uma toga, não uma capa.

Bem, “sem coragem, sem glória”. Ou algo assim. Talvez “Abra a boca e ele vai comer suas tripas”.

De qualquer forma, sabia que era algo sobre coragem. E isso era algo que ela tinha muita, apesar do ácido ondulando e se agitando ao seu redor. Um sentimento de enorme poder, mal controlado caiu sobre ela, e sua empatia emocional fechou-se completamente em face das intenções do mal puro.

Ela respirou fundo e olhou diretamente para ele.



— Sério, cara, uma *capa*! Você está brincando comigo? Muitos filmes de Bela Lugosi? Ou mais um Frank Langella³³ ou fã de Gary Oldman³⁴?

Antes que ele pudesse responder, um enorme som anunciou, como uma espécie de King Kong badalando o Sino da Liberdade alertando os soldados ou algo assim, e começou a se expandir através da caverna. Isso significava que também começou a se expandir através de seu crânio, o que definitivamente não era um desenvolvimento feliz no mundo de Quinn.

Enquanto ela segurava a cabeça que doía e gemia, percebeu que não era a única sofrendo. Os vampiros e metamorfos estavam todos segurando suas cabeças também, e gemendo, rosnando e silvando sons horrivelmente atormentados. Era evidente que o sino estava afetando-os em um nível muito mais visceral do que a estava afetando, o que significava que a magia branca estava envolvida de alguma maneira.

O que poderia significar Erin. Bom trabalho, Erin. Aumentou através da caverna por vários minutos, e depois parou com um gongo final extra alto. Ela hesitantemente afastou as mãos de seus ouvidos, querendo saber se o crânio de uma pessoa realmente poderia explodir de uma dor de cabeça, e ficando com a sensação de que poderia estar perto de descobrir.

Calígula levantou as mãos dos ouvidos e rosnou, então desceu levitando até mais perto do chão e dela. Quando ele se aproximou de cima, ele quase a prendeu com os olhos, mas ela teve o cuidado de baixar rapidamente o olhar. Ela poderia ter um talento ou dois na área de estratégia rebelde, mas não havia nenhuma maneira que pudesse opor sua empatia emocional contra os poderes de prisão da mente de um mestre vampiro e sair vencedora.

Ou até mesmo sair viva.

— Que barulho foi esse? Não é um ruído feliz para os vampiros, estou supondo. — Disse ela, injustificadamente orgulhosa da quase firmeza de sua voz.

Um lampejo de incerteza atravessou seu rosto, como se ele também não soubesse o que o barulho era.

— Esse barulho não é da sua conta, Quinn Dawson. Ouvi falar muito de você. A infame líder rebelde que envia até mesmo os vampiros mestres para fora dos seus territórios de origem. Ainda assim você está aqui, e não é nada, exceto uma menina. — Ele zombou.





Quinn apertou seu punho em torno da bainha da estaca de madeira que estava amarrada em sua perna debaixo de suas calças. Cortar buracos em todos os seus bolsos era uma segunda natureza nos dias de hoje.

— Estou ficando muito cansada de ser chamada de uma menina. — Observou ela. — Além disso, se você está tentando me irritar, Imperador com cara de presas, você pode fazer melhor que isso, certo? Aposto que seus antigos inimigos dos velhos tempos iriam rir tão duramente ao vê-lo rondando em um pano úmido, numa caverna escura como esta. — Ela deliberadamente virou a cabeça da esquerda para a direita, enquanto esquadrihava a sala. — Nem mesmo um bom decorador de interiores poderia ajudar esse entulho.

Ela ficou tensa, esperando que ele atacasse, mas ele apenas riu. De alguma forma, o seu riso era muito mais frio do que o seu rosnando fora.

— Eu vejo através de seu estratagema patético, Dawson. Você quer me irritar a ponto de matá-la rapidamente.

— Certo, porque muitos dos meus sucessos envolviam a mim recebendo sanguessugas para me matar. — Disse ela, revirando os olhos. — Não uma grande parte do poder do seu cérebro sobreviveu aos últimos dois mil anos, não é? — Ela tentou não recuar quando uma onda escura de ódio tomou conta dela, quase esmagando-a.

— Você sabe tão bem quanto eu que uma morte rápida seria uma bênção em lugar de uma futura morte que não seria nem fácil nem rápida. — Disse ele. Flutuou para baixo os últimos metros até que suas botas tocaram o chão. Então, ele sorriu para ela, e seu fluido espinhal transformou-se em água gelada. Seu sorriso tinha uma promessa de atrocidades indescritíveis de dor e tortura além de qualquer coisa que ela poderia imaginar.

Não que ela quisesse imaginar.

Estava literalmente com um medo mudo, mas tentou se lembrar de que ele tinha o poder de alimentar o medo e aumentar a sua intensidade. Ela tentou lutar contra o terror que estava paralisando-a e sussurrando urgentemente a sua própria derrota e morte.

Uma pressão esmagadora colidiu contra ela, obrigando-a a ficar de joelhos, paralisando seus membros. Agora, ele poderia caminhar até ela e morder seu pescoço à vontade, porque ela não podia mover um único músculo para detê-lo. Tudo o que ela tinha eram orações manchadas por uma mulher que não tinha certeza se ainda acreditava.

Eu vou morrer aqui nesta caverna de baixa qualidade. Por favor, Deus, se você existe mesmo, diga a Riley que a amei muito.



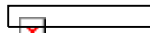
— Vou fazer de você um exemplo, pequena rebelde. — Calígula cantarolou. — Vou transformá-la em vampiro, e depois torná-la um dos meus generais. Qualquer um que olhar em seus lindos olhos vermelhos escuros e brilhantes vai conhecer o meu poder.

A poderosa voz trovejou através da caverna.

— Peço uma benção, meu Senhor. Peço que você dê esta mulher para mim, para que eu possa transformá-la em vampiro para seu uso. Está abaixo de você fazer a tarefa sozinho e gastar o menor esforço nesta humana lamentável.

Calígula virou-se para o recém-chegado, e a pressão que segurava Quinn no local diminuiu, permitindo-lhe levantar a cabeça e ver quem queria brincar de “drenar a rebelde” desta vez.

Só que era Daniel. E vê-lo deu a ela a mais perigosa das armas: esperança.



Túnel

Agradecendo a Poseidon que o rubi deixara de badalar, Ven liderou o caminho, batendo contra a parede e, ocasionalmente, desejando a visão noturna que os metamorfos tinham. Não que desejasse ficar peludo, apenas ser capaz de ver melhor em locais escuros, mas não bater sua maldita cabeça nas malditas paredes a cada maldito minuto seria bom.

— Ven? — Um sussurro de Erin flutuou através da escuridão para ele. — Gostaria de um pouco de luz?

Ele deu a si mesmo um tapa mental por não ter pensado nisso antes.

— Sim, isso seria bom. Um pouco de luz mágica para iluminar o caminho. Pode conjurar apenas uma bola do tamanho de uma lanterna?

Ela suspirou.

— Vamos ter que discutir todos esses equívocos que você parece ter sobre bruxas, em algum momento, percebe isso, não é?

— Adicione à lista. — Ele murmurou. Uma luz brilhou atrás dele e, em seguida, uma bola de luz do tamanho de um punho refletia por cima do ombro atravessando o ar até que flutuou sobre cinco passos a frente.

— Obrigado, Erin. Isso ajuda muito. Minha cabeça não poderia demorar muito mais como essas batidas auto infligidas.

— Quanto andamos até agora? — Perguntou ela.



— Cento e sessenta e quatro degraus. — Ele respondeu automaticamente.

— Você está contando os passos?

— É bom saber a direção e o comprimento de todas as rotas de fuga.

Silêncio por mais alguns passos.

— Ok, isso é um bom ponto. Talvez quando eu lhe der aulas de 'bruxa', você possa me dar lições de “guerreiro”.

Ele acenou com a cabeça, tristemente divertido.

— Claro. Adicione...

— É para a lista. — Ela terminou para ele. — Isso está começando a ser uma lista bastante grande.

— Funciona para mim, já que estou pensando... — Um som arranhou fracamente e o alertou diante de seus olhos a encontrar sua fonte. — Erin, escudo!

Ven dobrou os joelhos em uma posição de combate e ergueu a espada. O arranhar transformou-se em uma luta de garras na rocha, e estava vindo de cima.

— Temos companhia, e estou supondo serem vampiros. — Ele gritou. — Cuidado com o telhado.

Um som sibilante e mal cheiroso como um ar nocivo que escapava de um pneu foi seu único aviso antes de dois vampiros atacaram de cima. Ele girou e enfiou sua espada no pescoço de um deles e o outro quebrou um punho no lado da cabeça, abusando de seu pobre crânio na outra parede.

Ele praguejou uma série de obscenidades em atlante quando arrancou sua espada para o lado e a desceu, grosseiramente, mas efetivamente cortando a cabeça do vampiro número um de seu corpo. Vampiro número dois assobiou à vista, em seguida, pulou em Ven. Ele puxou a espada para cima prontamente em posição, mas o vampiro sequer o alcançou, pois um raio de energia escaldante eletrocutou-o bem no meio de sua testa. A energia azul-prateada atravessou todos os membros do vampiro e seu crânio, iluminando-o de dentro, como uma bizarra, anatomicamente correta obra de arte moderna. Sanguessugas por Damien Hirst³⁵.

Em seguida, explodiu em uma pilha de lodo esfumacante, e ele mal pulou para fora do caminho a tempo de evitar ser salpicado pela decomposição vampírica.

³⁵ **Damien Hirst** é um artista britânico. Durante os anos da década de 1990 constituiu-se como líder dos "Young British Artists" (ou **YBAs**), **Jovens Artistas Britânicos**, dominando a arte britânica durante essa década e sendo amplamente conhecido internacionalmente. A morte é o tema central da sua obra, que sempre esteve rodeada de grande polêmica.



— Hey! Se você quiser usar a Wilding para explodir vampiros, estou inteiramente de acordo com esse plano. Mas dê a um homem uma chance de sair da linha de fogo, por assim dizer. — Disse ele, voltando-se para encarar Erin.

Ela se levantou, a boca aberta, com as mãos ainda levantadas. Enquanto ele observava, ela lentamente piscou uma vez e, finalmente, baixou as mãos.

— O quê? Isso foi... oh, uau. Uau. O que aconteceu? Será que eu realmente fiz isso? Não tinha ideia...

Enquanto a voz dela sumia, ele lançou um olhar mais para baixo do túnel descendente, para ver se mais vampiros ou talvez alguns metamorfos estavam quentes no rastro de seus amigos. Sua luz mágica, surpreendentemente, ainda pairava no ar.

— Nós precisamos ir. Tenho a sensação de que esses vampiros podem estar reagindo a você ter arrebatado a magia de proteção, o que significa que mais vão estar a caminho quando não voltarem a dar um relatório.

Ele cuidadosamente estudou por sinais de choque, mas exceto por uma expressão um pouco atordoada em seus olhos, ela parecia bem. Mais do que bem, considerando o olhar feroz de alegria que lentamente iluminou seu rosto.

— Eu explodi um vampiro, Ven. Invoquei a Wilding e *explodi um vampiro*. Sabe o que isso significa?

— Eu deveria ter cuidado para nunca entrar no seu lado ruim?

Ela ignorou sua fraca tentativa de humor e levantou os braços até que um brilho translúcido azul-prateado cobria todo seu corpo.

— Posso destruí-los, Ven. Posso destruir todos eles.

Ele agarrou seus braços, notando e arquivando o ligeiro zap de choque elétrico que chiou em suas mãos até seus ombros por tocá-la.

— Você não é invulnerável, Erin, e um vampiro mestre tem defesas e poderes que estes vampiros bebês nunca sonharam. Além disso, se você joga uma espécie de onda de choque, corre o risco de prejudicar sua irmã. Então, sim, é ótimo que você seja a Super Bruxa Wilding agora. Mas tenha cuidado.

Ela deu a ele um olhar remoto e inflexível, lembrando-o novamente da Deusa que ela havia se tornado no Templo das Nereidas.

— Vá à frente, Senhor Vingador. — Ela disse em uma voz que era sutilmente mais profunda e mais ampla do que a sua própria. — Suas preocupações serão observadas.



Não sabendo mais o que fazer, certo de que um exército de metamorfos e vampiros enchia o túnel em direção a eles naquele momento, Ven fez o que ela pediu e guiou-os adiante. Suas preocupações poderiam ser *observadas*, pensou. Mas maldita certeza, não foram *aliviadas*. Ele poderia, finalmente, admitir que se apaixonara por uma bruxa. Mas não estava preparado para estar apaixonado por uma deusa.

Capítulo 30



Erin seguiu Ven mais e mais para o coração escuro da montanha, sentindo-se estranha, como se já não estivesse sozinha em sua própria pele. Ela era mais, era outra. Percebeu a presença da Deusa Nereida, que serviria como parteira para o nascimento do verdadeiro dom de Erin de cantora de pedras preciosas.

Não tinha certeza de como sabia que isso era verdade, mas não questionou o conhecimento. Seguiu Ven, que iria defendê-la até o nono nível do inferno, e caminhou com a Deusa, que iria ajudá-la a tornar-se totalmente, o que ela estava destinada a ser.

Ela flutuava pela canção do rubi, que agora cantava só para ela, e não para os outros, e olhou para as paredes de pedra que se tornavam vermelhas pelo brilho reluzente do Coração de Nereida. De repente, ela ouviu sua canção com letras, palavras que falavam diretamente com ela.

Vinde a mim, cantora de pedras preciosas. Cante para eu ficar livre desta prisão de pedra. Cante para eu voltar para a minha casa.

A parte de sua mente que era pura Erin estava se divertindo com a ideia. Qual era o protocolo para falar com um pedaço inanimado de pedra?

A parte dela preenchida com a Deusa serenamente respondeu.

— Nós viemos, bendito rubi. Mostre-nos o caminho. — De alguma forma, o tamanho e a forma da Deusa preencheu-a de forma que não houvesse espaço para medo ou incerteza.



À sua frente, Ven olhou para ela, hesitante, como se quisesse lhe fazer uma pergunta. Ou, conhecendo Vem, tremia de certa forma, por ela. Mas ela estreitou os olhos em sinal de advertência e balançou a cabeça, então ele começou a resmungar baixinho novamente e continuou andando.

Preso entre um atlante que se importava com ela e uma deusa que queria usá-la, Erin focou nas únicas coisas que importavam: tinha que encontrar o Coração de Nereida, tinha que resgatar sua irmã, e salvar Riley e o bebê — conseguir isso atravessando, de alguma forma, sabe-se lá quantos vampiros e metamorfos para fazê-lo.

Ela invocou a Wilding e se vangloriou pela sua resposta instantânea. Oh, sim, ela não iria ter problemas.



Sede do Círculo de Luz

Alaric circulava ritmicamente em torno das macas improvisadas nas quais os metamorfos ainda se curavam na grande sala do prédio. Justice ou Ven deveriam ter se comunicado com ele de alguma forma até agora. Algo estava errado.

Quinn poderia estar em perigo.

Quinn poderia estar em *perigo*.

Tomando uma decisão, caminhou rapidamente pelas salas até encontrar Christophe, tomando café na cozinha e conversando com uma das bruxas.

— Christophe, uma palavra.

O guerreiro se desculpou e imediatamente seguiu Alaric pelo corredor.

— Tenho que sair agora. Você será responsável pela guarda desses neste edifício até que eu volte.

Christophe inclinou a cabeça.

— Como quiser, Alaric. Você está voltando para Atlântida?

Alaric poderia dizer pela expressão cautelosa do guerreiro que seus olhos estavam irradiando o poder que canalizava.

— Não. Vou para o Monte Rainier.





Ven farejou os lobos antes que os visse. O trecho escuro vinha sendo iluminado por vários passos e o cheiro de lobo cruzou com algo mais forte e espesso no ar. Ele parou e estendeu a mão para Erin, não tendo certeza se ela ainda aceitaria com tranquilidade. Ficou aliviado quando ela colocou sua pequena mão na dele, mas seus dedos estavam gelados. Ele olhou para ela e viu que ainda mais do que seu calor fora drenado, deixando seus olhos um azul-prateado, quase da cor exata do poder de gelo que ela canalizou para curar Riley.

— Você ainda está aí, Erin?

Ela lentamente virou seu olhar para cima para encontrar o dele, mas ele não podia ver nada de Erin em seus olhos.

— Estamos bem, Ven. O rubi me chama, muito fortemente. Estamos quase lá, agora. — Sua voz ainda era diferente, errada. Mas havia pelo menos alguma coisa de *sua* Erin deixada em sua voz.

Ven vira Alaric ficar sombrio e assustador muitas e muitas vezes ao longo dos séculos, e o sacerdote sempre voltava a si. Tinha que confiar que Erin faria o mesmo.

— Nós estamos aqui. — Disse ele calmamente. — O jogo vai ser aqui no interior. Você está pronta?

Seus lábios se curvaram em um sorriso sensual que era tão sexy que o teria feito pegar fogo, se as circunstâncias fossem diferentes, mas apenas alimentou suas preocupações em como as coisas estavam.

— A melhor pergunta, Senhor Vingador, seria se eles estão prontos para nós.



O tigre tossiu, um latido profundo, que quase assustou os dois metamorfos que os vigiavam e limpavam sua pele. Justice teria rido ao vê-los se ele ainda não estivesse fingindo estar inconsciente. Precisava de uma distração para tirar os dois, já que não tinha sua espada ou qualquer de suas armas, exceto um punhal inserido no calcanhar na sola de sua bota direita. Difícil de chegar a ela em sua atual posição, de braços ao lado de um tigre drogado que estava prestes a acordar a qualquer momento.

A visão do tigre mastigando suas pernas, provavelmente, seria uma grande distração, mas não exatamente útil para a causa de Justice.



— Acho que o tigre está acordando. — Disse um dos guardas. O estúpido. Justice reconheceu a voz. — Gostaria de saber se ele vai comer o cara. Aposto que engasgará com todo aquele cabelo. Que tipo de cor azul é essa para o cabelo de um homem? Aposto que é algum tipo de cara gay.

O outro bufou.

— Você é um idiota. Além disso, está sempre vendo os gays em cada esquina. Uma pessoa pode começar a pensar por essa razão, que é homofóbico.

Estúpido ficou beligerante.

— O que significa isso? Não sou nenhum cara gay! Tenho uma companheira. Uma companheira do sexo feminino.

Isso estava ficando interessante. Justice esperava que comesçassem a bater nos cérebros uns dos outros antes de Jack acordar e transformá-los em erva de gato³⁶ atlante.

— Oh, estava apenas brincando. Relaxe, seu idiota. Estou entediado. Quero ver o que estão fazendo lá fora, não ficar aqui com esses dois. Não há nenhuma maneira dessa dose de Especial K que tomaram acabar o efeito tão cedo. Quer ir dar uma espiada?

Justice tentou usar seus inexistentes poderes psíquicos de controle da mente. *Sim, sim, vá assistir ao show do vampiro. Deixem o homem inconsciente e o gatinho inconsciente.*

— De jeito nenhum, cara. Calgoolie usaria nossas bolas como brincos, e estou meio parcial quanto às minhas bolas. — Disse Estúpido.

— Lá vai você, falando de bolas novamente. Estou dizendo... nah. É muito fácil. — Disse o único com moderadamente mais inteligência. — Olha, a gente pode se esconder atrás da rocha que aflora ao lado da entrada. Estaremos pertos o suficiente para que voltemos aqui todos os poucos segundos, mas ainda veremos a ação.

— Bem...

Sim, façam isso, façam isso, façam isso.

— Tudo bem. Mas só por alguns minutos, ou até que mostrem quaisquer sinais de acordar. Não acho que haja qualquer lugar longe o suficiente para nos esconder daquele vampiro quando está de mau humor.

Começaram a afastar-se, aparentemente, tentando serem furtivos. Para metamorfos, eram tão furtivos como búfalos na água, o que, pelo menos, deu a Justice uma grande vantagem, saberia quando comesçassem a voltar.

³⁶ Planta da família da hortelã que atrai felinos.



— Os vampiros estão sempre de mau humor. Gostaria que nunca... — Enquanto suas vozes desapareciam no túnel, Justice virou a cabeça para o lado, imaginando que mesmo que houvesse algum guarda que permanecera completamente imóvel e em silêncio, a fim enganá-lo a mover-se, ele preferiria enfrentar isso a ter um segundo a mais do seu rosto amassado na lateral de um tigre molhado.

Saltou para seus pés, fazendo uma careta quando seus joelhos machucados reclamaram, então limpou o pelo de tigre para fora de seu nariz e boca.

— Droga, Vingador melhor apreciar isso. — Ele rosnou.

Uma risada soou muito familiar no silêncio da abertura do túnel atrás dele, e ele se virou para ver Ven ali, espada em riste.

— Tenho certeza de que vou apreciá-lo. Muito. Já estou apreciando o inferno fora dele. Especialmente a parte onde você está coberto de pelos de gato e mentindo em torno de um travesseiro de tigre. Importa-se em explicar?

Antes que Justice pudesse responder, o som do sino invisível aumentou ecoando pela caverna de novo e ele colocou as mãos sobre as orelhas. De trás de Ven, ele viu uma mulher entrar na caverna, seus braços e rosto extasiados levantados em direção ao teto. Ela parecia familiar. Quase como a cantora de pedras preciosas de Ven.

Naquele momento, o badalar do sino cessou e a mulher deixou cair os braços e olhou para ele, uma luz prateada azulada estranha brilhava ferozmente de seus olhos. Era Erin. Erin e mais alguma coisa ou alguém, compartilhando sua consciência.

Justice congelou, quase paralisado, de repente o atravessou uma onda feroz de desejo por ela, por eles, pela essência da Nereida que era a fêmea para o macho de sua meia Nereida. Insanidade e luxúria atravessaram-no com uma dor de cortar. Ele agachou-se e rosnou para Ven.

— Vou levá-la de você, Vingador. Estou cheio de assistir você governar o território que deveria ser meu.

Ven piscou, confusão clara em seu rosto.

— O que fizeram com você? Do que nos nove infernos você está falando? — Ele levantou sua espada, mas foi um gesto indiferente. Vingador do Rei não tinha estômago para matar um guerreiro companheiro.

A neblina vermelha de fúria tomou conta de visão de Justice até que o rosto de Ven pareceu já estar coberto de sangue. Ven poderia não ter o estômago para o assassinato. Muito ruim para ele que Justice tinha.

Erin falou, mas não era totalmente a voz dela que soava de sua boca.



— Você vai parar com isso agora, Nereida. As drogas em seu sistema estão a influenciar o seu julgamento e trazendo-o perigosamente perto de contar histórias que você não pode compartilhar. — Ela levantou os braços novamente e esferas de poder puro brilhavam nas palmas das suas mãos.

Antes que Justice pudesse lançar-se de mãos vazias, por todo o terreno em um salto de assassinato, ela arremessou uma das bolas para ele e bateu-lhe no estômago. O soco disso o bateu para trás, estilhaçando-o ao chão. Mesmo quando sua cabeça bateu no chão de pedra, a cura de sua bola de energia de luz azul-prateada o cercou e afundou-se nele. Em sua pele, em seu sangue.

No espaço escuro e vazio de sua alma que viu brevemente em sua visão de lar. A luz o lavou com a cor e o som ao redor dele, e ele ganhou um muito breve *conhecimento* do que era ser uma cantora de pedras preciosas.

Em seguida, foi embora.

Piscando, Justice sentou-se e percebeu que ele se sentia cerca de cem vezes melhor. A dor de cabeça foi embora, a dor constante em suas costelas, onde o vampiro o cortara fora embora. Sentia agora como se ambas as feridas nunca tivesse existido. Não verificou sob suas ataduras. Não sentia necessidade.

— Você me curou. — Ele disse a ela. Para elas, a cantora de pedras preciosas e a Deusa.

— Nós curamos. — Ela respondeu, ainda nessa imensa voz, musical. — E agora temos que encontrar o Coração de Nereida antes de sua canção me consumir.

Ele se levantou e se curvou para Ven, que estava ainda parecendo confuso.

— Minhas desculpas, Senhor Vingador. Estava... fora de mim.

Ven apenas olhou para ele, então, finalmente, deu de ombros.

— Não tenho a pretensão de saber o que aconteceu, mas não temos tempo para isso agora. Precisamos...

Mas Justice nunca ouviu o que Ven acreditava que precisava fazer. Porque os dois guardas relutantes dobravam a esquina de volta ao seu posto e pararam no exato momento em que ouviram um rugido zangado. Duzentos e cinquenta quilos de tigre bateram na parte de trás dele como um trem de carga, e ele caiu.

Capítulo 31



Ven viu a expressão no rosto de Justice sinalizar que cheirava a aproximação do lobo. Ele estava de pé um pouco à direita da abertura, fora da linha de visão de alguém que se voltasse para a caverna. Saltou ainda mais fora do caminho, segurando a mão de Erin, alertando-a a ficar para trás. O som ensurdecedor das badaladas começou a aumentar de novo e ela tinha um olhar confuso no rosto, mas pelo menos cambaleou para trás contra a parede.

Ele virou-se para enfrentar os metamorfos que se aproximavam, por isso teve menos de uma fração de segundo de aviso antes de Jack — todo presas, garras e puros músculos enfurecidos — atacar Justice. Não podia ouvir o rosnar sobre o som do Coração do Nereida, ou o que estava fazendo aquele barulho enorme, mas poderia verificar as mandíbulas escancaradas do tigre que não estavam definitivamente rosnando.

Sabia que eles deveriam ter drogado ou envenenado Jack para nocauteá-lo. O que não sabia era o efeito que as drogas poderiam ter sobre o feroz tigre *were*.

Parecia que não seria bom.

Ele levantou a espada e mergulhou-a no peito do primeiro metamorfo que alcançou a sala. Os *weres* se moveram rápido o suficiente para que o impacto enviasse Ven alguns passos para trás. Antes de ele poder puxar sua espada, Erin afastou-se da relativa segurança das sombras contra a parede e dirigiu-se para a batalha feroz acontecendo entre atlante e tigre.

— Droga, Erin, volte! — Ele gritou para ela, não que ela conseguisse ouvir nada, exceto aquele maldito rubi. Este plano estava fodidamente evidente nos nove infernos e de volta.

Teve tempo apenas para ver Erin lançar um escudo em torno de si mesma, e, em seguida, o segundo metamorfo estava sobre ele. Abandonou sua espada e foi para o corpo a corpo, deixando-se cair no chão e usando uma perna para varrer as pernas do que estava debaixo dele. O homem caiu duro no chão, em seguida, rosnou para Ven com um focinho rapidamente se alongando. Estava prestes a ter um lobisomem totalmente transformado para lidar, e simplesmente não estava com clima para isso. Antes do brilho espumante de transformação ter-se totalmente dissipado, Ven



equilibrou o punhal de prata e orichalcum³⁷ por sua ponta e, em seguida, atirou a uma curta distância até o alvo.

Prata em um coração de *were* o parava como nada mais. Entretanto, Ven não teve tempo para desfrutar de sua vitória. Virou-se e saltou na bola de pelo e cabelo azul rosnando e roncando no chão. Conseguiu colocar um braço ao redor do pescoço do enorme tigre e puxá-lo para trás alguns centímetros para que seus dentes não ficassem tão perto da garganta de Justice. Então Justice, com a sua visão bloqueada por uma cabeça de tigre, bateu às cegas um soco que atingiu diretamente o lado da cabeça já latejante de Ven.

— Droga, estou tentando ajudá-lo aqui. — Ele gritou, esperando ser ouvido acima dos rosnados ferozes do gato e do gongo do rubi. — Pare de me socar!

— Talvez possamos ajudar? — A suave voz melodiosa que soava cada vez menos como Erin fez a pergunta que era claramente retórica. De alguma forma, sua voz suave perfurou o ruído estrondoso do rubi que continuou a gongar a sua chamada.

Antes que pudesse responder, ela já entrelaçava sua magia em escudos de bolha separados que capturaram individualmente os três. Depois de flutuar suavemente Ven e Justice até o chão a uma curta distância do tigre, ela soltou-os.

Então foi até a última bolha que cercava o gato selvagem enfurecido.

Ela colocou as mãos sobre a bolha e inclinou o rosto contra ele, e então começou a cantar. Era uma música calma e suave, nada semelhante ao imenso poder que Ven a ouvira cantar antes de prendê-los. Era uma canção delicada de cura e paz, uma tapeçaria tecida por um tecelão mestre com fio de seda. O barulho pulsante do rubi desapareceu como se em resposta a sua canção.

Enquanto ela cantava baixinho, uma névoa de prata encheu a bolha até que Ven só podia ver flashes de laranja, branco e preto em seu interior. A canção durou menos de um minuto, e então ela se afastou da bolha e da névoa apagada. Sentado dentro da bolha, completamente nu, Jack voltou para sua forma humana. Enquanto Ven assistia, Jack levantou a cabeça e olhou nos olhos de Erin, em seguida, balançou a cabeça lentamente. Ela fez um ligeiro movimento circular com uma mão e a bolha desapareceu.

Jack levantou-se e curvou-se para ela.

³⁷ **Orichalcum** é um metal mencionado em vários escritos antigos, principalmente na história de Atlântida, como relatado no diálogo *Crítias*, registrado por Platão. De acordo com *Crítias*, orichalcum era considerado menos valioso que o ouro, e foi encontrado e extraído em muitas partes de Atlântida em tempos antigos. No de *Crítias*, entretanto, apenas seu nome era conhecido. Em muitas fontes da cultura pop, como novelas e jogos de vídeo, orichalcum é apresentado como um minério valioso que pode ser extraído e trabalhado em armaduras e armas de alto nível. Tem a cor dourada.



— Estou em dívida com você, Erin Connors. As drogas me prenderam no mais vil impulso da minha natureza animal. Não gostaria de fazer algo que pudesse me arrepender mais tarde.

Justice coçou a cabeça.

— Claro. Desculpe-se com *ela*. *Eu sou* aquele que você malditamente quase matou.

As bordas dos lábios de Jack se curvaram em um sorriso.

— *Você* provavelmente mereceu.

— Chega. — Ven ordenou. — No caso de vocês dois terem esquecido, estamos no meio do território inimigo. Justice, verifique a entrada e veja se mais alguém está chegando. Não posso acreditar que não ouviram a comoção aqui, mas esse maldito rubi provavelmente está nos afogando. Então, isso é uma coisa boa.

Franziu a testa quando Jack levantou-se, de uma forma muito casual sobre ter sua bunda de fora.

— Coloque algumas roupas, Jack. — Ordenou, apontando para o metamorfo caído. — Talvez as calças desse cara se encaixem em você.

Jack sorriu novamente.

— Certo. Você é tão ruim quanto os seres humanos com o seu puritanismo com um pouco mais de nudez.

— Não há necessidade. — Disse Erin. Ela cantou algo em voz baixa e um brilho de prata espiralou em torno de Jack. Segundos depois, ele estava ali, completamente vestido em calças escuras e camisa, franzindo a testa para ela.

— Obrigado. Mas ocorre-me que seus poderes estão aumentando exponencialmente, bruxa. — Jack disse. — Será que alguém ou alguma coisa está dando-lhe mais poder do que você pode segurar?

— Não se preocupe com o meu poder, metamorfo. — Ela retrucou, e novamente Ven ouviu a Deusa.

Jack inclinou a cabeça num olhar cauteloso.

— Oh, me preocupo com todos os tipos de coisas.

Ven se colocou entre ele e Erin, apertando a mão no punho da espada.

— Não com ela. Nem agora, nem nunca. — Afirmou categoricamente.

Por um momento, ele quase pensou que o tigre iria desafiá-lo, mas ao invés disso, Jack inclinou-se e falou tão baixinho que Ven quase não entendeu as palavras.

— Ela não está só lá, Ven. Tenho uma natureza dupla pela hereditariedade e pela experiência, e posso reconhecer isso. Esteja cauteloso e consciente.



Não vendo nada, exceto a sinceridade nos olhos de Jack, Ven assentiu uma vez e deu um passo para trás, então cruzou até Erin e colocou um braço em volta da cintura dela.

— Você está pronta?

Ela olhou-a, e por um instante era apenas Erin olhando para ele através de seus olhos.

— Beije-me, Ven. Por favor, me beije, no caso de...

Ele cortou suas palavras com a boca, e beijou-a com todo o desespero de sua alma, interrompendo-o muito mais cedo do que gostaria. Seu beijo tinha gosto de luz e bondade e lar, e quase se esqueceu de onde estavam. Quase. Território inimigo lembrou-se com uma força primitiva dentro dele, exigindo que tomasse os lábios novamente.

— Vamos ter que falar sobre essa natureza autoritária de vocês. — Disse ele em seu lugar.
— Quando, não se, mas *quando* sairmos daqui.

Ela sorriu um pouco.

— Adicione à lista “Eu te amo, Ven”. Preciso que saiba disso.

O coração dele se expandiu pelas palavras.

— Também te amo, Erin Connors. Nem pense em me deixar.

Ela sorriu novamente, e então a vida e o calor foram drenados de sua expressão, e sua cantora de pedras preciosas ficou fria ainda em seus braços e se empurrou para longe dele.

— Agora, Guerreiro de Poseidon. Nós recuperaremos o Coração de Nereida agora.

Com o toque de gelo no som de sua voz de dupla natureza em seus ouvidos, ele entrou na frente dela, e se dirigiram em direção ao brilho das luzes.



Quinn sabia que o som do sino aumentando significava algo importante, mas não tinha certeza do que era. Esperava que envolvesse a joia que Erin e Ven estavam procurando e o barulho significasse que a encontraram.

Não importando o que isso significasse, teve a sensação de que sua sorte acabava com os repiques finais desvanecendo do sino. Daniel e Calígula rolaram para cima dela com dentes arreganhados, e não tinha certeza de que este Daniel ainda era o que conhecia. Esse vampiro tinha olhos vermelhos, brilhando intensamente, e tudo o que podia ver era a ameaça de Drakos na forma selvagem, e ele olhava para ela.

Demais para ter esperança.



— Vocês vão lutar por mim, meninos? — Ela sussurrou. — Não há realmente o suficiente ao redor de mim. Meio magra, provavelmente um pobre sangue O negativo. Ou, na verdade, um positivo, eu acho. Parece ser algo que uma pessoa deveria saber nestes dias, não é?

Ela sorriu para Daniel, estudando-o por qualquer indício de que este fosse outro aspecto de sua missão secreta. Tudo o que ela viu em seus olhos era a sua própria morte. Ou pior. Seu próprio futuro como um dos mortos-vivos sem mente que Calígula tanto gostava de manter em sua manada de sangue.

— Sobre o meu cadáver. — Ela retrucou.

— Esse é ponto decisivo. — Disse Daniel, sorrindo amplamente, para que ela tivesse certeza de notar suas presas bem descidas, que um vampiro só mostrava quando estava se preparando para atacar.

Ela aprendeu isso de uma maneira muito pessoal.

— Se eu fizesse uma aposta, você entenderia, sugador de sangue. — Disse ela, curvando o pescoço para baixo em seu colarinho em uma tentativa de parecer fraca e indefesa.

Calígula finalmente falou, olhando para trás e para frente entre os dois.

— Se você realmente quer me servir, Drakos, ficaria muito satisfeito. Tive certeza... preocupações sobre sua lealdade. Seria muito bom aliviar essas preocupações se você cuidasse desse pequeno problema para mim.

Daniel fez uma reverência.

— Seria o meu maior prazer, meu senhor. Tirarei a carcaça inútil de sua presença.

Quando ele agarrou seu braço, ela gritou e lutou para fugir, não convencida de que tudo isso fosse um show para benefício de Calígula. Ela vira sede de sangue antes, e estava vendo agora nos olhos dele. Daniel realmente pode ser irrevogavelmente Drakos. Se assim fosse, estava realmente ferrada.

A voz de Calígula cortou o ar.

— Oh, não, meu general. Isso não me agradou em nada. Prefiro que esse ser humano sirva como um exemplo para as patéticas forças rebeldes e um entretenimento para os nossos soldados leais.



Os vampiros e metamorfos que revestiam as paredes gritaram e bateram os pés com a palavra “entretenimento”, que lembrava a Quinn da coisa toda de imperador. Jogando os cristãos aos leões ou algo assim. Assassinato de escravos no coliseu. Russell Crowe morrendo na sujeira³⁸.

Ela era dura, mas não era Russell Crowe.

— Quero que seja transformada aqui, e quero que você comece o processo agora, meu Drakos. Amarre-a a você com um laço de sangue e me prove que está realmente ao meu comando.

— De jeito nenhum! — Ela gritou. — Nunca. Vou matá-lo eu mesma, seu sanguessuga bastardo!

Ela se moveu em um modo de ataque primitivo, gritando e arranhando e socando e tentando arrancar o olho até que Daniel com uma ferocidade que deveria tê-la assustado, a agarrou e jogou-a pela sala em direção a abertura do túnel. Ela bateu na parede e caiu em uma pilha mole de dores e possíveis membros quebrados no chão. Em um instante, ele atravessou a caverna e se inclinou sobre ela, mostrando suas presas. Pouco antes de atingi-la, ele prendeu o olhar no seu próprio.

— Vai doer menos se me deixar encantá-la. — Ele sussurrou. — Prometo que vou encontrar uma maneira de resolver isso.

Então, mesmo quando ela começou a afundar num turbilhão vermelho brilhante de seus olhos, ele a atingiu. Ela gritou quando sentiu seu sangue e a energia de seu corpo ser drenado. Quando ela se afundou na escuridão, ela olhou para cima e por cima do ombro direito de Daniel para o rosto furioso de Ven e quase riu da pura imprevisibilidade de vê-lo ali.

Por favor, Deus, por favor, salve Riley e o bebê. Pensou, e então o mundo finalmente desapareceu em túneis de tons de vermelho, vermelho-sangue até o preto.

Capítulo 32



³⁸ Esta parte se refere ao filme o Gladiador estrelado pelo (tudo de bom!) **Russell Crowe** (foto) e que conta a história cujo pano de fundo era as lutas dos gladiadores no Império Romano.



Ven ouviu os gritos e lutou para não sair correndo pela caverna, com a espada desembainhada. A correta estratégia de batalha era sempre espiar o inimigo. Olhou em torno do canto e viu Daniel dirigindo suas presas para Quinn, que lutava como se tivesse um homem-gato em seu DNA.

Sua estratégia de batalha fendeu. Levantou a espada e atacou violentamente, rugindo um antigo grito de guerra atlante que surgiu das profundezas de seu ser. Teve um vislumbre, em sua visão periférica, de um enorme espaço cheio de mais vampiros e metamorfos, e então alcançou Daniel.

— Você sugador de alma bastardo. Prepare-se para morrer a morte verdadeira, vampiro. — Rosnou, tentando encontrar um lugar no corpo de Daniel que pudesse espetar sem ferir Quinn.

Daniel liberou Quinn e olhou para Ven.

— Nem tudo é o que parece, Atlante. — Ele mostrou vinte pés em toda a sala, tirando Quinn dali, então chegaram cerca de cinquenta vampiros e metamorfos. Ven teve que abrir seu caminho para chegar até eles.

Atrás dele, as primeiras notas escuras de uma canção começaram. Em seguida, uma esfera brilhante de energia atravessou a sala e atingiu um dos vampiros na primeira fila. Ela explodiu em respingos de lodo em decomposição, e os vampiros que o rodeavam gritaram e retrocederam. Os metamorfos agitados ao redor, não recuaram completamente, mas não atacaram mais, também.

Em ambos os lados de Ven, Justice, Jack, e Erin reforçaram para que formassem uma sólida linha de ataque. Jack e Justice estavam equipados com as armas dos metamorfos caídos e Erin fez mais duas das esferas brilhantes em suas mãos.

— Não é possível mudar para a forma de tigre por um tempo, mas tenho uma boa mão com uma faca. — Disse Jack.

— Menos conversa, mais mortes. — Disse Justice.

— Agora, eles morrem. — Erin e o que Ven chegou a pensar como “não Erin” disseram.

Ven assentiu.

— Agora, eles morrem.



Com isso, começaram a avançar em direção ao inimigo, irremediavelmente em desvantagem se não contassem com o fato de que pareciam ter uma deusa seriamente chateada do seu lado.

— *Pare!* — A voz que rugiu pela sala era friamente desumana, e veio diretamente de cima deles. O vampiro que flutuava para baixo em direção a eles era um dos mais antigos que Ven já vira, se a brancura de sua pele fosse qualquer indicação.

— Ex-imperador Calígula, presumo? — Disse com voz arrastada.

— Uma vez imperador, sempre imperador, atlante. — Calígula zombou, então virou seu olhar de laser-com-foco em Erin. — Finalmente, Erin Connors. Você está ainda mais bonita do que a sua irmã. — O vampiro mestre riu, e o som enviou calafrios em toda a sala. — Claro, ela teve uma década muito difícil, por isso está pior devido ao desgaste, como os seres humanos poderiam dizer.

Ven levantou sua espada e deu um passo na frente de Erin.

— Ficaria feliz em mostrar-lhe um pouco de dificuldade estilo atlante de sua preferência, seu monstro.

— Ven. Não. Ele tem Deirdre. — Erin disse, engasgando com as palavras. Não havia nenhum traço restante da Deusa em sua voz, e ele se perguntou onde ela fora.

— Sim, eu tenho Deirdre. — Calígula disse, mostrando as presas, bem descidas. — Gostaria de ver sua irmã? Ela pode estar um pouco brava por você tê-la abandonado para mim todos esses anos, mas tenho certeza que você pode trabalhar com isso.

— Eu nunca soube. — Erin gritou. — Pensei que ela estava morta. Todos esses anos pensei que estavam todos mortos. Pensei... — Ela parou, soluçando.

Do alto deles, uma nova voz — assustadoramente semelhante a de Erin — gritou.

— Você realmente não sabia? Todos esses anos ele me disse... eu acreditei...

— Sim, você acreditou em mim. — Calígula disse, fazendo uma dança obscena alegre ali, ainda de pé no ar. — Não a princípio, nem mesmo nos primeiros anos. Mas, finalmente, você acreditou que a sua própria família a abandonara para mim, em troca de suas próprias vidas inúteis. A alegria de sua rendição às minhas mentiras era realmente doce.

A vampira disparou para baixo de um lugar alto acima deles. Quando ela se aproximou, Ven viu que ela tinha o cabelo de Erin e uma certa semelhança de características faciais. Não havia dúvida de que era a irmã de Erin, mesmo com o brilho vermelho nos olhos. Usava um vestido volumoso preto, frouxamente atado com e uma corda comprida, e a emoção nua em seu rosto deve ter sido uma estaca atravessando o coração de Erin.



— Deirdre, ele mentiu para você. — Erin disse, com lágrimas escorrendo pelo rosto. — Ele matou todos e me deixou para morrer também. Consegui voltar para o clã, mas com o tempo me recuperei dos meus ferimentos, e todos me disseram que você estava morta.

Deirdre começou a flutuar para baixo atrás de Calígula, mas ele a serpenteou com um braço e pegou-a pelos cabelos, torcendo-o cruelmente.

— Muito comovente, mas não estou a ponto de deixá-los colocar as mãos no meu trunfo agora, estou?

Ele puxou um punhal e pressionou a ponta da lâmina contra a garganta de Deirdre até que uma fina linha vermelha apareceu contra sua pele pálida e sangue escorria por debaixo da lâmina.

— Proponho uma pechincha, atlante. Você me dá Erin Connors, e eu mato vocês três de maneira extremamente dolorosa.

— Isso não é exatamente uma pechincha, sanguessuga. — Jack resmungou. — Ou você é melhor em latim³⁹ do que em nossa língua, mesmo depois de todos esses anos?

— Ah, sim, o gatinho fala. — Disse Calígula. — Se você preferir latim, então que assim seja. Deixe-me definir o cenário para você. Tenho a irmã da bruxa, e se você atacar minha manada de sangue ou meus metamorfos, vou matar Deirdre, sua bruxa não vai se importar, não é, Erin? — Deu um sorriso desagradável a Erin. — Além disso, tenho a líder rebelde, e meu general agora vai dar o segundo passo para a formação de vínculo de sangue com ela. — Disse, acenando com a mão em direção a Daniel e Quinn, que ainda parecia estar inconsciente. — Portanto, você não pode fazer nada, e vou gostar de ver você morrer. Devagar. *Res ipsa loquitur*.

— Que diabos isso significa? — Jack rosnou.

— *Os fatos falam por si*. — Ven respondeu.

Deirdre, ainda com os cabelos presos no punho de Calígula, riu alto, uma penetrante risada.

— Às vezes, os fatos *cantam* por si. — Disse ela. Então abriu a parte de cima de seu vestido em dois, mostrando os seios e um pacote envolto em tecido, que lançou em direção a Erin. — Tome esta, irmã mais nova, e se junte a mim em um dueto.

Ven pegou o pacote no ar, uma vez que caiu em direção a eles, mas não estava preparado para o peso e quase o deixou cair. Juntos, ele e Erin rasgaram o pano que o cobria, e o brilho vermelho feroz do pôr do sol sobre as ondas brilhou para eles. O rubi tinha a forma de um enorme coração sólido, tão grande quanto a cabeça de Ven.

³⁹ Língua falada no Império Romano. Hoje, é uma língua morta.



— O que é isso?— Calígula gritou. — O que você deu a ela? — Ele golpeou Deirdre na boca com as costas das mãos com tanta força que o sangue jorrou de seus lábios, mas ela apenas riu dele.

— Seu idiota narcisista! — Ela cuspiu o sangue que saía de sua boca e riu novamente. — Você realmente acha que poderia me desgastar?

Erin agarrou a joia perto de seus seios e fechou os olhos. Quando os abriu, a deusa estava de volta. Ela levantou a cabeça e seu olhar se encontrou com o de sua irmã.

— Agora vamos cantar.

Como uma, as duas irmãs começaram a cantar e o rubi se juntou, cantando baixo em seu claro soprano. A sinfonia de puro poder e luz subiu pela caverna, iluminando os cantos mais escuros e brilhantes com um holofote sobre os vampiros e metamorfos encolhidos nos cantos.

Calígula gritou e libertou Deirdre para tapar as mãos sobre os ouvidos, quando a canção do rubi dançou e brincou sobre e em torno dele, jogando-o em um brilho vermelho que era de alguma forma, puro e inocente, um contraste gritante com suas maldades pútridas.

A canção do rubi prendeu o antigo vampiro em uma brilhante prisão cristalina feita inteiramente de luz e música, a surra ineficaz de Calígula contra as paredes brilhantes deixou claro que não poderia escapar. A música esmaeceu o som de seus gritos, mas a boca aberta e os fios esticados na garganta contavam a história de sua captura. Ao ver aquilo, uma onda de alegria feroz varreu Ven.

Deirdre caiu no chão em frente a Erin e as duas se abraçaram. Recuando um pouco, Erin fez um esforço e ergueu um escudo sobre as duas e virou-se para Ven.

— Estou segura, meu guerreiro. Você pode sair do meu lado com confiança.

— Fique segura!— Ele disse ferozmente. — Fique atrás desse escudo, não importa o que aconteça.

Ela assentiu com a cabeça e, em seguida, abraçou sua irmã de novo e as duas se viraram como se para se concentrar em Calígula, que permanecia preso. Sossegado, Ven levantou sua espada e olhou para seus irmãos guerreiros.

— Agora!

Ele, Jack, e Justice e saltaram para frente para a multidão de gemidos e uivos de vampiros e metamorfos. Não estavam muito incapacitados de lutar, no entanto, a batalha começou. Cortar e cortar qualquer coisa que se movesse para lutar contra ele, Ven lutou até onde Daniel se inclinava sobre Quinn.



Mas era tarde demais. Mesmo quando ele mergulhou completamente a adaga de prata melhorada no coração de um lobo, rosnando na forma *were*, viu Daniel elevar seu pulso e cortá-lo com suas presas, em seguida, pressioná-lo contra a boca semiaberta de Quinn.

— Não! — Ven saltou em direção a eles, mas novamente era tarde demais. Quinn levantava a cabeça e estava segurando o pulso de Daniel com ambas as mãos enquanto bebia de sua veia.

O bastardo traidor tinha terminado o vínculo de sangue e para sempre teria uma conexão com Quinn e poder sobre ela. Ven levantou sua espada, lembrando um fato crucial. O laço de sangue seria cortado com a morte do vampiro que o criara.

— Vou desfrutar separar sua cabeça do seu corpo. — Ele rosnou.

Daniel levantou a cabeça, um cansaço inexplicável em seus olhos.

— Ela estava morrendo, Ven. Estava enfraquecida pela batalha anterior e cura, e devo ter tomado muito sangue. Ela ia morrer se não recebesse uma transfusão, e não há exatamente um hospital próximo.

Ven viu a verdade nos olhos de Daniel, e, lentamente, baixou a espada. Quinn finalmente liberou o pulso de Daniel e olhou para Ven, pequenos pontos de sangue em seus lábios.

— Será que já estamos mortos?

— Não. — Disse ele. — Mas podemos estar no inferno.

Daniel fixou um olhar sombrio em Ven.

— Sou espartano, guerreiro. Nós inventamos o inferno.

Daniel levantou-se e pegou Quinn em seus braços.

— Vou levá-la para a superfície, ou pelo menos tanto quanto eu possa ir antes da luz do sol me parar. Boa sorte com a sua busca, atlante.

— Se ela morrer, ou se você machucá-la de qualquer maneira, vou encontrá-lo e estacá-lo no sol. — Ven disse, uma promessa sombria em seu tom.

— Ela vai me desprezar quando se tornar plenamente consciente. — Daniel disse friamente. — Você acha que enfrentar o sol poderia ser pior? Atrás de você à esquerda!

Com isso, Daniel disparou pelo ar e em direção ao teto, em direção ao que Ven perceber ser uma saída só de vampiros. Ele virou-se para enfrentar a ameaça vinda em sua direção, da esquerda, e mergulhou a espada na boca do vampiro, quase tirando a parte superior de seu crânio. Quando ele bateu no chão, sacudiu a espada da sua boca e, em seguida, cortou-o para terminar o trabalho.

Afastando-se da poça de decomposição vampírica, imediatamente confirmou que o escudo de Erin estava seguro, e logo, voltou para a briga. Um já foi, algumas centenas teriam que ir.



Capítulo 33



Erin segurou na fria, gelada mão da irmã e cantou. Cantou a perda e a dor e solidão dos últimos dez anos. Cantou uma canção de batalha para despertar a fúria do Coração de Nereida e derrotar o inimigo.

Cantou o amor, o amor por sua irmã e o amor que a consumia que finalmente admitiu sentir por Ven. O rubi aquecia contra o seu corpo, até que sentiu como se segurasse uma chama viva. Ele acrescentou sua voz à dela e a de Deirdre — um antigo contraponto de sua viva música. Um imenso poder subiu por ela até que sentiu que poderia se expandir para preencher toda a caverna com seu corpo e sua canção.

A realidade de Ven lutando contra todos os servos de Calígula, mesmo com Jack e Justice, finalmente penetrou na neblina induzida pela canção do rubi. Tinha que fazer alguma coisa, e tinha que fazer agora.

Virou-se para a irmã.

— Eu pareço ter adquirido um talento para explodir vampiros, mas tenho medo de usá-lo com você aqui. Não sei se tenho o controle para direcioná-lo a indivíduos específicos.

Deirdre apertou a mão dela.

— Se eu tiver que enfrentar a morte permanente para salvá-la, estou pronta para fazê-lo. As coisas que ele me fez passar... — Ela estremeceu. — Não posso enfrentar o nosso pai nunca mais, Erin. — O olhar no rosto de Erin deve ter se afastado. — Papai, também? — Perguntou Deirdre, o rosto enrugando. — Não, papai também não.

— Sinto muito, Deirdre. Ele pensou que você estava morta, também. Nós pensamos que mataram todas vocês. Ele não poderia... não poderia enfrentar a vida sem vocês.



Um clarão repentino de luz explodiu no ar da caverna, e uma forma feminina apareceu no centro dela.

— Amo tanto reuniões de família. — A voz não era como nada que Erin tinha ouvido, o som de um antigo mal disforme que rolava umidamente no escuro.

O escudo de Erin entrou em colapso, e tanto ela quanto Deirdre pararam de cantar, suas cordas vocais congeladas em suas gargantas. Quando ela agarrou seu pescoço, Erin viu os *weres* caírem no chão, encolhidos e se lamentando, e os vampiros caíram em seus rostos, sibilando. Ela avistou Jack, ainda deitado e sangrando no chão, e Justice encostado numa parede, com as mãos sobre os joelhos, ofegando. Ela não podia ver Ven.

O prisma que a canção do rubi mantinha em torno de Calígula desapareceu, e ele fez um estranho ruído grunhindo, então deixou cair as mãos dos ouvidos e curvou-se profundamente perante a recém-chegada. Ele levantou até o chão de pedra da caverna e caiu de joelhos.

— Minha senhora, você veio. Agracia-nos com a sua presença.

Uma vampira, pois assim deveria ser, com uma pele branca de túmulo e brilhantes olhos vermelhos, espiralou para baixo em direção a eles, seu vestido branco de seda flutuando delicadamente ao redor dela. Tinha um cabelo preto cujo comprimento alcançava seus quadris e era tão bonito que quase feriram os olhos de Erin por olhar para ela. Deirdre caiu de joelhos e, em seguida, baixou o rosto para o chão, gemendo.

— É a Deusa vampiro da Morte, Erin. É Anubisa.

— Ah, a bruxa que virou vampiro conhece os seus superiores. — Anubisa disse, sorrindo. Suas pequenas presas estavam um pouco maior do que o resto de seus dentes. Isso e sua beleza combinadas davam a ela uma aparência enganosamente inofensiva.

Então virou os olhos para Erin e qualquer fachada de inocência desapareceu. Antes que Erin pudesse abaixar seu olhar, Anubisa capturou o seu, submetendo-a como escrava. Sua mente só podia gritar impotente, seu corpo paralisado.

A Deusa vampiro apressou-se para baixo e em direção a ela e arrancou o rubi dos braços de Erin, em seguida, ergueu-o em direção à luz de uma das tochas.

— Que coisa bonita. Deve ter algum poder, ou você não teria querido tanto, e mesmo agora, com vocês duas silenciadas, ele cantarola com energia reprimida. — Deu de ombros e jogou-a casualmente no chão, onde desembarcou nas dobras do vestido de Deirdre. — Um brinquedo para brincar mais tarde.

Ela se virou para Calígula e apontou um dedo longo para ele.

— Onde ele está?



— Onde está o que, minha senhora?— Sua voz não era tão presunçosa como fora, e Erin teve uma alegria feroz por sua covardia, na presença de sua Deusa.

— Onde está meu Vingador? Sinto o cheiro do sangue dos parentes de sangue do meu animal de estimação, Conlan. — Disse ela, girando ao redor para fazer a varredura do quarto. — Tenho uma certa promessa a cumprir, e pretendo desfrutar de anos do serviço dele. Voluntariamente ou não.

Erin olhou ao redor, mas não podia ver Ven em qualquer lugar. Bom. Talvez tivesse escapado.

Anubisa claramente pensava o contrário.

— Eu o cheiro à espreita, atlante. É tão covarde que vai deixar essas mulheres morrerem em seu lugar?

Ven saiu de trás de um afloramento de rocha a cerca de quatro metros e meio acima do solo.

— Oh, estou aqui, sua puta profana. — Ele ergueu a espada. — Estava tentando uma posição de lhe dar *uma* resposta *pontuda*.

— Vocês guerreiros e seus brinquedos. — Anubisa ronronou, deslizando sobre Erin e Deirdre. — Precisa de uma demonstração?

Ela inclinou-se para Deirdre e agarrou-a pelos cabelos, puxando sua cabeça para cima.

— Não! — Ven gritou, e saltou para o chão. — Irei com você. Deixe as mulheres irem.

Anubisa fez uma pausa, olhando maliciosamente para Erin, que ainda estava congelada no lugar e não conseguia acessar sua magia.

— É um presente que você cuida, não é? Não os brinquedos mortos-vivos do meu Calígula. Mas não importa.

Ela passou um braço e uma onda de energia caiu em toda a sala, arremessando Ven através da caverna até uma parede de pedra. Em seguida, ela bateu duro com suas presas e drenou Deirdre enquanto Erin observava, completamente impotente, gritando uma promessa silenciosa de vingança.

Anubisa delicadamente limpou a boca com uma dobra do vestido rasgado de Deirdre, em seguida, deixou cair a cabeça dela no chão. O som oco da cabeça de sua irmã atingindo a pedra queimou Erin até sua alma.

— Gosto dessas pequenas demonstrações, cantora de pedras preciosas. — Anubisa disse, tocando o rosto de Erin com um dedo gelado. — Então acha que pode lutar com o seu dom, quando não conhece até mesmo uma fração de seu poder? Aquele que empunha o rubi tem poder suficiente para destruir até a mim.



Ela deu um passo para trás e sua mão atacou Erin, dando um tapa no rosto, balançando a cabeça para o lado.

— Você não tem nada. Você *não é* nada. Sua irmã em breve estará morta, e agora vou tirar o seu amante de você. — Ela virou as costas para Erin e começou a rir. — Posso matá-lo, mas por agora é tão deliciosamente divertido vê-lo perceber que você perdeu tudo, bruxinha.

Ven tinha se forçado a ficar de pé, e se voltou em direção a eles, mancando ligeiramente. Erin não podia mais ver Justice e esperava que ele estivesse, de alguma forma, entrando em posição para cortar a cabeça de Anubisa de seus ombros, para que ela pudesse cuspir nos restos em decomposição da vampira. Raiva queimou-a, tentando em vão romper os laços com os quais Anubisa a prendera. Mentalmente chamou a presença que compartilhara seu corpo com ela e, em seguida, desapareceu.

Tudo bem, Nereida. Você usou o meu corpo mais facilmente o suficiente quando você queria alguma coisa. Onde está você agora? Eu poderia usar um pouco de intervenção divina.

— Quanto a bruxa significa para você, Senhor Vingador? Vai me servir de bom grado a qualquer título que eu exija, se eu deixá-la viver?

— Sim. — Ele disse, sua voz soando fortemente em toda a caverna. — Você a deixa livre e faz um juramento de que esse monstro nunca mais vai chegar perto dela.

Nããããooooo. Erin gritou em sua mente.

— Pronto. — Disse Anubisa.

— Não. — Calígula gritou. — Minha senhora, você levou o meu animal de estimação de mim. O mínimo que pode fazer, em sua benevolência, é deixar-me com a irmã dela.

Anubisa inclinou a cabeça, como se estivesse ponderando, então se inclinou para recuperar o Coração de Nereida.

— Não devemos esquecer minha nova joia. — Disse a Erin. Então ela virou-se para Calígula. — Oh, você tem um ponto, acho. Muito bem, pode tê-la.

Ven rugiu seu desafio, lançando-se para frente de Calígula, homicidamente cortando e apunhalando os metamorfos e vampiros que se atreveram a tentar impedi-lo.

— Não vai tê-la!

Anubisa colocou o punhal na garganta de Erin.

— Ei!— Ela trovejou em sua voz antiga. — Pare agora, ou ela morre neste momento.

Ven tropeçou em uma parada, seu rosto se contorceu de desespero. Ele olhou diretamente nos olhos de Erin, e ela vagamente ouviu o toque do rubi através do encalço de Anubisa. Então, de alguma forma ouviu a voz de Ven em sua mente.



Eu te amo, Erin. Vou te amar por toda a eternidade. Não importa o que você tenha que suportar, lembre-se e espere por mim.

A voz zombeteira de Anubisa atravessou a sala.

— Você não tem com o que barganhar, atlante. Tenho a vida de sua amada em minhas mãos.

Ven levantou a espada e todos perto dele caíram para trás, mas ele virou a ponta até que a pressionou em seu próprio coração.

— Mas tenho a minha própria vida, a minha. Se você realmente me deseja para o seu serviço voluntário, libere-a agora e faça o juramento para a segurança dela. Ou vou correr esta espada em meu coração e você vai ser ludibriada de seu objetivo.

Anubisa riu, mas o som era hesitante.

— Você não vai fazer isso, sabendo que a sua cantora de pedras preciosas morreria mil mortes na minha mão se o fizesse.

Ele deu de ombros, e só Erin sabia o que o movimento lhe custou. Ela sentiu a dor cauterizar seu próprio coração.

— Se eu não fizer isso, você vai dá-la a Calígula. Não vai fazer nenhuma diferença, em última instância.

A Deusa sibilou, mas soltou a mão que segurava a faca do pescoço de Erin. Vários momentos se passaram, e então concordou.

— Muito bem. O que ela é para mim, afinal? Calígula, você está obrigado a nunca abordar novamente esta mulher. — Calígula começou a uivar, e ela o chutou no rosto, balançando a cabeça do vampiro. — Nunca, jamais, me desafie, ou você vai querer andar com o rosto para o sol durante uma pausa do meu castigo. — Ela rosnou.

Ven deixou desmoronar a espada, e caiu no chão. Suas adagas e duas pistolas a seguiram.

— Nunca use as malditas armas. — Disse ele, forçando um sorriso, enquanto observava Erin o tempo todo. — Não sei por que me preocupar, mesmo com as balas de prata.

Ela sabia que ele estava enviando-lhe uma mensagem sobre a obtenção de armas depois que ele tivesse ido com Anubisa, mas ela estava muito deprimida para fazer algo. Quando ele deixasse a caverna com a vampira, todo mundo que já amara teria desaparecido.

Juntar-se a eles na morte já não dava qualquer medo a ela.

Anubisa passou para o lado de Ven e olhou para ele com desejo ganancioso.

— Você aceita voluntariamente o meu serviço, Senhor Vingador, parente de sangue de Conlan?



A voz sarcástica de Justice o interrompeu antes que Ven pudesse responder.

— Claro que não, sua cadela. Você está mantendo a namorada dele como garantia. Ele não tem escolha.

Anubisa girou ao redor quando Justice levemente saltou do mesmo afloramento rochoso de onde Ven tinha se preparado para atacar. Ela deu um passo para mais perto dele e inclinou a cabeça, depois respirou fundo.

— Você cheira...

— Eu cheiro como parente de sangue de Conlan e Vingador. — Justice disse, dando um sorriso triste. — Eu sou irmão deles, e me ofereço em seu lugar.

Capítulo 34



Ven olhou Justice depois que ele fez sua alegação ridícula.

— Não faça isso, seu idiota! Espero que você salve Erin para mim.

Justice riu.

— Você acha que estou mentindo, não é? Príncipes reais mimados preciosos, nunca imaginando que o querido papai poderia ter feito algo desagradável com alguém que não fosse a sua mãe. Alguém que nem mesmo fosse de sua *espécie*!

Anubisa estudou Justice, uma consciência surgindo em seus olhos.

— O acasalamento que forcei ao pai de Conlan deu frutos? Oh, isso é inteiramente muito delicioso!

— Sim, bem, esta deliciosa fruta vai começar a matar todos nesta sala, graças ao *geas* colocado na minha bunda, se você não me tirar daqui. — Justice disse amargamente. — Você queria voluntário? Bem, confie em mim, depois de séculos tendo que receber ordens de meus



irmãos, com seu senso exagerado de direito que vinha com o fato de serem herdeiros reais, estou mais do que pronto para experimentar o outro lado.

Ven balançou a cabeça, tentando não acreditar no que cada um de seus sentidos lhe disse que deveria ser a verdade.

— Por quê? Por que não falou com Alaric sobre alguma forma de retirar o *geas*?

— Você não acha que tentei? Não havia nenhuma maneira de alcançá-lo sem dizer-lhe a verdade do meu nascimento, o que me levaria a matar. Ou, pelo menos, morrer na tentativa.

Justice embainhou a espada e cruzou a sala até Anubisa.

— Eu por ele. Serviço voluntário. — Deu um sorriso sombrio para ela e, tão depressa que Ven não o viu se mover, inclinou a cabeça e beijou-a. Não era um beijo, pelo que ele podia ver. Era mais uma punição, uma reivindicação, um tipo de beijo brutal e possessivo, e durou muito tempo.

Quando Justice finalmente levantou a cabeça, o vermelho brilhante dos olhos de Anubisa havia desaparecido para um preto e ela parecia atordoada. Ela olhou para Justice, os lábios inchados de seus beijos, e então finalmente falou.

— Nenhum homem me beijou de boa vontade por mais de cinco mil anos. — Disse ela, em voz tão baixa que Ven quase não entendeu as palavras. — Aceito a sua oferta, Senhor Justice, parente de sangue de Conlan e Vingador.

— Não! — Ven se dobrou para recuperar a espada e saltou em direção a eles, mas ela o atirou para o teto, com Justice firmemente em seu aperto. Quando se levantaram, Justice a beijou novamente e conseguiu tirar o rubi de seus braços. Ela se agarrou a seus ombros e nem sequer pareceu notar. Justice ergueu a cabeça e olhou para Ven, e seus lábios formaram uma única palavra.

— *Irmão.*

Então, ele inclinou a cabeça para a deusa vampira novamente, e os dois desapareceram.

Ven pegou o rubi antes que pudesse quebrar no chão de pedra, e correu em direção a Erin. Finalmente libertada da escravidão de Anubisa, Erin caiu de joelhos sobre o corpo de sua irmã, que parecia ter sofrido a verdadeira morte. Estava soluçando tão duramente que todo o seu corpo tremia devido a força, e quando ele a viu, ela gritou e disparou um raio de energia em Calígula que esmagou-o em um pilar de pedra.

Quando chegou até ela, Erin levantou a cabeça e olhou através dele, com o rosto encharcado de lágrimas, e o antigo poder das joias de novo em seus olhos.

— Agora vamos matar todos eles. — Disse ela, levantando-se.

Ele segurou o rubi para ela e concordou.

— Agora vamos matar todos eles.



Quando ela começou a cantar, os vampiros começaram a explodir em ondas. Os metamorfos não foram afetados pela sua música, então Ven abriu caminho entre eles com uma fúria de matar, cortando com seus punhais de prata, girando ao redor para destruí-los, dois e três de uma vez, emitindo um grito de batalha feroz.

— Por Atlântida!— Ele chorou. — Por Lorde Justice! Pelo meu irmão!

E tudo ao seu redor, os vampiros explodiram e os metamorfos morreram, até que ele estava coberto de sangue, coágulos e rodeado por cadáveres e moribundos. Ainda assim, ele se enfureceu e esfaqueou e rugiu para fora sua angústia, até que o som do silêncio atravessou sua frenética fúria.

Ele girou em um círculo completo e percebeu que estava em pé no centro da caverna, cercado por nada que ainda vivesse.

Erin estava no alto, brilhando tão brilhantemente com luz azul-prateado que ele tinha que apertar os olhos para vê-la. Deirdre ainda estava em seus pés, e o próprio Calígula ajoelhado na frente dela.

Ven atravessou a sala com algum pensamento de protegê-la do vampiro mestre, mas ela o deteve com uma mão levantada.

— Este é meu para fazer. — A dupla voz que era Erin e “não Erin” proclamou.

Ele diminuiu a velocidade até parar e tirou um punhal, reconhecendo sua necessidade de vingança, mas não queria que ela sofresse por uma morte em sua alma.

— Eu o condeno a verdadeira morte, Calígula de Roma. Pelos milhares de inocentes que assassinou ao longo de milhões de anos. Por suas atrocidades hediondas. Pelo prazer maldoso que teve em destruir vidas.

Ela levantou as mãos, e as esferas do tamanho de bolas de basquete de pura luz se formou em cada uma, enquanto Calígula se encolhia diante dela.

— Sua irmã está morta. — Calígula zombou, um último ato de desafio. — Você pode viver com o conhecimento que a estuprei mil vezes, de mil maneiras diferentes, depois que foi transformada em morta-viva.

— Você pode morrer com o conhecimento de que Deirdre ainda vive. — Erin respondeu. Então ela baixou os braços, e as esferas de poder dispararam por todo o espaço entre eles, esmagando o peito de Calígula, ao mesmo tempo em que Ven deixou seu punhal voar, diretamente e verdadeiramente, no coração negro do vampiro.

Calígula gritou o grito dos condenados, o que certamente era, e enquanto Ven observava, ele se incinerou de dentro para fora, chamas azuis que dispararam para fora de sua boca e olhos e nariz antes de finalmente explodir.



Ven colocou um braço em volta da cintura de Erin e puxou-a para trás e longe do vampiro se desintegrando, mas ela ergueu um escudo e nenhum lodo ácido tocou a eles ou o corpo de sua irmã.

— Ela está realmente viva? — Perguntou Ven.

Erin de repente entrou em colapso, toda a sua força e qualquer vestígio restante da Deusa desapareceram. Ele a pegou e ao rubi antes dela bater no chão.

— Ela não está realmente morta, mas tão perto disso que pouco importa. — Erin disse, chorando. — Quero ficar com ela até o fim, Ven.

Uma voz cansada interrompeu antes que Ven pudesse responder.

— Isso pode não ser necessário.

Ven levantou a cabeça para ver Daniel abordá-los lentamente.

— Posso ajudá-la, Erin. Pelo que ouvi, você precisa levar esse rubi de volta a Atlântida.

Ven ergueu a espada.

— Como se eu confiasse em você novamente, seu traidor...

Erin tocou em sua perna com a mão.

— Ele está dizendo a verdade, Ven. O rubi me avisaria de qualquer propósito escuro.

Ele hesitou, não querendo confiar em Daniel novamente, mas sabia da urgência da necessidade de se apressar em voltar a Atlântida. Por fim, concordou.

— Tudo bem. Mas estaremos de volta para ver como ela está. Se estiver...

— Eu sei, guerreiro. — Daniel disse, se deixando cair no chão para levantar a cabeça de Deirdre em seu colo. — Eu sei. Agora vá.

Erin apertou um último beijo na testa de sua irmã, em seguida, levantou-se, segurando o Coração de Nereida.

— Agora, Ven. Algo me diz que tenho que ir agora.

Um vento gelado varreu a caverna após suas palavras, e Ven sorriu.

— Escolheu uma boa hora para aparecer, Alaric. Não queria sujar as mãos?

O sacerdote cintilou em sua forma e levantou uma sobrancelha. Seu rosto estava pálido e esvaziado, e parecia como se tivesse envelhecido séculos no espaço dos últimos dias.

— Faço o que posso, Senhor Vingador. Posso oferecer um portal para Atlântida?

— A melhor ideia que tive em um longo tempo. — Disse Ven. — Mas primeiro temos um tigre para curar.

Ele levou Alaric para onde Jack estava gravemente ferido, mas ainda respirando, apesar das inúmeras garras e marcas de dentes de onde fluía o sangue de seu corpo. Alaric se ajoelhou e ergueu as mãos sobre o corpo de Jack, e os olhos do metamorfo de repente se abriram, enquanto uma luz



azul-esverdeada de cura brilhava sobre o seu corpo, deixando a pele inteira, onde as feridas estiveram.

Jack sentou-se, segurando a cabeça.

— Por que sinto que perdi alguma coisa?

Ven estendeu a mão para ajudá-lo a ficar de pé.

— Perdeu muito. Daniel vai informá-lo. Saiba o que ele fez a Quinn.

Jack mostrou os dentes.

— Ele fez algo a Quinn?

— É uma longa história, e nós temos que ir.

Ven retornou até Erin e a ergueu e a seu rubi em seus braços, em seguida, disparou um último olhar para Daniel. Alaric invocou sua magia e o portal apareceu, e eles entraram no portal oval brilhante que iria levá-los para casa.

— Casa, Erin. — Ele murmurou para ela, enquanto seus olhos se fechavam. —Vamos para casa.

Capítulo 35



Templo das Nereidas, Atlântida

Erin e Ven estavam de pé, com as mãos dadas, e observavam o sono de Riley. Uma cor saudável havia retornado às suas bochechas assim que Erin adicionara sua canção a canção do rubi do Coração de Nereida e cantou a cura para Riley e o bebê. Nos últimos dias, Riley passava maior



parte de seu tempo descansando, comendo alimentos nutritivos, e descansando um pouco mais, só resmungando um pouco pelos constantes mimos das donzelas do templo.

Marie sorriu para Erin.

— Como pode ver, ela e o bebê continuam a prosperar. Não posso encontrar nenhum indício de qualquer problema remanescente com qualquer um deles, e o médico humano que Conlan e Alaric trouxeram até concordou conosco. Você realmente fez um milagre.

Erin balançou a cabeça.

— A canção do rubi era o milagre. Sua Deusa realizou o milagre. Saber que a irmã está segura terminou o trabalho. Eu simplesmente usei o meu dom para auxiliar o processo.

Ela e Ven optaram, por um pedido urgente de Quinn, em não dizer a Riley sobre o vínculo de sangue que Daniel forçara em Quinn.

A última coisa que precisava era que Riley tivesse mais estresse durante a gravidez.

Ven apertou a mão dela.

— Colocou sua vida em perigo, dominou um vampiro mestre, e compartilhou seu crânio com uma deusa ao longo do caminho. Eu diria que você não tem que ser humilde sobre isso.

— Concordo. — Disse Marie. — E agora vou deixá-los para que eu possa continuar minha preparação para visitar meu irmão na superfície em um lugar chamado Florida.

— Estou contente que a deixaram ir, Marie. — Disse Erin. — Espero encontrar seu irmão algum dia.

— Com certeza, cantora de pedras preciosas. Como eu tenho certeza que você deve conduzir o Templo sabiamente, na minha ausência. Obrigada por escolher ficar e estudar o seu dom conosco.

— Marie sorriu novamente e deixou-os sozinhos com Riley.

— Esta é a primeira vez que seu irmão está afastado do lado dela desde a cura. — Erin observou.

Ven estremeceu com a palavra “irmão”, mas simplesmente assentiu.

— Ela e o bebê são a sua vida.

Ela colocou a mão em seu braço.

— Vamos deixá-la dormir, Ven.

Saíram da sala e do Templo e caminharam pelos jardins sem destino específico em mente. Finalmente, ele falou.

— Lamento que Daniel e sua irmã desapareceram. Ele deixou essa mensagem enigmática com Jack sobre “ir fundo”, e tenho certeza que isso significa que ele a levou para um lugar seguro até que ela possa se recuperar. Ele recuperou o cofre de joias onde era mantido o Coração de



Nereida e enviou-o para nós. Alaric estava bem pelo prazer de recuperar as joias que foram tomadas do Tridente.

A tristeza que pairava constantemente nos limites da mente de Erin se arrastou através dela.

— Isso é ótimo, sobre as suas joias. E estou tentando continuar a confiar em Daniel, Ven. Mas no final, ele é um vampiro, e todos eles parecem ter intenções escondidas.

— A nova unidade entre os vampiros e os metamorfos desonestos que formaram coalizões é de grande preocupação para nós, Erin. Juntos, vão ser um inimigo mais poderoso do que qualquer outro que já enfrentamos. Mas, ao mesmo tempo, as antigas lendas de Atlântida estão despertando. *Aknasha'an* e cantores de pedras preciosas andam pelas águas ao nosso lado. Como podemos objetar?

A pergunta não precisava de uma resposta, por isso Erin apertou os dedos nos seus e andaram por mais algum tempo. Ela estava disposta a desfrutar da paz e tranquilidade no meio dos aromas misturados das multidões de flores. Em seguida, viraram uma esquina no caminho e um pequeno mirante, muito parecido com aquele no qual ela acidentalmente ergueu Ven durante sua última visita a Atlântida, surgiu. Ela sorriu para ele.

— Prometo não colocá-lo no telhado, se você me disser em que está pensando.

A sombra de um sorriso cruzou sua expressão, mas rapidamente desapareceu.

— Estou pensando sobre Justice e seu sacrifício por mim.

— Por nós. — Disse ela. — Ele fez isso por nós, para que pudéssemos ter um ao outro. Não duvide nem por um segundo. Ele fez aquele show para convencê-la a deixar-nos ir.

— Eu sei. Mas isso faz com que seja mais difícil de suportar. Não vou descansar até encontrá-lo e resgatá-lo, Erin, mesmo que isso leve o resto da minha vida.

Olhou para o rosto forte e orgulhoso que ela veio a amar tanto.

— Sei disso. Não esperaria nada menos.

— Eu amo você mais do que já amei um ser vivo, mas não posso pedir-lhe para casar comigo com esta tarefa que paira sobre a minha cabeça, Erin. Seria injusto. — Ele murmurou as palavras, como se tivessem sido arrancadas dos cantos mais profundos de sua alma. Como se tudo nele lutasse contra dizê-las.

Assim como toda a sua lutou contra ouvi-las.

Ela considerou e rejeitou respostas por vários minutos, enquanto ele estava ao lado dela, suas mãos apertadas em seus lados. Finalmente, encontrou a resposta perfeita e mostrou-lhe o seu sorriso mais brilhante.



Alyssa Day
Guerreiros de
Poseidon 2
Atlântida

— Então você é injusto. Adicione à lista. Você não se livrará tão facilmente de se casar comigo.

Seu rosto se iluminou em uma alegria selvagem.

— Essa está começando a ser uma lista muito longa, minha amada bruxa cantora de pedras preciosas. Vai nos levar uma vida inteira trabalhar o nosso caminho através dela.

— Eu te amo, e estou começando a me sentir em casa em Atlântida. Assim, uma vida parece quase certo. — Pensou, e, em seguida, os lábios dela pararam de dizer mais alguma coisa por muito tempo. Quando ele finalmente levantou a cabeça, sorriu e percebeu que ela estava certa. Ela finalmente voltou para casa. O futuro pode trazer trevas, mas Ven seria sua luz.

Atlântida tinha despertado, e ela renasceu.

Fim

TALIONIS

Incentive os revisores contando no nosso blog o que achou da historia do livro.

<http://talionistw.wordpress.com/>

*Esse arquivo é para leitura privada.
É proibido o repasse e a postagem em blogs, fóruns, grupos, redes sociais e afins.
Todo o nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro,
além de compartilhar conhecimento e amor a leitura.*

Uma prévia especial do próximo livro da Serie Guerreiros de Poseidon

ATLÂNTIDA DESATADA

por Alyssa Day.

Justice flutuava em uma dimensão escura composta inteiramente de dor. Viscosa como um líquido escuro grosso, a dor o cercava, zombava dele, fustigava-o e o embalava até que já não



existia a não ser como um suplicante, um escravo, um participante relutante em um jogo retorcido e torturante.

Sua consciência diminuía até um simples pontinho de luz bruxuleante. Sabia o seu nome, sabia que era Justice em uma vastidão de injustiça, sabia que seu sacrifício salvou outros cujos nomes foram arrancados de sua mente. Mas a nobreza não era nada contra a dor, a dor corroeu a nobreza, consumiu a força, devorou o orgulho. Até o corpo, até o que restou do corpo queimava numa rebelião ácida contra a mente. A mente gritava e gritava, gritos silenciosos de protesto contra um mal inflexível que lambia seu sangue, deleitava-se em seu terror e ria, humor ofegante, escuro de desejo.

Ele era Justice, e estava enterrado na dor por anos ou séculos ou milênios ou simplesmente minutos, mas existia uma dor fora da realidade do tempo e só a insanidade alongada e a percepção torturante permaneciam.

Mas um ponto cintilante de luz, que era tudo o que restava de seu ser esperava e assistia e conspirava. Porque ele era Justice e, não importava as eras do tempo que passaram antes de seu tempo finalmente chegar, Justice seria servido.

Como se para premiar a coragem voando diante da futilidade, a esperança agachada na sombra do desespero total, uma janela se abriu para a escuridão, e ele viu um rosto através das sombras. O rosto era outro, e não seu rosto, e não sua mente, não Justice. O rosto era feminino, e enquanto ele o assistia, observava, encantado com o brilho da luz em sua escuridão eterna, percebeu uma verdade inegável.

Ela era dele.